

colheita
de ouro

*um
romance*

TESSA
AFSHAR



Recomendações do livro *Colheita de Ouro* *Colheita de Ouro* é uma grande história, mas vai muito além disso. **As pessoas ganham vida em suas páginas**, e você vai se enxergar em suas dores e conflitos.

— **CHRIS FABRY**, autor premiado e personalidade do rádio *Colheita de Ouro* é um **romance histórico cativante** cujos personagens vão habitar em seus pensamentos por um bom tempo, mesmo após o término da leitura. A autora, Tessa Afshar, fez um trabalho maravilhoso com essa história que se passa nos dias de Neemias, dando-nos um vislumbre do que pode ter acontecido nessa época. Eu consegui *ver* as antigas Jerusalém e Pérsia através de suas descrições, e o meu conhecimento sobre essas épocas foi enriquecido através deste livro. **Não deixe de ler!**

— **JILL EILEEN SMITH**, autora da coleção campeã em vendas *Wives of King David* (esposas do Rei Davi).

Envolvente. Inspirador. Emocionante e perturbador. *Colheita de Ouro* leva o leitor a uma jornada desde a Pérsia antiga até os muros destruídos de Jerusalém, reconstruindo nossa esperança à medida que a história de Neemias é tecida por meio de **uma trama complexa, com personagens também complexos que amamos, odiamos e, depois, amamos ainda mais**. Um romance histórico fabuloso que me conduziu de volta à Palavra de Deus!

— **MESU ANDREWS**, autora premiada (vencedora da edição 2012 do prêmio ECPA para livros cristãos na categoria autor estreante do ano) **Recomendações do livro *Colheita de Rubis*** Sara é uma judia residente na Pérsia antiga, prima de Neemias e filha do escriba Simeão, cuja atenção ela só ganha quando demonstra possuir habilidade literária própria. Nesse livro de Afshar (autora de *Pearl in the Sand* [pérola na areia]), o contexto bíblico do Oriente Próximo é

o cenário para uma história envolvente de coragem, amizade e fé. Sara se torna uma escriba profissional e ganha a afeição da rainha; no entanto, quando menos espera, vê-se prometida em casamento com um homem que não conhece, e é forçada a abandonar o trabalho que tanto ama. Quando ela estraga o seu casamento e é abandonada numa propriedade rural, parece que tudo está perdido. Sara, porém, encontra sabedoria e força nos escritos e tradições do seu povo, e reúne ao seu redor um grupo de apoio bastante incomum. A história de Afshar desafia as ideias equivocadas sobre a vida num harém e os papéis das mulheres da antiguidade, ao mesmo tempo em que **introduz aos leitores uma adorável heroína cujo bom coração consegue, mesmo que de forma atrapalhada, provar ser uma benção para os demais também**.

— **WENDY LAWTON**, colunista, seção *Books and Such* da revista *Publishers Weekly*, 14/5/12.

Em *Colheita de Rubis*, a talentosa autora Tessa Afshar nos transporta a um tempo remoto no qual encontramos uma **heroína que mais parece uma amiga contemporânea**. Como escriba da corte persa, Sara luta contra o seu hábito de se valorizar pelo que ela faz e não pelo que ela é em Deus. Sua jornada de fé fortaleceu a minha fé, e vai inspirar a sua também.

— **LAUREN YARGER**, da organização *National Book Critics Circle* Eu amei o seu livro *Colheita de Rubis*! ... Sara é uma personagem maravilhosa – sempre autêntica em qualquer situação. Eu amei a forma como ela diz exatamente o que pensa. E Dario é incrível também — os leitores vão adorá-lo. **Uma história maravilhosa com uma heroína totalmente cativante.**

Os leitores não conseguirão se desvencilhar da história.

— **JOAN WOLF**, autora

COLHEITA de OURO

TESSA AFSHAR

bvbooks

bvbooks

BV Films Editora Eireli.

Rua Visconde de Itaboraí, 311

Centro | Niterói | RJ | 24.030-090

55 21 2127-2600 | www.bvbooks.com.br EDITOR RESPONSÁVEL *Claudio Rodrigues*

DIAGRAMAÇÃO *Equipe Promove* **TRADUÇÃO** *Roseli Lima Caio Amorim* **ADAPTAÇÃO DA CAPA**

Equipe Promove **REVISÃO** *Ana Julia Ferro Roseli Lima* Edição traduzida e publicada sob permissão contratual com a autora Tessa Afshar, da editora River North Fiction e Moody Publishers. Traduzido do título original em inglês

“Harvest of Gold”. Copyright © 2013 por Tessa Afshar.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, de forma alguma, sem a permissão por escrito da editora, exceto em caso de curtas citações incluídas em artigos de crítica. As referências às Escrituras são de Salmos 16:10-11; Salmos 139:13; Salmos 127:1; Salmos 23:6; Juízes 6:15; Neemias 6:2-3; 6:6-7; Deuteronômio 6:4-5; 14-15; 7:7-10; 30:6. Algumas das citações bíblicas são provenientes da Bíblia Sagrada, New International

Version®, NVI®. Copyright © 1973, 1978, 1984, 2011 pela Bíblia, IncTM. Utilizada sob permissão da Zondervan. Todos os direitos reservados mundialmente. www.zondervan.com. Algumas das citações bíblicas são provenientes da

Bíblia Sagrada, New Living Translation, copyright © 1996, 2004. Utilizada sob permissão da Tyndale House Publishers, Inc, Wheaton, Illinois, 60189, USA. Todos os direitos reservados. Publicado em associação com a Books & Such Literary Agency, 52 Mission Circle, Suite 122, PMB 170, Santa Rosa, CA 94509-5370.

Editado por Pam Pugh; Design interior por Ragont Design; Foto da autora: Christine Richen burg; Design da capa: Brand Navigation, LLC. Imagens da capa: Fotolia (#44539542 43222776 13517409 / 3964088); Shutterstock (#43641661 / 93812500) e i Stock (#18200424).

Esperamos que aprecie este livro da River North Fiction by Moody Publishers. Nosso objetivo é disseminar materiais de alta qualidade através de livros provocantes e produtos que conectem a verdade à vida real e seus desafios. Para mais informações sobre outros livros e produtos escritos e produzidos a partir de uma perspectiva bíblica, visite-nos em www.moodypublishers.com ou escreva para: River North Fiction, Imprint of Moody Publishers / 820 N. La Salle Boulevard. Chicago, IL 60610

AFSHAR, Tessa.

Colheita de Ouro. 1ª Edição – 2017.

Rio de Janeiro: BV Books, 2017.

ISBN **978-85-8158-117-0**

1ª edição Fevereiro | 2017

Impressão e Acabamento Promove Artes Gráficas

Categoria Ficção | Casamento | Famílias judias

Impresso no Brasil | Printed in Brazil

Sumário

[Capítulo 1 11](#)

[O vigésimo ano do reinado de Artaxerxes Inverno, Persépolis 11](#)

[Capítulo 2 23](#)

[Capítulo 3 32](#)

[Capítulo 4 43](#)

[Capítulo 5 53](#)

[Capítulo 6 64](#)

[Capítulo 7 72](#)

[Primavera, Susã 72](#)

[Capítulo 8 83](#)

[O Vigésimo Ano do Reinado de Artaxerxes Outono, Susã](#)

[\(quatro meses antes\) 83](#)

[Capítulo 9 Um mês após a Descoberta do Plano de Assassinato do Rei O](#)

[Vigésimo Ano do Reinado de Artaxerxes O Mês de Nisã 91](#)

[Capítulo 10 99](#)

[Capítulo 11 107](#)

[Capítulo 12 117](#)

[Capítulo 13 130](#)

[Capítulo 14 140](#)

[Capítulo 15 150](#)

[Capítulo 16 159](#)

[Capítulo 17 169](#)

[Capítulo 18 179](#)

[Capítulo 19 188](#)

[Capítulo 20 199](#)

[Capítulo 21 208](#)

[Capítulo 22 222](#)

[Capítulo 23 234](#)

[Capítulo 24 241](#)

[Capítulo 25 252](#)

[Capítulo 26 262](#)

[Capítulo 27 271](#)

<u>Capítulo 28 O Primeiro Ano do Reinado de Artaxerxes sobre a Pérsia (20 Anos Antes)</u>	<u>280</u>
<u>Capítulo 29</u>	<u>288</u>
<u>Capítulo 30</u>	<u>299</u>
<u>Capítulo 31</u>	<u>307</u>
<u>Capítulo 32</u>	<u>314</u>
<u>Capítulo 33</u>	<u>325</u>
<u>Notas da Autora</u>	<u>329</u>
<u>Questões para Discussão</u>	<u>332</u>
<u>Colheita de Ouro</u>	<u>332</u>
<u>Agradecimentos</u>	<u>334</u>

*Para o meu irmão:
Obrigada por sua lealdade, generosidade
e resoluta confiança em mim.*

587-586 a.C. Judá é levado cativo para a Babilônia e o Templo é destruído.

559-530 a.C. Ciro, o Grande, estabelece o maior império que o mundo até então conhecera e funda a dinastia aquemênida. Em 538 Ciro liberta Israel de seu cativeiro na Babilônia, conforme profetizado por Isaías (44:24-45:5). Ele doa dinheiro de seu próprio tesouro para a reconstrução do Templo em Jerusalém.

530-522 a.C. Cambises, o filho primogênito de Ciro, conquista o Egito. O seu reino é brevemente sucedido pelo seu irmão mais novo, Bardia, que morre pouco tempo depois sob circunstâncias insólitas.

521-486 a.C. Dario, o Grande, expande o Império Persa para que, em seu auge, o império abranja aproximadamente treze milhões de quilômetros.

486-465 a.C. Xerxes assume a grande dinastia de seu pai. Ele é mais conhecido pelo seu notório ataque à Grécia, e por escolher uma simples menina judia chamada Ester como sua rainha. A data desse evento é desconhecida. Para mais detalhes, leia o livro de Ester.

465-424 a.C. Artaxerxes é conhecido como um rei benevolente, que substitui várias leis penosas por uma legislação mais humana. Ele envia seu copeiro, Neemias, de volta a Jerusalém em 445 para reconstruir os seus muros, que estavam em ruínas.

334 a.C. Alexandre, o Grande, conquista a Pérsia.

33 d.C. (aprox.) Jesus de Nazaré é crucificado.

PERSONAGENS na ordem em que aparecem ou são mencionados.

Sara – ex-escriba da rainha; esposa de Dario **Dario Pasárgada** – Aristocrata persa; marido de Sara **Pari** – serva de Sara

Damaspia – rainha da Pérsia

Artaxerxes – rei da Pérsia

Neemias – copeiro do rei; primo de Sara **Arta e Meres** – membros da guarda pessoal de Dario **Niq, Nassir** – irmãos babilônios **Megabizus** – general persa

Mardônio – membro dos Imortais **Lisandro** – amigo de Dario

Hanani – irmão de Neemias

Pirus – sobrinho de Megabizus e governador da província **Zikir** – oficial de alta patente de Damasco **Roxana** – filha de um aristocrata persa e mulher de muitos talentos

Sambalate, o horonita – líder de Samaria que faz oposição a Neemias **Tobias** – líder amonita que faz oposição a Neemias **Zenóbia** – filha de Zikir

Parte 1
O Ataque

Capítulo 1

O vigésimo ano do reinado de Artaxerxes* Inverno, Persépolis

Sara virou a cabeça rapidamente quando a porta de seu quarto se abriu com uma força incomum. Sua amiga e serva, Pari, entrou correndo, com a túnica torta e os fios de seu cabelo castanho, normalmente impecáveis, soltos sobre o seu rosto num entrelaçamento desordenado.

“O bebê nasceu!” Disse ela em voz alta, enquanto acenava com o braço para dar ênfase.

Sara se pôs de pé em um pulo. “E Apama? Como ela está?” Apama, a esposa do segundo jardineiro assistente, tinha entrado em trabalho de parto de seu primeiro bebê três dias atrás. O bebê parecia um tanto relutante em vir ao mundo. Ao final do segundo dia, todos tinham começado a temer o pior.

Os lábios de Pari se estreitaram. “Bardia diz que ela está muito fraca. Eles me permitiram vê-la rapidamente antes de eu vir para cá. Ela está mais branca do que uma tigela de iogurte e está tremendo, apesar do fogo que queima no braseiro ao lado da sua cama”.

Um arrepio percorreu Sara. Bardia, o jardineiro-chefe e, praticamente, membro da família de Dario, não tinha por hábito fazer pronunciamentos descuidados. “Isso não soa encorajador. Talvez possamos fazer algo para ajudar.”

Ela se dirigiu rapidamente até o conjunto de prateleiras embutidas em um dos cantos do seu quarto. Pilhas organizadas de lençóis macios, cobertores de lã e cobertas acolchoadas de algodão estavam arrumadas umas em cima das outras. Sara escolheu uma colcha de linho requintado, feita de vários tecidos de tom azul e verde, e bordada com fios de prata. “Isso deve ajudar a mantê-la aquecida.”

Pari franziu o cenho em uma expressão bem marcada. “Não foi a rainha que lhe deu essa colcha?”

“Ela tem um gosto impressionante, não é mesmo?”

“É verdade, minha senhora. Indo direto ao ponto, será que ela não vai se

importar em vê-la passando para outra pessoa o presente que ela mesma, com seu gosto incrível, escolheu para presenteá-la?”

“Não se ela não descobrir,” disse Sara, incapaz de esconder o riso em sua fala. “Além disso, depois de ela mesma ter sofrido um parto difícil, ela deve aprovar. Devemos enviar algumas coisas para o bebê também. É menino ou menina?”

Pari levou a mão à boca. “Na empolgação do momento, esqueci-me de perguntar. Só sei que é saudável.”

Sara encaixou um cacho solto atrás da orelha. “Isso sim é importante. Eu vi algumas roupas no armazém que devem servir no bebê. Vamos buscá-las.” Ela e Pari fizeram uma breve visita ao armazém e pegaram alguns artigos apropriados para o recém-nascido.

“Meu senhor já enviou um cordeiro,” disse Pari enquanto caminhavam de volta ao aposento de Sara. “Ele tinha instruído Bardia a trazê-lo logo que Apama desse à luz.”

Sara não se surpreendeu com o cuidado de Dario. As crianças eram altamente valorizadas pelos persas. Toda a casa alegrava-se com o nascimento de um bebê, mesmo sendo o bebê de uma mera serva.

Ela franziu o cenho ao pensar em Dario. Fazia cinco longos dias desde que ele a havia chamado. Sua falta de interesse a consumia com uma intensidade que lhe roubava o sono durante a noite e o descanso durante o dia. Será que ele já estava perdendo o interesse? Esse pensamento a fez querer chorar.

Ela nem sempre esteve tão desesperada por sua companhia. No início, quando seu casamento foi arranjado pela rainha, ela sentiu como se um mal tivesse vindo para destruir-lhe a vida. Ela não tinha escolhido nem o marido e nem a forma de matrimônio.

Todos achavam que uma simples menina judia iria ficar muito feliz com a perspectiva de casar com o primo do rei. Mas, naquela época, Sara não queria nada mais do que continuar a servir como a escriba sênior da rainha, a única mulher na história do império a ser honrada com tal cargo. Os primeiros quatro meses de seu casamento tinham sido um pesadelo de ressentimento mútuo. Mas, com o tempo, ela e Dario aprenderam a aceitar um ao outro e estabeleceram um companheirismo feliz. Ela torceu a boca de forma irônica ao se sentar em um sofá de linho de cor púrpura. Seu sentimento por Dario era muito mais complexo do que companheirismo.

O problema era que ela o amava. Ela o *amava*.

Por mais que esse sentimento lhe fizesse bem, ele não correspondia aos seus sentimentos. Ela sabia que ele se importava com ela. Ele tinha liberado suas concubinas, dando a cada uma seu próprio aposento independente, e fez de Sara a única mulher em sua vida. Como já havia admitido, ele gostava de sua companhia e a admirava. Nunca, porém, confessou seu amor por ela.

O cachorrinho de Sara, Anousia, cansado de ser ignorado, interrompeu seu devaneio, saltando sobre ela e colocando a cabeça em seu colo, com olhar de adoração. Aos seis meses, ele já estava grande e estava começando a desenvolver a estrutura maciça que tinha marcado Cáspio, seu primo, o cão favorito de Dario. Sara ainda sentia falta de Cáspio, que tinha sido o cão mais notável que já conhecera.

Ela se inclinou e acariciou Anousia atrás das orelhas, obtendo conforto do calor de seu corpo sólido. Ele lhe deu um sorriso canino cheio de alegria.

Ele tinha sido um presente de Dario. Sua boca suavizou-se quando ela se lembrou da noite em que lhe havia dado um nome. Sugeriu primeiramente que o chamassem de Seda — porque ele era muito macio — o que foi recebido com uma reprovação não disfarçada.

“Seda!” Dario exclamou, parecendo ofendido. “Ele não é o cão de brinquedo de uma menina. Ele é de uma linhagem nobre; ele é digno de reis e príncipes.”

Sara pressionou sua saia esvoaçante contra a coxa. “Que tal *Mel*? Ele é tão doce; seria um nome perfeito.”

As sobrancelhas escuras de Dario baixaram em desagrado.

“Você também não gosta do nome *Mel*?” Ela fingiu ficar de cara emburrada. “Você disse que eu poderia chamá-lo de qualquer nome que eu quisesse.”

“Ah, eu disse isso mesmo e imploro o seu perdão. *Mel... Mel*, que seja.” Ele falou o nome como se estivesse mastigando um bocado de cerejas salgadas e azedas.

“Obrigada, meu senhor! Perfeito. Eu posso até imaginar vividamente. A casa cheia com seus amigos poderosos e você gritando na frente deles: Aqui, *Mel*. Pega, *Mel*. Eles vão ficar encantados com tal espetáculo.”

“Moça.” Os sulcos de suas bochechas se aprofundaram. “Eu ficaria olhando para você o tempo todo enquanto eu chamasse esse nome. Aqui,

Mel”, disse ele, batendo com sua mão na coxa.

Ela caiu na gargalhada e se jogou em seus braços.

“Tenho uma ideia melhor. E se nós o chamarmos Anousia?” Ela sugeriu o nome, sabendo que seu marido iria aprovar a alusão feita à guarda de elite do rei, mais conhecida como os Imortais.

“Agora sim, um nome apropriado,” ele disse. “Ele há de ser um cão guerreiro.”

Ela o cutucou no lado onde sabia que ele sentia cócegas. “Ele será um cão de companhia,” disse ela, lembrando-lhe o significado original da palavra persa.

Sara suspirou. Ela não conseguia entender seu marido. Às vezes, conforme lhe parecia, ele lutava contra seu próprio coração, desejando-a com uma metade dele e rejeitando-a com a outra. Porém, ele nunca mais tinha ficado cinco dias inteiros sem chamá-la, não desde que eles haviam se comprometido a viver verdadeiramente como marido e mulher.

“Apama e seu marido ficarão encantados com seus presentes, minha senhora,” disse Pari, interrompendo os pensamentos de Sara. Ela levantou os braços, sobre os quais estavam empilhados os lençóis que elas haviam trazido do armazém, empilhados precariamente sobre a colcha da rainha. “Você gostaria de vir comigo para entregá-los?”

“Eu acho que não. Eles sempre parecem ficar agitados quando vou visitá-los, apesar de eu fazer o meu melhor para deixá-los à vontade. O que eles precisam é de paz e tranquilidade. Leve-os junto com os meus cumprimentos. E eu rogarei por Apama.”

Pari não havia se ausentado por muito tempo. Ela voltou, trazendo uma bandeja carregada de alimentos. “Shushan lhe enviou uma sopa espessa de erva com macarrão de trigo e pão aquecido nos fornos,” dizia ela enquanto colocava a mesa.

“Ela leu a minha mente!” Sara exclamou enquanto a fragrância de hortelã e cebola frita enchia o seu quarto. “Tenho desejado essas sopas caprichadas durante todo o dia.” Sara se inclinou sobre a tigela e inalou o aroma complexo de ervas e especiarias com leite. A cozinheira caolha e magra de Dario conseguia transformar simples vegetais e carne em um banquete inesquecível para os sentidos.

“Bardia diz que Apama apresentou melhora. Ela sorriu quando eu a cobri

com a colcha que você lhe deu. Está muito fraca para falar, mas seus olhos se encheram de lágrimas quando eu lhe disse que a colcha tinha pertencido à rainha. O marido mais do que compensou o silêncio da mulher. Ele me pediu para agradecer a você e ao Lorde Dario tantas vezes que eu tive que fugir enquanto ele estava ainda falando. Ele provavelmente vai cair aos seus pés, ou fazer algo igualmente constrangedor na próxima vez em que a encontrar.” Ela levantou a bandeja na qual tinha levado a comida e se virou como se fosse sair antes de parar subitamente. “Eu quase esqueci. Um mensageiro acabou de chegar de Susã. Tem uma carta oficial de Sua Majestade, a rainha, para você.”

Damaspia, a rainha da Pérsia, foi gentil o suficiente para considerar Sara como uma amiga — um privilégio que, por vezes, exigia um preço terrível, como Sara sabia muito bem. A rainha tinha adquirido o hábito de escrever para Sara, partilhando as últimas notícias desde que ela e Dario haviam se mudado para a luxuosa propriedade que possuíam perto de Persépolis há seis meses, enquanto o resto da corte residia em Susã durante os meses de inverno.

Sara desviou seu olhar da tigela fumegante para o rolo de papiro na mão de Pari. Em voz baixa, fez uma prece de agradecimento por sua refeição. Assim que terminou, estendeu uma mão em direção à carta enquanto segurava uma colher para começar a comer. Estava com muita fome para aguardar pela sopa e curiosa demais para esperar para ler a carta. Pari fez um olhar de reprovação, mas entregou a carta oficial. Sara sabia que não tinha as maneiras mais graciosas à mesa, mesmo quando estava concentrada nessa tarefa. Ler e comer ao mesmo tempo eram sinônimos de desastre, quer para o estofamento ou para sua roupa delicada. Ou, mais provavelmente, para as duas coisas. Ela ofereceu a Pari sua melhor expressão conciliatória antes de rasgar o selo de Damaspia.

Ela tinha a habilidade de ler de forma rápida e precisa, mas ela leu a carta duas vezes para garantir que havia entendido o comando da rainha. Ela olhou para a data de escrita da carta e franziu o cenho. A carta havia sido escrita há dois meses. Com um movimento rápido que quase virou sua tigela de sopa, ela levantou-se do sofá.

“Artaxerxes e Damaspia nos pediram para visitá-los em Susã, mas eles querem que nós estejamos lá em dezoito dias!”

“Em três semanas? Vocês teriam que voar para chegar a tempo,” disse Pari com um suspiro.

“Eu sei. Pode trazer aqui o mensageiro que trouxe esta carta? Imediatamente.”

Alguns momentos depois, um jovem, ainda com o equipamento de cavalgar, chegou à porta junto a Pari. Sara agradeceu-lhe por sua apresentação imediata. “Poderia me dizer quando esta carta oficial foi primeiramente entregue ao serviço de correio real?”

Ele procurou na sua bolsa de couro e pegou um rolo de papiro. Depois de alguns momentos de estudo, ele acenou com a cabeça. “Aqui está. Era parte de um lote maior proveniente dos escritórios da rainha. Recebemos o pacote inteiro há três semanas.”

Sara despediu-o com os seus agradecimentos. Sua resposta confirmou o que ela suspeitava. O escriba de Damaspia deve ter esquecido do fato de que essa carta tinha prazo de entrega e o atrasou até que um pacote maior ficasse pronto para despachar. Segurar as correspondências para envio em conjunto era prática normal que economizava dinheiro e recursos. No entanto, o escriba deveria saber quando o envio de uma carta não poderia ser adiado. Sara abrigou um pensamento negativo sobre a falta de atenção do novo escriba sênior da rainha Damaspia.

“Seu senhor está em casa?” Perguntou ela a Pari.

“Sim, minha senhora.”

“Então, leve esta carta para ele. Diga-lhe que é da rainha, e que é urgente.”

Sara se perguntava se Dario viria a ela em resposta à carta da rainha, ou se ele iria tomar providências sem consultá-la. Tornou-se um hábito seu falar com ela sobre a maioria de seus assuntos de negócios nos últimos meses. Dado o seu recente distanciamento, no entanto, ele deve optar por resolver o assunto sem envolvê-la.

Dario voltou do palácio em Persépolis em cuidado por causa do início de uma incômoda dor de cabeça. Passar horas lidando com um dos funcionários estrangeiros de Artaxerxes tinha provado ser excepcionalmente exaustivo. No meio da reunião ele pensou em Sara. Um intenso desejo por sua companhia o tomou, tentando-o a encurtar a reunião.

Ele controlou o impulso, não por causa da preocupação de que o funcionário se ofendesse, mas porque esse anseio desconcertante por Sara era

exatamente o que ele estava tentando evitar durante semanas. Ele sentia como se estivesse perdendo o controle e não gostava desse sentimento. Ficar longe dela parecia ser o caminho mais seguro.

Pelo contrário, manter a distância não foi a solução para conter sua fome por sua esposa. Ele passou uma hora inteira desde o seu retorno de Persépolis olhando para os novos mapas feitos pelo cartógrafo, enquanto que ao mesmo tempo pensava no contorno das curvas de Sara.

Na última vez em que ela havia visitado os seus aposentos, acidentalmente deixou um cachecol para trás. Em vez de devolvê-lo a ela, ele se agarrou ao cachecol, deixando a seda turquesa sobre as costas de um sofá. Ele inclinou-se sobre as dobras de tecido agora, e puxou uma ponta contra os seus lábios. O leve cheiro de rosas ainda permanecia no cachecol delicado. Ele inalou o aroma antes de atirar o tecido longe de si.

Ela o tinha feito morrer de rir na noite em que esqueceu o cachecol, puxando-o para baixo da testa, apertando os lábios e imitando com precisão surpreendente a voz da temida mãe de Artaxerxes, Amestris. “Coma o seu espinafre ou vai para a masmorra, meu rapaz. Vou quebrar o seu nariz, não pense que não. Sua bela feição não *me* impressiona.”

“Continue fazendo isso e vai ser quem vai para a masmorra. Amestris tem espiões em todos os lugares. Para seu conhecimento, eu sou um deles.”

Sara, sem se perturbar, deu de ombros. “Ou eu poderia ser um dos espiões dela, preparando uma armadilha para *você*.”

“Não funcionou.”

“Você não comeu o seu espinafre, não é? Isso mostra uma distinta falta de obediência. Até mesmo uma vaga semelhança com a rainha-mãe deve motivá-lo à submissão.”

Dario riu. “Submissão e eu não nos damos muito bem. Você já deveria ter percebido isso.”

Ela se inclinou. Por um súbito momento ele pensou que ela iria beijá-lo. Em vez disso, ela estendeu a mão e puxou um fio cinza de seu cabelo. Então, soprou o frágil fio e o assistiu flutuar. “Sempre se pode ter esperança.”

Ele sentiu o tom de desafio em sua voz. Algo antigo e intensamente masculino cresceu dentro dele e o encheu de euforia só de pensar no desafio.

E esse era o problema daquela mulher. Ela conseguia prender o seu interesse de mil maneiras. Paz e entretenimento pareciam residir à sombra

dela, embora ela oferecesse ambos sem esforço consciente.

Sua inteligência o impressionava, e isso não era algo fácil para um homem que passava seus dias junto das mentes mais brilhantes do mundo. E, no entanto, em vez de se mostrar orgulhosa, ela se colocou sobre suas mãos e joelhos para esfregar o chão do encarregado da jardinagem quando sua cabana ficou tomada pela umidade.

Quando Pari veio dizer-lhe que uma convocação urgente havia chegado da parte da rainha, ele ficou de pé com o entusiasmo de um leão faminto. Já não tinha que lutar contra seus próprios impulsos. Afinal de contas, ele não tinha escolha. Era seu dever ir à sua esposa. Enquanto se encaminhava para os aposentos de Sara, ele percebeu, com um tímido alívio, que sua dor de cabeça havia desaparecido.

Uma batida breve na porta de Sara anunciava um visitante. A batida era apenas uma formalidade educada, visto que seu marido permitiu-se entrar antes que ela pudesse responder. Dario parecia um membro da corte em cada detalhe, vestido numa túnica macia de lã azul escura que se agarrava à sua figura alta, enfatizando seus músculos longos e tonificados. Como se ele precisasse de aprimoramento da alfaiataria para melhorar sua aparência. Dario fazia os rostos se virarem, mesmo quando vestia o velho equipamento de caça. Os profundos olhos verdes se estreitaram quando Sara curvou-se diante dele.

“Quão formal,” disse ele quando ela se levantou.

“Pareceu-me apropriado.” Ela fez um gesto em direção a sua roupa elegante. Mais cedo naquela manhã, ela tinha saído para uma caminhada com Anousia e tinha encontrado, descartadas, algumas penas encantadoras das caudas dos pavões de valor inestimável que circulavam pelos pátios. Ela pegou a mais colorida e a enfiou no cinto dele. “Aqui. Acho que você deixou isso cair mais cedo”.

Ele puxou a pena, com a intenção de bater na bochecha de Sara com a pluma macia. Ela evitou a carícia. Dario franziu o cenho. “Que audácia”, disse ele com uma raiva simulada. “Você está insinuando que eu sou um pavão? Eu fiquei confinado com um dos oficiais do rei na maior parte da manhã. Tive que me vestir de acordo, só isso.”

Ele acenou com a carta da rainha. “Qual é a razão disso? Você sabe? Por que a urgência? Temos que estar na estrada em dois dias e viajar pelas vias

vicinais de forma rápida e ligeira para chegar a tempo.”

“Eu não sei por que Damaspia e o rei solicitaram nossa presença em Susã. Pode ser uma visita de rotina.”

Dario arqueou a sobrancelha escura, dizendo muito sem precisar usar palavras. Artaxerxes e sua rainha raramente perdiam tempo com algo rotineiro. O fato de que eles tinham convocado Dario e Sara significava que havia um propósito para a visita.

Sara ergueu o queixo. “Sinto muito mas não faço a mínima ideia do que está por trás deste convite real, mas posso explicar o prazo inconveniente. Seria culpa do novo escriba sênior da rainha Damaspia. Se você verificar a data, vai ver que ela ditou esta mensagem há dois meses, em tempo útil para nós fazermos os arranjos necessários e chegarmos a Susã com maior comodidade. Então, qualquer que seja sua razão para nos convocar, poderia não ter sido nesse caráter de emergência. Infelizmente, seu novo escriba deve ter negligenciado a data que a rainha mencionou. Eu verifiquei com o correio. A carta não foi enviada até três semanas atrás, o que nos coloca numa posição desconfortável.”

“Entendo.” Dario deu alguns passos em direção a Sara. “Eu não posso queixar-me, então, uma vez que foi por minha culpa que ela perdeu sua escriba brilhante e agora tem que se contentar com um serviço inferior.”

Ele ficou tão perto que ela podia sentir sua respiração em seu rosto. Mas ele se absteve de tocá-la.

Saudades, confusão, frustração e mágoa se misturaram dentro de Sara até ela se sentir como um emaranhado de lã. O que afligia aquele homem? Por que ele tinha que ser tão cativante e ao mesmo tempo tão frio? Ela se afastou dele. “Eu poderia escrever uma carta a Damaspia para explicar. Ela iria entender se chegássemos tarde devido às circunstâncias.”

“Não. Acredito que é melhor tentarmos chegar na data solicitada. O rei pode estar precisando de nós. O fato de o servo de Damaspia ser incompetente não altera a razão original desta convocação. Damaspia e Artaxerxes não fazem convocações sem uma razão séria.”

Sara assentiu com a cabeça. “Pari e eu devemos começar a fazer as malas? Se você deseja estar na estrada em dois dias, então há muito a fazer.”

Dario deu mais um passo à frente, o que o trouxe para muito perto dela novamente. Desta vez, ele estendeu a mão para tocar num cacho volumoso

sobre o seu ombro. Pari tinha passado uma hora inteira ontem enrolando o cabelo liso de Sara para transformá-lo numa profusão de cachos. Dario pareceu fascinado com a mudança.

“Pari terá que ir depois com o comboio de bagagem. Eles podem viajar pela estrada real, o que será mais confortável para ela. Ela nunca conseguiria nos acompanhar pelos desfiladeiros das montanhas. Não vai ser um passeio agradável para você também. Eu até duvido que nós tenhamos tempo para montar as tendas à noite se quisermos fazer a viagem mais rápido do que um mensageiro real; mas eu tenho que admitir que você se tornou muito competente em cavalgar. Ninguém imaginaria que não passou sua infância cavalgando.” Ele puxou um de seus cachos para atraí-la para mais perto, mas havia algo de relutante na maneira como ele a tocou, como se a houvesse puxado para si contra a sua própria vontade.

Uma bolha de ressentimento subiu à superfície da mente de Sara. Primeiro, ele a evitava, e agora chegava para ela com reservas. Ofendida, ela puxou o cabelo de entre os seus dedos e caminhou para o outro lado da sala. A parede a impediu de retirar-se, então ela se inclinou contra a parede. “Eu vou arrumar as coisas,” disse ela, com uma feição insensível.

Dario avistou uma jarra de suco de maçã prensada sobre uma mesa lateral e se serviu de um copo. Ele tomou um gole, com movimentos vagarosos. Por que ele estava se demorando aqui? Irritada com os modos confusos do marido, Sara desejou que ele voltasse ao seu mundo particular, agora que já tinha dado suas ordens.

Olhando de maneira pensativa, Dario balançou o suco em sua taça de prata antes de colocá-lo de volta na mesa. Ele se encaminhou calmamente em direção a ela, silencioso como um gato. Os olhos dela se arregalaram quando ele levantou uma mão e a repousou na parede tão perto de sua cintura que ela sentia o calor dele através de seu vestido de lã com forro de linho. Sara se virou para o outro lado, com a intenção de afastar-se. Com um movimento brusco, ele colocou a outra mão perto de sua cabeça, prendendo-a contra a parede.

“Por que você está fugindo de mim?” Perguntou ele, colocando seus dedos sobre as costas dela, puxando-a para perto dele.

Ela ficou rígida em seus braços. “Por quê?”

Ele meio que sorriu, meio que gemeu. “Parece que eu nunca me encho de

você.” Então ele a beijou, e qualquer que fosse a parte dele que tanto tinha tentado resisti-la, ou mesmo rejeitá-la, cedeu. Ela sentiu as defesas dele se desfazendo enquanto ele a apertava cada vez mais. Sua própria resistência se desmoronou ao sentir que por um tempo, pelo menos, ele seria dela.

* 446 a.C.

Capítulo 2

Sara olhou para a pilha de roupas que tinha começado a se erguer em sua cama e para a pilha de pergaminhos e tábuas de argila que estavam em sua mesa de cedro e suspirou. Ignorando ambas, ela decidiu escrever uma carta para seu primo Neemias, informando-o de sua chegada iminente. Como copeiro do rei, seu parente judeu ocupava uma posição de grande autoridade. Apesar de ele ser judeu, Xerxes havia concedido a ele uma influência considerável, o que lhe permitiu uma contínua proximidade à pessoa do rei.

Se um problema estava se formando em secreto, Neemias iria fazer com que Dario e ela estivessem munidos das informações corretas antes de entrar na presença do rei. Artaxerxes era um rei bondoso e generoso, como Sara bem sabia. Contudo, ele também se dedicava ao seu império com uma paixão tão determinada que podia, às vezes, fazer exigências extremas. Um pouco de preparação para encontrar Artaxerxes nunca era excesso de zelo.

“Você vai cavalgar durante todo o caminho com apenas dois ou três cavalos de carga”, disse Pari, interrompendo sua linha de pensamento. “Espero que Lorde Dario tenha muitas roupas em seus depósitos em Susã, porque não consigo encaixar nada a não ser duas peças de roupa a mais no espaço que ele me separou. *A questão aqui é a velocidade*, Pari, ele me diz. Mas quando o meu senhor chegar, aposto que ele não vai se importar nem um pouco com velocidade. Ele vai querer você tão elegante como uma princesa; ele não vai querer que você se sinta envergonhada perante a corte novamente.”

Sara descansou a cabeça sobre suas mãos por um momento. Ela não tinha dormido bem na noite anterior, permanecendo acordada e muito ansiosa a respeito da montanha de tarefas que teria que realizar antes de sair para Susã. A insônia não a ajudou a realizar uma única tarefa, é claro, mas ela não tinha sido capaz de descansar usando argumentos lógicos. Depois de cerca de uma hora de pensamentos ansiosos, ela finalmente se lembrou de orar. Em sua preocupação, até mesmo suas orações tinham se transformado em uma lista de coisas a realizar, pois havia se concentrado mais em seus afazeres do que em Deus. Ela adormeceu perto do amanhecer e acordou com os olhos turvos.

“Faça o seu melhor,” murmurou ela. “Eu só preciso me virar para

sobreviver nas primeiras duas semanas e, então, você vai chegar com o comboio de bagagem.” Graças às instruções gentis de Pari, ela tinha aprendido a navegar nas rígidas formalidades da vida na corte como a esposa de um aristocrata. Nunca mais entraria em outro banquete real parecendo um demônio das trevas exteriores, forma como se apresentou no dia de seu casamento.

Ela terminou a carta para Neemias e a entregou para o correio real, que estava saindo naquele dia para Susã. Deixando a bagagem para Pari, Sara focou nas contas das propriedades. Por muitas horas, mergulhou no trabalho. O novo mordomo de Dario em Persépolis, Vidarna, se mostrou ser uma joia. Ele quase não tinha senso de humor, e ainda empalidecia toda vez que tinha que prestar contas a Sara. Ele não conseguia se acostumar ao fato de ter que se reportar a uma mulher, e ainda por cima uma aristocrata, mesmo que apenas pelo casamento. Mas ele tinha provado ser honesto e competente, duas qualidades que nada poderia desmerecer.

Mais tarde, naquela noite, tendo chegado com aparência de ter deixado tudo em ordem, Sara finalmente deixou as contas para Vidarna. “Eu deixei algumas lacunas, sinto muito. Mas sei que você vai conseguir Vidarna. Seu trabalho é sempre exemplar.”

A cabeça calva do escriba se curvou numa respeitosa reverência. “Estou certo de que resolveu as questões mais difíceis por si mesma, minha senhora. Como sempre.”

Um misto de exaustão e alívio tomou conta dela quando entregou as contas. Ela gostava de saber que tinha deixado a propriedade em boa ordem antes de partir para o que poderia vir a ser uma viagem longa. Nunca dava para adivinhar quanto tempo uma audiência real iria durar, especialmente quando faltavam apenas quatro semanas para o Ano Novo.

Sara, em seguida, mandou chamar Bardia, que chegou trazendo uma romã escarlate. “O último do fruto do outono, para colocar um sorriso em seu rosto nesses últimos dias de inverno,” ele disse, com seu sorriso largo revelando cinco dentes solitários.

“Que prestativo, Bardia. Parece perfeita. Diga-me, como está Apama?”

“Ela está iniciando sua recuperação, minha senhora. Eu acredito que ela vai se recuperar completamente. E aquela filha dela nunca para de comer. Ela, sem dúvida, vai engordar e ficar forte antes do fim do mês.”

“Estou aliviada em ouvir isso. Agora você deve ir para a cama, meu amigo. Você tem trabalhado muito duro esta semana.”

Bardia assentiu com a cabeça. Ao chegar à porta, ele se virou para ela. “Logo vai chegar a sua hora, minha senhora. Você vai ver.”

Vindo de qualquer outra pessoa, tal comentário teria soado intrusivo. Mas Bardia tinha um dom único de dizer coisas íntimas sem parecer ousado. Sara olhou para o espaço por um momento, com uma mão descansando sobre seu ventre magro. A verdade era que a conversa incessante sobre gravidez nos últimos dias a tinha deixado mais consciente do que nunca do quão desesperada estava para ter um bebê seu. Depois de cerca de onze meses de casamento, ela não mostrava sinais de fecundidade. É claro que os primeiros cinco meses de seu casamento não foram considerados nessa conta. Ela deu um sorriso triste para Bardia e virou-se para o outro lado.

Pari levantou duas peças de roupa para avaliar. “Qual delas para a grande festa: a azul ou a vermelha?”

Sara mordeu o lábio inferior. “Você acha que Dario vai gostar da vermelha?”

“Ele teria que ser cego para não gostar. Meu conselho é não respirar profundamente enquanto estiver usando essa peça. A última moda é usá-la muito apertada até o topo.”

Sara murmurou. “Embale a azul, então. Não sabia que você tinha feito a vermelha tão justa ao corpo. Não me admira você não ter me deixado experimentá-la quando terminou.”

“Eu já embalei a vermelha,” disse Pari, com sua boca delicada incorporando uma linha de expressão teimosa. “Eu gostaria de ver a expressão do Lorde Dario quando a vir nesta roupa.”

Bem. Se o vestido escarlate apertado iria prender a atenção do seu marido, talvez ela devesse parar de discutir e permitir que Pari escolhesse seu guarda-roupa. “Você vai me arrumar um monte de problemas um dia desses,” disse ela.

“Você não precisa de *mim* para isso.” Pari sentou-se em um sofá e pegou a túnica de cavalgar de inverno de Sara, que precisava de um pequeno conserto. “Por que as celebrações de Ano Novo são em Susã? Eu pensei que elas fossem sempre realizadas em Persépolis.”

“Este ano, o rei decidiu mudar o local e permanecer no antigo palácio. Eu

acho que ele quis evitar a penúria da viagem.”

Oficiais estrangeiros de todo o império haviam sido notificados sobre a alteração; em questão de semanas, eles estariam se dirigindo aos antigos salões de Susã, trazendo presentes para Artaxerxes como um sinal de sua fidelidade permanente ao império. Haveria cerimônias especiais e festas intermináveis.

“Você vai participar de pelo menos dez eventos separados na primeira semana do novo ano, independentemente da localização”, disse Pari, com a cabeça inclinada para a sua tarefa. “Um traje específico para cada ocasião, com as joias apropriadas em conjunto. Este é o seu primeiro Ano Novo como uma senhora de alta posição social. O seu tempo será muito demandado.”

Sara gemeu ao pensar nas reuniões incessantes e na atividade social constante. “Abomino a agitação. Prefiro sempre a companhia de amigos próximos a um compromisso grande ou formal.”

Tendo crescido como a filha de um escriba judeu, ela ainda achava penosas as exigências da vida para uma mulher aristocrata. Era fácil esquecer o contexto privilegiado de Dario quando estavam juntos a sós. Ele oferecia uma companhia receptiva e nunca deixava sobressair a sua ignorância. Em público, porém, as diferenças tornavam-se desconfortavelmente óbvias. O discurso, a conduta e cada gesto dele o marcavam como um lorde de alta linhagem, enquanto ela lutava para se encaixar em um mundo que sempre percebeu como estranho a si mesma.

Se pelo menos ela não estivesse tão cansada! Ela obrigou-se a ficar de pé. Pari continuou a usar a agulha de marfim no acolchoado vestuário de cavalgada de inverno verde-musgo, com sua técnica cuidadosa. Embora já fosse fim de estação, estaria frio nas trilhas montanhosas. Sara fez uma careta. Não lhe atraía a perspectiva de congelar sobre um cavalo durante doze dias seguidos.

“Você poderia, por favor, preparar um banho para mim?” Sara pediu. Um banho quente poderia aliviar seus músculos, exaustos após ela passar horas debruçada sobre documentos detalhados.

“Claro, minha senhora.” Pari deixou de lado a agulha e saiu para preparar o banho de fim de noite de Sara.

O vapor quente e o perfume de rosas enchiam a casa de banho quando Sara chegou. Pari entregou-lhe uma pedra-pomes, um cosmético esfoliante

perfumado e, sentindo necessidade de Sara por silêncio, retirou-se para um canto distante da casa de banho. Sara entrou na pequena banheira de imersão, suspirando de prazer quando a água quente a envolveu. Lentamente, os nós de tensão começaram a se desfazer. Muitos dias se passariam até que ela pudesse desfrutar desse luxo novamente. Viajar pelas estradas secundárias, longe da localização das casas reais, significava lavar-se às pressas com a água gelada retirada dos rios e córregos – se houvesse um rio à disposição.

Mesmo nos meses de verão, quando o banho em um córrego pode ser uma distração agradável por conta do calor, a tradição a proibia de fazê-lo. Os persas acreditavam que lavar roupa suja, ou mesmo o corpo humano, em um rio poluía a natureza. Era autorizado tirar água para se lavar, mas os persas consideravam banho em área aberta um ato de irreverência. Sara fechou os olhos e se afundou na água, determinada a obter o máximo de prazer possível *desse* banho.

Ela terminou de enxaguar o cabelo e, por alguns momentos, deixou-se flutuar na água, curtindo a sensação de não fazer nada. Uma mão começou a lavar suas costas com um pano. “Isso traz uma sensação tão boa, Pari. Obrigada.” O toque tornou-se macio. Sensual. Os olhos de Sara se abriram e, quando ela virou a cabeça, encontrou seu marido apoiado em um joelho sobre o piso que rodeava a banheira de imersão com um grande sorriso maldoso que fazia seus olhos brilharem.

Cuspindo água, Sara se afastou para o meio da banheira, mantendo as costas para ele e com seus braços abraçando firmemente seu corpo. “O que você está fazendo?”, sua voz soou como a de um pavão resfriado, como a de um dos que ele possuía. Em todos os seus meses de casamento, ele nunca tinha visitado a casa de banho enquanto ela a ocupava. Sentiu-se ridiculamente tímida com a presença dele. Havia algo de vulnerável em estar sentada num banho enquanto Dario se agachava sobre ela, completamente vestido, sem uma onda sequer de seu longo cabelo fora do lugar.

Ele deu de ombros enquanto girava a toalha molhada. “Eu precisava falar com você.”

Sara tentou recuperar a compostura, e disse com tanta desenvoltura quanto conseguiu reunir: “Você poderia, por favor, esperar até eu voltar para o meu quarto?”

“É tarde já. Eu prefiro falar agora. Além disso, assim é mais divertido. Eu

nunca a visitei aqui. Um descuido da minha parte.”

Sara ficou boquiaberta. “Onde está Pari? Eu a vi há poucos minutos atrás.”

“Eu a dispensei. Aquela pobre menina parecia mais que fatigada; ela estava adormecendo sobre o piso molhado.”

Pega pela culpa de não ter percebido a necessidade de descanso de Pari e aborrecida pelo jeito arrogante de seu marido, disse: “Que prestativo”.

Dario assentiu, com um sorriso ainda mais largo. “Você gostaria de sair?”

“Sim.” Sua toalha, cuidadosamente dobrada, estava em um banco de mármore fora de seu alcance. Sara apontou para ela. “Quero a minha toalha.”

Ele pareceu pensar por um momento. “Certamente.” Não fez nenhum movimento para pegá-la. Em vez disso, ergueu a mão de forma cortês. “Por favor. Fique à vontade.”

Sara baixou os cílios. Ele queria fazer um joguinho, não queria? Uma determinação abrupta em vencer o marido em suas próprias artimanhas trouxe um novo vigor à sua mente lenta. Ela sabia que, se Dario tivesse notado o firme brilho de determinação na feição de seu rosto, ele estaria mais preparado para um desafio. No momento, ele estava agachado atrás dela sobre o piso do chão, tão inocente como uma criança, pensando estar completamente no controle. O que parecia adequado para ela.

“Pensando bem, por que *você* não *entra*?” Por cima do ombro, ela lhe deu um sorriso convidativo. Era impossível não perceber o incêndio repentino nos olhos verdes como uma floresta. Ela ergueu o próprio braço, imitando os movimentos dele de um instante atrás. De costas para ele, o gesto perdeu parte de sua hilária irreverência. Mas teria que ser assim. “Por favor. Fique à vontade.” Ela apontou para a água.

Dario disparou e começou a tirar um sapato de couro, depois o outro, pulando para tirar os sapatos mais rapidamente.

“Eu acho que seus homens irão apreciar o perfume de rosas em seu cabelo amanhã quando partirmos para Susã,” disse Sara de forma doce, escondendo-se atrás de seu cabelo.

Dario ainda estava pulando sobre um pé, enquanto suas mãos tentavam tirar o sapato. Com movimentos lentos, ele se endireitou. Em seguida, caiu na gargalhada. “Concedo a vitória a você, minha senhora. Eu não desejo ficar com cheiro de rosas.” Ele pegou as toalhas de linho que Pari tinha deixado e as ofereceu para ela.

“O que você queria discutir?” Sara perguntou enquanto enxugava seu cabelo.

“Vidarna veio me ver. Ele disse que você tinha se concentrado no trabalho com os registros imobiliários desde ontem, antes do amanhecer, e que parecia exausta. Peço perdão por isso. Quando eu lhe pedi para me ajudar com a gestão de minhas propriedades, não significava que você deveria trabalhar como uma escrava.”

Sara experimentou uma pontada de carinhosa apreciação por Vidarna. Ela achou difícil acreditar que o escriba taciturno tinha olhado para ela por tempo suficiente para perceber como estava cansada. “Por favor, não se preocupe, meu senhor. Eu queria terminar antes de sair. Tomei a minha própria decisão.”

“No entanto, eu posso ver que você está cansada. Eu vim para lhe dizer que adiei a nossa partida em um dia. Amanhã quero que você descanse.”

“Não há necessidade! Não podemos nos dar o luxo de mais um dia, Dario. Pode nos fazer atrasar.”

“Isso não é tão importante quanto você.” Ele estendeu a mão e segurou a mão dela. De forma deliberadamente lenta, ele puxou-a para si e a abraçou. Seu toque era reconfortante, sem qualquer segunda intenção. Ele nem sequer parecia se importar com o fato de que a toalha úmida que ela estava usando estava deixando uma mancha molhada na frente de sua túnica. “Não chega aos pés de sua importância”, disse ele de novo, com seus lábios perto da orelha dela.

Suas palavras, ditas com sinceridade solene, derreteram seu coração. Ela se sentia protegida dentro de seu abraço. Seu corpo relaxou e ela se sentiu envolvida por uma sensação de paz. Ela percebeu que, apesar de suas lutas internas, apesar do fato de que ele não confiava nela inteiramente, apesar de seu coração dividido, seu marido a amava. Ele queria mantê-la segura. Queria vê-la feliz. Por causa da negligência dele ao longo dos últimos dias, ela se permitiu afundar na insegurança e, em seguida, no ressentimento. Ela tinha colocado o foco em seus defeitos e esqueceu de que ele era um verdadeiro presente para ela.

Ela se virou num delicado movimento e beijou o pescoço dele. Ele nada fez. Sara o beijou de novo, com mais ousadia. Ele entrelaçou os seus dedos nos cabelos molhados dela e virou seu rosto para si para que pudesse vê-la

mais claramente.

“Você não está muito cansada?”

Ela sacudiu a cabeça e, apoiada na ponta dos pés, beijou-o na boca, ainda com os lábios tímidos. “Eu te amo”, disse ela. Foi a primeira vez que ela disse isso sem qualquer estímulo da parte dele. O fato de ele nunca ter feito uma declaração semelhante a levou a manter seus próprios sentimentos escondidos no seu interior.

Mas Dario a persuadiu e a fez externar esses sentimentos. Essa noite, ela lhe ofereceu essas palavras como um presente. O orgulho dela não poderia se comparar com a alegria dele.

Ele deu um grande suspiro aos ouvir as palavras dela. “Diga isso de novo.”

“Eu te amo.”

Com um som inarticulado, ele a trouxe mais apertado contra si. Por um momento ele a estudou, com seus cílios escuros abaixados e sua expressão ilegível. Então, ele a beijou com uma ternura explosiva que dissolveu o que restava das reservas de Sara.

Capítulo 3

Dario, num estalo, voltou à plena consciência, ciente de que um barulho estranho o havia despertado. Anos de treinamento militar tinham aperfeiçoado seu instinto de perigo, de modo que ele já estava fazendo uma análise dos arredores antes que seus olhos se adaptassem à luz das estrelas. Com alívio, ele observou que Sara dormia imperturbável próxima a ele, com o corpo bem apertado contra o seu lado em um esforço inconsciente para afastar o frio da noite.

Ele virou a cabeça procurando por Arta, a quem tinha sido atribuído o serviço de guarda. Pela luz do fogo, ele podia ver o homem estendido no chão, com a cabeça caída para frente de forma brusca e em um ângulo estranho. O coração de Dario bombeou numa velocidade desagradável quando notou o líquido escuro ao lado do rosto inerte de Arta.

Além de Arta, mais três homens andavam com ele. Um deles foi amordaçado e amarrado. Ele chamou a atenção do segundo homem, Meres, que permaneceu alerta e não foi amarrado, fingindo dormir. Meres apontou para trás de si, levantando sutilmente a sobrancelha.

Seguindo o seu sinal, Dario observou que havia quatro intrusos ocupados amordaçando e amarrando o último membro de sua guarda. *Cinco*, na verdade, contando com um homem de ombros largos que usava uma capa de couro e vinha sorrateiramente em sua direção, segurando uma espada larga e curta. Dario empunhou sua faca, a única arma que ele tinha mantido presa contra sua coxa quando tinha caído em sua cama na noite anterior depois de uma viagem cansativa ao longo de subidas e descidas íngremes e perigosas.

O homem de ombros largos estava sobre ele agora. Cheio da calma peculiar que muitas vezes lhe vinha no calor da batalha, Dario percebeu que o homem segurava sua espada em um ângulo curioso, como se fosse um bastão. Ele não intencionava matá-lo, porém subjugá-lo, então.

Com um movimento muito rápido, Dario puxou sua perna, segurando seu oponente pelos tornozelos. Surpreso, o homem perdeu o equilíbrio por um momento. Dario rolou até os pés dele e, aproveitando-se da instabilidade do seu oponente, chutou-o com força na virilha. O homem deixou cair a espada e se dobrou com tanta dor que nem conseguia gritar.

Dario pegou a espada descartada e atingiu o homem na parte de trás da cabeça com um golpe pesado, usando o cabo de bronze. Com um grunhido, ele caiu inconsciente.

“Considere isto um favor,” disse Dario, sabendo pela experiência que o oponente não gostaria de estar acordado para sentir esta dor.

“Dario?” Sara estava ajoelhada em sua cama, com os olhos arregalados em choque. Dario engoliu em seco. Quando consentiu que ela se juntasse a ele na viagem, ele não esperava coisa mais perigosa do que os passeios diários que, por ocasião, os levavam para estes grandes desfiladeiros. O pensamento do que poderia acontecer a ela no meio de um tumulto fez suas vísceras se contorcerem em um nó apertado.

Ele forçou sua voz a soar calma. “Esconda-se atrás daquela pedra. Não se mova a menos que eu a chame!”

Ela não se mexeu. “*Depressa*,” ele sussurrou, uma mordida afiada enfatizava o comando. Para o seu alívio, ela obedeceu.

O resto de seus oponentes desconhecidos estava agora ciente de que ele não estava dormindo e não podia mais ser pego de surpresa. Ele viu Meres brigando com dois homens enquanto os outros dois vinham em sua direção. Dario franziu o cenho, perplexo com o fato de eles parecerem desarmados, exceto por uma vara longa e fina que um deles portava casualmente em uma mão. Ele usou os minutos que possuía antes que chegassem a ele para tentar soltar as amarras de um de seus homens, Sama. Ele teve tempo para cortar as amarras dos pulsos de Sama e pegar um escudo antes que seus dois adversários estivessem quase em cima dele.

Dario virou, tomando nota de pequenos detalhes que pudessem lhe dar uma vantagem na luta desigual. Por um canto da sua mente, ele tornou-se ciente de que a grama estava fria e úmida sob seus pés descalços e o ar estava fresco em seu peito. Para seu espanto, viu que apenas um homem se aproximou dele, com andar lento. A luz pálida do fogo não conseguia esconder o fato de que mesmo ele tendo forma esbelta — era menor e mais magro que Dario — seu corpo compacto exibia um impressionante conjunto de músculos tonificados. O companheiro desse homem se deteve, sem qualquer pressa de vir em seu auxílio. Eles certamente não pareciam esperar muito problema de sua presa, Dario pensava.

Sem saber como o homem pretendia usar uma vara tão fina numa luta,

Dario flexionou em uma das mãos sua faca afiada, analisando. Ele deu um passo à frente, numa postura bem praticada, e colocou seu peso por trás da faca enquanto atacava o homem. Para sua surpresa, o homem não se desviava nem para a esquerda nem para a direita, mas, no último momento, esticou um braço e com o que parecia um toque macio, empurrou o pulso de Dario como que fazendo um arco. Dario viu sua faca empunhada viajando para longe do alvo, enquanto a sua própria força era usada contra ele mesmo.

Ele recuperou o equilíbrio e virou-se para enfrentar seu adversário novamente. O bastão branco de repente girou no ar, soando mais como um chicote do que como uma vara de madeira. Dario puxou o escudo para frente de seu rosto bem a tempo de deter um ataque de cima para baixo. Por incrível que pareça, a vara não partiu quando entrou em contato com o escudo espesso de vime e couro de Dario. Em vez disso, ela se dobrou e contornou o escudo, chicoteando o lado do rosto de Dario com um ataque doloroso. Ele colocou uma mão em seu rosto atingido; ele estava ensanguentado. Ele nunca tinha visto algo assim numa batalha antes.

Dario segurou a faca com mais força. O homem tinha tomado uma posição estranha, os joelhos dobrados, com um braço à frente e a palma da mão plana, a outra em torno da vara e posicionada para trás. Dario correu para ele, com a intenção de usar o peso de seu corpo para derrubar o homem no chão. Antes que ele tivesse a oportunidade, no entanto, seu adversário se esticou com uma velocidade tremenda e trouxe para baixo a borda da mão diagonalmente contra a lateral do pescoço de Dario. O golpe se abateu sobre Dario como a força de um metal, em vez de mera carne e sangue. Ele sabia que teria perdido a consciência se os músculos do seu pescoço não fossem tão fortes. Dario resistiu à tontura que o envolvia, engolindo forte para superar a vontade de vomitar.

Com um grunhido, ele jogou de lado o escudo e correu para o seu agressor, na esperança de surpreendê-lo com um contra-ataque inesperado. O homem agarrou Dario pouco acima do cotovelo e pressionou. Era como se uma ligação entre seu cotovelo e seus dedos tivesse sido retirada; Dario perdeu sua empunhadura da faca, seus dedos estavam sem força alguma.

Ele conseguiu se distanciar e assumiu uma postura defensiva, mas percebeu que estava perdendo o controle da luta. Ficou claro que seu oponente era especialista em uma forma de combate até então desconhecida

por Dario. Com velocidade repentina, o homem correu em direção a ele e voou alto no ar como se tivesse um conjunto de asas, pousando num chute forte direto no estômago de Dario. Ele sentiu como se tivesse sido atingido por um tronco de árvore. Dario desabou, incapaz de respirar.

O tempo parou. Como o mundo deu uma pausa, ele permaneceu consciente de que tudo estava acontecendo muito mais rápido do que parecia. De canto de olho, ele viu o companheiro de seu oponente de pé ao seu lado com os braços cruzados, com um sorriso relaxado em seu rosto enquanto observava, pois estava seguro quanto a extraordinária habilidade de seu oponente na batalha. Sem aviso, o sorriso do homem vacilou e seus olhos se reviraram antes que ele caísse ao chão com um estrondo barulhento. Sama estava atrás dele, segurando uma enorme pedra em sua mão.

O adversário de Dario ficou distraído por um momento por causa do barulho de seu companheiro caindo no chão. Era a abertura que Dario precisava. O pensamento do que este homem poderia fazer à sua esposa caso fosse derrotado deu a Dario força para ficar de pé novamente, ignorando o ardor em suas costelas. Aproveitando-se da situação surpreendente que deixou seu oponente boquiaberto, ele deu uma cotovelada na barriga do homem e bateu no lado de sua cabeça com um soco duplo. O homem cambaleou para um lado. Dario deu um chute contra seus joelhos na direção oposta e derrubou seu oponente. No chão, ele não poderia usar o bastão. Sama se juntou à briga e, juntando forças, eles finalmente subjugaram o adversário. Ele caiu inconsciente, com um fio de sangue descendo de seu lábio, o qual inchava rapidamente.

Eles correram para ajudar Meres; Dario sentiu uma onda de alívio quando percebeu que, embora os demais do bando de agressores fossem hábeis lutadores, estavam longe de ser tão extraordinários como o homem a quem ele havia enfrentado. Dentro de minutos, os dois oponentes de Meres foram anulados e amarrados com nós muito bem apertados, que os mantiveram impotentes atados um ao outro. Os outros três homens do bando, agora em vários estágios de inconsciência, foram contidos de forma semelhante.

Ele mal tinha acabado de amarrar o último homem quando Sara correu para o seu lado. “Você está bem?” Ela não conseguia esconder um pequeno tremor em sua voz.

“Você deveria esperar até que eu chamasse você.” Ele tentou soar severo,

mas percebeu que o alívio abafou qualquer outra emoção em suas palavras.

“Perdão, meu senhor. No calor da emoção, eu esqueci.”

Descalça como estava agora, o topo de sua cabeça ficava na altura do peito dele. Seu cabelo, bagunçado por conta da cama e de sua corrida desajeitada, cobria o seu rosto desordenadamente. Sua boca, que tremia de medo apenas momentos atrás, esboçava agora uma linha rígida enquanto ela tentava recuperar a compostura. Se não fosse o olhar propositalmente desviado de seus homens e a profunda ferida no seu lado, ele a teria apertado contra si e a teria beijado — se para tranquilizá-la ou a si mesmo, não sabia ao certo.

“Você tomou algumas pancadas fortes,” disse ela, tentando soar casual. “Quebrou algo?”

Ocorreu-lhe que, para uma mulher não acostumada com batalhas e derramamento de sangue, ela estava agindo com uma serenidade admirável. Sem lágrimas. Sem histeria. Nenhuma cena constrangedora diante de seus homens. Ele sabia que o autocontrole tinha um custo elevado, e apreciava isso ainda mais que antes. “Eu posso ter algumas costelas quebradas,” disse ele, mantendo sua voz leve.

“E sua bochecha está sangrando. Vai virar uma cicatriz provavelmente. Que pena. Você não vai ser mais tão bonito quanto o Meres.”

Dario engoliu um sorriso, encantado com seu humor indomável. “Rapariga atrevida. É melhor você me assistir, então. Ou vai desmaiar ao ver um pouco de sangue?”

Ele teria rido de sua expressão ofendida se o gemido de um dos cativos não o tivesse forçado de volta à situação presente.

“Revistem-nos,” disse Dario com os dentes cerrados enquanto Sara amarrava suas costelas com ataduras. “Deixem todos nus se for preciso. Eu quero saber quem eles são e por que nos atacaram.”

Arta, que tinha recuperado a consciência e sentou para cuidar da forte dor de cabeça que sentia, rosnou. “Ladrões e patifes — é isso que eles são. Buscando a nossa prata, sem dúvida.”

Dario fez um som de desacordo com sua garganta. Os cinco homens não atacaram como ladrões comuns. Eles lutaram como profissionais, não como bandidos. Os seus cavalos de alta qualidade eram bem cuidados. Ele ainda podia lembrar dos movimentos incomuns do homem magro com quem ele tinha lutado; se não fosse a ajuda de Sama, ele teria perdido esse confronto.

Aqueles não eram os movimentos de um ladrão comum.

Ele pensou por um momento sobre a possibilidade de aproveitar a oportunidade para resolver o enigma deste misterioso ataque ou de juntar os culpados em seus cavalos, entregá-los ao magistrado em Susã e deixá-lo resolver esse enigma. Afinal, o rei, que tinha convocado ele e Sara para uma audiência especial, esperava que chegassem em breve.

No entanto, algo sobre esses homens continuou a importuná-lo. Sentia-se desconfortável com a ideia de deixar a investigação para outra pessoa. Um mistério desconcertante estava em andamento aqui, e ele estava convencido de que precisava resolvê-lo, mesmo que isso significasse um atraso no encontro com o rei.

O sol já havia se elevado bastante no momento em que seus homens haviam feito um pequeno monte com os pertences de seus atacantes no meio do acampamento. Dario pegou o bastão branco e o examinou. Era feito de um tipo de madeira que nunca tinha visto. Ele o flexionou em direções opostas várias vezes. Cedia com incrível facilidade, flexionando-se de várias formas; qualquer outra vara de madeira teria quebrado. Ele se perguntava como o bastão tinha sido feito para ter ao mesmo tempo a solidez da madeira e a flexibilidade do couro. Deixando-o de lado, começou a percorrer a pilha de sacos e pacotes à sua frente.

No topo da pilha repousava uma caixa impecável esculpida em marfim. No seu interior, Dario encontrou um punhal decorado com joias requintadas em um lado do cabo e ouro liso no outro. A construção delicada permitia que o punhal se ajustasse de maneira confortável à mão. Ele o ergueu com a palma da mão e testou sua lâmina; embora tivesse sido desenvolvido como uma peça cerimonial, revelava-se mais que útil para batalhas. A lâmina era bem equilibrada, afiada e resistente.

Este não era um punhal comum. O trabalho especializado e as joias raras utilizadas na sua criação revelavam uma oferta digna de um nobre de alto escalão. Dario o examinou por mais um momento, buscando marcas de identificação ou pistas sobre o seu dono. Não encontrando nada, ele o devolveu à caixa e o deixou de lado.

Ao contrário do punhal, tudo o mais que havia na pilha parecia comum e bem usado. Roupas extras, moedas, um par de frascos de óleo para o tratamento de couro e metal, equipamento de acampamento. Vinho. Bolos

secos de tâmara. Nada incriminador. No fundo da pilha, uma bolsa de couro selada chamou sua atenção. Ele não reconheceu o selo; a palmeira e o leão estilizado decorativo não eram persas. Ele a mostrou para Sara. “Você reconhece este selo?”

Ela estudou-o antes de responder. “É estranho para mim.”

“Você pode quebrar a cera mantendo a integridade da figura? Preciso descobrir sua origem ao chegar a Susã.”

“Eu acho que sim. Depende da qualidade da cera.” Ela puxou sua faca e desenhou uma linha cuidadosa sobre o selo. Com uma pressão delicada, ela o partiu em duas seções intactas.

“O que você pensa que está fazendo?” A voz era profunda e calma.

Dario se virou e encontrou o homem de ombros largos, que o havia atacado, fitando-o com seus inteligentes olhos castanhos.

“Ah. Finalmente acordado. Você teve um cochilo agradável?”

“É melhor você largar esse pacote.”

Dario cruzou os braços. “Você não está em posição de fazer exigências, não é? Para quem é isso?”

O homem não disse nada. Dario desenrolou o couro e encontrou uma pequena carta dentro. “Não muito esclarecedora,” disse ele depois de ler.

“O que ela diz?” O homem perguntou, se movimentando contra as cordas apertadas.

“Você não sabe?”

“Eu só as carrego. Não leio.”

“Tão nobre.” Ele estendeu a carta para Sara. “O que você acha?”

Ela a estudou em silêncio por um tempo. “Interessante.”

“Sério? Eu a achei decepcionante. *Execute as instruções que eu lhe enviar. Agora você tem tudo que precisa para as cerimônias de Ano Novo. Que você possa caminhar em segurança.* Como isso seria de alguma ajuda? Quais são as instruções? Isso é o que eu preciso saber.”

“Seu problema é que você não conhece a sua gramática. Vê a forma como o autor da carta usou o verbo *enviar*?”

Dario deu um pontapé desprezível contra uma pedra redonda, fazendo-a girar pelo ar. “Você está tentando me fazer dormir?”

Sara desenrolou a carta pressionando-a contra sua coxa. “Escute, meu senhor, e pode descobrir algo útil. A forma como o autor usou esse verbo

indica que as instruções não virão mais tarde. E nem foram enviadas anteriormente. Quem escreveu esta carta está dizendo que as instruções devem ser entregues juntamente com esta mensagem, o que indica fortemente que estes cavalheiros estão com elas escondidas em algum lugar. Possivelmente com eles mesmos.”

Dario assobiou baixo ao ouvir isso. Ele fez uma pomposa reverência, como que para uma figura real, perante Sara. Ela empurrou seu ombro com uma mão irritada. A mão, macia e levemente manchada de tinta de seu trabalho furioso nos registros imobiliários antes da partida deles, estava suja de terra — sem dúvida um resultado de seu refúgio atrás das rochas.

“Essa é uma excelente lição de gramática.” Ele se virou para o invasor. “Impressionante ela, não é? Para o seu azar. Gostaria de me dizer onde estas benditas instruções estão?” Ele suspirou quando o homem olhou para trás, mudo. “Eu acho que não.”

Ele ordenou a seus homens que revistassem os intrusos novamente enquanto ele olhava a pilha de suas posses mais uma vez. Não havia outros itens de interesse nas bolsas restantes — nada que apontasse para as instruções que faltavam. A partir de uma súbita ideia, Dario começou a pesquisar as pilhas novamente. Desta vez, ele não estava tentando *encontrar* algo, mas se certificando de que um determinado artigo essencial estava faltando.

“Onde estão os seus vistos de viagem — os seus *viyataka*?” Ele perguntou.

A cabeça do homem virou de repente. “O quê?”

“Suas licenças. Vocês não podem estar viajando nas estradas do rei sem os documentos necessários. Os seus parecem estar faltando.”

“Acho que os perdemos.”

Dario deu um tapinha na pilha que estava na frente dele. “Eu acho que não. Acho que era isso o que estavam buscando quando nos atacaram. Aconteceu de ter cinco homens no nosso grupo e cinco no seu. Isso deve ter sido uma coincidência muito conveniente para passar despercebido por vocês. Vocês estão viajando pelas estradas secundárias, por isso suas chances de se depararem com os soldados do rei são mínimas. Mas, para entrar em uma grande cidade como Susã, onde esta estrada leva, irão precisar de um *viyataka* oficial. É muito mais fácil entrar na cidade com os documentos adequados do que tentar esgueirar-se sem eles, o que deve ter sido o plano

original de vocês.”

“Esqueceu uma coisa — você tem uma mulher, e nós não. Como você pode ver, seus documentos de viagem não teriam qualquer utilidade para mim.”

Dario se ajoelhou na frente do seu prisioneiro e empurrou seu peito com o dedo indicador. “Você está se subestimando. Seria bem fácil pagar uma mulher às portas de Susã para fingir ser um membro de seu grupo.”

O homem virou o rosto do olhar penetrante de Dario. “E daí?”

“Então, isso prova que vocês não são simples ladrões à procura de dinheiro. Vocês estão em uma missão de algum tipo — uma missão secreta o suficiente para impedi-los de solicitarem documentos de viagem. Gostaria de compartilhar que missão seria?”

Ele bufou. “Você se importaria de compartilhar a sua?”

Dario suspirou. “Você insiste em tornar isso difícil.”

Neste momento, seus homens já tinham vasculhado os intrusos e os seus cavalos até a pele, mas não encontraram nada. Todo o bando já tinha recuperado a consciência, e eles resmungavam por estarem amarrados, mas não fizeram qualquer movimento para impedir serem revistados.

Com um movimento repentino, Sara pôs-se de pé e caminhou até o dono do bastão. “Aquele é um corte de cabelo curto incomum,” disse ela.

Dario franziu o cenho. Não era do feitio de sua esposa fazer análises de moda ou declarações públicas sobre a falta de estilo de alguém. Ele aproximou-se dela, não gostando de sua proximidade a um lutador excepcional, apesar de ele estar amarrado.

“Você deve ter cortado seu cabelo no mês passado,” Sara prosseguiu, recusando-se a se afastar do sujeito. “Talvez até tenha raspado, suponho, pela maneira como cresceu novamente.”

Dario olhou de canto para a sua esposa antes de se abaixar para examinar o couro cabeludo do homem. O sol tinha nascido enquanto eles estavam interrogando os ladrões, com sua luz de inverno brilhando. Sob a luminosidade do sol, a pele do homem brilhava pálida debaixo dos seus cabelos. Em seguida, com perplexidade, Dario notou marcas pretas em partes do couro cabeludo. “Tatuagens. Você tem tatuagens em seu couro cabeludo.”

O homem se virou para Dario e deu-lhe um sorriso suave. “Primeiro a sua mulher, agora você. Vocês são obcecados por couro cabeludo?”

Dario conteve o impulso de dar-lhe um bom chute e fez sinal para Meres raspar a cabeça do homem.

“Deixem minha cabeça em paz!”, gritou o homem, mas de nada adiantou pois estava amarrado, e não havia como impedir que Meres realizasse sua tarefa.

Sua cabeça foi raspada em questão de minutos. Meres limpou o sangue que escorria de vários cortes rasos, em consequência da resistência fútil do homem. Uma curta mensagem escrita em aramaico tornou-se legível no couro cabeludo branco, tatuado com tinta preta.

Sara quase se engasgou enquanto a lia em silêncio. “Isso tem a ver com o rei!”

Capítulo 4

O quê?” O homem cujo crânio foi o foco da maior atenção virou a cabeça para se dirigir a Dario. “O que ela diz?”

“Como se você não soubesse.”

“Não consigo ler a minha própria cabeça, entende? O que ela diz? Digame.”

Dario, que tinha se enrijecido depois de ler a estranha mensagem, mudou o tom da voz e começou a ler em voz alta a tatuagem. “Envenenar apenas o lado da joia do punhal. Apresentá-lo junto com um pombo assado como nosso presente. Corte o pássaro ao meio. Certifique-se de que ele consuma o lado envenenado.”

Os homens de Dario se entreolharam, intrigados. Arta coçou sua cabeça ferida. “O que isso quer dizer, além do fato de que algum pobre coitado vai ser assassinado?”

“A mensagem é a respeito do rei,” Sara explicou.

“O quê?” Várias vozes masculinas, incluindo as vozes dos seus atacantes, soaram ao mesmo tempo.

“Como você pode saber isso?” Perguntou Arta.

“Sua Majestade recebe presentes de embaixadores de todo o império no primeiro dia da primavera. Você se lembra da menção ao Ano Novo na carta que encontramos entre os seus equipamentos? Isto é o que o autor quis dizer.”

“Muitas vezes, os presentes apresentados ao rei são simbólicos: a água de um rio, para indicar que todo o rio pertence a Artaxerxes; terra, para significar que a própria terra é oferecida ao rei. Um pássaro seria uma maneira bonita de afirmar que o céu também é de domínio do monarca persa. Uma ave cozida seria provada pelo rei como um sinal de sua aprovação, o que, supõe-se, explica por que eles incluíram a faca.”

“É por isso que a faca é tão requintada”, Dario disse. “Denota um presente para Sua Majestade na festa de Ano Novo.” Sara assentiu. “Embora o rei fosse comer da ave oferecida, tomaria a precaução de compartilhá-la com quem a trouxe, a fim de garantir que não está envenenada. No entanto, a pessoa por trás dessa trama inventou uma manobra inteligente para contornar

essa dificuldade. Ambos vão comer do mesmo pássaro, mas porção do rei será mortal, enquanto a do assassino fica sem veneno. Não haveria nenhuma prova de tal conspiração; não seria possível ligar a morte do rei ao assassino, pois muitos teriam testemunhado que ambos comeram da mesma comida e apenas um ficou doente e morreu.”

“O rei!” Arta quase explodiu quando pronunciou a palavra. “Vocês estão certos disso? Eu pensei que as ofertas de Ano Novo fossem feitas em Persépolis.”

Dario apertou o nariz com o dedo indicador e o polegar. “Normalmente são. Este ano, o rei mudou o local para Susã por não desejar viajar. Os chefes de Estado de todo o império – governadores, sátrapas, e oficiais importantes – estão, neste momento, descendo a Susã para trazer suas ofertas para Sua Majestade. Só que um deles está planejando usar essa ocasião como um meio para assassinar o rei. Apenas um oficial de alto escalão teria acesso ao rei no dia de Ano Novo, de modo que essa conspiração tem suas origens em uma pessoa de relevância em algum lugar do império.”

Houve um momento de um silêncio perturbador. Depois todos começaram a falar ao mesmo tempo, porém as vozes dos intrusos eram as mais altas, jurando ignorância em relação a essa trama.

Atordoado pelo barulho e pela confusão, Dario gritou: “Silêncio!”

Um silêncio desconfortável se estabeleceu no acampamento.

Dario respirou fundo; o movimento afetou o seu lado machucado e ele mudou de posição para aliviar a dor. Encarando os intrusos, ele disse: “Como vocês conseguem ter a ousadia de professar inocência? A única evidência que falta contra vocês é o próprio corpo morto do rei.”

O homem que havia proibido Dario de abrir a carta lacrada agora se dirigia aos demais. Dario supôs que ele era o líder do grupo e passou a olhar para ele com mais atenção.

O homem acenou com a cabeça de cabelos escuros. “Meus senhores, minha senhora, meu nome é Nassir, da Babilônia. Estes são meus quatro irmãos: Nur, Naram, Nutesh. E aquele outro,” disse ele, apontando com o queixo para o homem tatuado, “é nosso irmão mais novo, Niququulamuusu. Todos o chamam de Niq.”

“Que alívio,” disse Dario.

“Em primeiro lugar, por favor, aceitem nossas humildes desculpas pela

maneira de nossa apresentação.”

Dario notou a boca de Sara se contorcendo pela utilização da palavra *apresentação*. Esse sujeito até que era divertido para um covarde assassino, ele teve que admitir.

Nassir continuou. “Não pretendíamos causar nenhum mal a vocês. Você deve ter notado que fizemos um grande esforço para garantir que ninguém fosse realmente ferido. Nós não matamos pessoas.”

“Essa tatuagem dá testemunho contra a sua afirmação.”

“Este é um terrível mal-entendido, meu senhor. Permita-me explicar.”

Dario, que agora tinha a tarefa de interrogar os irmãos babilônios, fez sinal para que ele continuasse, curioso para saber que história ele iria inventar.

“Meus irmãos e eu somos mensageiros, por assim dizer.”

“Mensageiros trabalham para o império. Eu duvido que a administração real tenha contratado você ou” — Dario moveu a mão vagamente em direção ao grupo de homens amarrados — “seus irmãos.”

“Isso é verdade, senhor. Talvez a palavra *mensageiro* seja demais. Nós fazemos transporte de coisas. Como você bem observou, viagens pela Pérsia são reguladas por normas rígidas. Até mesmo correspondência, se for enviada sem a aprovação real, é lida e destruída após ser descoberta. No entanto, há aqueles que, por razões pessoais, não podem pedir autorização para viagem nem confiar sua correspondência ao correio oficial. A maioria das pessoas tem segredos que prefere não compartilhar com os burocratas do rei, que poderiam vendê-los para ganhar um dinheiro extra. Na minha experiência, esses segredos, em geral, são inofensivos ao império. Dizem respeito a assuntos de natureza pessoal — herança, amor, disputas de família. A nossa regra é nunca olhar para dentro dos pacotes e cartas que nos foram confiados. As tristezas e dores privadas das pessoas não são de nossa conta.”

“Que conveniente. E vocês não acham que essas regras atraem assassinos e bandidos de toda espécie?”

“Não, meu senhor. Pessoas que têm o assassinato em mente não iriam, de um modo geral, confiar a um estranho seus segredos. Somos homens de negócio honestos. Não temos nenhum interesse em assassinato. Apenas realizamos o transporte de documentos e mercadorias de uma parte do império para outra por um preço razoável.”

“Homens honestos, é assim que você considera?” Arta ficou boquiaberto.

“Minha cabeça ainda está doendo como resultado da honestidade de vocês.”

“Isso é um negócio, senhor. Não agimos como se estivéssemos aqui para roubar seu ouro ou prata. Como o senhor tão sabiamente deduziu, precisávamos pegar seus documentos de viagem.”

Ao seu lado, Sara tentou abafar um suspiro de indignação; não teve êxito. Dario decidiu redirecionar a conversa. “Explique a tatuagem.”

“Ah, isso. Acredite em mim, meu senhor, se tivesse ideia do conteúdo vil dessa mensagem nunca teria colocado o couro cabeludo do meu irmão à disposição de tal esquema. O que aconteceu foi o seguinte. Um homem entrou em contato comigo e ofereceu uma grande quantia em dinheiro para que meus irmãos e eu transportássemos esse punhal e umas cartas para Susã.”

“Que homem?” Agora eles estavam chegando a algum lugar, Dario pensava.

“Aí está o problema, meu senhor. Ele me encontrou à noite, vestindo uma capa com capuz. Eu mal pude ver o seu rosto. Sua única apresentação foi um saco de ouro. Ele soava como um aristocrata, mas eu nunca descobri o seu nome.”

“Onde foi isso?”

“Na Babilônia. Mas o homem não era de lá; eu posso deduzir isso por causa do seu sotaque. Não sei de onde ele veio. Achei difícil caracterizar sua origem, pois era como se ele estivesse distorcendo sua voz. Ele pagou um valor extra porque queria tatuar sua carta no couro cabeludo do mensageiro. Ele disse que essa era a única maneira de ele se certificar de que sua mensagem não seria descoberta pelos espiões reais.”

“Se não fossem os olhos afiados de minha esposa ele teria se saído bem dessa. Como ele chegou a tatuar sua cabeça sem você saber o que a mensagem dizia?” Perguntou ele a Niq.

Niq deu de ombros. “Eles me mantiveram escondido em um quarto por um mês. Exceto pelo homem que raspou a minha cabeça e a tatuou, não vi ninguém, nem mesmo meus irmãos. Meu quarto não tinha janela, de modo que eu não podia enviar ou receber qualquer mensagem. Eu não tinha ideia do que eles tinham escrito na minha cabeça. Eles me trancaram até que meu cabelo tivesse crescido e coberto a mensagem sobre meu couro cabeludo. Na época, pensei que isso era apenas uma pequena inconveniência: o pagamento era tão recompensador que achei que valia um mês da minha vida. Nunca me

ocorreu que eles tinham tatuado uma traição na minha cabeça. Quando eu encontrar o patife que me arruinou com essa desonra, vou acabar com ele.”

“Por que você não pediu aos seus irmãos que tentassem decifrar a mensagem?”

“Naquele momento meu cabelo já tinha crescido, e nós não conseguiríamos ler nada. Eu não podia raspar minha cabeça. O objetivo da espera de um mês era aguardar até que o cabelo crescesse de modo que pudéssemos viajar com a mensagem escondida.”

“Você acha que o homem que o tatuou foi a mesma pessoa que falou com Nassir?”

Niq balançou a cabeça. “Não. Ele não tinha jeito de nobre. Ele devia ser um servo simples, a julgar por suas maneiras. Seu mestre deve ter grande confiança nele para lhe confiar um trabalho como esse.”

Dario mordeu o lábio inferior. A origem da trama estava se mostrando um beco sem saída, se os irmãos estivessem falando a verdade. Apesar de ele ter frustrado o plano ao descobri-lo, ele sabia que era essencial encontrar o traidor. Sem dúvida, quem pretendia assassinar Artaxerxes iria tentar novamente. “Para quem você deveria entregar o punhal e as cartas em Susã?”

“Não tenho nenhum nome,” disse Nassir.

“Claro que não.”

“Mas eu tenho um lugar e horário de encontro.”

Dario sorriu lentamente.

Sara finalmente parou de tremer no momento em que eles começaram a montar seus cavalos. Ela sabia — claro que sabia — que havia se casado com um guerreiro. Tinha dado seu coração a um homem de posição e função militar, que passou boa parte de seu tempo em missões secretas ou abertas para o rei, anulando rebeliões e conquistando novos territórios. Mas uma coisa era ter consciência intelectual dessa realidade; outra coisa bem diferente era testemunhar isso. Ver os chutes aterrissarem nas costelas de seu marido e o sangue jorrar de seu corpo. E esse foi um conflito simples. Ela começou a tremer novamente ao pensar em uma batalha de uma guerra de grande escala.

Ela só tinha conhecido Dario no papel de membro da corte e de proprietário de terras. Nos meses desde que seu casamento se concretizou, Dario tinha permanecido ao seu lado na maior parte do tempo, servindo Artaxerxes como diplomata de ocasião e cuidando de suas terras. Suas

propriedades passaram a requerer sua atenção após a confusão que seu mordomo desonesto, Teispes, deixou para trás.

O ataque repentino dos babilônios forçou agora a realidade do escopo completo da profissão de Dario a ocupar a mente de Sara. Ele não iria agradecê-la se ela se tornasse uma mulher superprotetora, importunando-o para evitar qualquer aventura incerta. Na Pérsia, era esperado que os homens servissem o império. Ela teria que aprender a aceitar o perigo inerente à sua profissão. Teria que aprender a engolir seus medos e deixá-lo ir com um sorriso no rosto quando chegasse a hora de ele seguir para a batalha.

Ela pulou na sua sela quando Dario interrompeu o seu devaneio. “Você parece perdida em seus pensamentos.”

Ela não tinha percebido ele se aproximar, o que era uma boa indicação de sua preocupação terrível, dado o tamanho do seu cavalo, Sansão. “Sim, meu senhor.”

Ele tomou a mão dela, trazendo seu cavalo gigante tão perto que suas coxas se tocaram. Haviam passado muitos dias desde que ele tinha chegado tão perto assim dela. Os rigores da viagem ao ar livre e a constante presença de outros os tinha mantido separados desde que deixaram Persépolis. Ele parecia indiferente aos olhos curiosos agora.

“Algum pensamento mirabolante pode estar em andamento,” disse ele, inclinando seu rosto perto do dela para que ela pudesse sentir sua respiração quente tocar sua orelha.

Sara se inclinou para acariciar o pescoço de seu cavalo, escondendo o rosto do escrutínio de Dario. “Eu estava pensando em sua luta; você lutou muito bem.”

“Você estava pensando em como eu quase fui morto.”

“Isso também.”

“Sinto muito por você ter testemunhado isso, Sara.”

Ela sentiu o calor das lágrimas surgindo na parte de trás de seus olhos. Virando a cabeça de modo que o olhar afiado de Dario não notasse sua aflição, ela concentrou sua atenção nos babilônios. Os irmãos foram amarrados como um cordeiro assado, e conseguiam apenas guiar uma marcha lenta em seus cavalos.

Ela perguntou em um tom de voz tão baixo que só Dario podia ouvir: “Você acredita na história deles?”

Ele se inclinou para trás na sela. “É uma história complicada. Ainda assim soa como verdadeira. Já ouvi falar de mensageiros particulares. Porém não há muitos deles. Isso é compreensível, uma vez que o império vê com maus olhos o negócio deles.”

“Eu acredito neles também, apesar de ser uma ocupação meio duvidosa.”

Quando Niq atacou Dario, ela ficou desesperada para sair correndo de seu esconderijo e lhe dar uma mão, aterrorizada pelo medo de Dario estar ferido. Além desse medo entorpecente, no entanto, ela tinha ficado chocada com a raiva instintiva e a violência que tomou conta dela. Ela teria despedaçado Niq se pudesse. Foi só o medo da ira de seu marido que a manteve obediente à sua exigência de ficar escondida. Agora que o perigo tinha passado, a inundação de suas emoções violentas se foi. Ela não tinha nenhum desejo de vingança. A visão dos irmãos, amarrados e indefesos, fez com que ela ficasse com pena.

“Em sua opinião, o que vai acontecer a eles? Se eles puderem provar inocência na conspiração contra o rei, quero dizer.” Se eles fossem culpados, morreriam em condições horríveis. A punição por envolvimento em assassinato através do uso de veneno era severa na Pérsia. A punição por tentar matar um rei era ainda pior.

“Mesmo eles não sendo assassinos, ainda são infratores da lei. Eles não vão sair dessa livres.”

“É uma pena. Eles não são ladrões comuns, você tem que admitir.”

Dario colocou a mão contra o seu lado e se esticou na sela. “Além de serem mais encantadores do que a maioria dos criminosos, o que você vê de bom neles?”

“Eles parecem ter um certo código de honra. Você mesmo disse que eles tinham alguns parâmetros para evitar ferir gravemente qualquer membro do nosso grupo. Niq, você disse, o teria derrotado na primeira ocasião se não estivesse tendo cuidado para preservar a sua vida. Eu não acredito que eles sejam realmente maus.”

“Talvez seja um desperdício encarcerá-los numa prisão infestada de ratos em algum lugar. Eu admito que Niq mostra um potencial interessante. Suas habilidades de combate únicas podem beneficiar o império.”

“Ou pense a respeito dos muitos contatos que Nassir deve ter feito durante anos de trabalho como fora da lei. Tais conexões podem ser úteis.”

Dario afastou um grupo de mosquitos que estava perto de seu rosto. “*Tais conexões* são chamadas de traição em alguns círculos. De qualquer maneira, no momento eu preciso deles para resolver este caso. Se eles estão dizendo a verdade ou não, apenas Niq e Nassir já viram algum dos homens ligados à conspiração. Sem eles, não tenho nenhuma maneira de resolver este caso e resguardar a vida de Artaxerxes. Confiando neles ou não, tenho que trabalhar com eles por enquanto.”

Um arrepio passou por Sara quando percebeu o perigo em que Dario estava se metendo. Alguém ousado o suficiente para planejar matar o rei não iria hesitar em matar seu primo para manter o anonimato. “Sentindo frio?” Ele perguntou.

“Não, meu senhor.”

Ele estendeu a mão por sobre os seus cavalos para segurar a mão dela. “Você não precisa se preocupar, Sara. Já sobrevivi a perigos mais graves que este.”

Ela se perguntou se *ele* se preocupava com sua própria segurança. Alguma vez ele já lutou com o medo ou a insegurança? Ele não tinha o hábito de compartilhar seus sentimentos mais profundos. Ela percebeu que ele iria desprezar tais questionamentos. Às vezes, ela ansiava por tocar os cantos escondidos do seu coração — aqueles lugares que ele guardava e escondia com uma facilidade há muito adquirida. Ela desejava conhecer o homem por trás de suas defesas. Ele, porém, nunca se abriu para esse nível profundo de intimidade.

Ela se forçou a sorrir. “Então, como é que você vai pegar esse assassino?”

“Vou começar armando uma armadilha para seu agente em Susã. Sabemos a hora e o local do encontro. Isso já é um avanço vantajoso. Nós vamos capturá-lo e arrancar dele o que ele sabe.”

“Isso parece bem simples.”

Ele esfregou as costas de seu pescoço com a palma da sua mão. “É mesmo.”

De alguma forma, ela ficou ainda menos tranquila com a afirmação dele. “Pelo menos você vai ser capaz de colocar Artaxerxes em alerta. Isso deve protegê-lo do perigo.”

Capítulo 5

Dario se reuniu com Artaxerxes poucas horas depois de chegar em Susã. Graças à sua conexão pessoal com o monarca, ele conseguiu uma audiência privada imediata, um privilégio que poderia levar semanas para a maioria dos oficiais. O rei empalideceu quando ouviu as notícias da parte de Dario. Artaxerxes não estranhava planos de assassinato. Seu próprio pai, o rei Xerxes, tinha sido morto pela traição de Artabanus, o comandante da escolta real.

Se não fosse pela intervenção do grande general Megabizus, Artaxerxes teria caído na mesma trama e estaria ocupando um túmulo real em vez de um trono de ouro. Todos os dias, o rei da Pérsia estava sujeito a uma traição que poderia levá-lo à morte, ou a algum homem ambicioso que poderia desencadear uma rebelião.

Artaxerxes sujeitou Dario a uma intensa, mas silenciosa, análise. Dario sabia que sua lealdade estava sendo verificada. Até que ponto o rei poderia confiar nele? Poderia confiar a ele uma missão importante? A partilha de um grande segredo? Sua própria vida? O fato de que eles eram da mesma família não tinha qualquer relevância. Muitas conspirações perigosas foram tramadas por parentes de sangue de ligação muito mais estreita do que um primo de segundo grau. O que importava para o rei era o coração de Dario. Dario esperava ter provado ser confiável ao longo dos anos. Mas ele também foi honesto o suficiente para reconhecer que não poderia garantir a segurança do rei. Ele poderia deixar de cumprir essa missão, não devido à falta de caráter ou à incompetência sua, mas simplesmente em virtude de circunstâncias imprevistas. Mesmo o plano mais bem preparado poderia dar errado. A responsabilidade pela vida do rei pesava muito sobre ele.

Artaxerxes finalmente quebrou o longo silêncio. “Bem. Meu destino está nas mãos de dois irmãos babilônios desonestos e de um assassino de aluguel anônimo. Só eles podem nos apontar a origem dessa conspiração.”

“Também temos o selo, Vossa Majestade.” Dario se inclinou contra a suntuosa almofada de seu sofá. Suas costelas quebradas estavam lhe incomodando muito após a longa viagem para Susã, e ele não conseguia encontrar uma posição confortável. “Eu duvido que isso vá nos levar à porta

do homem”, continuou ele. “Acredito que ele seja muito cuidadoso para se entregar de uma forma tão óbvia. Um assassino que se dá ao trabalho de tatuar sua carta no couro cabeludo de um mensageiro é mais cuidadoso do que os homens em geral. Contudo, ele ainda nos deixou a pista daquele selo. Sara está investigando sua origem agora.”

A boca do rei suavizou com a menção a Sara. “Sempre disse que deveria ter feito dela uma espiã. Descobrir aquela tatuagem e seu significado não foi nada menos do que genial. Devo dar-lhe um presente a altura.”

Dario inclinou a cabeça em sinal de gratidão. “Vossa Majestade, Nassir e seu irmão agendaram para se encontrarem com o assassino em uma taberna pública amanhã. Eu não tenho homens suficientes em Susã à minha disposição para guardar o perímetro de forma eficaz.”

“Vou informar o capitão da guarda. Você pode escolher quem quiser dos Imortais.”

Os Imortais, a escolta especial do rei, eram famosos por serem mais rápidos, mais perspicazes e mais bem treinados do que qualquer homem de combate que o mundo já viu. O próprio Dario tinha servido uma temporada junto com eles quando era mais jovem.

“Meus agradecimentos, Vossa Majestade. Eu já ia esquecendo. Qual foi a razão original para que Vossas Majestades Reais nos convocassem a Susã?”

Artaxerxes deu um pequeno sorriso. “Senti que você e Sara seriam ambos úteis na corte. Vocês ficaram longe de nós por muito tempo. A rainha e eu apenas sentimos que era tempo de vocês retornarem para cá. No entanto, se não fosse por essa convocação casual, eu poderia ter sido morto no dia de Ano Novo.”

Dario sabia que o sucesso de sua missão estava no elemento surpresa. Se o assassino ficasse desconfiado, ele poderia sumir antes da reunião marcada. Ele precisava de homens que pudessem desaparecer no meio da multidão, homens que não tivessem nenhum problema em parecer com um plebeu normal que frequentava a taberna.

A maioria dos Imortais tinha jeito de soldado profissional — pelos seus corpos musculosos e pela postura militar. Você poderia vesti-los como camponeses, impregnar suas unhas das mãos com sujeira e bagunçar a perfeita ordem dos seus cabelos e barbas ondulados. Mas qualquer homem treinado para o combate seria capaz de detectar doze homens desse tipo

tentando se misturar aos arredores.

Quando o capitão da guarda foi mostrando um genuíno Imortal após o outro para Dario, ele rejeitou todos eles. Ele não estava buscando o melhor Imortal. Estava procurando por homens astutos como raposas. De canto de olho, ele viu um jovem praticando tiro com arco. Suas roupas, enrugadas e longe de parecerem limpas, caíam sobre ele em dobras soltas e negligenciadas. Ele tinha amarrado seu cabelo despenteado com um pedaço de pano cinzento. Dario suspeitava que o homem não se banhava já há alguns dias. Sua aparência, do ponto de vista do capitão da guarda, era nada menos que vergonhosa, Dario sabia. Devido à estreita associação com o monarca, esperava-se que os Imortais tivessem uma aparência tão elegante como a dos cortesãos.

Dario ficou absorvido estudando o jovem. Ele manejava seu arco com uma precisão incomum. A facilidade com que ele soltava suas flechas e as mandava para o centro do alvo parecia negar a dificuldade da tarefa. Tiro com arco era uma das artes mais admiradas dentre o arsenal persa, mas poucos homens conseguiam manejar essa arma com a precisão e a distinção desse jovem soldado.

“Quem é aquele?” Perguntou Dario ao capitão.

“*Mardônio*? Não é digno de sua atenção, meu senhor.”

“Ele é hábil com o arco e flecha.”

O capitão cruzou os braços. “Sua habilidade garante a ele um lugar entre nós. Mas suas maneiras são deploráveis. Um plebeu, como muitos entre os Imortais. Ele, no entanto, se recusa a aprender os modos da corte. Basta olhar para ele!”

“Eu *estou* olhando para ele, capitão. Ele obedece ordens?”

O capitão deu de ombros. “Depende. Ordens relativas à batalha, sempre.”

“Então eu vou levá-lo. E quaisquer outros homens como ele que você tenha.”

Por fim, Dario deixou o campo de prática dos Imortais com onze homens. Nenhum deles teria ganhado o prêmio de melhor oficial de alto escalão. Eles haviam mostrado um talento formidável em áreas diversas de combate, conseguindo ainda desagradar o estabelecimento com seus modos de agir peculiares. Como tal, eles nunca tinham recebido a oportunidade de ascender a posições de posto elevado ou executar o tipo de serviço sensível e crucial

que Dario tinha em mente.

Ser escolhido como parte de uma importante missão era uma experiência nova para esses homens. Dario sabia que ser escolhido a dedo por ele — ser considerado digno de um líder respeitado — já estava deixando uma marca neles. Ele apostaria um mês de seu salário de militar que eles estavam explodindo de vontade de provar que confiar neles valeria a pena. Depois de anos de rejeição, um superior os havia visto. Um superior os havia solicitado. Dario entendeu que havia conquistado o coração e a alma deles. Ele precisava desse comprometimento. Havia muita coisa em jogo para se contentar com menos do que um serviço feito com todo o coração.

Ele levou os homens à sua própria mansão, construída nos arredores de Susã. Durante uma hora, repassou com eles os detalhes de suas atribuições. Em seguida, ele os apresentou a Niq e Nassir, que também eram seus convidados, embora prisão domiciliar fosse uma descrição mais adequada para o confinamento deles.

Os outros três irmãos babilônios eram hóspedes do rei no palácio real — um meio de garantir a cooperação de Niq e Nassir. Os irmãos juraram fidelidade ao rei e prometeram fazer tudo que pudessem para descobrir a identidade do homem por trás dessa trama, mas Dario preferiu ter cautela para não se arrepender. Mesmo acreditando neles, reconhecia a possibilidade de estar errado sobre a inocência dos irmãos.

Dario tinha passado quase uma hora instruindo Niq em particular enquanto cavalgavam em direção a Susã. Ele franzia o cenho, pensativo ao recordar essa conversa.

“Onde você aprendeu a lutar assim?” O rosto estreito de Niq se iluminou. “Você gostou?”

“Não naquele momento. Eu nunca vi nada parecido. Não é treinamento da Babilônia.”

“Você notou.”

Dario ignorou o sarcasmo. “Onde então?”

“Não é tanto onde, mas com quem.”

Dario soltou seus pés do confinamento de seus estribos, a fim de esticar as pernas. “Quem?”

“Quando eu era mais jovem — nove, talvez, ou dez — meu pai trouxe para casa um homem estranho. À beira da morte, ele permaneceu inconsciente por

dias. Ele havia sido atacado por um grande bando de ladrões durante a viagem e os bandidos acharam que ele estava morto. Minha mãe disse que a quantidade de ossos quebrados e hematomas que ele tinha era maior do que a quantidade de penas de uma galinha. Por algum milagre, ele sobreviveu aos ferimentos graves.

Ele tinha uma aparência estranha para mim, com estranhos olhos exóticos e uma composição rígida que parecia enganosamente pequena. Ele disse que veio de uma terra distante chamada China. Seu país tinha sofrido uma grande guerra e ele havia sido banido, eu acho. Ele nunca nos contou sua história completa.”

“Ele ensinou você a lutar?” Dario supôs.

“Certo. Seu povo conhecia uma maneira totalmente nova de combate. Meus irmãos eram muito velhos, disse ele, para se tornarem hábeis nesses novos métodos. Mas ele declarou que eu tinha um talento satisfatório e era jovem o suficiente para ser moldado.”

“Quanto tempo levou para ele treiná-lo?”

“Anos! Não é apenas o corpo que necessita ser treinado.” Ele deu um toque na testa com suas mãos atadas. “Você começa aqui.” Passou a mão para o peito. “Então, vai para o seu coração. Seu corpo segue.”

Com uma pressão sutil de sua coxa, Dario cutucou seu cavalo para trazê-lo mais perto. “Onde está esse homem agora?”

Niq deu um toque irônico aos seus lábios. “Seu palpite é tão bom quanto o meu. Um dia ele estava lá. No dia seguinte ele desapareceu como fumaça.” Ele fez seus dedos da mão se torcerem enquanto os levantava, uma façanha impressionante dado o aperto da bandagem em torno de seus pulsos.” Contudo, ele me deixou sua vara. Isso foi um presente especial que vou carregar. Você experimentou a sua potência mais cedo.” Ele apontou o queixo para o rosto ferido de Dario e sorriu.

Dario tocou seu rosto machucado cautelosamente. Quis saber como o convencido jovem babilônico que cavalgava ao seu lado havia sobrevivido tanto tempo quanto ele viveu, mesmo com sua língua irritante. Novamente, não muitas pessoas poderiam vencê-lo em uma luta.

“Eu poderia ser capaz de conseguir uma suspensão de sua punição se você concordar em ensinar alguns de nossos homens suas técnicas de combate.”

“Qual é o pagamento?”

“Sua vida. Interessado?”

Niq e Nassir responderam as perguntas dos novos membros recrutados, acrescentando tantos detalhes úteis para esclarecer os questionamentos de Dario quanto podiam. Depois de enfatizar a necessidade de sigilo, Dario deixou somente uma coisa final para fazer em sua preparação para o confronto vindouro.

Ele encontrou seu amigo Lisandro em seu refúgio habitual na Susã — uma taverna de má reputação com um compartimento secreto de bom vinho. Dario permaneceu às sombras da entrada e estudou seu amigo.

Lisandro era um espartano de nascimento, criado para a guerra desde a infância, e musculoso de anos de treinamento intenso. Seu longo cabelo loiro se espalhava sobre ele num emaranhado desorganizado. Perante ele estava posta uma taça de vinho pela metade, que não era a sua primeira do dia, a julgar pela postura relaxada dos ombros largos e a forma como se encostavam contra a parede áspera. Os seus dedos, com cicatrizes, estavam engajados em esculpir uma estátua delicada em um bloco de madeira suavemente colorida. Dario não conseguia imaginar qual seria a forma, mas sabia pela grande experiência que quando seu amigo completasse a escultura, seria um objeto digno dos aposentos reais.

“Bem. Você vai ficar aí para sempre, Dario Pasárgada, de boca aberta? Ou você vai mostrar alguma educação e parar de se esconder e me cumprimentar?”

Dario sorriu. “Você sempre teve a visão de um chacal. Como sabia que era eu?”

Lisandro puxou ar pelo nariz. “Você fede a especiarias da corte. E eu poderia ver o brilho de seu adorno de ouro a *quilômetros* de distância. Além disso, o sol brilhou em você por um momento e eu vi o seu rosto.”

Dario sentou em frente a seu amigo sobre um raquítico banquinho de madeira. Colocando o pé na borda da mesa, ele levantou as duas pernas dianteiras do banco, inclinando-se para trás. “Eu estive com o rei mais cedo. Tenho uma missão real para você.”

“Argh. Da última vez que recebi uma missão real eu quebrei meu nariz.” Ele tocou o órgão afetado com o dedo indicador, traçando a ligeira torção que deformou o que antes apresentava uma forma perfeita.

“Você quer saber qual é a missão ou tentar descobrir por si mesmo?”

Lisandro tomou um bom gole de seu vinho. “Com certeza quero saber. Entretenha-me.”

Quando Dario terminou de falar, Lisandro empurrou o seu copo e deixou de lado sua escultura. “Você nada em águas perigosas, Dario.”

“Vai se juntar a mim ou não?”

“Preserve sua barba, persa. Claro que vou juntar-se a você. Eu estava apenas fazendo uma observação.”

A taberna — Pardis — tinha recebido esse nome em alusão aos exuberantes jardins persas que pareciam ser o paraíso para os visitantes. Havia um par de vasos com violetas amarelas caídas sobre as paredes descascadas da taverna, mas, além disso, Dario não conseguiu encontrar qualquer outra semelhança com os jardins formais.

Ele já tinha supervisionado o lugar e dirigido cada um de seus homens para as respectivas posições designadas. Os homens se misturaram bem com a multidão que se reunia nos cantos escuros de Pardis, bebendo vinho barato e conversando de forma barulhenta. Havia uma entrada e uma porta nos fundos. O exame do local deveria ser simples.

Eles estavam adiantados em mais de uma hora. Dario, ciente de que seu alvo poderia ter tomado a mesma precaução, estudou o local à procura de sinais de perigo. Niq e Nassir entraram juntos e sentaram-se numa almofada rasgada disposta contra uma parede. Dario se posicionou em um canto escuro de frente para os irmãos. Eles colocaram um saco imundo diante deles sobre o chão de terra. Ele lhes tinha dado o saco como um esconderijo para a caixa de marfim, que continha o punhal. Em um lugar como Pardis, uma caixa de valor inestimável chamaria tanta atenção quanto a adaga adornada com joias que descansava confortavelmente dentro dela.

Perto do horário do encontro, um homem magro aproximou-se dos irmãos. Sem convite algum, ele se sentou com movimentos espontâneos. Dario podia sentir os homens de sua equipe tensos como um arco retesado. No entanto, ele conteve o sinal para o ataque desejando ter certeza de que não era um alarme falso. Se eles capturassem o homem errado, o homem certo, onde quer que estivesse, desapareceria sem ser detectado.

O ruído na taverna tinha aumentado numa crescente, impedindo-o de ouvir a conversa entre o homem e os irmãos. Dario o estudou minuciosamente, procurando pistas sobre sua identidade. Poderia ser um soldado; ele tinha o

jeito de um — a facilidade em se movimentar, o corpo atlético. Lentamente, o homem pôs a mão dentro de sua roupa de cima para pegar algo. Dario se endireitou, pronto para dar um salto. Mas o homem apenas retirou um punhado de moedas e fez um gesto em direção a um alfinete sobre o ombro de Nassir. Nassir balançou a cabeça. Com um movimento sutil de olhos e pescoço, ele mudou a direção de seu olhar de modo a englobar Dario. Em seguida, ele balançou a cabeça novamente.

Alto o suficiente para que Dario pudesse ouvir, ele gritou: “Eu disse que foi meu pai quem me deu, e eu não quero vendê-lo. Agora, leve seu dinheiro embora e nos deixe em paz. Meu irmão e eu não queremos companhia.”

O homem respondeu com um gesto rude e se levantou. Dario acenou para dois de seus homens, indicando que eles deveriam ficar de olho nele. Havia a possibilidade de que Nassir e Niq o tivessem traído — que este *era*, afinal, o assassino e que os irmãos tivessem de alguma forma alertado o assassino. O homem deixou a taberna rapidamente, sendo seguido pelos guardas de Dario. Agora ele tinha dois homens a menos.

Dario retomou a sua guarda. Lisandro, com seus cabelos brilhantes escurecidos com óleo e penteados para trás, sentou-se à direita dos irmãos, vigiando a entrada, bem como Niq e Nassir. Ele tinha um truque interessante de encurvar o seu corpo grande para parecer corcunda, o que o fazia parecer menor e inexpressivo. Apesar de sua aparência chamativa, ele conseguia se fazer invisível em qualquer multidão.

Com um movimento casual, Lisandro levantou a palma de sua mão e a esfregou no nariz. Dario ficou tenso. Este tinha sido o sinal acordado entre eles para indicar uma situação suspeita.

Um outro homem se aproximou dos babilônios. Ele era alto e se portava com um ar típico da nobreza. Suas roupas, embora simples, eram feitas de pano fino. Não havia manchas de suor. Sem reparos. Ele fez um exame furtivo do local. Ele tinha olhos inteligentes, pensou Dario. Por um momento, aqueles olhos repousaram sobre ele. Dario enterrou a cabeça em seu copo, deixando o cabelo cair sobre o seu rosto. No momento seguinte, quando ele levantou a cabeça, o homem estava sentando-se com os irmãos.

Um arrepio fez cócegas na nuca de Dario. A convicção de que ele estava olhando para sua presa o tomou. *Espere. Espere*, ele exigia de si mesmo precaução.

O homem apontou para a cabeça de Niq e disse algo. Niq passou a mão pelo cabelo curto e encolheu os ombros. O homem então apontou para o saco. Nassir se inclinou para frente e sussurrou no ouvido do homem. No vai e vem do ruído na taberna, vários momentos de silêncio ocorreram no recinto. Durante o relativo silêncio, Dario podia ouvir a voz do homem, acentuada com um tom gutural que ele não conseguia reconhecer.

“Você me trouxe o pacote?” perguntou ele, e fez um gesto para o saco novamente. Nassir hesitou e, em seguida, empurrou o saco em direção a ele. O homem rasgou o saco e o abriu. Sem extrair a caixa de marfim à vista de todos, abriu a tampa e examinou o punhal.

Dario deu o sinal para a sua equipe, que desceu sobre ele em um círculo de ameaça proposital. O homem viu a traição instantaneamente. Ele xingou, saltando para longe dos irmãos, com o saco ainda na mão. Dario pegou velocidade, indo em direção ao homem, mas um homem bêbado se chocou contra ele, retardando o seu progresso por uma fração de momento. Ele empurrou o bêbado de lado, ganhando velocidade mais uma vez bem como uma visão livre. Então ele viu o brilho do punhal.

Sua presa não tinha nenhuma chance de forçar uma saída, independente de suas habilidades, Dario pensou. As chances estavam contra ele. Mas ele não conseguia silenciar um incômodo pressentimento. Ele observou Niq assumir uma postura de batalha, avançando cautelosamente para frente.

E, então, aconteceu o impensável. O homem não lutou. Ele virou o punhal e, num piscar de olhos, antes que qualquer um deles pudesse alcançá-lo ou ter esperança de desarmá-lo, levou a sua borda afiada contra o seu próprio pescoço. Niq estava mais perto dele e, em seguida, Dario e Lisandro. Dario puxou a adaga de seus dedos que ainda a seguravam e deitou-o no chão.

Tinham chegado tarde demais. Com precisão experiente, a presa tinha cortado uma artéria. Ondas copiosas de sangue esguichavam da ferida auto-infligida e se empoçavam no buraco em seu pescoço, transbordando para o chão de terra.

“Quem?” Dario gritou numa raiva impotente. “Quem te mandou? Um nome. Dê-me um nome e eu vou cuidar de sua família.”

Reunindo o que restava de sua força, o homem moveu os lábios. Não era para falar. Ele cuspiu no rosto de Dario e depois ficou imóvel.

Capítulo 6

A multidão começou a se reunir como moscas em torno de carniça fedorenta. “Livrem-se deles,” Dario disse a um de seus homens. Seus lábios mal se moviam. O choque o tomou. Obrigou-se a tirar a sua concentração do homem morto, tentando salvar o que podia dos destroços da missão.

“Leve-o para fora e o coloquem no carrinho. Vocês três, fiquem aqui e vasculhem esta área. Talvez, antes de se matar, ele tenha descartado algo que possa revelar a sua identidade. Olhe sob as almofadas onde eles estavam sentados. Examine cada esconderijo mesmo que improvável.”

Fora da taberna, ele se dirigiu a Niq. “Como pôde deixá-lo fazer isso? Você estava muito mais perto dele do que eu. Por que não o deteve?”

Niq ficou vermelho. Ele passou uma mão pelo rosto, sua expressão contida. “Peço perdão, meu senhor. Eu pensei que ele estava se preparando para lutar. Pensei por um momento, calculando como derrubá-lo sem o ferir. Nunca pensei que ele iria usar o punhal em si mesmo.” Sua boca abria e fechava como a de um peixe. “Eu sinto muitíssimo, meu senhor.”

Se não estivesse tão horrorizado com os acontecimentos dos últimos minutos, Dario teria apreciado a primeira vez em que Niq demonstrou humildade. Em vez disso, ele tentou determinar se o jovem babilônico estava encenando. Na verdade, a leitura de Niq sobre a situação tinha sido idêntica à sua própria. O suicídio não tinha figurado em sua mente. Na expressão e nas palavras de Niq Dario viu um reflexo de seus próprios sentimentos. Vergonha. Fracasso. Choque.

Apesar de sua convicção de que o garoto era inocente do delito, virou-se para dois de seus homens e mandou que eles revistassem Niq e Nassir para garantir que eles não estavam escondendo nenhuma mensagem secreta do assassino. Os irmãos nada disseram, mas ele viu que eles se sentiram ofendidos por esta ordem, que colocava a integridade deles em questão.

“É para o próprio bem de vocês”, disse Dario. “Desta forma, ninguém pode acusá-los de crime mais tarde.” Suas palavras pareciam tê-los acalmado.

Ele deu ordens aos quatro dos Imortais restantes. “Voltem para dentro e entrevistem o proprietário. Vejam se o nosso homem chegou a pé ou a

cavalo. Recolham o cavalo, caso ele tenha chegado em um. Descubra se ele já esteve aqui antes.”

Ele jogou um punhado de moedas de ouro para Mardônio. “Descubra se alguém lá o conhecia. Talvez alguém possa ter notado, pelo menos, de que direção ele veio hoje.”

Apontando para Lisandro, Dario foi para o carrinho onde eles tinham colocado o homem morto. Ele era jovem — não tinha saído ainda da casa dos vinte. Olhos pretos como que de vidro miravam o céu nublado sem o ver. Dario não os fechou. “Você notou o ódio em seu rosto quando eu lhe disse que iria cuidar de sua família se ele me fornecesse um nome? Ele gastou o restante de sua escassa força para cuspir na minha cara. Isso não é o ato de um profissional isento.”

“Pensei o mesmo. Pode ser que ele odiasse oficiais persas em geral. Há muitos homens que guardam rancor contra o seu império.”

Dario se inclinou mais para o carrinho até que o rosto morto do assassino ficasse a apenas um palmo de distância. A barba do homem tinha sido cuidadosamente aparada e cacheada. O aroma de madeira de sândalo ainda permanecia em seu cabelo, agora se misturando com o odor de sangue. Tudo, desde seus caros sapatos de couro até sua pele limpa, indicava que ele tinha sido um homem de certa riqueza. “Verdade. Mas, a menos que ele não tenha família, é preciso muito ódio para recusar proteção para aqueles que você ama quando se sabe que não vai estar mais presente para fornecê-la por si mesmo.”

Ele ergueu a mão do homem e examinou as unhas bem cuidadas mais de perto. “Ele não é um assassino típico, você tem que admitir. Devemos revistá-lo melhor e ver se conseguimos descobrir segredos a partir do seu cadáver. Ele certamente se recusaria a divulgar qualquer coisa enquanto vivesse.”

Como Dario esperava, o homem não carregava nada consigo que sugerisse sua identidade. Ele tinha um punhal com uma lâmina de bronze e uma alça de madeira lisa escondido em seu cinto. Bom o suficiente para cravar na barriga de um inimigo. Demasiadamente genérico para ser útil para os propósitos deles. Mil homens poderiam possuir uma arma semelhante. Suas roupas, novas e imaculadas, nada escondiam, nem mesmo uma moeda que poderia revelar uma localização por meio do local onde havia sido cunhada. Ele não

usava joias e não carregava um selo. O homem era como uma tábua de argila em branco.

Eles o desnudaram, camada por camada, até que o deixaram nu. De repente, Dario ficou imóvel. “Ele tinha um gosto estranho por tatuagens para alguém que odiava o império.” Ele apontou para o braço do homem. A imagem estilizada de um falcão com as asas abertas, o sol brilhando acima dele, havia sido tatuada com tinta preta na carne de seu bíceps. Foi um dos símbolos oficiais que Ciro, o Grande, havia adotado para representar o seu governo sobre a Pérsia. Os herdeiros de Ciro continuaram a usar o falcão de asas abertas por gerações. Artaxerxes ainda o utilizava em algumas de suas bandeiras.

Lisandro franziu a testa. “Uma marca real, simbolizando Aquêmenes, o ancestral do rei Ciro e seu próprio antepassado, se eu estou correto. Por que ele teria em seu corpo um símbolo real persa, apesar de ter cuspidido num oficial persa?”

“Existem segredos profundos em questão aqui. Quanto mais eu sei, menos eu entendo.”

Eles cobriram o corpo, colocando as roupas e o punhal em um saco separado, com a intenção de estudá-los mais uma vez quando voltassem para casa. Os Imortais que haviam sido enviados para procurar por pistas escondidas voltaram de mãos vazias. Dario estava desapontado com o que ocorreu. Então, Mardônio veio correndo.

“Eu tenho uma pista, meu senhor. Um dos clientes veio de sua casa para cá. Ele disse que viu o nosso homem em parte do caminho, andando em direção à taberna.”

“Em que direção?”

“Para o sul, meu senhor.”

“Bom trabalho.” Dario disse, tentando soar calmo. “Você pode nos levar para o lugar onde ele foi visto pela primeira vez?”

Dario e Lisandro seguiram Mardônio, deixando para o restante dos homens a tarefa de guardar o corpo e os irmãos babilônios. Mardônio caminhou por uma estrada estreita, com muros altos de ambos os lados. Ele deu várias voltas, chegando a uma estrada ainda mais estreita repleta de pequenas casas, que se uniam pelas paredes compartilhadas em ambos os lados.

“Aqui é onde mora nossa testemunha,” Mardônio indicou uma pequena

casa com uma cortina marrom no lugar da porta. “Quando ele saiu de sua casa, algumas horas atrás, ele viu o nosso homem caminhando a passos largos mais à frente na estrada. Ele lembra-se dele porque, apesar de suas roupas serem simples, elas pareciam novas e de boa qualidade. Ele disse que o homem exibia um porte real.”

“Será que ele foi direto para Pardis? Não parou em nenhum lugar no caminho?”

“Em nenhum lugar, meu senhor.”

Dario olhou em volta. “Então, a fim de sair de seus aposentos e ir para Pardis, ele teve que caminhar por essa estrada. Mardônio, pegue quatro de seus companheiros e faça uma busca nesta área. Vá de casa em casa e pergunte se alguém alojou o nosso homem ou o viu ao longo das últimas semanas. É possível que ele tenha alugado um quarto ou uma casa em algum lugar próximo de um dos moradores. O dono do local provavelmente não tem ideia de que estava abrigando um criminoso. Mas, se encontrarmos seus aposentos, podemos descobrir alguma evidência entre os seus pertences. Lisandro e eu vamos interrogar as pessoas que moram nessa estrada. Você e os outros devem conferir as estradas e vielas ao leste e oeste.”

Mardônio correu para a tarefa. Lisandro coçou seu queixo quadrado. “Pensei em algo. Em dois dias, os representantes das províncias trarão seus tributos ao rei por conta do Ano Novo. Deve haver uma lista oficial. Se este bastardo filho de um jumento iria oferecer um presente em nome de uma determinada província, saberemos de onde ele é em virtude de sua ausência.”

“Bem pensado. É melhor começarmos a nossa busca, então. Precisamos de todas as informações possíveis.”

Dario perdeu a conta do número de residentes que interrogaram. Vários deles lembravam ter visto o homem no mês anterior, mas não conseguiam lembrar a localização de seus aposentos. Nem tinham visto ele se comunicar com qualquer pessoa em particular. Foi uma menina — jovem o suficiente para ainda ser solteira porém com idade suficiente para já ter descoberto a emoção de falar com alguém do sexo oposto — que finalmente lhes forneceu uma direção sólida. Dario não revelara que o objeto de sua busca agora estava morto no fundo de um carrinho. Ao invés disso, ele deu a entender que queria encontrá-lo a fim de lhe dar boas notícias.

“Eu sei de quem você está falando,” disse ela, tentando ajeitar seu cabelo,

brincar com seus brincos longos, e rir ao mesmo tempo. “Sempre limpo e com cheiro de perfumes exóticos. Alguém muito agradável para conversar.”

“Você falou com ele?” Dario tentou esconder sua impaciência e sorriu para ela com um calor convidativo que ele, na verdade, não sentia.

“Certamente. Ele me elogia toda vez que me vê.”

Lisandro se inclinou para frente, encarando a menina num olhar azul tão intenso que ela corou. Pobre criança, Dario pensou, com a consciência meio pesada. Ela não tinha chances com dois homens que poderiam encher uma sala de mulheres da aristocracia no estalo de um dedo.

“E por que ele não a elogiaria?” Lisandro disse. “Uma menina bonita assim. Olha o tamanho desses olhos. Um homem poderia se afogar neles.”

Mais risos. Dario revirou os olhos. “Ele disse seu nome para você?”

“Aquêmenes.”

A espinha de Dario gelou. “Você tem certeza disso?”

“Claro. Não é um nome que eu iria esquecer, soando tão nobre e tudo mais. Ele é um homem importante, tenho certeza disso, embora ele nunca se gabe.”

“Será que ele tem amigos? Alguém em particular com quem fala ou com quem passa algum tempo?”

“Não aquele. Ele gosta de se manter reservado.”

“Você sabe onde ele mora?”

“O que você quer dizer com isso? Eu nunca visitaria a casa de um homem solteiro.”

“Eu não quis ofender. Apenas, visto que vocês são amigos, pensei que talvez ele tivesse informado a você.” Dario sabia que Aquêmenes — se esse fosse o seu verdadeiro nome — nunca revelaria a localização de seus aposentos a uma mulher jovem qualquer com uma língua solta. Seu homem podia ter um gosto por flerte, mas isso não faria com que se descuidasse. No entanto, Dario não se surpreenderia se a menina o tivesse seguido com um olhar inquisitivo, determinada a descobrir por si mesma.

Ele não foi desapontado. Dez minutos mais tarde, ele e Lisandro estavam dentro da modesta casa que o homem havia alugado enquanto estava em Susã. Eles acenderam uma lâmpada e começaram uma busca minuciosa, nada poupando em seu zelo por desenterrar os segredos do homem.

Enquanto enfiava a mão dentro de um travesseiro e, então, em outro, Dario ventilava suas perguntas. “Aquêmenes? Um nome persa com certeza, e muito

nobre. Um dos líderes da tribo Pasárgada. Eu acredito que Xerxes nomeou um de seus filhos assim também. Mas o nosso homem não veio da Pérsia; ele falava com um sotaque estrangeiro. Ele chegou aqui com o propósito expresso de matar o rei. Como poderia ele se chamar Aquêmenes? Ele deve ter adotado esse nome.”

“Porém, novamente, tem aquela tatuagem.” Lisandro vasculhou uma cômoda com alguns pertences. “Um estrangeiro que é persa e odeia a Pérsia. Um admirador da dinastia aquemênida que planeja matar o rei. Que enigma.”

“Isso me dá uma dor de cabeça. Artaxerxes vai ter um acesso de raiva quando souber que o homem está morto e eu não tenho nenhuma boa pista para seguir.” A frustração transbordava. Com uma violência atípica, Dario socou a parede no lugar acima de onde Aquêmenes dormia. A parede era feita de tábuas finas e baratas. Soou oco. Dario chupou os nós dos dedos machucados, pensativo, antes de bater em outra prancha longa com uma batida de sondagem.

“Quem quer que tenha colocado estas placas fez um trabalho malfeito e deixou um espaço entre elas e a parede exterior. Se eu fosse esconder alguma coisa, iria usar o outro lado de um desses painéis.” Ele continuou a andar pela sala, batendo contra as tábuas, com Lisandro fazendo o mesmo na direção oposta.

Dario saltou para trás quando uma prancha longa de madeira balançou e quase o atingiu no queixo. Então seus olhos se brilharam. “Finalmente!”

Ele pescou uma bolsa de couro e um pequeno frasco de dentro da cavidade escondida atrás da placa. Levantando a tampa do frasco, ele cheirou. “Veneno,” disse ele, com um voz austera. “Isto é o que ele pretendia usar no punhal.”

Com um movimento rápido, ele puxou a cinta de couro que fechava a bolsa e despejou o conteúdo dela na palma da mão. Moedas de ouro. Dario soltou um suspiro profundo e sorriu. Aqui, finalmente, estava a pista que ele estava procurando. Essas moedas poderiam levá-lo para o local onde a trama se originou.

O Império Persa permitia que as nações sob o seu controle fossem governadas por suas próprias leis, cunhassem suas próprias moedas, falassem suas próprias línguas, e praticassem suas próprias religiões. Enquanto cada província pagasse seu tributo anual em tempo hábil, todos estariam bem. Os

persas tinham provado ser muito generosos em seu domínio. As diferentes províncias do império desfrutavam de uma grande dose de liberdade, mantendo suas tradições e costumes únicos.

As moedas do Império Persa eram, portanto, não uniformes. Dependendo de onde elas fossem cunhadas, traziam consigo uma variedade de imagens. Assim, as moedas que Dario tinha encontrado o levaram um passo mais perto do autor intelectual da trama. O homem que tinha planejado matar o rei provavelmente pagou por seu assassinato com moedas locais.

“Fenícia?”, Lisandro chutou.

“Não tenho certeza. Sara vai saber.”

“Sua esposa?”

“Sim. Ela era a escriba sênior da rainha antes de se casar comigo e é uma fonte de informação surpreendente.”

“Ah. Estou ansioso para conhecer essa mulher prodigiosa. Você a deixou de fora disso por muito tempo. Vamos terminar nossa busca, recolher nosso cadáver e tomar o rumo da sua casa. Tem comida naquela grande mansão de vocês? Cadáveres me deixam faminto.”

Capítulo 7

Primavera, Susã

O sátrapa de Além do Rio”, declarou Sara enquanto examinava as moedas. “Se eu tivesse que adivinhar, diria que essas moedas foram cunhadas em Damasco, a principal cidade da Síria.” Eles se reuniram na sala de jantar e se acomodaram em confortáveis almofadas em torno de uma mesa baixa de prata e ouro. Uma fragrância tentadora de ervas e especiarias enchia a sala. Sara, preocupada com sua busca, esqueceu-se de se oferecer para servir os homens.

Quando levantou a cabeça, viu Pari, sempre mais consciente das necessidades sociais do que sua patroa, preenchendo a lacuna deixada ao encher a mesa com iguarias de dar água na boca em pratos de ouro para Dario e seu amigo. Ela sorriu para sua serva antes de voltar seu foco para seu marido e Lisandro.

Eles tinham vindo diretamente de um dia exaustivo, e não tiveram tempo de se trocar. As roupas de ambos estavam esfarrapadas e mal ajustadas, como que se tivessem pertencido a outros homens antes. O cheiro agarrado às dobras de tecido surrado sugeria que os proprietários originais das vestes não se importavam muito com questões de limpeza. Sara tentou ignorar as manchas de sangue nos joelhos e peito de Dario, sabendo que pertenciam ao assassino morto.

Apesar de suas vestes horripilantes, do suor que se agarrou a seus rostos cobertos de sujeira e do ar de descrédito que eles próprios adquiriram para si, os dois homens ainda portavam uma imagem impressionante. A beleza masculina da pele morena de Dario contrastava com a beleza loira de Lisandro. Dario era alto e de silhueta ondulada por músculos estreitos, enquanto Lisandro era largo e de estatura média. Por trás de seus disfarces e do tremendo vigor físico que os trapos não conseguiam cobrir, Sara percebeu que eles estavam cansados até os ossos.

“Então, agora vocês têm um nome e um local. Isso é um bom começo,” disse ela.

“Ele pode ter dado um nome falso”, disse Dario. “Precisamos de pistas mais específicas que esta se quisermos encontrar a identidade desse homem.

E o selo? Encontrou algo significativo em relação a ele?”

Sara olhou para baixo. “É decepcionante, sinto muito. O propósito de um selo é revelar a identidade do remetente, estabelecendo assim a autenticidade da mensagem a ser enviada. Neste caso, eu penso que eles criaram um selo para *cobrir* sua identidade. É totalmente anônimo, até onde posso perceber.”

“Tinha o objetivo de ser reconhecido somente por alguns, sem dúvida. Um grupo secreto que iria conhecer o remetente por seu selo secreto.” Dario pousou o copo.

“Precisamente. Eu encontrei um pequeno fragmento de lápis-lazúli na cavidade da cera, o que sugere o material do qual o selo é feito. Não é um material raro o suficiente para nos apontar para um local particular. Mas se usam selos de lápis-lazúli em Damasco, o que apoia a hipótese da localização. O estilo das palmeiras também se encaixa bem. Acho que devemos começar nossa busca por lá.”

“É melhor você me devolver o selo se tiver terminado com ele. O rei pode enviar agentes a Damasco para tentar descobrir o artista que o fez.”

Lisandro pegou outro pedaço de carne de veado assada. “Sabemos que esta conspiração tem sua origem no alto escalão. O fato de que o nosso assassino estaria levando presentes ao rei no dia de Ano Novo sugere que o plano para matar o rei poderia ter se originado com um governador ou mesmo alguém de cargo tão elevado quanto um sátrapa. Quem é o sátrapa de Trans-Eufrates nos dias de hoje?”

“Megabizus,” disse Dario.

“Megabizus, aquele que é cunhado do rei? Aquele bode velho? Ele deve estar com cerca de 80 anos de idade agora. Ele é tão velho quanto o pai do rei, Xerxes.”

Sara se inclinou para frente enquanto se lembrava de uma velha fofoca que corria pelo palácio. “Não houve um escândalo envolvendo Megabizus e seus filhos há muitos anos atrás? Pelo que me lembro, eles se levantaram em revolta contra Artaxerxes.”

“Sim, eles fizeram isso,” disse Dario. “Daí, o rei negociou um perdão incondicional para ele. Artaxerxes ama aquele velho. Megabizus não apenas salvou sua vida décadas atrás, como também garantiu o trono de Artaxerxes depois que seu pai foi assassinado. Artaxerxes não é um homem de esquecer esse tipo de serviço.”

Sara limpou a garganta. “Talvez Megabizus tenha decidido jogar de volta o perdão na cara do rei. Talvez a causa principal da revolta não tenha sido resolvida.” Acusar o cunhado e general favorito do rei de traição, mesmo na privacidade de sua casa, não era um assunto leve. Mas se a vida do rei tinha que ser protegida, todos os ângulos precisavam ser examinados com cuidado.

Dario baixou as sobancelhas. “É uma boa teoria. Ela se encaixa o suficiente nos fatos de nosso caso para merecer um acompanhamento cuidadoso. Ainda assim, alguma coisa me incomoda. Megabizus não é um homem que iria recorrer a veneno. Seria mais do seu feitio se levantar novamente em rebelião aberta.”

“Talvez ele esteja muito velho para revoltas, mas continue vivo o suficiente para guardar rancor,” disse Sara. “Veneno pode ser a arma escolhida quando não mais se pode empunhar uma espada.”

Dario colocou a palma de uma de suas mãos contra o seu lado, estremecendo. Sara lembrou-se de suas costelas quebradas, e percebeu que as atividades físicas do dia devem ter colocado uma pressão adicional sobre o seu corpo ferido. Ela gostaria de poder fazê-lo descansar, mas sabia que ele iria resistir à sugestão. A proximidade de sua audiência com o rei pesava muito em sua mente. Sara suspeitava que ele lamentava ter falhado com seu monarca ao permitir que o homem morresse.

Quando ele chegou em casa, ela tentou confortá-lo. Em vez de se abrir, ela sentiu que ele recuou para trás de um muro, escondendo suas emoções. Ela se sentiu excluída e não bem-vinda. Ele a tinha procurado porque confiava no seu conhecimento, mas seus sentimentos estavam trancados, longe dela.

“Há muito mistério. Temo pela segurança do rei,” disse ele, afastando seu prato cheio.

“Vamos olhar para as coisas de um ângulo diferente”, disse ela. “Vamos examinar o caminho que nos conduziu até aqui.

Se o rei e a rainha não tivessem decidido nos convidar a Susã no momento em que o fizeram, e se a carta da rainha não tivesse demorado devido a um erro, você e eu não estaríamos naquela estrada exatamente no momento em que os irmãos babilônios estavam viajando. Além disso, se você não tivesse escolhido cavalgar com menos homens do que de costume — cinco, incluindo você — Nassir nunca teria nos atacado. E se o sol não tivesse brilhado no ângulo certo, eu provavelmente não teria percebido as tatuagens

na cabeça de Níq. Pense em quantos detalhes tiveram que se encaixar para que nós interceptássemos o plano de assassinato.”

Com um movimento tímido, Sara se esticou para o outro lado da mesa e colocou a mão sobre a dele. “Você não acha que nós fomos destinados a descobrir esta trama? Se for esse o caso, então talvez nós estejamos destinados a resolvê-la também.”

Os cílios de Dario se abaixaram para esconder sua expressão. Com um movimento suave, ele desvencilhou sua mão da de Sara. “Eu não acredito em seu Deus, Sara. Essas coisas foram meras coincidências, não intervenção divina. Se eu quiser proteger o rei, preciso colocar o meu foco no trabalho árduo e em um planejamento inteligente. Eu não posso depender da ajuda do seu Deus.”

Dario teve um sono conturbado, se revirando na cama com dor física e estresse mental. Com algum desconforto, ele se lembrou de suas palavras duras ditas a Sara. Ela só estava tentando ajudar. De certa forma, ele desejava ter sua fé. Iria lhe trazer uma medida de paz. Ele tinha passado tantos anos fugindo do Deus de sua mãe que essa fuga já havia se tornado instintiva. Dario sabia que o caminho mais rápido para desagradar seu pai estava em seguir o Deus judaico. Ele tinha tomado a decisão de se afastar dessa parte de sua herança há muito tempo. Quando sua mãe estava perto da morte e passava horas cativando-o com contos sobre a fidelidade e o amor de seu Deus, ele sabia que teria que escolher entre o mundo dela e aquele em que ele cresceu. E tinha feito sua escolha. O mundo de seu pai em vez do mundo de sua mãe. E agora o de sua esposa. Não voltaria atrás nessa decisão.

No início da manhã, ele tomou o rumo do palácio de Artaxerxes para a audiência que temia. A resposta suave do rei veio como uma surpresa. Dario esperava frieza. Descontentamento aberto. Até mesmo um acesso de raiva real. Em vez disso, Artaxerxes, mais pálido do que o habitual, ouviu com seriedade e fez perguntas profundas e inteligentes, como Dario esperava dele.

“Megabizus?” ele perguntou, quando Dario fez a conexão. “Eu não acredito nisso. O homem salvou a minha vida e meu trono quando eu era apenas um rapaz. Por que você suspeita dele?”

“Ele já se levantou em revolta contra você uma vez, Vossa Majestade.”

“Esses dias já se foram. Ele estava zangado com a minha mãe por ela se intrometer em seus negócios, e comigo por não impedi-la. Essa revolta foi

uma anomalia na vida de um homem que passou os seus dias servindo ao império e seus reis. Servindo-me.” Ele pegou uma gorda uva roxa do talo e brincou com ela antes de devolvê-la ao prato. “Que outra evidência você tem contra ele?”

“Como o sátrapa de Trans-Eufrates, ele vive em Damasco e usa moedas sírias.”

“Ele vive em Damasco há alguns anos. Embora ele permaneça como sátrapa no nome, outros fazem o trabalho. Ele não tinha necessidade de se expor ao risco de ser descoberto usando moeda síria.”

Dario piscou os olhos em surpresa. “Eu não sabia.”

“Não é publico. Não quero envergonhá-lo, mas o trabalho diário da gestão de uma região tão grande quanto a Trans-Eufrates é demais para ele agora.”

“Há outra evidência que parece apontar para Megabizus. O nome do assassino e sua tatuagem possuíam ligações com a realeza da Pérsia. Megabizus faz parte da família real em virtude de ter se casado com sua irmã mais velha, Vossa Majestade. Portanto, ele ama a família real e é fiel à linha aquemênida. Mas talvez ele não tenha se esquecido do seu rancor contra você. Talvez ele ame a dinastia, mas não você.”

Artaxerxes esticou seus pés em um apoio ornamentado. “Estamos lidando com um paradoxo aqui, eu garanto. Vou mandar um agente a Damasco para analisar a questão.”

A cabeça de Dario virou-se subitamente. “Eu pensei que eu...”

O rei acenou com a mão. “Não. Eu quero você aqui por agora. Nós ainda temos que enfrentar as próximas semanas e as intermináveis rodadas de visitas de oficiais estrangeiros. Estarei mais vulnerável a conspirações durante este tempo. Eu posso precisar de você aqui.

Enquanto isso, meus agentes estarão de olho em Megabizus. Mas, se você estiver enganado sobre ele, precisamos continuar a nossa busca para encontrar o verdadeiro culpado. Uma vez que descobrir que sua trama foi frustrada, ele pode tentar novamente.”

O ano novo amanheceu azul e quente, um aborrecimento para centenas de oficiais que tinham de vestir camadas de vestuário formal da corte, cobrir suas cabeças com os chapéus, capuzes e coroas apropriados, usar mangas compridas e calças sob suas vestes volumosas e usar barbas falsas e perucas, a fim de estarem apresentáveis para o dia mais meticuloso do ano. A

apresentação real de presentes durava horas, às vezes dias. Dario não sabia como Artaxerxes conseguia suportar esse peso cerimonial com tanta boa vontade aparente. Ele supunha que reabastecer os cofres nacionais com riqueza fresca lhe trazia paciência extra. Alimentar os grandes exército e marinha, esmagar rebeliões, ajudar aliados e conquistar novos territórios requeriam um tesouro generoso. Se Artaxerxes tinha que entreter metade do mundo a fim de tê-lo, ele faria o sacrifício necessário e sorriria durante o que devia ser apenas um pouco melhor do que uma tortura.

As esposas e filhas dos oficiais comemoravam o grande banquete nos aposentos das mulheres como convidadas da rainha Damaspia. Elas, no entanto, eram convidadas a participar do banquete do rei por conta da apresentação real de presentes. Dario procurou por Sara enquanto as mulheres se reuniam em um canto da galeria especialmente preparado para elas. Tendo passado a maior parte de seu tempo longe de casa, vários dias se passaram desde que ele tinha estado em sua companhia.

Encontrou-a ouvindo com educado interesse uma senhora vestida em traje fenício. Como se sentisse o seu olhar, ela virou o rosto em sua direção. Os olhos cor de mogno brilharam assim que ela o percebeu. A inclinação de sua boca tinha uma pincelada secreta de entusiasmo destinado exclusivamente a ele. Dario sentiu um solavanco de satisfação pelas boas-vindas exclusivas de seu sorriso. Um funcionário com um alto chapéu, que obscurecia sua visão, se moveu. O coração de Dario acelerou.

Ela estava usando um vestido novo cor de rubis. Sua boca secou quando viu suas generosas curvas abraçadas pela roupa escandalosamente apertada, apertada na cintura com um cinto de rosetas de ouro e se abrindo em uma longa saia feita de centenas de pequenas pregas.

Ele estreitou os olhos e arrastou seus calcanhares no chão quando um violento impulso de caminhar pelo pátio e cobri-la com algo grande — e muito largo — o dominou. Se ele tivesse visto um homem olhando para ela naquele momento em particular, achava que não conseguiria controlar seu impulso de achatá-lo com um golpe bem dado. Em sua mente, ele registrou que as outras mulheres se vestiam de forma semelhante e que Sara estava seguindo os últimos ditames de estilo da corte. O reconhecimento nada fez para arrefecer o impetuoso surto de possessão que tinha tomado conta dele. Ele fechou os olhos por um momento, tentando dominar essas emoções

incomuns.

Foi preciso usar toda a sua determinação interior para concentrar sua atenção de volta no rei. Ele permaneceu perto do monarca ao longo das cerimônias, sem tirar os olhos dele por um momento sequer. À medida que o fim da noite se aproximava, Dario mandou Lisandro assumir o comando da guarda especial do rei por várias horas. Sabendo que Sara já havia ido para casa, Dario cavalgou para a sua propriedade sem se preocupar em tirar seu traje elegante da corte, guiando Sansão tão velozmente que o cavalo chegou coberto de suor.

Ele encontrou Sara sentada em um banquinho diante de um espelho, ainda em seu vestido rubi. Uma jovem serva, cujo nome lhe escapou, tinha desfeito as tranças e retirado as presilhas do penteado elaborado de Sara e estava ocupada penteando seu cabelo volumoso. Dispensando formalidades, Dario virou a cabeça para o lado, dando sinal para a menina sair. Sentindo seu humor obscuro, ela correu para fora. Ele rodeou sua esposa. Teve que se ajoelhar para ficar ao nível dos olhos dela. As palavras se prenderam em sua garganta. Então, ele a beijou, com seu toque áspero devido aos sentimentos que não tinha sido capaz de dominar completamente. Ela engasgou e ele se afastou.

“Nunca mais... *nunca*... use aquele vestido novo. Nunca.”

Os olhos dela se arregalaram. “Você não gostou?”

Ele a beijou novamente. Não conseguia se conter. “Não.” Sua boca deslizou para seu pescoço. “Sim.” Seu beijo ficou mais macio. “Você pode usá-lo. Mas só para mim.”

Ela deu uma risadinha. Ele podia sentir o movimento do seu tórax sob os seus lábios. “Eu amo você, Dario.”

Ele enredou os dedos nas dobras da saia de seda e a puxou para que ela deslizasse para frente no banquinho.

“Dario, você...?”

Com um movimento rápido, ele cobriu a boca dela com a mão. “Não”, ele ordenou. Sabia o que ela estava prestes a perguntar. Suavizando sua voz, disse novamente: “Não pergunte isso. Eu não vou mentir para você, Sara. Eu não quero machucá-la. Mas não vou dizer o que não sinto.”

Ela baixou os cílios para cobrir dele o brilho de suas lágrimas quentes. Ele a trouxe para mais perto, passando longas horas tentando fazê-la esquecer o

que ele não podia dar a ela, embalando-a em seus braços até que ela caiu no sono, exausta.

Ele ficou acordado até tarde da noite, pensando na pergunta que não tinha permitido que ela lhe fizesse. Lembrou-se de como já havia desejado se casar por amor. Como a maioria dos homens de sua posição, no entanto, ele teve de se contentar com um casamento arranjado. Ele tinha pensado que o sonho fora enterrado por causa das circunstâncias. Agora ele começou a fazer a si mesmo uma pergunta mais difícil. Seria ele *capaz* de amar? Teria seu coração se endurecido tanto que, apesar do anseio pelo amor, ele não conseguiria entrar na realidade de amar? Ele socou o seu travesseiro e se virou.

Ao contrário de anos anteriores, quando Artaxerxes ficava para jantar com seus convidados durante as festas magníficas do Ano Novo, ele agora fazia suas refeições em um local privado com a rainha. Dario ficou aliviado por esta precaução. Neemias, o copeiro, a par do perigo que ameaçava o rei, manteve-se por perto mesmo depois de o rei ter terminado suas refeições, para o caso de Artaxerxes ficar com sede ou querer provar vinho durante as cerimônias. Dario ficou grato pela vigilância de Neemias. Por um momento, ele deixou de lado seu desconforto em relação ao primo de sua esposa e descansou no entendimento de que, gostando daquele homem ou não, podia confiar a ele a vida do rei.

Dario obteve a lista oficial de visitantes e havia verificado cada um pessoalmente antes que eles fossem autorizados a se aproximar do rei. No terceiro dia, cada oficial visitante tinha aparecido com um presente adequado. Ninguém estava faltando. Os oficiais que representavam as províncias governadas pelo sátrapa de Trans-Eufrates haviam sido examinados com cuidado extra. Cada embaixador tinha se provado autêntico. Aquêmenes deve ter planejado substituir um deles no último momento.

Dario marcou entrevistas privadas com os delegados das províncias de Trans-Eufrates. Nenhum deles tinha ouvido falar de um homem chamado Aquêmenes.

No décimo terceiro dia do Ano Novo, quando celebrações de encerramento externas finalmente ocorreram, Dario não se viu mais perto de resolver o enigma da trama de assassinato do que quando ele a tinha descoberto primeiramente no couro cabeludo raspado de Niq. Pelo menos, o rei permanecia vivo.

De acordo com os espiões reais, o velho Megabizus estava se comportando. Dario esperava que Megabizus não os estivesse enganando. Mesmo que ele fosse inocente deste crime, isso era um pequeno conforto para Dario, que se afligia com a possibilidade de um inimigo desconhecido enquanto continuava a suspeitar do velho general.

Dario entendeu a gravidade da ameaça. Estava em jogo mais do que a vida de Artaxerxes. Os filhos do rei eram jovens — alguns poderiam considerá-los muito jovens para governar. Se ele morresse agora, o império poderia mergulhar em um banho de sangue de homens ambiciosos, cada um tentando arrancar poder do outro. A Pérsia não podia se dar ao luxo de perder o seu rei ainda. E era tarefa de Dario garantir sua segurança. Os dias se passaram até que a primavera chegasse quase ao seu fim. Dario, que com a permissão do rei tinha mantido sua equipe especial de doze guerreiros, além dos dois irmãos babilônios, não conseguiu obter nenhum avanço significativo.

Desacostumado ao fracasso, ele se desgastava sob o peso do insucesso. Na escuridão oculta de sua alma, o entendimento desta falha o comia com lenta persistência.

Parte 2
O Desvendamento

Capítulo 8

O Vigésimo Ano do Reinado de Artaxerxes Outono, Susã** (quatro meses antes) *Jerusalém! Jerusalém!*

O peito de Neemias ficou apertado ao pensar numa cidade que ele nunca tinha visitado. Em menos de uma hora seu irmão Hanani chegaria, trazendo-lhe notícias da cidade de seus pais. Hanani, que junto com um grupo de amigos tinha retornado de Judá na noite anterior, saberia contar as últimas notícias da terra.

Apesar de seu apartamento no palácio ser espaçoso, Neemias sentia como se as paredes estivessem desmoronando, e caminhava no corredor com piso de mármore com passos impacientes. Ele andava primeiro em uma direção, e depois na direção oposta.

O outono tinha se instaurado na terra, e o ar em Susã estava fresco com a mudança de estação. As árvores já estavam nuas, tendo perdido suas folhagens semanas antes. Algumas folhas douradas tinham escapado à atenção do exército de jardineiros e abrihantavam os jardins do palácio com a sua morte colorida. Neemias olhou através de uma janela de treliça, esticando seu pescoço. Muito cedo para ver qualquer sinal de seus convidados. Ele suspirou e retomou ao seu vai e vem.

Ao ouvir um som, ele correu para a janela novamente e viu um grupo de homens caminhando em direção à porta que iria levá-los para a sua seção do palácio. Ele sorriu e se virou para esperar por eles; seus dedos se batiam sem ritmo uns contra os outros. No final do corredor, ele podia ver os homens se aproximando e franziu o cenho. Eles eram estranhos a ele.

Seus ombros caíram enquanto ele voltava pelo longo do corredor. Não tendo visto seu irmão mais novo por mais de um ano, ele estava ansioso para vê-lo. No entanto, estava ainda mais ansioso por notícias de Jerusalém. Ele não podia explicar o anseio pela terra de seus ancestrais que tinha enchido sua alma nos últimos meses. Neemias nasceu na Pérsia. Seu trabalho como

copeiro do rei o colocou em proximidade constante com o homem mais poderoso do mundo, dando-lhe autoridade e influência que poucos homens judeus em sua geração tinham. No entanto, era Jerusalém que enchia seus pensamentos há meses.

Ele olhou pela janela novamente. Foi ficando tarde. Ele se perguntava por que Hanani se demorava. Para o seu espanto, ele sentiu um forte desejo de roer o canto da unha, um hábito que ele tinha deixado desde sua juventude. Com um gesto de impaciência, ele venceu o impulso. À distância, ele viu outro grupo de homens que se aproximava da porta. Com alívio, ele reconheceu Hanani à frente deles.

Ele ergueu um braço em uma saudação aliviada enquanto caminhava em direção ao grupo no largo corredor do palácio. “Bem-vindos! Bem-vindos de volta! Paz seja com vocês”, disse ele, com sua voz ecoando no espaço fechado.

Ninguém respondeu, nem mesmo com um aceno. Ele examinou os rostos de seus convidados. O que ele viu lhe provocou um calafrio. Olhos sombrios, lábios sem expressão, testas suadas, punhos cerrados. Ele disse a si mesmo que seus hóspedes estavam cansados da viagem. Estiveram na estrada por meses e ele sabia por experiência o quão exaustivas essas árduas viagens eram. Mas ele tinha um pressentimento de que algo sério tinha acontecido.

Quando ficaram frente a frente, Hanani o apresentou a vários de seus amigos que Neemias nunca havia conhecido. Ele estendeu as boas-vindas a cada um e os levou para os seus aposentos, onde os acomodou ao redor da mesa que seu servo tinha preparado. Ele tinha se assegurado de que os travesseiros de linho com franjas que estavam espalhados no chão tinham sido lavados e arejados para a ocasião. Os tapetes de seda faziam cócegas em seus pés descalços, já lavados e perfumados por seu servo.

A comida, que Neemias tinha encomendado com cuidado especial de acordo com as suas restrições dietéticas religiosas deles, foi servida e eles ficaram sozinhos. O cheiro de cebola frita e alho encheu o ar. Neemias agradeceu de forma sincera ao Senhor, com sua voz profunda articulando as sílabas em hebraico com cuidado.

Incapaz de conter suas perguntas para outro momento, ele as soltou sobre seus quietos companheiros. “Contem-me sobre Jerusalém. E sobre os nossos compatriotas que regressaram do exílio para viver na província de Judá.

Como eles estão?”

Hanani deixou cair o pescoço como se um jugo de boi o estivesse trazendo para baixo. “Nosso povo está em grande desgraça, Neemias.”

“O que aconteceu?” O copeiro respirou fundo para não erguer a voz. “Não me escondam nada. Conte-me tudo.”

“No ano passado, eu fui para Judá com tanta esperança, Neemias. Pensei que iria encontrar o nosso povo já estabelecido e Jerusalém em boa ordem. Pensei que iria encontrar um vislumbre de nossa antiga glória depois de cerca de uma geração de reassentamento.”

Neemias assentiu. “Claro. Não é isso que está acontecendo?”

Fazia mais de noventa anos desde que Ciro, o Grande, libertou o povo de Israel do cativeiro na Babilônia. Com seu apoio, mais de quarenta mil dentre os homens e mulheres mais talentosos tinham voltado para Judá apenas na realocação inicial. Mesmo Neemias tendo conhecimento de uma série de contratempos desencorajadores ao longo das décadas, ele esperava que, com o retorno de Esdras, sacerdote há quase uma década, Jerusalém estaria de volta ao caminho da prosperidade.

Hanani inclinou-se, com as mãos sobre o seu ventre, como se estivesse com dor. “Toda a região tornou-se um caos.”

A boca de Neemias secou. Ele encostou-se à parede. “E o Templo?”

“O novo Templo está completo, mas não se compara à sua glória original. A estrutura dificilmente poderia ser chamada de magnífica e, apesar da generosidade do Rei Ciro, o seu mobiliário está escasso. O Santo dos Santos permanece vazio. E os sacrifícios oferecidos são uma pequena fração do que ouvíamos falar que acontecia nos dias de Salomão.

Ainda assim, aquele prédio meio vazio é a melhor coisa em Jerusalém no momento. O trabalho de revitalização da Cidade de Davi e de restauração de Judá chegou a um impasse.”

Os ombros de Neemias caíram. “Não estou entendendo. Como pode ser isso?”

“Vários anos atrás, logo após o último grupo de colonos ter chegado da Babilônia com a intenção de reconstruir Jerusalém, os inimigos de Judá enviaram uma carta ao rei Artaxerxes, acusando os judeus de rebelião. Eles disseram ao rei que éramos causadores de problemas. Uma vez que Jerusalém fosse fortalecida, eles disseram, nós nos recusaríamos a pagar nosso imposto

ao império.”

Neemias ficou com frio de repente e ajustou o seu manto em volta de si. “Eu não tinha ouvido falar disso.”

“Na época, a restauração de Jerusalém estava em andamento. Tínhamos lançado as bases da cidade novamente e seus muros poderiam ter sido concluídos dentro de um ou dois anos. Mas não aconteceu. Nossos inimigos prevaleceram.”

“O quê?”

“O rei acreditou nas acusações de nossos inimigos e ordenou que o trabalho em Jerusalém fosse interrompido.”

“Artaxerxes?”, Em virtude de seu trabalho, Neemias passava muitas horas com o monarca. O rei o tratava muitas vezes como um conselheiro de confiança tanto como um servo, e compartilhava suas preocupações sobre muitas questões. Entretanto, ele não sabia tudo sobre a política de Artaxerxes. Era impossível manter-se plenamente atualizado sobre as constantes demandas da vida do rei. Essa era uma decisão sobre a qual o copeiro real não sabia nada.

Hanani assentiu com a cabeça. “Os resultados têm sido devastadores. Os muros de Jerusalém foram derrubados. Estão em ruínas, Neemias. Os portões — os belos portões da cidade — foram destruídos pelo fogo.”

Neemias não conseguia pronunciar uma única palavra. O revés descrito por seu irmão rasgou seu coração. Depois de um longo silêncio, ele conseguiu dizer: “Eu não tinha ideia de que as coisas estavam tão ruins em Judá.”

“Isso não é tudo.”

A advertência de seu irmão fez o cabelo dos braços de Neemias ficar em pé. Ele desenrolou as pernas e se levantou, com seus movimentos tão hesitantes como os de um homem velho. “Ainda há mais?”

“Sem os muros Jerusalém não é mais segura. Eles passaram um período de fome recentemente, então há pouca comida. O rico tira proveito dos pobres. A maioria dos moradores deixou a cidade para ganhar a vida em terras distantes. Há pouco mais de mil pessoas restantes em Jerusalém. Nossos inimigos riem da nossa desgraça, pois estamos bem pouco melhores do que uma ruína. Eu acho que Deus nos abandonou depois de tudo.”

Quando ouviu essas palavras, Neemias caiu no chão. Sem se importar com os homens perante ele, alguns dos quais ele tinha encontrado pela primeira

vez naquela noite, começou a chorar. Ele chorava como uma criança que tinha perdido sua mãe.

Neemias se lamentou por dias. Jejuou. E orou.

Exercia suas funções com o estômago vazio e com o coração quebrantado. Para honrar o protocolo real, ele colocava um sorriso no rosto e escondia a miséria que comia sua alma. Contudo, sempre que tinha uma hora de descanso ele a entregava ao Senhor. Suas orações tomaram os céus com a paixão incutida nelas.

Pediu pelo favor de Deus, porque sabia que ele tinha que se aproximar do rei. Artaxerxes tinha interrompido o trabalho em Jerusalém e só ele poderia iniciá-lo novamente. Neemias não podia mudar o coração de um rei, mas acreditava que o Senhor podia.

Por quatro meses e meio ele orou. Ele buscou ao Senhor. Pediu força. Implorou por direção. Seus amigos se juntaram a ele no fervor de seus próprios pedidos.

Nenhuma porta se abria. Nada mudava. O rei não oferecia qualquer oportunidade para o copeiro lhe apresentar a situação da sua terra.

Neemias orava ainda mais. Deus permanecia em silêncio.

Lentamente, uma nova voz começou a infiltrar-se em seus pensamentos. *Desista*, ela o incitava. *Desista!* Se Deus quisesse se mover, ele já teria feito isso. Onde você quer chegar com essas horas de súplicas? *Abandone suas orações! Desista! Quem é você para pensar que pode fazer diferença?*

Neemias se manteve firme e aumentou sua vigilância. Ele não entendia por que Deus estava demorando a atendê-lo. Ele não conseguia explicar por que suas orações estavam sendo ignoradas, quando certamente o próprio Senhor deveria desejar o bem-estar de Jerusalém. Tudo o que Neemias podia fazer era perseverar. Então, ele ignorou as palavras de desânimo em sua cabeça e persistiu, mesmo quando a sua força diminuía.

Hanani veio visitá-lo tarde da noite. O servo de Neemias tinha acabado de enrolar sua barba e perfumar seus cabelos. “Perdão, irmão, mas você cheira melhor do que os jardins do rei”, disse Hanani. “Com seu cabelo tão vermelho quanto o de Esaú, você poderia se passar por uma flor.”

Neemias deu a Hanani um olhar de repreensão. “É parte das exigências da minha posição. Eu não posso ir até o rei e seus convidados ilustres cheirando como um camelo.”

Na verdade, a discrepância entre as suas circunstâncias e aquelas vividas pelo povo de Judá tinha começado a irritar sua consciência. Dia após dia, ele se preparava para seus deveres como de costume. Ele tomava banho e cobria o corpo com sedas e linho, sabendo que seus compatriotas estavam pobres e nus. Ele vivia em alguns dos edifícios mais luxuosos que o mundo já tinha visto, ciente de que seus companheiros judeus viviam em abrigos inadequados, expostos a elementos cruéis. Enquanto os calçados de couro de seus pés tocavam passarelas de mármore e tapetes de seda, ele tinha a consciência de que seu povo só tinha terra para apoiar os pés.

Hanani levantou uma mão. “Sem querer desrespeitar. Algum avanço significativo com o rei?”

“Nenhum. Tento me lembrar de que andar segundo a vontade de Deus pode significar esperar tanto quanto pode significar avançar.”

Hanani suspirou e encontrou uma grande almofada para sentar. “Eu sempre admirei sua fé, irmão. Quanto a mim, esse atraso me parece sem sentido e frustrante.”

Neemias esticou suas mangas longas até que nenhuma ondulação permaneceu no tecido rico. “Uma coisa mudou.”

“Eu queria ouvir boas notícias.”

O sorriso de Neemias era estreito. “Não estou certo de que você vá considerar isso como boa notícia. Os meses de oração, embora não pareçam resultar em qualquer recompensa, têm produzido uma mudança inesperada no meu próprio coração. Quando, a princípio, eu comecei a orar, tinha apenas a intenção de pedir a Artaxerxes para reverter sua decisão. Acreditava que meu papel era o de intercessor em favor do povo de Jerusalém. Eu pensei, como Ester, que o Senhor havia me plantado perto do rei para essa hora. Eu deveria intervir por Jerusalém e pleitear sua causa perante o rei.”

Hanani mudou de posição em sua almofada para ficar mais confortável. “É por isso que temos orado.”

“Meu coração mudou, Hanani. Quanto mais eu orava mais eu me convencia de que Judá precisa de um líder forte. Se os inimigos de Jerusalém já conseguiram interromper sua restauração uma vez, o que os impedirá de fazê-lo novamente? A vida na corte me ensinou que somente líderes fiéis conseguem prosseguir numa tarefa muito exigente até o seu fim. Jerusalém precisa de mais do que um projeto de construção; ela requer um líder que

saiba como superar inimigos poderosos e levar o nosso povo de volta para o Senhor.”

“O que você está querendo dizer?”

“Eu quero ser esse líder.”

“Que o Senhor tenha misericórdia, Neemias!” Disse seu irmão com uma voz chiada. “Você perdeu a cabeça? Sabe o problema em que está querendo se meter? Esse não é trabalho para um cortesão mimado, perdoe-me por minha franqueza. Os inimigos de nossa nação são lobos famintos que o vão engolir por inteiro. Além disso, o que o rei dirá? Será que vai liberar você de um trabalho que faz bem a fim de permitir que você siga para um canto longínquo do seu império?”

“Você não acha que eu tenho me perguntado estas coisas umas cem vezes? Sei que não tenho poder para garantir o que desejo. Sou impotente para mudar qualquer coisa. Nem meu talento nem a minha experiência vão prevalecer. Apenas Deus tem a força para restaurar Jerusalém.”

Neemias pegou uma taça de prata requintada, presente do rei por seu último aniversário. Distraidamente, ele a virou para um lado e para o outro, cego à sua beleza. “Você deve se lembrar de que os descendentes de Abraão são aqueles que devem mudar o mundo. Devemos abençoar as nações. Ao invés disso, estamos praticamente desabrigados. A provisão de Deus é fiel, Hanani. Ele não esqueceu a promessa. Mas Ele nos pede para atuar como suas mãos e pés nesta terra. Deveria eu recusar o chamado do Senhor porque o mundo pode se voltar contra mim? Devido ao custo ser muito alto?”

Hanani afundou um dedo sob sua gola alta de lã e deu um puxão forte. “Estávamos falando sobre o rei da Pérsia, não sobre Deus.”

Neemias esfregou as mãos. “Esse é o seu erro. Todo esse esforço é sobre o Senhor. E *Seu* caminho nunca é suave, irmão. Isso não significa que eu posso desviar-me dele. Não. Eu lhe digo, eu me *recuso* a desistir.”

** 446 a.C.

Capítulo 9

Um mês após a Descoberta do Plano de Assassinato do Rei O Vigésimo Ano do Reinado*** de Artaxerxes O Mês de Nisã

Neemias carregava o cálice de ouro do rei com três dedos graciosos, dobrando os dois últimos na palma da mão de acordo com a etiqueta real. Quando ele chegou ao lado do rei, colocou o cálice em uma mesa esculpida em ébano. A base do copo não fez o menor ruído ao tocar a mesa. Nenhuma oscilação perturbou a superfície do líquido escuro. Usando uma colher adornada de joias, Neemias pegou uma pequena quantidade de vinho do cálice e bebeu.

Um servo correu para o seu lado carregando um guardanapo de linho dobrado e uma bacia de água perfumada com flores de jasmim. Com movimentos treinados, o copeiro mergulhou a mão para uma lavagem completa antes de secá-la. Afinal de contas, ele tinha realizado esta tarefa muitíssimas vezes para levar em consideração o perigo; ele estava verificando se havia veneno. Ele esperou o tempo necessário. Não houve dor excruciante súbita, nem náusea, nem qualquer indício de veneno agindo em seu corpo. Ele ofereceu o cálice a Artaxerxes. A rainha, que estava jantando com seu marido real naquela noite, fez o seu próprio copeiro executar o mesmo trabalho para ela.

Ela provou o vinho. Um profundo suspiro de apreciação escapou de seus lábios. “Este é de vinha de Dario em Persépolis, se não estou enganada.”

“O paladar de Vossa Majestade está afiado como sempre”, disse Neemias. “O comboio de bagagem do meu senhor Dario chegou semana passada depois de um atraso imprevisível. A senhora Sara enviou o vinho assim que ele chegou.”

Artaxerxes deu um sorriso bem-humorado. “Ela é uma garota atenciosa.”

Neemias não teve ânimo para retribuir o sorriso do rei. Ele estava cansado por causa do fardo de tristeza que não aliviava, não importava o quanto ele orasse. Os pensamentos sobre sua terra natal despedaçada o tinham

assombrado por quatro meses e meio. As paredes em ruínas de Jerusalém o mantinham acordado durante a noite e atormentavam seus pensamentos durante o dia.

“Sim, Vossa Majestade.”

Virando para o outro lado, ele ocupou-se com os detalhes práticos do seu dever. No fundo de sua mente, Neemias podia ouvir Artaxerxes falando. Deve ter sido um comentário divertido, pois fez Damaspia rir. Inesperadamente, o rei disse: “O que você acha Neemias?”

Neemias enrubeceu. Ele estava tão mergulhado em seus pensamentos que não tinha ideia do que o rei tinha dito. Ele olhou para baixo; inesperadamente, ele se sentiu tão oprimido por uma onda de tristeza que mal conseguiu impedir-se de derramar lágrimas, uma ofensa imperdoável durante uma audiência real.

O rei olhou para Damaspia por um momento antes de voltar sua atenção para o copeiro. “Porque você está tão triste? O que o entristece, Neemias?”

Neemias tentou falar. As palavras não saíam.

Novamente, Artaxerxes falou. “Você não parece doente. Seus pensamentos devem estar perturbando você.”

Neemias suava frio pela testa. Ele apertou suas mãos juntas, a fim de esconder o seu tremor. O medo intenso fez o seu coração disparar. Este era o momento pelo qual tinha orado. O rei tinha lhe dado a abertura que precisava para fazer o seu pedido. Neemias sabia que o rei podia se ofender por aquilo que estava prestes a pedir. Afinal, a própria vida de Artaxerxes estava em perigo devido a um assassino desconhecido; por que ele deveria se preocupar com os problemas de um copeiro? Neemias poderia perder o favor do monarca para sempre sem conseguir qualquer benefício para Jerusalém.

“Vida longa ao rei!” Ele disse, com os lábios secos, e seguiu em frente. “Você está certo em dizer que estou triste, Vossa Majestade. Como não poderia estar quando a cidade dos meus antepassados está em ruínas?”

Artaxerxes se inclinou para frente em seu sofá. “Entendo. É sobre Jerusalém que você fala? O que você quer que eu faça, copeiro?”

Neemias gastou um momento para enviar uma oração relâmpago para o Senhor do céu. Depois de meses se desgastando com suas súplicas, ele ainda se sentia despreparado para essa conversa. “Se for do agrado do rei, e se tenho achado graça perante Vossa Majestade, por favor, envie-me a Judá para

que eu possa reconstruir a cidade onde meus pais estão enterrados.”

A rainha levantou uma sobancelha delicada. “Você quer nos deixar, Neemias?”

“Deixá-los? Não, minha senhora. Eu só quero ir por um curto período de tempo para ajudar a reconstruir Jerusalém.”

Artaxerxes deu um suspiro. “Quanto tempo você vai ficar fora? Quando pretende retornar para nós?”

“Assim que os muros terminarem de ser erguidos e uma aparência de ordem e segurança for restaurada na cidade, eu voltarei. Espero que esse tempo não seja demasiadamente longo.”

Artaxerxes parecia estar levando em consideração as palavras de Neemias. Com um movimento brusco, ele se inclinou para trás. “Jerusalém é governada pelo sátrapa de Além do Rio, não é? Qual a distância de lá até Damasco?”

“Toda a província de Judá está localizada em Além do Rio, Majestade, ou, como seus estudiosos chamam, Trans-Eufrates. Não estou certo da distância até Damasco, mas não pode ser longe.”

“Talvez seja sábio enviá-lo para a terra de seus antepassados. Não desejo que qualquer parte do meu reino se desintegre por negligência. O que você precisa para esta viagem?”

Neemias respirou fundo. Um exuberante senso de esperança o encheu quando percebeu que o rei não tinha só lhe daria permissão para ir a Jerusalém, mas também estava aberto a ajudá-lo.

“Se for do agrado do rei, posso endereçar cartas aos governadores de Além do Rio? Nosso comboio terá que viajar através de suas províncias para chegar a Judá, e uma palavra sua tornaria nossa viagem segura.”

Artaxerxes fez sinal para o seu escriba pessoal; o homem, um eunuco de aparência alta e magra, correu à frente e começou a trabalhar nas cartas imediatamente.

“Você deve precisar de algumas provisões, com certeza,” disse Damaspia.

Neemias se virou para ela, dando um sorriso agradecido em sua direção. “De fato, Vossa Majestade. Uma obra de construção dessa magnitude vai precisar de madeira extra. Se for do agrado do rei, gostaria de ter uma carta para Asafe, o gestor das florestas reais, instruindo-o para que me dê madeira. Precisamos de vigas para os portões da fortaleza do Templo, para os muros da cidade e para uma casa onde eu possa residir.”

Artaxerxes não fez qualquer objeção. Com um aceno de cabeça real, pôs o seu eunuco para escrever uma carta a Asafe. Surpreso pelo consentimento generoso do rei a cada solicitação sua, Neemias sentiu uma inundação de alívio fluindo por seus membros. *A graciosa mão de Deus está sobre mim*, ele pensou. *Ele abriu esta porta*. Uma nova força o encheu assim que sua mente compreendeu a magnitude deste feito. Não importava o quão difícil se mostrasse a jornada à frente, ele agora sabia que essa era a vontade de Deus. O Senhor tinha chamado Neemias e Ele daria a provisão necessária.

“Você não pode ir como copeiro, Neemias. Você não teria autoridade para com os governantes.”

“Vossa Majestade?”

“Você precisa de um novo título. Estou fazendo de você governador de Judá até sua volta.”

Neemias fez uma reverência, extasiado. “A generosidade do rei não tem limites.”

“Não seja tolo. É um rebaixamento. Deixar de ser meu copeiro — uma posição que lhe dá acesso diário a mim e lhe traz um tipo de afluência que poucos nunca sequer viram — para ser o governador de uma região abandonada que mal possui comida suficiente para mantê-lo vivo é uma mudança questionável. Não é o ato de um homem ambicioso. Você está retrocedendo a fim de servir a terra de seus pais.”

“Sim, Vossa Majestade. Obrigado, Vossa Majestade.”

Artaxerxes e Damaspia riram. “O homem me pede um rebaixamento e me agradece por conceder-lhe. Ou ele perdeu o juízo ou tem valores interessantes.” Artaxerxes tomou um gole do seu copo.

“Há também a questão da escolta. É um longo caminho até Além do Rio. Sem a escolta apropriada, o seu comboio pode ser atacado por salteadores. Você precisa de acompanhamento militar. E eu tenho a pessoa certa para conduzi-lo.”

“*Jerusalém!*” Dario estava diante de Artaxerxes, com as mãos cruzadas como um nó atrás das costas. “Eu vou me tornar a ama de leite do copeiro, percorrendo os confins do mundo para assegurar que ele não seja roubado? Vossa Majestade, há assuntos mais urgentes para levarmos em consideração.”

A expressão de Artaxerxes empalideceu. “Eu pensei que ficaria satisfeito, Dario. Entre sua mãe e sua esposa, você deve encontrar algumas relações

interessantes pendentes em Jerusalém. Pense nisso como uma reunião de família com o império pagando a conta.”

Dario se certificou de que seu rosto estava tão pálido quanto o do rei. “Obrigado, Majestade, mas tenho parentes suficientes entre os persas para me relacionar no momento”, disse ele, olhando diretamente nos olhos escuros de seu primo de segundo grau. “Eu não preciso de mais nenhum.”

“Bem pontuado”, disse o rei suavemente. Dario corou. Nada poderia fazer um homem se contorcer como as respostas suaves de Artaxerxes.

“Estou preocupado com a investigação em curso do plano de assassinato que falhou, Vossa Majestade. A viagem de ida e volta a Jerusalém vai levar meses.”

Artaxerxes descansou o queixo na palma da sua mão e se inclinou para frente. “Claro, Judá está na região de governo do sátrapa de Além do Rio. E, uma vez que você está convencido de que a trama se originou lá, isso pode lhe dar uma oportunidade para conduzir uma investigação discreta. Você terá um disfarce perfeito como escolta militar de Neemias; ninguém vai suspeitar de que você é meu espião quando já tem uma função.”

Dario abriu um sorriso. “Você me deixou preocupado, Majestade. Agora eu vejo que sua mente continua a ser tão astuta como sempre. Posso levar meus homens?”

“*Meus* homens, você quer dizer, uma vez que os salários deles são pagos do meu bolso. Com certeza, pode levá-los com você.”

“Você já teve notícias do seu agente na Síria, senhor? Gostaria de lhe fazer uma visita quando chegamos a Além do Rio. Talvez possamos ajudar um ao outro.” Por razões próprias, que ele não se dignou a compartilhar com Dario, Artaxerxes tinha mantido a identidade de seu espião em Damasco em segredo. Era óbvio que o homem tinha conseguido tão poucos avanços em suas investigações na Síria quanto Dario tinha conseguido em Susã, de forma a não ter nada de útil para reportar. Mas Dario pensou que juntos eles poderiam ser capazes de conseguir mais.

“Caso seja necessário que meu agente se encontre com você, eu vou garantir que a reunião aconteça. Nesse meio tempo, por segurança e nada a mais, é melhor que vocês continuem estranhos um ao outro.”

“Como Vossa Majestade desejar.”

A reticência de Artaxerxes intrigava Dario. A rede de espiões do rei,

notória por sua habilidade em descobrir informações sem se revelar, tornou-se uma das armas mais fortes do rei na manutenção do seu amplo domínio. Artaxerxes fazia o que podia para protegê-los de serem descobertos, mas não era do conhecimento de Dario que ele escondia a identidade de seus agentes uns dos outros.

Ele mudou seu peso de um pé para o outro. “Quando é que o copeiro planeja partir?”

“Neemias? Eu não ficaria surpreso se as suas bagagens já estiverem arrumadas. Ele está numa impetuosa corrida para chegar à província de Judá. É melhor trazer cavalos rápidos se quiser acompanhá-lo.”

“Sem dúvida, ele vai estar sobrecarregado com um enorme comboio de bagagem.” O pensamento fez os ombros de Dario caírem. Nada era mais chato do que escoltar um comboio de transporte de madeira por meses. Ele já tinha cansado de fazer esse tipo de trabalho em seus anos de juventude. Em circunstâncias normais, um comandante militar experiente como Dario nunca teria sido designado para uma tarefa tão humilde. Entretanto, Artaxerxes estava certo. Era o disfarce perfeito.

O rei se deslocou em seu trono. “E a sua esposa?”

“Minha esposa?”

“Eu acredito que o nome dela é Sara, certo? Isso refresca a sua memória? Você planeja levá-la com você?”

“Acho que não. Isso representa um grande perigo. Quando fomos atacados em nosso caminho para Susã, eu pensei que meu cabelo iria ficar branco só de pensar no que poderia ter acontecido com ela. Ela representaria uma distração.”

Artaxerxes deu de ombros. “Por outro lado, ela poderia ser útil. Pense em como ela já tem nos auxiliado. Além disso, Neemias poderia usar sua ajuda. Ele está entrando em um viveiro de ciúmes e discórdia. Seus vizinhos não são apreciadores dos judeus. Você deve ver algumas das cartas que a corte tem recebido deles ao longo dos anos. Eles vão fazer uma confusão antes de Neemias lançar as bases desse muro, guarde minhas palavras.

As habilidades de Sara como uma escriba real experiente seriam um bem formidável para o novo governador. De qualquer forma, eu não imagino que ela vá apreciar a ideia de ficar afastada de você por um período tão longo.”

“Majestade, o senhor está ordenando que eu leve a minha esposa?”

Artaxerxes sorriu. “Apenas uma sugestão.”

“Nesse caso, o copeiro pode furtar outro escriba para si. Não quero arriscar o pescoço de Sara numa longa viagem para um abismo no império, especialmente quando eu vou estar ocupado tentando encontrar um assassino inteligente.”

“Você deve fazer o que achar melhor.”

Dario ficou desconcertado por perceber o rei olhando para ele com uma mistura de diversão e piedade.

“Só mais uma coisa antes de você sair.” Artaxerxes assentiu ao seu mordomo, que correu à frente carregando uma caixa lisa de ébano, brilhante devido a um polimento cuidadoso. Artaxerxes abriu a caixa e mostrou o conteúdo para Dario. “Para Sara, como prometi. Com os meus agradecimentos.”

Um conjunto delicado de colar de ouro com uma pedra cor de barro de cornalina brilhava dentro da caixa preta. Dario fez uma reverência. “A generosidade de Vossa Majestade é incomparável.”

Artaxerxes acenou com a mão, com uma expressão azeda. “Se você vai ficar me adulando, estamos terminados.” Ele esticou os pés diante dele com suspiro. “Além disso, você vai precisar de cada minuto para se preparar para esta missão. Duvido que será algo fácil.”

*** De acordo com o calendário lunar, no ano de 445 a.C. o mês de Nisã caiu entre abril e maio.

Capítulo 10

Sara deixou de lado a carta de Neemias, com seus olhos brilhando. Jerusalém! Ela tentava imaginar como seria ter Neemias em sua terra natal atuando como governador, reconstruindo a cidade e chefiando os oficiais da cidade. Ela não sabia se tinha pena dele ou se o invejava.

Desde o ano anterior, quando tinha desistido de lutar contra Deus e rendido sua vida ao Seu cuidado, o desejo de ver o novo Templo queimava tão forte em seu coração que ela começou a orar fervorosamente com esse propósito. Com uma careta, ela reconheceu que já fazia algum tempo que ela não orava. Sua vida de oração já não era tão apaixonada como antes, se ela fizesse uma avaliação honesta. Acomodar-se à sua nova casa com o marido tinha tomado muito de seu foco e seu tempo. Ela mordeu o lábio. As alegrias de ser a esposa de Dario e ajudar a administrar suas propriedades não tinham substituído sua necessidade pelo Senhor. Precisava voltar à disciplina de buscar a Deus com mais frequência.

E, mesmo assim, apesar de seu distanciamento não intencional, Ele tinha respondido suas antigas orações sobre ver o Templo. Era como se Deus, em Sua misericórdia, tivesse juntado os desejos do seu coração e os guardado para o momento certo. Mesmo sua infidelidade não tinha anulado a Sua bondade. Aqui estava Neemias pedindo para acompanhá-lo a Judá como sua escriba. A melhor parte do convite era que Dario levaria o contingente militar junto ao comboio. Na verdade, a razão de Neemias ter estendido o convite para Sara só poderia ser porque ele sabia que Dario iria trazê-la junto.

Uma vez que o próprio rei tinha dado a atribuição a Dario, ele não podia recusar-se a ir. Sara estava dolorosamente consciente de que seu marido não tinha interesse em ir para Jerusalém. Em várias ocasiões, ela lhe pediu para levá-la para visitar a cidade de seus pais. Ele se recusou, dizendo que seria uma jornada inútil para uma terra destruída.

Sara quase riu. O Senhor tinha Seus próprios planos e usou Seus próprios meios. Dario pode resistir aos pedidos de sua esposa, mas ele não era páreo contra o Deus do céu e da terra. E agora ela veria Jerusalém com Dario. Talvez ele até viesse a crer no Senhor.

Seu sorriso se transformou em careta quando uma onda de náusea a tomou

com força súbita. Ela tinha aprendido a manter uma bacia debaixo da cama, uma vez que a náusea vinha de forma imprevisível. Ela conseguiu usar a bacia a tempo. Nas duas últimas semanas ela se viu oscilando entre uma saúde espetacular e debilitantes ataques inexplicáveis de náusea. Primeiramente, ela pensou que tinha comido algo que não entrou em acordo com seu corpo. Então, ela percebeu que tinha perdido seu ciclo mensal e a esperança floresceu em seu coração.

Ela pensou na terna noite que passou com Dario na casa de banho e começou a acreditar que havia concebido um bebê como resultado, embora ainda fosse cedo e difícil de ter certeza. Timidez e algo parecido com medo a tinham impedido de compartilhar suas suspeitas com o marido. E se ela estivesse errada? E se ela gerasse esperança nele e depois descobrisse que havia se enganado? Então, ela guardou o seu segredo, mantendo-o para si, e não estava pronta para compartilhar com ninguém.

Pari suspeitava, mas manteve seus pensamentos para si mesma, muito sábia em não pressionar Sara antes que ela se sentisse pronta para compartilhar suas suspeitas. Ela limpava as bacias sujas sem comentar nada e deixava pão puro ao lado da cama de Sara para acalmar seu estômago palpitante pelas manhãs antes de ela se levantar.

Sara analisou o convite de Neemias à luz deste novo quadro. Pela primeira vez ocorreu-lhe que Dario poderia não deixá-la ir, não se ela estivesse grávida. Duro como ferro, seu caráter tinha uma antiga e implacável faceta protetora. Ele não arriscaria sua segurança em uma viagem tão cansativa. Pela carta de Neemias, Sara teve a impressão de que Judá estava à beira da ruína, pobre e ameaçada por inimigos implacáveis. Isso não era uma passeio. Seria uma tarefa árdua, que exigiria da sua força e do seu coração.

Será que ela colocaria seu bebê em risco participando dessa jornada? Sara considerou a possibilidade de não ir. Isso significaria ficar afastada de Dario por muitos meses. O bebê iria se desenvolver dentro dela durante sua ausência. Ele perderia os primeiros sinais de vida, perderia o aumento de tamanho de sua barriga enquanto seu filho ou filha fosse crescendo dentro de si. Eles não poderiam celebrar as pequenas alegrias da gravidez juntos. Sozinha, ela teria que passar pelo período da gravidez, cada dia, sem o marido para a consolar e encorajar.

Ele poderia até não estar de volta no momento do nascimento. Sara não

sabia a extensão dessa tarefa. No entanto, parecia razoável supor que, incluindo os meses de viagem, essa missão poderia durar um ano. Ela não queria ficar separada dele por tanto tempo!

Ela queria ver Jerusalém com cada fibra do seu ser. Ela queria que Dario estivesse ao seu lado quando visitasse o Templo, pois esperava que as sementes plantadas por sua mãe, uma judia devota, pudessem frutificar uma vez que ele sentisse a presença de Deus. Mas nenhum desses desejos era forte o suficiente para justificar a exposição da saúde do seu filho ao risco.

Sara considerava as escolhas que se apresentavam diante dela. A verdadeira questão era se essa viagem de fato colocaria a vida de seu bebê em risco. Lembrou-se de várias das concubinas do rei que tinham viajado com a corte enquanto grávidas. Viajar por rodovias reais em um comboio de bagagem não era nem de perto tão hostil quanto a maneira como Dario preferiu viajar. Neemias teria um grande comboio de bagagem e deveria, portanto, viajar mais lentamente. Se as concubinas do rei eram tidas por seguras em tais estradas, certamente Sara não traria nenhum perigo para seu filho por viajar da mesma maneira, certo?

Sentia-se melhor ao considerar isso. Contudo, sabia que Dario nunca concordaria. Ele não iria ouvir a voz da razão. Ele iria forçá-la a ficar em casa, onde estaria segura cercada por amigos e médicos da corte. Nenhuma quantidade de persuasão, convencimento, choro ou sedução poderia fazê-lo mudar de ideia.

Sara começou a andar para lá e para cá em torno de seu aposento. Seu cachorrinho, Anousia, a acompanhava. Ele pulava ao seu lado para trás e para frente, ocasionalmente fazendo sons de lamento, como que se perguntando o que afligia sua dona. Distraída, ela se abaixou para acariciá-lo antes de retomar sua caminhada agitada.

Ela precisava de um médico, primeiro para confirmar que estava de fato esperando um bebê e, segundo, para verificar se a viagem para Judá seria segura para ela e a criança. Onde poderia encontrar um médico competente que não contasse seu segredo para o seu marido? Pois, se era para ela ir a Jerusalém, sua única opção seria esconder a gravidez de Dario até que eles estivessem muito longe de Susã para que ele a mandasse de volta.

Ela havia lhe dado sua palavra de que seria franca e honesta, sem manter nada escondido dele. Seria inteligente arriscar sua relação retendo esse

segredo?

A alternativa seria ficar longe dele por intermináveis meses. Não estaria mentindo. Estaria apenas adiando o momento de dizer a verdade para o seu marido.

O pensamento lhe trouxe outra onda de náusea. Sara tentou respirar profundamente, acalmando-se. Dario iria interpretar suas ações como uma traição. Ele ficaria furioso. Certa vez disse a ela que não podia tolerar mentiras. A mera suspeita de que ela havia mentido para ele no início de seu casamento o manteve longe durante meses. Ela não podia arriscar seu casamento ocultando sua gravidez dele. Mas ela também não conseguiria enfrentar a perspectiva de viver sem ele por um ano e trazer seu bebê ao mundo durante sua ausência.

Com um movimento frenético, ela se dobrou sobre a bacia e vomitou, mesmo sem haver mais nada em seu estômago para expelir. Ela se encurvou em sua cama, exausta e doente. E nenhuma solução havia surgido ainda.

“Do rei, para você”, disse Dario enquanto deixava cair uma caixa preta na cama ao lado dela. Sara pegou a caixa, surpresa.

“Para mim?”

“Em agradecimento por sua participação na descoberta da trama de assassinato.”

Sara, cujo estômago tinha felizmente se acalmado nas últimas horas, sentia-se bem o suficiente para apreciar o presente. Ela pegou o colar de cornalina e o examinou com cuidado. “É de tirar o fôlego.” Ela o segurou contra sua garganta por um momento antes o colocar de volta em sua caixa. “Vou escrever uma carta de agradecimento ao rei. E não vou mencionar o fato de que o presente da rainha é bem mais do meu gosto que o do rei.”

Dario se sentou na cama ao lado dela, esticando as pernas em direção ao chão. “Eu deveria me sentir lisonjeado por ter sido considerado mais digno do que uma bugiganga?”

Sara tinha sido recompensada com um casamento aristocrático com Dario depois de dar solução a um caso potencialmente prejudicial contra Damaspia. Ela jogou um beijo para o marido e assentiu com a cabeça. “Bugigangas são muito atraentes, meu senhor. Elas costumam a aumentar de valor e vêm a calhar em épocas de dificuldade econômica. Além disso, elas nunca ficam mal-humoradas ou deixam de ser razoáveis.”

“Ao contrário dos maridos, você quer dizer?” Com um súbito movimento de seus membros longos, Dario empurrou Sara de volta para os travesseiros para um beijo profundo que a derreteu por dentro. “Mas elas podem fazer isso?” ele perguntou.

“Eu disse que preferia o presente da rainha.”

Ele girou de forma a ficar próximo dela e ao seu lado. “Pari me disse que você esteve doente durante todo o dia. Não é a primeira vez que você se sentiu mal nas últimas uma ou duas semanas. Já deveria ter passado por agora se fosse uma simples doença de estômago.” Sua mão parecia fria quando a encostou na bochecha aquecida de Sara. “Você está quente.”

Ela balançou a cabeça e se mexeu na cama, procurando uma posição mais confortável. “Não estou com febre.” Até então, ela tinha conseguido subestimar a gravidade de sua doença e sua exaustão ao falar com Dario. Era impossível agora continuar a fazê-lo, dado o aumento da frequência e da intensidade com que ela se sentia mal.

Ele acariciou o seu cabelo com uma mão suave. “Talvez não, mas de qualquer forma estou chamando um médico. Não gosto desse mal-estar prolongado.”

A culpa agitava o interior de Sara. Ela ainda não tinha decidido qual curso de ação seguiria. Ele ficaria exultante em saber que estava prestes a se tornar pai. Seu coração derretia ao imaginar seu rosto quando ela lhe desse a notícia. Ela quase deixou escapar. Sufocou o desejo porque sabia que contar para ele era o mesmo que tramar uma separação. Com dificuldade, ela se forçou a manter seu segredo por mais algum tempo.

“Então, o que o rei queria ver com você? Alguma novidade?”

Dario se inclinou para trás, apoiando o cotovelo sobre as cobertas. “Ele quer me mandar para Jerusalém com seu primo Neemias.”

Pela sua maneira hesitante, Sara deduziu que ele esperava que ela ficasse chocada com a notícia. “Como Neemias me disse.”

“Você tem falado com o copeiro?” O olhar carregado de Dario tomou um ar ameaçador.

“Ele me mandou uma carta, descrevendo sua próxima viagem. Ele disse que você estaria liderando a escolta militar dele e perguntou se eu estaria disposta a ajudar. Escribas competentes não são fáceis de encontrar em Jerusalém, ao que parece.”

Dario se virou para sentar. “Ele passou dos limites! Como acha que tem autoridade para mandar você viajar para Jerusalém?”

Os olhos de Sara se arregalaram. “Mandar em mim? Claro que não. Ele acreditava que você me levaria consigo. Você sabe que eu sempre quis visitar Jerusalém. Além disso, você iria ficar fora por um ano. Não iria me deixar para trás por todo esse período de tempo. Sua carta não tinha a intenção de desrespeitar. Ele disse que, já que eu estaria participando da viagem, poderia ser de grande ajuda como escriba.”

Duas manchas de cor brilhante queimavam nas bochechas de Dario. Ele mudava de posição na cama como se não pudesse encontrar uma posição confortável.

A boca de Sara caiu. “Eu vou com você, não vou? Você não pretende me deixar para trás, certo?”

“É muito perigoso, Sara.” Dario evitava olhar para ela. “Ir como escolta de Neemias é um mero disfarce. Minha verdadeira missão é chegar à raiz dessa trama enquanto estamos em Trans-Eufrates. Se o assassino começar a suspeitar de mim como agente do rei, você estará em perigo. Eles poderiam levá-la como refém para chegar até mim.”

“De qualquer forma, de acordo com os relatos dos oficiais da área, sua amada Jerusalém se tornou um caldeirão de agitação. Nações hostis cercam a cidade. Elas não ficarão nada satisfeitas com o repentino favor que Judá recebeu do rei. Quem sabe o que eles podem fazer. É muito arriscado levá-la junto.”

Sara sentou-se ereta. Ele planejava deixá-la para trás! Era tão fácil assim para ele abandoná-la por um ano inteiro? Aqui estava ela, agonizando sobre como não se separar dele, e ele já tinha decidido que iria deixá-la em casa. Toda a consideração de contar a ele sobre o bebê desapareceu. “Você parece ansioso em se separar de mim.” Sentia seus lábios endurecerem enquanto falava.

Dario se levantou rapidamente e ficou sobre ela como uma alta coluna de fúria. “Não seja estúpida, Sara. Odeio a ideia de deixá-la. Mas não vou pôr sua vida em perigo pelo bem dos meus próprios desejos egoístas. Como eu já disse ao rei, sua presença se mostraria uma distração perigosa.”

“O rei? Artaxerxes lhe disse para me levar com você?”

Uma mão elegante acenou no ar. “Ele fez uma mera sugestão.”

“Então até o rei concorda comigo.”

“O rei está interessado na sua utilidade. Ele sabe que seus talentos iriam servi-lo bem nessa viagem. Ele está cuidando dos interesses do império. Eu estou cuidando de você.”

“Dario, você não pode me proteger de todos os perigos. Na última vez que minha vida foi ameaçada, eu estava abrigada com segurança em sua mansão. E não foi algum sanguinário inimigo do império que me apunhalou na mata de Ecbátana. Seu próprio servo fez isso.” Sara se forçou a ficar calma. Sua voz ficou suave e suplicante. “Estou mais segura quando estou com você. Por favor, me leve.”

Dario passou os dedos através de seu cabelo longo. “Vou pensar sobre isso.”

Capítulo 11

O médico que Dario convocou para analisar Sara provou ser muito competente. Era um egípcio alto e magro, com um rosto bem barbeado e que evidenciava pouca emoção. Sem perder tempo, examinou Sara com minuciosa competência. Enquanto lavava as mãos em uma bacia de água morna, disse: “Nenhuma doença aflige você, minha senhora. Acredito que você esteja grávida, embora esteja em fase inicial. Dois meses, talvez. Você não suspeitou?”

Sara corou. “Eu suspeitava.”

“A julgar pelo que o seu marido disse, ele não tem conhecimento de sua condição. Ele acredita que você está doente.”

“Eu ainda não contei a ele. Queria ter certeza.”

“Pode ter certeza. Um bebê está crescendo em seu ventre.”

Sara foi tomada por tão grande onda de alegria que não conseguiu falar por algum tempo. Naquele breve momento, o pronunciamento do médico fez o bebê se tornar real para ela — real o suficiente para amá-lo. Protegê-lo. Ela fechou os olhos. Estava grávida de Dario. Seus olhos ficaram úmidos enquanto uma avalanche de sentimentos misturados ganhava força em seu coração. *Ela ia ser mãe!*

Sua mente finalmente foi capaz de pensar além das emoções do momento. “Posso viajar? Será que isso vai colocar em risco o bebê?”

“Não se você tomar o devido cuidado. Sem galope a cavalo, lembre-se. Se for a um ritmo suave e descansar bastante, os dois devem ficar bem.”

A seguir, deu-lhe uma lista de alimentos para comer e para evitar. Sara pegou a lista e a estudou com cuidado, memorizando-a na hora.

“Eu tenho um favor para lhe pedir, doutor. Não informe meu marido sobre minha gravidez ainda.”

A feição suave do rosto do egípcio permaneceu insensível. “Não quero ser descortês, minha senhora, mas reter tal informação do homem que me contratou seria errado. Não iria trair a confiança de sua senhoria, nem gostaria de provocar sua justificada indignação.”

“Eu não tinha o direito de pedir isso. Perdoe-me.”

“Por que você desejaria reter uma notícia tão feliz de seu marido? É óbvio

que você está satisfeita com a criança. Seu marido vai ficar igualmente emocionado, eu lhe garanto.”

Sara puxou os lençóis macios. “Ele vai partir para uma longa missão em breve. Por agora ele já não quer me levar junto, devido aos perigos que podem surgir. Uma vez que souber que estou grávida, ele vai preferir me amarrar a um poste de madeira ao invés de arriscar levar-me consigo.”

“Entendo. Quando informá-lo de sua condição, vou tentar lhe assegurar de que a viagem não representa uma ameaça para a saúde de seu bebê.”

“Meus agradecimentos,” disse Sara. “Não que isso vá fazer qualquer diferença.”

Dario começava a entender por que Artaxerxes lhe dera um olhar de pena em sua última reunião. O rei já havia permitido que sua própria esposa e rainha o acompanhasse em uma campanha militar. Dario começou a suspeitar que trazer Damaspia consigo naquela ocasião não tinha sido a intenção original de Artaxerxes. Damaspia deve ter forçado a situação. Ele podia até ver seus deslumbrantes olhos, azuis como o céu, inundando em grossas lágrimas ao implorar a seu marido para deixá-la ir. Ele percebeu que não era mais imune ao apelo suave de Sara do que Artaxerxes tinha sido ao de Damaspia. *Estou mais segura quando estou com você.* Aquelas palavras tinham conseguido cavar um caminho até seu coração. Ele não podia negar o impacto que elas tiveram sobre ele. A mulher sabia como sensibilizá-lo.

Ele passara a tarde longe de casa, supervisionando os detalhes de sua viagem para Além do Rio. Impressionou-lhe o quanto o copeiro já havia conseguido em um curto espaço de tempo. Dario teve que admitir que o primo de sua esposa tinha um grande talento para a administração.

Essa percepção não amoleceu seu coração a respeito de Neemias. Desde o seu dia do seu casamento, ele tinha adquirido uma antipatia com relação ao primo de sua esposa. O motivo de sua animosidade inicial já não existia, pois se sentia feliz com Sara. Sua suspeita de que Neemias tinha arquitetado o casamento como um meio de aumentar seu prestígio na corte se mostrou ser falsa. Mesmo assim, Dario não conseguia deixar de lado seu antagonismo em relação ao copeiro. Não fazia sentido, nem mesmo para ele. Neemias tinha sido um amigo próximo de seus pais; além disso, ele era parente de sua esposa. Ela o amava e respeitava com uma devoção que dava nos nervos de Dario. Ele se perguntou se poderia estar com ciúmes, mas descartou o

pensamento. Ele? Com ciúmes da afeição de sua esposa por outro homem? Um pensamento ridículo.

Ele deixou o assunto de lado, preferindo esquecer o copeiro tanto quanto possível, e enviou um servo para trazer Vidarna. “O médico já terminou de examinar a senhora Sara?”

“Sim, meu senhor. Ele esperou por cerca de uma hora para lhe dar seu relatório. Ele não pôde ficar, visto que outro paciente estava esperando por ele.”

“Ah. Lamento tê-lo perdido. Queria saber o que ele diagnosticou em relação a condição de Sara.”

“Ele disse que estaria de volta esta semana para discutir isso com você, meu senhor. Ele não parecia muito preocupado. Estou certo de que não é nada sério.”

Dario nunca se encontrou com o médico. Para o seu espanto, Neemias conseguiu obter a quantidade infundável de provisões necessárias para a viagem a Jerusalém antes do final da semana. Dario nunca soube de alguém que tivesse organizado uma empreitada tão complexa tão rapidamente. Ainda assim, os preparativos do copeiro continuavam meticulosos em cada detalhe. Dario não conseguia encontrar qualquer falha em seus preparativos. A fim de estar pronto para sair com Neemias, Dario encontrava-se ocupado desde a manhã até o anoitecer, perdendo oportunidades de ver o médico em várias ocasiões.

Sara garantiu-lhe que o médico parecia convencido de que ela não sofria de nenhuma doença grave. Ele achou que Sara estava com uma aparência melhor. Sua pele estava menos pálida e as crises de náuseas diminuía a cada dia, embora, apesar das garantias, ele suspeitasse de que não tivessem cessado completamente.

Para sua surpresa, sua esposa não trouxe à tona o tema Jerusalém novamente. Ele imaginava que ela poderia começar a atormentá-lo de uma hora para a outra. Seu silêncio lhe causava mais desconforto do que se ela o incomodasse. Ele poderia negligenciar o clamor de uma esposa importunadora; mas achava mais difícil negligenciar o doce silêncio de uma mulher triste.

A ideia de deixá-la durante um ano inteiro trazia um gosto ruim à sua boca. Sendo honesto, ele já sentia falta dela após três dias de ausência. Sua

conversa, seu humor e sua ternura haviam enriquecido tanto a sua vida que, quando estava sem eles, sentia-se desolado. Ninguém se levantou por ele da forma como esta pequena mulher o fez. Ela nunca tinha lhe mostrado o menor medo. Não parecia se impressionar com sua posição, riqueza ou aparência. Será que ele realmente conseguiria suportar se separar dela por doze longos meses?

Quão perigosa era essa jornada? Eles iriam viajar pelas estradas reais com um grande comboio e acompanhados por uma escolta militar, o que a fez sentir que os meses na estrada ofereceriam relativa segurança. Mesmo uma forte quadrilha de ladrões iria pensar melhor antes de tentar atacar um comboio como esse. Uma vez em Jerusalém, ela permaneceria sob seu cuidado vigilante, bem como o de Neemias. Ele poderia designar um de seus homens para protegê-la dia e noite. Se ele não a levasse para a Síria com ele, ela não seria exposta a perigos desnecessários.

Quanto mais ele pensava sobre isso, mais convencido ficava de que trazê-la não era o ato de um marido irresponsável. Sabia o quão desesperadamente ela desejava ver a cidade de seus pais e adorar no Templo deles. Ela iria brilhar tanto quanto uma das famosas lâmpadas de Persépolis se ele lhe dissesse que planejava levá-la consigo. Além disso, ela estaria submissa à sua vontade por meses. Ele riu. Bem, dias, que seja.

Neemias tinha estabelecido a data de sua partida para daqui a três dias. Se ele queria incluir Sara era melhor lhe dizer imediatamente; ela tinha pouco tempo para se preparar para uma longa ausência de casa.

“Tenho pensado sobre o seu pedido, e decidi levá-la comigo para Jerusalém.”

Sara gelou, enquanto o pedaço de pano que segurava pouco além do alcance de Anousia jazia esquecido. O cachorrinho latiu. Sentindo falta de ar, soltou o pano e se levantou num pulo do sofá. “Eu posso ir?”

“Sim.” Foi uma das poucas vezes que Dario a viu perder as palavras. Ele sentiu um tremor de satisfação pelo corpo.

Uma emoção estranha atravessou seu rosto. Não era felicidade. Mais como uma luta interior, ele teria percebido. Antes que ele pudesse examinar a fonte desta reação inexplicável, sua expressão mudou. O deslumbre iluminou seus olhos enquanto ela correu e jogou os braços sobre ele.

“Obrigada! Obrigada.”

“Vou colocar um guarda com você todo o tempo. Eu não quero que você se aventure a lugar algum sem ele. Você promete?”

“Vou ficar até com dois guardas se assim você desejar. Fico até com Mardônio, embora ele nunca tome banho e cheire como o dorso de um urso morto.”

Dario riu. “Quando ele era um menino, seu pai morreu de uma hipotermia que lhe sobreveio depois de um banho. Seu cérebro infantil conectou os dois eventos e, desde então, passou a evitar banho tanto quanto possível.”

Sara pegou sua mão e puxou-o para que se sentasse ao lado dela no sofá. “Quando partimos?”

“Em três dias.”

Ela se assustou. “Você está brincando! Nem mesmo Neemias conseguiria fazer isso.”

“Ele fez. Mudando de opinião?”

Para a surpresa dele, ela corou e desviou o olhar. “Dario, eu ...”

“O que foi?” Mais uma vez ele pegou essa expressão estranha em seu rosto, como se ela sentisse a consciência pesada. “Sara?”

Ela acenou com a mão. “Não se preocupe comigo. Eu consigo me aprontar. Posso levar Pari? Eu pensei que nós dois iríamos viajar em um dos carros. Prefiro evitar andar a cavalo em uma viagem tão longa, se você não se importar.”

“Essa é uma decisão sábia.”

Uma hora mais tarde, Dario deixou sua esposa com uma sensação incômoda no fundo de sua mente. Ele sentia que havia algo errado — que ela escondia algo. Repreendeu a si mesmo por seus receios ridículos. Mas a sensação incômoda não o deixou.

Pari aplaudiu quando ouviu a notícia sobre a viagem que se aproximava.

Sara deu um sorriso abatido. “Tem certeza de que deseja vir? Não estamos viajando para palácios e mansões, mas para uma cidade destruída. A comida será simples e as condições primitivas. Eu entenderia se você escolhesse ficar.”

“E me separar de você durante um ano inteiro, especialmente agora, quando você mais precisa de mim? Acho que não. Além disso, você tem lido a poesia do Rei Davi para mim por meses e agora eu vou ter a oportunidade

de visitar a cidade do Rei Davi.”

“Pode não haver muita coisa que valha a pena ver. Jerusalém tem sofrido pela guerra e pela negligência.”

“Não importa. Eu vou.”

Sara ficou aliviada ao ouvir sobre a determinação de Pari em acompanhá-la. A proximidade da partida liberou uma terrível ansiedade nela. Teria ela perdido a cabeça? Apesar da garantia do médico, temia que pudesse pôr em risco a saúde de seu bebê. Ela não sabia nada sobre gravidez. Por não ter crescido entre mulheres, não tinha o conhecimento comum para a maioria das mulheres de sua idade. Ter uma amiga como Pari como sua acompanhante seria um enorme conforto.

Ela quase deixou escapar a notícia depois que Dario lhe pedira para vir. A culpa a tinha esmagado. Ele merecia saber que estava prestes a se tornar pai. Merecia ter um papel na tomada de decisão sobre esta viagem. O silêncio dela o privou dessa escolha crucial. Ela reconhecia que estava errada. Disse a si mesma que tinha três dias para revelar seu segredo. Talvez, se ela lhe contasse logo antes de sair, ele se veria tão pressionado pelo tempo que seria forçado a levá-la.

Ela se perguntou se havia parteiras em Jerusalém. Certamente, as mulheres lá não dão à luz sem ajuda. Mas aqui em Susã ela teria acesso ao melhor. Damaspia, sem dúvida, enviaria sua parteira pessoal para verificar suas necessidades. Não em Judá.

Ela não tinha informações sobre o calendário desta tarefa. Pelo que sabia, Dario e ela podiam ter que se virar e voltar para casa dentro de algumas semanas após terem chegado. Nesse momento ela já teria crescido bastante devido à criança. Conseguiria aguentar quatro meses chacoalhando ao longo das estradas reais com sua barriga se projetando para frente acima de seus pés?

Então, novamente, Dario nunca iria permitir isso. Ele iria encontrar um lugar seguro para ela ficar até que sua hora chegasse. Se o rei precisasse dele, ele teria que sair do seu lado. Que ironia seria se, depois de perambular atrás dele ao longo de metade do império, ela ainda terminasse tendo o bebê sozinha.

Iria dizer a ele, ela decidiu. Iria dizer assim que ele voltasse para casa. Mas, na hora que Dario veio naquela noite, ela já tinha perdido a coragem.

O dia da partida amanheceu nebuloso com um calor seco. Era meio de primavera, mas parecia mais alto verão. Eles se reuniram do lado de fora da porta oeste da cidade. Sara contou cento e três pessoas, incluindo a escolta militar de Dario. A maioria era de homens. Ela reconheceu vários parentes de Neemias e oficiais judeus de Susã. Muitos outros eram servos contratados. Cavalos, burros e jumentos carregados com homens ou equipamentos faziam uma cavalgada barulhenta. Um grande número de resistentes carros cheios de alimentos, tendas e outras necessidades se alinhavam ao longo da estrada, à espera da partida. A maioria estava coberta e era puxada por burros. Alguns carros menores, feitos de pranchas de madeira, tinham apenas lados altos, sendo cobertos por cima com lonas e cordas.

Sara procurou freneticamente por Dario e o avistou perto do topo da coluna, falando a um homem que não reconheceu. Não havia mais tempo para vacilar. Ela já tinha deixado para muito tarde. Precisava contar a ele agora.

“Meu senhor, posso falar com você?”

Ele se virou para ela de forma distraída. “Não agora, Sara. Vá para o seu carro com Pari.”

“Mas meu senhor...”

“Sara, este é um momento ruim. Devo falar com você mais tarde.”

Meio que aliviada e meio que em pânico, Sara andou pela fileira de viajantes até que encontrou o carro amplo que Dario tinha preparado para si e para Pari. Uma grande parte do piso tinha sido forrada com colchões grossos para protegê-las das imperfeições da estrada, enquanto uma extensão removível de lona sobre o carro lhes daria proteção contra o mau tempo. Ele tinha até instalado espessas cortinas para lhes dar privacidade.

Ela subiu com a ajuda de Pari e sentou-se com os joelhos contra seu peito. Se ela lhe contasse isso depois que entrassem na estrada ele ficaria furioso. Iria se sentir manipulado, e com razão. Graças aos seus muitos atrasos, no entanto, tinha acabado sem opções. Não era razoável esperar que ele estivesse livre para ter uma conversa íntima com ela pouco antes do início da viagem.

Neemias silenciou o grupo e o conduziu em oração, pedindo a Deus para cuidar deles e lhes dar passagem segura. E, em seguida, numa marcha lenta tão respeitável quanto a de uma embarcação real que sai em uma longa busca, seu comboio iniciou a viagem.

Sara colocou a cabeça sobre os joelhos e gemeu. Isso não era um bom presságio. Novamente, determinou que iria contar assim que ele viesse até ela naquele dia. Ela iria começar pedindo o seu perdão e até mesmo se ofereceria para voltar se assim ele desejasse.

O calor e o monótono balanço do carro hora após hora adicionavam uma camada extra de exaustão ao cansaço implacável induzido pela gravidez. Como o sol da primavera tinha atrasado para se pôr à tarde, a caravana não fez uma pausa no primeiro ponto de parada real. Sem dúvida, teriam que passar a noite acampados à beira da estrada, pois eles não seriam capazes de chegar ao próximo ponto de parada antes do anoitecer. Sara se esticou sobre o colchão, exausta. O sono a venceu de uma forma pesada no início da noite.

Através de um véu, ela ouviu a voz de Dario perguntando sobre ela. Tenho que me levantar, disse ela a si mesma. Havia algo crucial ele tinha que saber. Mas a atração do sono exercia um poder muito forte sobre seu corpo. Como se fosse num sonho, ela sentiu um toque suave na bochecha e o murmúrio confuso da voz de Dario em seu ouvido. Então, adormeceu novamente e perdeu a chance de fazer as coisas de forma certa.

Ela se levantou cedo no dia seguinte, sentindo-se revigorada. Os carros tinham parado depois que ela adormeceu e o cessar do movimento tinha ajudado seu corpo a se recuperar da viagem. Vestindo-se com a ajuda de Pari, ela cobriu os cabelos com um lenço cor de canela e desembarcou para procurar seu marido. Ela não conseguia mais deixar sua confissão para outro momento. Melhor enfrentar o fogo de sua ira do que esconder a notícia dele.

Enquanto ela olhava ao longo da fila, notou um mensageiro real cavalgando em direção a eles a uma velocidade tão grande que a poeira da estrada quase o impedia de ser visto. Ele passou galopando por onde Sara estava em direção à frente do comboio. Sara protegeu os olhos com uma mão. O mensageiro sinalizou para Dario e os dois homens desceram de seus cavalos. Sara seguiu na direção deles. No momento em que ela chegou ao lado de seu marido, ele já tinha lido a carta. Ela notou com espanto que seus olhos se encheram de lágrimas.

Capítulo 12

O fegante, Sara agarrou o braço de Dario. “O que houve?” Ele inclinou a cabeça em direção a ela, mas sua expressão permaneceu atordoada, como se não tivesse compreendido suas palavras.

“O que aconteceu?” Tentou ela novamente.

“É...” Sua voz travou. O silêncio se estendia e Sara se retorcia de preocupação. Dario limpou a garganta. “É o meu pai. Seus servos o trouxeram para casa com uma febre terrível. O rei me mandou ir para Susã imediatamente. Não há tempo a perder.”

“Oh, Dario. Eu sinto muito.” Ela apertou sua mão. Seu toque lhe parecia frio e pegajoso. “O que você vai fazer?”

“Partir já. Lisandro pode liderar a escolta militar na minha ausência. O comboio está se movendo tão lentamente que devo ser capaz de alcançar vocês mesmo que fique fora uma semana ou mais.”

“Posso ir com você?” ela perguntou, esquecendo-se de que não deveria cavalgar.

“Você não conseguiria me acompanhar, Sara. Preciso chegar lá o mais rápido possível. Pode não haver muito tempo.”

Ela assentiu com a cabeça. Sem considerar o público curioso ao redor, ela colocou seus braços ao redor dele. “Que o Senhor vá com você, meu amor.”

Dario a puxou para um abraço forte e enterrou o rosto no seu pescoço. “Cuide-se.” Ele saltou em seu cavalo e, após uma breve conversa com Lisandro, se pôs de volta na estrada em direção a Susã como um relâmpago. Com as mangas soltas de sua leve túnica flutuando atrás de si, parecia que ele estava voando.

De volta ao seu carro, Sara compartilhou a notícia com Pari e passou uma hora orando pelo Lorde Vivan. Talvez o Senhor poupasse sua vida por amor a Dario. Tendo perdido sua mãe quando tinha apenas dezessete anos, ele tinha um apego particularmente profundo a seu pai.

No final das contas, ela não tinha contado a Dario sobre o bebê. A notícia da grave doença de seu pai a tinha feito esquecer. Sara lamentou sua omissão. Ele tinha ido a seu pai doente sem uma notícia que poderia fortalecer o coração do Lorde Vivan.

Dez dias após a partida, Neemias veio visitar Sara quando a caravana parou por conta da noite.

“Alguma notícia de Dario?” Ele perguntou enquanto permanecia de pé ao lado do carro de Sara.

Sara foi para a borda do colchão e pendurou suas pernas sobre a borda do carro. “Nenhuma, meu senhor.”

Neemias desviou o olhar. À luz do fogo seu rosto parecia como que desenhado. “Você e o Lorde Vivan eram bons amigos, não eram?” Sara falou, com sua voz se suavizando.

“Nós ainda somos, embora devido às suas viagens frequentes não tenhamos mais o luxo de passarmos muito tempo juntos.”

“Então ele o perdoou pela forma desastrosa do meu casamento? Por me recomendar como uma mulher adequada para o filho dele?”

Neemias deu um sorriso curto ao recordar. “Uma vez que entendeu as circunstâncias ele superou suas reservas. Ele pode ver que Dario é feliz, que é com o que ele se preocupa. Por um curto período de tempo a nossa amizade ficou tensa, quando ele pensou que eu o tinha direcionado de forma errada.”

“Peço seu perdão, primo Neemias.”

“E eu o concedo. Esqueci há muito, já.” Ele respirou fundo. “Oro para que o Senhor restaure o Lorde Vivan. Ele é um bom homem.”

Sara apoiou os cotovelos sobre os joelhos. “Você conheceu a mãe de Dario também?”

“Eu a conhecia desde que éramos crianças. Ninguém ficou surpreso quando o Lorde Vivan se apaixonou por ela. Ela era extraordinária. Mas ficamos todos espantados que ela o tenha aceitado. Ela amava o Senhor, você sabe. Para se casar com ele, ela sacrificou muita coisa.”

“Ela nunca desistiu de sua fé?”

“Não. Ela adorou o Senhor o melhor que pôde em uma casa persa. Claro, ela não pôde criar seu único filho como um judeu. Derramou muitas lágrimas por essa perda. Nenhuma criança jamais recebeu uma quantidade tão grande de oração.”

“Será que Dario sabe algo a respeito do Senhor?”

“Mais do que você possa imaginar. Perto do fim de sua vida, quando Dario tinha dezesseis ou dezessete anos, eles conversavam sobre a fé dela várias vezes. Ela sabia que estava morrendo, e queria que ele a entendesse melhor.

No entanto, ela não quebrou sua promessa ao Lorde Vivan sugerindo que Dario devesse buscar o Senhor. Nem encheu Dario de culpa por escolher viver como seu pai esperava dele. Ela só lhe contou sobre sua fé e o que significava para ela.”

“Eu nunca o ouvi falar sobre o Senhor. Ele evita toda referência possível à minha fé.”

“Não deve ser fácil para ele. Um príncipe persa ligado pelo amor e pela tradição ao seu estilo de vida, mas que ainda tem outro mundo reivindicando seu coração. Se ele sente qualquer atração pelo Senhor, deve se sentir compelido a lutar contra ela com toda a sua força.”

Sara esfregou o canto do nariz. “Eu entendo as lutas da senhora Raquel melhor do que ninguém. Minha vida parece ter se tornado uma repetição da vida dela. Não é fácil ter que esconder meus pensamentos e sentimentos do meu próprio marido. Como uma parede, sua descrença hostil nos divide. E, depois, há o jeito como ele mantém suas emoções escondidas atrás de uma represa que não posso tocar. Que par nós somos! Enfio qualquer coisa relacionada à minha fé longe de sua audição e ele esconde seu coração longe de mim. Isso torna a minha vida solitária às vezes.”

“Você realmente soa como Raquel.”

Lisandro ficava cavalgando atrás do carro de Sara por várias horas todos os dias. Ele também designou dois guardas pessoais de Dario — Arta e Meres — para vigiar Sara enquanto ele estava ausente. Ambos os homens eram familiares para ela e tê-los ao seu redor trazia-lhe conforto. Com Lisandro era completamente diferente.

Sara o pegou esculpindo uma figura de madeira do tamanho de uma mão no primeiro dia em que ele passou a cavalgar perto dela. Como Dario, ele estava tão habituado ao seu cavalo que guiava o animal pela pressão de suas pernas, o que deixava suas mãos livres.

Curiosa, Sara tinha pedido para ver a figura. Ele estava usando madeira de cor clara, que tinha sido clareada para uma cor de marfim. Ela engasgou enquanto segurava a figura em sua mão. Era um busto em miniatura — a semelhança com Dario era inconfundível. Ele conseguiu captar a simetria e a completa força da beleza em sua face. O que fez o pequeno busto notável, no entanto, foi a sutileza da expressão. Força, bondade e um ligeiro ar de humor cínico fizeram suas feições ganhar vida. Fascinada, Sara estudou o busto. Isso

a fez sentir falta do marido com renovada intensidade.

Ela entregou a escultura a Pari, que a estava estudando por cima do ombro dela. “É um trabalho refinado”, disse Sara. “Um dos melhores que já vi. Você poderia ser um escultor profissional.”

“Hmm. É para você. Para ajudar na ausência de Dario.”

Dentro de dias, Sara percebeu que a comunicação abrupta, bem como a consideração atenciosa, era típica do espartano. Embora raramente compartilhasse seus pensamentos, quando ele optava por fornecer um vislumbre de sua mente ou coração, seu interlocutor devia sentir-se como um grande privilegiado. Ele raramente sorria, mas quando o fazia seu rosto ficava impregnado com uma luz inteligente que fazia seu rosto bonito mais acolhedor. Sara e Pari faziam o que podiam para fazê-lo rir, mas nunca conseguiam. Mas elas concordavam com o fato de que seus sorrisos esporádicos mais do que compensavam essa falta.

Sara se perguntava por que um homem tão talentoso com as mãos arriscava sua vida como soldado. Ela teria que perguntar a Dario sobre a história de Lisandro; sentia profundezas ocultas nele que sugeriam um passado interessante.



No dia seguinte da viagem, um dos servos de Neemias adormeceu em seu jumento e tombou na estrada, batendo sua cabeça contra uma pedra e obtendo um corte desagradável. Sara podia ver a confusão de dentro de seu carro. Alguém foi buscar Lisandro e, para sua surpresa, ele cuidou do servo com mãos precisas e hábeis. Ele até tinha uma caixa de ervas medicinais e bandagens preparadas que usou para tratar o servo.

Sara sabia que oficiais militares persas recebiam uma formação médica rudimentar para casos de lesão no campo de batalha. Talvez Lisandro tivesse recebido uma formação semelhante em Esparta. No entanto, nem Dario carregava consigo uma caixa bem abastecida de remédios como a que Lisandro tinha, que mais parecia ser própria de um médico. O interesse em medicina do espartano claramente ia além daquele de um oficial comum.

À noite, Neemias veio até ela para uma visita curta. Sara permaneceu sentada em seu carro, enquanto Neemias ficou do lado de fora por uma questão de decoro.

“Como está o seu servo, meu senhor? Ele levou um tombo daqueles hoje.”

“Ele vai se recuperar. Lisandro é mais experiente que a maioria dos

médicos.”

“Como pode isso? Eu pensei que ele tinha sido treinado como soldado.”

Neemias acenou com a mão. Sara achou graça ao notar que as unhas dele estavam tão limpas e bem cuidadas como sempre e sua roupa não estava impregnada com a poeira da estrada. Seu primo prezava por se manter arrumado e respeitável, mesmo depois de horas de viagem em estradas de terra seca.

“O homem é um mistério. Ele tem muitas habilidades, entre elas a de manter a boca fechada. Dario sabe mais sobre ele do que qualquer outro. A propósito, alguma notícia?”

“Ainda não.”

“Eu gostaria de poder ir eu mesmo. Tenho um grande respeito, para não dizer carinho, pelo seu sogro. Meu lugar, porém, é aqui.”

“Claro. De qualquer forma, é melhor que Dario tenha esse tempo sozinho com seu pai.”

Neemias assentiu, com seu cabelo vermelho brilhando à luz do fogo. “Mande avisar-me se você precisar de alguma coisa. Não devo precisar de você até chegarmos à floresta do rei no Líbano. Depois disso, haverá muitas oportunidades para você me dar uma mão.”

Por um momento, Sara pensou em contar a Neemias suas novidades e pedir orações e orientação em relação a Dario. Então, ela se deu conta de que não podia compartilhar seu segredo com seu primo antes de fazer seu próprio marido saber. Dario ficaria tremendamente magoado se descobrisse isso.

Quando estavam na estrada há doze dias, Dario voltou quando o sol já se escondia. Ele foi ver Sara antes de se reportar a Neemias ou aos seus homens. Ela não teve chance de lhe perguntar uma única coisa quando ele a tomou em seus braços e a segurou, com suas mãos circundando sua cintura.

Ela notou as olheiras sob seus olhos e a palidez de sua pele quando se afastou dele. Ele, porém, não estava usando traje de luto e sua expressão, embora cansada, era desprovida de dor.

“Ele está bem?” Sua voz soava como o grito de uma criança animada.

Dario abriu um sorriso. “Ele está fora de perigo e espera-se que ele se recupere totalmente. Quando cheguei, ele estava em um sono profundo por três dias e noites. Os médicos que cuidavam dele disseram que ele iria morrer dentro de horas.” Dario esfregou a testa como se a memória o incomodasse.

“Ele se recusou a morrer. Nunca foi apreciador de médicos e estou certo de que não queria obrigá-los a ficar ali.”

Sara riu. “Então ele estava dormindo quando você chegou?”

“Sim. No começo eu sentei ao seu lado em silêncio.” Ele não disse nada por alguns instantes. Sara se perguntava o quão difícil deve ter sido para ele ouvir a respiração ofegante de seu pai, pensando se cada uma delas viria a ser a última. Pensando se nunca mais iria ouvir o som da voz de seu pai novamente.

Dario fechou os olhos por um momento, como se a memória lhe doesse. “Em desespero, comecei a falar com ele, embora acreditasse que não podia me ouvir. Havia tantas coisas que queria lhe dizer.”

Sara desejava perguntar o que ele tinha dito a seu pai. Sabia que não devia perguntar e, ao invés disso, o abraçou, pois o toque físico era seu único meio de aumentar a intimidade entre eles. Ele iria revelar o que queria e ela tinha que se contentar com isso.

“Depois de algumas horas cansando a nós dois com minha tagarelice, disse-lhe que não queria que ele morresse.”

Sara se inclinou para Dario e reforçou seu abraço por um momento. Dario descansou nele como se os braços dela fossem o santuário que procurava e que tinha perdido por longos dias.

“O que aconteceu, então?” ela questionou.

“Aí eu caí da cama.”

“Você não fez isso!”

“Eu lhe asseguro de que fiz. Porque com uma voz alta e firme, meu pai respondeu: ‘Eu não tenho planos de morrer, meu filho’.”

Uma boa risada escapou dos lábios de Sara. “Isso é extraordinário! Eu teria caído da cama também.”

Dario sorriu. “Ele acordou numa desforra depois disso, exigindo comida, roupas frescas e um relatório de sua situação. Não foi tarefa fácil convencê-lo a descansar.”

Sara suspirou de alívio. “Eu estava tão preocupada.”

“Os médicos disseram que sua recuperação não foi nada menos do que um milagre. Fiquei com ele até ter certeza de que o perigo havia passado.”

“Você dormiu?”

“Não muito. Eu cavalguei durante a maior parte da noite para alcançar

vocês.”

“Você deve ter cavalgado mais rápido que um furacão desde que saiu de Susã.”

Ele se esticou. “Estou cansado, mas devo conferir os relatórios de meus homens e de seu primo primeiro.”

“Tenho algo para lhe dizer, Dario.”

“Diga-me amanhã. Não acho que poderia aguentar qualquer coisa esta noite. Minha mente está entorpecida pela exaustão. Vou para a cama assim que terminar de fazer todas as minhas verificações.”

Sara assentiu com a cabeça e deu-lhe outro abraço. Ela preferia que ele estivesse descansado e de bom humor quando lhe contasse a novidade.

O pulsar persistente nas suas costas despertou Sara de um sono profundo. Mais uma vez, o comboio manobrou para chegar num ponto de parada e parou para passar a noite ao lado da estrada, o que significava que ela tinha dormido em seu carro ao invés de dormir em uma cama tolerável de um hotel confortável. O sol não nasceria por algum tempo ainda e o acampamento descansava em silêncio. Ela se virou para a direita e depois para a esquerda, tentando encontrar alívio. A dor a seguia, não importava como posicionasse seu corpo. Pari lhe tinha dito que dor lombar era uma queixa comum durante estágios mais avançados da gravidez; ela deve ter começado mais cedo do que o habitual. Ela sentiu a náusea incomodando-a mais acentuadamente do que o habitual, e estendeu a mão para o pão velho que Pari deixava ao lado da cama todas as noites. Embora não tivesse mais ficado tão doente quanto no início de sua gravidez, ela nunca havia superado inteiramente o desconforto de um estômago irritado.

A dor persistia e, depois de mais de uma hora tossindo e se virando, Sara decidiu esticar as pernas e caminhar um pouco, na esperança de encontrar alívio. No momento em que ela deixou o carro, um amanhecer cinzento tinha começado a lançar suas sombras suaves sobre a paisagem. Encostou-se ao lado da madeira do carro, deixando seu corpo se ajustar à posição ereta antes de iniciar uma caminhada lenta.

Inesperadamente, uma câibra severa golpeou sua barriga com tal força que Sara se dobrou. Sua respiração tornou-se irregular devido à sua intensidade. Medo misturado com dor. Isso não lhe parecia normal. Ela colocou uma mão protetora sobre a barriga, tentando acalmar o alarme que correu pela sua

mente.

Depois de alguns momentos, a cãibra afrouxou seu aperto e Sara foi capaz de se endireitar. Ela caminhou de volta para seu carro e sussurrou o nome de Pari. Como tinha sono leve, sua amiga chegou ao seu lado em um instante.

“O que há de errado, minha senhora?”

Sara agarrou a mão de Pari. “Passou já, por isso espero que não seja nada. Entretanto, fui afligida por uma cãibra severa há poucos momentos atrás. E minhas costas estão doendo já há várias horas.”

Pari desceu num pulo para ficar ao seu lado. “Vamos levá-la de volta para dentro onde possa se deitar.”

“Não. Sinto-me claustrofóbica lá dentro. Deixe-me ficar aqui.”

Pari continuou a segurar a mão dela. O sol estava nascendo no leste, num ritmo vagaroso. À luz pálida Sara podia ver o rosto de Pari revelar uma pontada de preocupação. Deu-lhe um sorriso tranquilizador. O sorriso se alargou quando viu Dario caminhando a passos largos em direção a elas. Pari, também notando a aproximação dele, disse que iria buscar água, embora Sara soubesse que ela queria lhes dar privacidade.

“Pensei que teria que acordá-la,” disse ele. “Você acordou cedo.”

“Você está me visitando cedo.”

Ele enrolou suas mãos em seu cabelo e a puxou. “Senti sua falta.”

“E eu...” As palavras que ela planejava falar foram esquecidas ao sentir outra cãibra afiada como uma faca invadir sua barriga. Ela fechou a boca diante do gemido que se levantou de suas profundezas. Sua respiração saía em baforadas curtas de ar. Agarrando o braço de Dario para apoio ela se inclinou, dobrando-se sobre si mesma.

Ó Senhor, tenha misericórdia de mim. Tenha piedade do meu bebê.

“Sara? Sara, onde está doendo?” Perifericamente, ela notou que a voz de Dario exalava calma.

Ela não conseguia pensar em nada para dizer. Ela ainda tinha que lhe informar de sua gravidez; deveria agora lhe dizer que temia estar perdendo o bebê que ele não sabia que ela estava gerando? Ela balançou a cabeça e o agarrou mais forte, enquanto a dor a fez esquecer todo o resto.

Ele a pegou, a levou para o carro e a deitou no seu colchão. O interior do carro permanecia envolto em sombras; ele se virou para acender uma lâmpada. A dor cessou tão subitamente como tinha começado, e Sara se

obrigou a sentar.

“Estou bem agora.” Ela parecia fraca e instável aos seus próprios ouvidos.

Dario voltou-se para encará-la, segurando a lâmpada em uma mão. Ele parecia congelado. “Vou buscar Lisandro,” disse ele.

“Não acho que seja necessário. A dor se foi.”

“É necessário.” Ele estendeu a mão. Estava escarlate. “Você está sangrando.”

Sara prendeu a respiração. Pela primeira vez ela se tornou consciente da sensação pegajosa entre suas pernas. Ela olhou para baixo e viu que seus sapatos estavam manchados de sangue. Negação não era mais uma opção. Ocorreu-lhe que seu bebê estava morrendo. Ela fechou os olhos e escondeu o rosto no travesseiro na esperança de afogar o grito que estava subindo, e subindo a partir do profundo de seu ser. Dario a ergueu em seus braços e a embalou. “Devo buscar Lisandro, querida. Vou voltar rapidamente.”

Pari veio para o seu lado momentos depois.

“Meu bebê,” disse Sara, com a voz quebrada. “Meu bebê.”

Os olhos de Pari se encheram de lágrimas. “Eu sinto muito.” Ela limpou o sangue de sua pele e pôs nela roupas limpas. Com movimentos suaves, ela começou a esfregar as costas de Sara. Outra onda de contrações a tomou, não tão intensa quanto antes, mas dolorosa o suficiente para fazê-la vomitar.

Lisandro e Dario apareceram ao pé do carro. “Posso entrar, minha senhora?” Lisandro perguntou.

Ela assentiu com a cabeça, sem palavras. Dario tentou segui-lo, mas Lisandro levantou a mão. “Dê-me alguns momentos a sós com sua esposa, Dario. A criada pode permanecer.”

“Eu quero estar ao lado dela.”

“Compreendo. E você vai estar. Mas, primeiro, preciso examiná-la em particular.”

Dario deu um breve aceno de cabeça. “Não demore.”

O exame de Lisandro foi minucioso. A tristeza de Sara superava sua vergonha.

“Você está perdendo um bebê,” disse ele, sem tentar amortecer a notícia.

“Você pode salvá-lo?”

Ele balançou a cabeça. “Não dá. Nada poderia tê-lo salvo. Agora, temos de ter certeza que você não vai ter uma hemorragia e que sua carne não vai

apodrecer. Se você se cuidar bem, não há qualquer razão pela qual não deva engravidar novamente e dar à luz um bebê saudável. Muitas mulheres têm abortos espontâneos e se recuperam totalmente para ter uma ninhada de filhos.”

Lágrimas embebiavam o rosto de Sara. “Eu quero esse bebê. Eu o amo tanto.”

“Minha senhora, estou certo em presumir que o seu marido não sabe?”

“Sim. Eu deveria ter dito a ele antes de vir. Eu tentei diversas vezes desde então. Nós sempre éramos interrompidos. Eu pretendia lhe dizer hoje. Agora é tarde demais.”

“Vai ser duro pra ele. Vou chamá-lo agora. Devo lhe dar a notícia, ou você quer fazê-lo por conta própria?”

“Já que eu nunca lhe disse que tínhamos concebido um filho, deveria pelo menos ser a pessoa a informá-lo de que seu filho morreu.”

Dario saltou para o carro assim que Lisandro abriu as cortinas pesadas. Ele foi logo para o lado de Sara e se sentou perto dela, cuidando para não lhe causar desconforto. “O que há de errado com ela?” Ele perguntou a Lisandro sem tirar os olhos de Sara. Com ternura comovente, ele tirou o cabelo úmido dela da frente de seu rosto. “Você vai ficar bem.”

“Dario.” Sara mordeu o lábio, sem saber como ir em frente. “Meu senhor, me perdoe. Eu perdi o nosso bebê.”

Uma máscara de insensibilidade manteve sua feição intacta. Ela conhecia esse truque. Sempre que suas emoções entravam em erupção, ele as escondia com a destreza de um mágico com sua vara mágica. “Você estava grávida?”

“Sim, meu senhor.”

“Ela vai ficar bem?” Ele se virou para Lisandro. “Havia muito sangue.” Na voz desapaixonada, Sara pensou que tinha detectado um fio de medo. Ela pegou a mão dele, desesperada pelo seu conforto. Desesperada para lhe dar conforto.

Lisandro disse: “Com bons cuidados, ela vai se recuperar rapidamente. Estou confiante de que ela vai engravidar novamente, Dario.”

“Foi a viagem?”

“Eu duvido. Eu conheci mulheres que exerciam atividades mais exigentes durante a gravidez e geravam seus bebês sem dificuldade, assim como as mulheres que evitaram todo esforço vigoroso e, no entanto, abortaram.”

“Mas você não sabe ao certo?”

Lisandro empurrou a mão pelos seus cabelos louros. “Não. Não ao certo. Ninguém sabe ao certo por que essas coisas acontecem. Eu acho que o corpo reconhece a existência de um problema e expulsa o bebê.”

Dario não disse nada. Seus olhos, de pálpebras pesadas e vermelhas, revelavam um peso de tristeza que não podia esconder completamente. Ele permaneceu ao lado de Sara, com sua mão na dela, mantendo vigília quieta até que ela adormecesse.

Ela não dormiu por muito tempo. Dario ainda estava lá quando ela acordou. “Como você está se sentindo?”

Ainda grogue de sono, Sara tentou avaliar seu estado de espírito, mas não conseguiu. “Melhor.”

Ele se inclinou para longe dela. “Preciso lhe fazer uma pergunta, Sara. Você vai me dizer a verdade?”

“Sim.” Sabia o que ele estava prestes a perguntar. Sabia que lhe dizer a verdade iria levá-lo para longe dela. Mas também sabia que não podia mentir. Já era ruim o suficiente ter escondido dele a verdade. Ela não iria piorar a situação tentando cobrir sua culpa com mais mentiras.

Sua voz soava rouca e frágil. “Você sabia que estava grávida quando nós embarcamos nesta viagem?”

A boca de Sara secou. “Sim, meu senhor. Eu sabia.”

Dario se levantou, com seus movimentos estranhos, como se não pudesse acessar a graça física inata que marcava sua postura habitual. Sem qualquer palavra, ele saiu.

Capítulo 13

Lisandro ficou com Sara até que o sangramento e as cólicas diminuíram. Segundo ele, estes eram sinais favoráveis, indicando que ela iria se recuperar de seu aborto espontâneo sem efeitos permanentes. Contanto que ela tivesse um resguardo completo, ele permanecia confiante de sua total recuperação.

O comboio tinha começado a se mover novamente. Sara quase não sentiu o terreno irregular da estrada. Uma cortina pesada de tristeza desceu sobre sua mente. Seu pensamento se tornou nebuloso. Só sentia angústia. Seu bebê tinha ido embora. Seu marido tinha ido embora. E ela tinha trazido o abandono de Dario sobre si mesma.

Na parte da tarde, Dario veio. Ele se pôs diante dela com olhos verdes acusadores. Contudo, ele não conseguia esconder a tristeza que se misturava com a amargura. Ela se lembrou de que ele havia falado uma vez sobre seu desejo de ter filhos. A perda desse bebê tinha ferido o seu coração tanto quanto o dela.

Ele colocou a mão na testa dela, com um toque impessoal. “Ela ainda está sangrando?” ele perguntou a Pari, ignorando Sara.

“Não copiosamente, meu senhor. E ela não mostrou nenhum sinal de calafrios ou febre. Está se recuperando bem.”

Dario assentiu com a cabeça e se virou para sair.

“Perdoe-me, meu senhor!” Sara gritou.

Ele parou, com suas costas largas rígidas. “Tarde demais.”

“Por favor! Eu amo você.”

“Eu não me importo”, disse ele, e saltou para fora do carro enquanto ele ainda estava se movendo.

Sara virou-se em seu travesseiro e chorou.

“Ele vai mudar de ideia,” disse Pari, batendo em seu ombro.

“Não. Ele não vai.”

Dario se sentou em sua cama, pronto para se deitar. Não que fosse dormir muito. Desde o aborto de Sara, suas noites consistiam de longas horas de pensamentos tortuosos, intercalados com ciclos curtos de sono agitado e sonhos torturantes. Nas sombras, viu o contorno dos ombros largos de

Lisandro caminhando em direção a ele.

“Preciso falar com você.”

“Então fale.”

Lisandro se curvou para baixo ao lado de Dario. “Aqui não. O que eu tenho a dizer é unicamente para os seus ouvidos.”

Num ímpeto súbito, ele sentiu o sangue ser drenado do seu rosto. “Sara?”

“Venha.”

Dario quase estrangulou Lisandro em sua pressa para fazer o homem vomitar seu segredo. Ela estava doente? Sua vida estava em perigo? Seu amigo, no entanto, se recusou a dizer qualquer palavra até que eles estivessem fora do alcance da audição do acampamento.

“Sua esposa não corre um perigo imediato, mas estou preocupado com ela. Já se passaram três dias desde o aborto e ela ainda não consegue comer. Está enjoada o tempo todo e fraca demais para sair da cama.”

“Será que o ventre dela começou a infeccionar?”

“Não acredito nisso. Ela não tem febre. O sangramento e as cólicas cessaram. Mas não está retornando ao normal como deveria. Doenças das mulheres não são a minha especialidade. Não sei mais o que fazer. Ela não se importa quando eu lhe digo para comer. Você tem que fazer alguma coisa, Dario.”

Dario tinha visitado Sara todos os dias durante os últimos três dias. Suas visitas eram sempre do mesmo jeito — eventos silenciosos e torturantes que a deixavam com os nervos à flor da pele. Ele checava seu bem-estar físico, mas se recusava a falar com ela. Era como se viesse contra a sua própria vontade, ela pensou. Como se parte dele a odiasse e quisesse estar tão longe dela como o sol da lua. E, ainda, parte dele não podia resistir a estar perto dela — não podia resistir ter certeza de que ela estava recuperando bem sua saúde. Apesar de sua grande ira, ele não poderia desunir seu coração inteiramente do dela. Às vezes, ela encontrava um fio de esperança nessa conexão. Mas na maior parte do tempo ela se sentia engolida por um desespero que parecia interminável.

Queria compartilhar a tristeza de seu marido, pois quem entendia melhor que do que ela o que era ter um filho amado arrancado de sua vida? Ele, porém, tinha levantado um muro tão alto entre eles que ela não conseguia alcançá-lo. Sua amargura respirava como uma coisa viva, separando-os.

Todos os dias ela havia implorado o seu perdão. Todos os dias ele a ignorava e saía sem dizer uma palavra.

Ela tinha dificuldade para comer. Seu corpo rejeitava a comida. A simples visão da comida a fazia passar mal.

Na quarta noite, logo após o comboio ter parado sua marcha, Dario entrou carregando uma tigela de sopa.

“Você vai comer isso,” ele disse.

“Eu não consigo.”

Ele colocou a tigela no chão do carro ao lado dela. Inclinando-se, ele esticou o braço para trás das costas dela e a levantou. Empilhou algumas almofadas atrás dela para apoiá-la antes de ela tentar ficar ereta. Seu toque fez o sangue voltar ao rosto dela.

“Você vai comer.”

“Não quero contrariá-lo, meu senhor. O cheiro da comida por si só está me deixando enjoada.”

“Mesmo assim deve comer. Você passou muitos dias sem comida e Lisandro disse que, se continuar assim, você poderá contrair uma longa doença.”

Ele sentou-se ao lado dela no colchão e estendeu a mão para a tigela. Levou uma colher de sopa à boca da esposa. “Tome.” Sua voz não admitia desobediência.

Se ele tivesse mostrado algum vislumbre de ternura ou mesmo compaixão, ela poderia ter acreditado que ele ainda gostava dela. Mas sua atitude era rude. Ele teria feito o mesmo com um cão doente ou um cavalo.

Não querendo irritá-lo mais do que já tinha, ela se forçou a engolir a colher de sopa. Por um momento, sua barriga ficou irritada com descontentamento. Fechou os olhos e respirou fundo.

“Bom. Agora, outra,” disse ele, implacável.

Na hora em que ele terminou, um brilho de suor cobria a sua pele e ela balançava num esforço para não esvaziar o conteúdo de seu estômago.

Ele umedeceu uma toalha e enxugou o rosto e o pescoço dela. “Vai passar em breve.”

Para sua surpresa e alívio, ele provou estar certo. A náusea passou e seu estômago se acalmou. Pela primeira vez desde que perdeu o bebê, ela se sentiu quase bem.

“Você parece melhor. Suas bochechas têm um toque de cor.”

“Eu me sinto melhor. Obrigada.”

Ela esperava que ele sáísse agora que tinha cumprido o seu propósito em visitá-la, mas ele se demorou.

“Por que, Sara? Por que você escondeu a criança de mim?” Ele parecia mais angustiado do que com raiva.

Sara fechou os olhos por um momento. “Eu temia que você não me deixasse vir.”

“Você queria ver Jerusalém tanto assim? Visitar Judá parecia mais importante para você do que a saúde do nosso bebê? Do que os meus sentimentos?”

“*Não!* Nunca. Eu escondi a notícia de você porque não queria me separar de você durante um ano inteiro. Ou ter o bebê sozinha. Eu perguntei ao médico que você me mandou se a viagem seria perigosa para a criança. Eu nunca teria arriscado a vida dele, Dario. Nem mesmo pelo objetivo de estar com você. Ele me garantiu que, se eu tomasse cuidado, a criança não correria nenhum risco em particular. Até mesmo o rei trouxe suas concubinas grávidas consigo na estrada.”

Ele recostou-se no banco. “Você não tinha o direito de esconder essa criança de mim. Eu era o pai dela! Eu merecia saber, Sara.”

“Eu sei que sim. Errei com você, Dario. Não podia acreditar que você não tinha descoberto depois da visita do médico. Ele me disse que iria informar você.”

“Sem dúvida, contra a sua vontade. Você enrubesceu. Fiz uma suposição correta, posso ver.” Ele cruzou os braços em um movimento tenso. “Você não pode culpá-lo por isso, embora o pobre homem tenha tentado me visitar muitas vezes. Esta era sua responsabilidade como minha esposa! Era você quem deveria compartilhar isso comigo. Você era quem tinha de me dizer que havíamos concebido uma criança. Você acha que eu desejava ouvir tal notícia da boca de um médico?”

“Oh, Dario. Perdoe-me. Eu ficava pensando que iria conseguir lhe dizer logo. Mas, então, eu pensava que você ia me deixar para trás e o medo da separação me deixava muda. No começo pensei que teria semanas. Eu não tinha negociado um calendário com Neemias, que apressou nossa partida além das minhas expectativas. Tentei dizer-lhe na manhã logo antes de

partirmos. Você se lembra?”

“Você realmente imaginou que eu teria tempo para sentar e conversar com você momentos antes do comboio partir? Isso é uma desculpa. Você queria me contar quando eu não pudesse fazer mais nada a respeito.”

Sara não podia refutar a acusação. O silêncio no carro ficou pesado com a ruptura entre eles. Pareceu a ela que a conversa tinha trazido a amargura para fora, mas nada havia sido resolvido. Então, ela percebeu que o discurso não poderia curar o que os afligia. Misericórdia imerecida era a única solução para a sua situação. Misericórdia e perdão.

Seu marido era um homem que tinha dificuldade em confiar nas pessoas. E ela já tinha violado essa confiança logo ao se tornar sua esposa. Foi preciso um desastre para amolecer o coração dele. Apenas após ter sido esfaqueada e ficado gravemente doente que ele fez as pazes com ela. Da perspectiva de Dario, essa nova traição deveria parecer incompreensível.

“Deveria ter deixado a decisão a meu respeito em suas mãos,” ela disse.

Ele deu de ombros e se levantou, com seus movimentos pesados. “Você deveria ter confiado sua vida aos meus cuidados, mas você me roubou a oportunidade. Por sua causa, tive que ficar de luto pelo meu filho antes mesmo de ter a chance de festejá-lo. Você poderia ter perdido este bebê mesmo se tivesse ficado em Susã. Mas, pelo menos, ambos saberíamos ter feito nosso melhor por ele. Agora, teremos que lutar para sempre com essa questão.”

Neemias veio visitá-la à noite. Pari saltou do banco e ofereceu o único assento do carro para ele. Ele acenou graciosamente com a cabeça, se acomodou de forma elegante no banquinho ao lado de Sara e se inclinou em sua direção. “Sinto muito, minha menina.”

A suave simpatia em sua voz fez com que ela se derretesse em lágrimas. Ela tinha chorado mais em quatro dias do que lembrava ter chorado desde a infância.

“Por que Deus levou meu bebê?”

“Esse é um mistério muito grande para mim, menina. Aconteceu o mesmo com sua mãe, você sabe. Ela perdeu um bebê antes de conceber você.”

Os olhos de Sara se arregalaram. “Ninguém me disse.”

“Na época, ela estava tão desolada quanto você está agora. Mas, então, uma grande alegria a tomou quando você chegou. Ela não parecia parar de

sorrir por meses depois que você nasceu.”

“Ela nunca falou comigo sobre isso.”

“Talvez ela achasse que você era muito jovem para entender.”

“Eu gostaria que ela estivesse aqui agora. Saberla como me sinto. Seria um conforto tão grande se eu pudesse me aconchegar em seus braços como costumava fazer durante a infância.”

“Querida menina. Sinto muito que uma perda realce a outra, mas o Senhor pode ser tão amoroso como uma mãe para você.”

“Sinto que Ele me deixou também. Sinto-me abandonada pelo Senhor.”

“Às vezes o coração passa por um vale tão profundo que o Senhor parece ficar escondido na escuridão. O truque é, quando sentir que Deus a deixou, não deixe Deus ir. Agarre-se a ele de qualquer maneira. E você vai descobrir que Ele nunca abandonou você — Ele permaneceu perto o tempo todo. Estou convencido de que Ele conhece sua dor e deseja dar-lhe descanso em meio ao seu sofrimento, pois não procura Ele consolar todos os que choram e prover para os aflitos em Sião?”

Sara lutou para se sentar. Pari correu para ajudá-la. Ela sentiu suas escassas forças abandonando-a depois de fazer um pequeno esforço. Mesmo o simples ato de falar a estava esgotando. “Primo Neemias, não sinto que esta ferida vá cicatrizar. Essa perda é demais para suportar. Eu desejava tanto esse bebê. Por que Deus o daria para mim e depois o levaria embora?”

“Tudo o que posso dizer é que o seu filho era precioso para Ele. Planejado por Ele. Pois, de que outra forma você poderia tê-lo concebido a menos que a mão do Senhor tivesse repousado sobre você? Nenhuma vida pode se formar no ventre sem o sopro de Deus. Não foi o rei Davi que disse, *fui formado por Ti no ventre de minha mãe*? Então, saiba que o pequeno ser que você teve por um breve tempo cresceu em seu interior pela vontade do Senhor. O incrível poder de Deus o formou dentro de você. E essa doce vida foi confiada a você por Ele.”

“Para o que serve saber que Deus se entristece junto comigo? Não vai mudar a minha perda.”

Se Neemias notou a amargura na reação de Sara, ele não mencionou. Sua voz não possuía qualquer tom de censura enquanto respondia. “O rei Davi disse:

***Porque tu não me abandonarás no sepulcro,
nem permitirás que o teu santo sofra decomposição.
Tu me farás conhecer a vereda da vida,
a alegria plena da tua presença,
eterno prazer à tua direita.***

Nem todos os líderes de nosso povo concordam comigo sobre isso, mas quando eu medito sobre as palavras de nossos profetas, fico convencido de que seu filho vai desfrutar dos prazeres de viver com Deus para sempre. Embora você não venha a tê-lo nesta vida, pode ter o conforto de saber que a sepultura não terá a última palavra. A ele será concedida a alegria de estar na presença de Deus. E, quem sabe, no mundo que há de vir você não vá se juntar a ele?”

Sara ficou imóvel. Até aquele momento, estava tão afogada em sua própria dor e na perda de Dario que não tinha pensado em outra coisa. A morte sempre tinha parecido tão definitiva para ela. Pela primeira vez, começou a entender que a tristeza de Deus poderia superar a sua própria. E que o poder de Deus poderia, de alguma forma, superar a morte.

Ela não conseguia compreender tal mistério. Mas o Deus que havia dividido o mar, a fim de salvar seu povo, certamente tinha glória o suficiente para decidir sobre o destino de seu bebê que não chegou a nascer.

O conforto que Sara havia desejado, mas não conseguia entender, começou a combater a grande tristeza que a tinha envolvido. “Você vai orar por mim?”

“Claro, essa é a razão por que vim.”

Sara colocou suas mãos no rosto. Podia sentir seus dedos tremendo. “Afastei Dario de mim, primo Neemias. Não contei a ele sobre o bebê por medo de que me deixasse para trás em Susã. Agora, ele não consegue me perdoar. Acho que ele me culpa pela perda da criança.”

Um suspiro escapou de Neemias. Se ele tinha qualquer crítica ou decepção pelo comportamento de Sara, manteve para si mesmo. “Temos de deixar esses problemas nas mãos do Senhor. Ele é grande o suficiente para levar suas cargas.” Neemias começou suas orações com um tempo de arrependimento em nome de si mesmo e de Sara, bem como em nome de seus antepassados. E, então, ele orou pelo bebê precioso cuja perda foi como uma espada perfurando o coração de Sara.

“Ó Senhor, Deus do céu, nós Te agradecemos pelo presente que foi

essa criança, embora ela tenha estado conosco por um breve tempo apenas.

Nós Te agradecemos pela bênção da vida que cresceu no ventre de Sara. Nós Te louvamos por ter tomado aquela vida em Tuas ternas mãos e a tenha colocado sob os Teus braços eternos.

Senhor, purifica o corpo e a alma de Sara do espírito de morte que a tocou. Restaura-a com o sopro de Tua vida.

Nós lhe devolvemos esse bebê, sabendo que Teu amor fiel por ele dura para sempre. Em Tuas mãos nós entregamos o seu espírito. Mantenha-o seguro sob a sombra das Tuas asas.

Deus, nosso Provedor, cura a dor que tem sobrecarregado o pai e a mãe dele. Leva Dario a perdoar sua esposa. Atrai-o para Ti. Protege esse casamento e permite que ele se desenvolva numa união divina. E, Senhor, abençoa esse casal com mais filhos.”

Enquanto Neemias orava, lágrimas fluíam de Sara. Era como se sua alma estivesse sendo lavada. Parecia-lhe que o próprio Senhor esteve próximo e a tinha acariciado com o amor sensível de uma mãe.

Sua respiração ficou presa na garganta. Ela havia bloqueado a companhia doce da presença de Deus por muito tempo — bloqueou-a por se recusar a confiar nele. Tinha ficado tão obcecada em organizar sua própria vida que, sem perceber, tinha se afastado dele pouco a pouco. E, ainda assim, aqui estava Ele, o Senhor da Eternidade, oferecendo-lhe a Sua paz. Ela tornou-se ciente de que Deus entendia sua solidão e fraqueza. À sombra daquela descoberta, ela percebeu que, apesar de sua tristeza não ter sumido, ela não mais a sufocava com seu peso.

Capítulo 14

Sara se endireitou depois de tentar combater outro ataque de fraqueza e náusea. Pari entregou-lhe uma toalha úmida. “É como se você nunca tivesse perdido o bebê. Você tem os mesmos sintomas de quando estava grávida.”

“Eu sei.” Sara suspirou, recostando-se contra os travesseiros para dar a sua barriga a chance de se acomodar. “Continuo tendo os efeitos adversos da gravidez sem ter a alegria de levar um bebê saudável em meu ventre.”

“Suponho que seu corpo precise de tempo para se ajustar.”

“Depois de mais de oito semanas, você imagina que ele já teria recebido a mensagem de que meu útero está vazio. Eu ainda não tive meu ciclo mensal. E, embora não coma mais do que antes, pareço estar maior a cada semana.”

“Você vai voltar ao normal em breve.” Pari começou a espanar as paredes do carro. Não tinha chovido uma vez sequer desde que eles tinham começado a jornada há dez semanas. As estradas jaziam tão empoeiradas que o movimento da caravana criava um turbilhão de sujeira que girava interminavelmente. As partículas de poeira fina encontravam um caminho para entrar em seu carro, mesmo quando mantinham as cortinas fechadas. Quando o calor se tornava insuportável, eles abriam as cortinas e desenrolavam a proteção de lona sobre suas cabeças, enfrentando a nuvem de sujeira em troca de um pouco de ar.

De qualquer maneira, o carro ficava imundo. Pari e Sara limpavam todo o interior duas ou três vezes por dia. Poucas horas depois, no entanto, um filme de sujeira cobria tudo: as toalhas, as tábuas, os pisos e a pele delas. Houve momentos em que a única coisa que Sara conseguia degustar era poeira.

Ocasionalmente, Dario permitia que sua caravana parasse em um ponto de parada real para a noite. As mulheres demoravam em banheiras de madeira, esfregando-se de modo a se sentirem limpas por algumas poucas, mas adoráveis, horas. Não durava. Assim que eles entravam na estrada no dia seguinte, a areia encontrava o caminho de suas roupas e cabelos novamente.

Pari balançou um travesseiro com grande vigor. “Pelo menos você tem seu apetite de volta. Digo a você, minha senhora, que me matou de susto na primeira semana. Mas agora está quase restaurada à sua antiga força.”

“Uma coisa boa, considerando o ritmo que meu marido estabeleceu para nós. Não estamos mais do que alguns dias de viagem de Tadmor.”

Pari jogou seu corpo magro contra um banquinho. “Pensei que iria chorar quando ele nem sequer nos permitiu parar por algumas horas nos bazares da Babilônia. Era pôr do sol no momento em que chegamos e o sol mal tinha subido quando saímos. Minha primeira jornada para a Babilônia e a única coisa que vi foi uma indicação do Templo de Marduk a uma grande distância. Não pude sequer comprar um lenço de lembrança.”

Sara deu um sorriso pálido. “Talvez, em nosso caminho de volta, poderemos passar um tempo lá e fazer compras.”

“Eu duvido.”

Sara sentiu um choque ao ouvir o som da voz de Dario. Ele saltou das costas de seu cavalo gigante para o carro em movimento, e os seus movimentos eram tão ágeis quanto os de um jovem lobo.

“Meu Senhor.” Sara se levantou, segurando em uma coluna de canto antes de dar a seu marido uma reverência formal. Dario adquiriu o hábito de aparecer todos os dias para uma visita curta. Ele até se dignava a falar com ela, embora seu jeito permanecesse dolorosamente distante. Foi-se qualquer exibição de ternura. Foram-se as observações divertidas que traziam um riso rápido entre eles. Foi-se qualquer forma de calor íntimo. Sara não entendia por que ele se dava ao trabalho de visitá-la, dado o fato de que ele claramente não desfrutava de sua companhia.

Ele permaneceu perto da entrada do carro, com uma postura rígida. “Estamos nos aproximando de Tadmor. Devemos chegar lá em menos de uma semana.”

“Eu ouvi dizer. É um feito incrível o quão longe você e Neemias conseguiram nos trazer em tão pouco tempo.”

“As cartas de Artaxerxes para os governadores da região ajudaram. Uma vez que estávamos a oeste do rio Eufrates, muitos governantes teriam nos atrasado ao descobrir nosso destino. No entanto, ninguém se atreve a desagradar o rei.”

“Ou seus soldados. Acho que o líder de cada região pela qual viajamos se conscientizou de que não deveria criar problemas para nós antes de ver as cartas de Neemias escritas pelo rei. Um olhar para você e seus homens e eles se tornavam tão amigáveis quanto um cão de um pastor.”

Dario retirou um pedaço de algodão em sua túnica. “Vou me despedir de você em Tadmor.”

O estômago de Sara deu uma cambalhota. “De *mim*?”

As bochechas de Dario coraram. “De todo o comboio, quero dizer. Vou para Damasco, mas o resto de vocês terá de avançar para o oeste em direção ao Líbano para se reunir com Asafe, o guarda das florestas do rei. Nós já lhe enviamos uma mensagem para que tenhamos a madeira que Neemias precisa pronta para a coleta. De lá, você vai prosseguir para Jerusalém através de estradas secundárias.”

“Entendo. Você não vai vir conosco para o Líbano?”

“Eu tenho que trabalhar nesta conspiração contra o rei. Neemias tem proteção mais do que adequada com os homens que partirão com ele. Lisandro será responsável pela escolta militar; ele pode lidar com qualquer problema que possa surgir.

Estou certo de que um bom número de governantes que conhecemos em Trans-Eufrates já enviou mensagens a seus aliados perto de Judá, advertindo-os da chegada de Neemias. Haverá um problema sem fim.”

“Será que Neemias sabe disso?”

“Claro. A política dessa região é mais familiar para ele do que para mim, mas conhecimento prévio não é suficiente para proteger vocês. A situação continua volátil e perigosa. Dei a Lisandro instruções a respeito de sua proteção, Sara. Você continuará a ter uma guarda destacada para si na estrada, bem como mais tarde, quando chegar a Jerusalém. Não tenho prazer em lidar com uma situação que envolve reféns. Você me entende?”

“Sim, meu senhor. Não vou a lugar nenhum sem os meus guardas.”

“Bom.” Ele acenou com a cabeça uma vez e hesitou, como se houvesse algo mais que desejasse dizer. Lentamente, ele estendeu a mão para ela. Sara prendeu a respiração. Mas a mão caiu, com um movimento estranho, antes de tê-la alcançado. Sem perder tempo com amabilidades ou despedidas, ele pulou para fora do carro com a mesma facilidade com que tinha entrado nele.

Pari fixou o olhar no dia que brilhava do lado de fora por um momento antes de colocar um braço ao redor da cintura de Sara de forma gentil. “Ele não vai ficar com raiva para sempre.”

Sara espalhou as mãos em sua barriga. Sentiu o vazio nela como uma acusação não declarada. “Você subestima meu marido.”

A vida de Sara mudou quando eles chegaram a Tadmor. De manhã ela esperou que Dario viesse e se despedisse. Não esperava uma exibição de ternura ou palavras amáveis. No entanto, esperava a formalidade de uma despedida. Ele não veio. Mesmo sabendo que estava indo em direção ao perigo, mesmo sabendo que poderia nunca mais vê-la novamente, ele não veio.

Apressadamente, Sara colocou uma roupa solta, cobriu seu cabelo com um lenço cor de canela e correu para a estrada temendo tê-lo perdido por completo. Sentia-se tímida demais para forçá-lo a levá-la consigo. Escondendo-se atrás dos ombros largos de Lisandro, ficou escutando enquanto Dario dava suas ordens finais. Suas palavras fluíram sobre ela como uma chuva de sons sem sentido. Sua mente não conseguia processá-las. Só conseguia processar que ele estava partindo.

Ele a notou quando veio à frente para colocar uma mão no braço de Lisandro. Seus olhos se encontraram. Na luz do amanhecer, as pupilas negras de seus olhos tinham se contraído em minúsculos pontinhos, de forma que suas íris pareciam joias verdes — brilhantes, frágeis e geladas. Então, ele desviou o olhar e montou em seu cavalo sem dar uma palavra sequer. Não olhou para trás — nem uma vez sequer. Sara ficou parada observando sua partida até que ele desapareceu no horizonte, com a areia chicoteando o entorno dos cascos de seu cavalo. Niq, Nassir, Arta, e Meres mal conseguiam acompanhá-lo.

O comboio permaneceu em Tadmor por três dias extras para reposição dos suprimentos e repouso dos animais. Na noite do terceiro dia, Sara estava fora ajudando Neemias com algumas leves manutenções de registros quando uma onda de fraqueza excessiva veio sobre ela. Aconteceu de Lisandro estar de pé perto dela; por um momento os joelhos de Sara se dobraram, de modo que ela meio que se chocou contra ele. Ele virou a cara para ela. Com reflexos atléticos rápidos, ele a segurou.

Ela se afastou. “Imploro o seu perdão. É o calor. Às vezes ele me vence.”

“Eu duvido. Senhora Sara, preciso examiná-la.”

“Um copo de água fresca e devo estar recuperada. Não precisa se preocupar.”

“Não acredito que água vá curar o que a aflige. Venha. Sua serva está em seu quarto na estalagem?”

“Sim. Mas não vejo por que isso é necessário.”

“Oh, é necessário. Acredite em mim.”

Lisandro se inclinou para trás depois de cobrir Sara com a toalha novamente. Ele parecia pálido. Pela primeira vez, Sara começou a ter uma suspeita de que ele estava com medo.

“O que há de errado comigo?”

“Nada. Você está em perfeita saúde.” Havia um ligeiro tremor em sua voz. Ele enfiou a mão em seus cabelos loiros e balançou a cabeça. “Veja bem... então. Tenho algumas novidades.”

Pari afundou ao lado de Sara. “Quais são? Você vai falar ou não, homem?”

“Minha senhora, você está grávida.”

“O quê?” A voz de Pari se misturou com a sua própria enquanto ambas miravam Lisandro com olhos arregalados.

Sara engoliu. “Você estava enganado quando disse que eu tinha abortado?”

“Não. Eu estava certo sobre o aborto.”

“Posso assegurá-lo de que eu não poderia ter concebido depois disso.”

“Acredito que você estava grávida de gêmeos. É a única explicação. Você perdeu um dos bebês. Mas o outro continua se desenvolvendo em seu ventre. Você deve estar com cerca de cinco meses de gestação. Quando entrou em colapso e se chocou contra mim mais cedo essa ideia tomou conta de mim em uma súbita convicção. Você continua sofrendo com náuseas, cansaço persistente e a interrupção do seu ciclo — tudo isso aponta para uma conclusão: você ainda deve estar grávida.”

Sara se virou para sua amiga e viu um reflexo de seu próprio choque no rosto de Pari. Elas ficaram chocadas demais para dizerem qualquer coisa durante longos momentos.

“Tem certeza disso?” Sara resmungou. “Quero dizer — você poderia estar enganado? Talvez eu esteja simplesmente gorda. Foi o que eu pensei.”

Lisandro balançou a cabeça. “Não há engano algum. Estou certo de que você está grávida. O bebê pode ser pequeno. Você não mostra tanto quanto outras mulheres nesta fase. Ele fará sua presença inconfundível nas próximas semanas, sem dúvida.”

Lentamente, a incrível notícia de Lisandro começou a penetrar no coração entorpecido de Sara. Uma enxurrada de emoções tomou conta dela. Alegria. Espanto. Dúvida. Saudade. Esperança. Medo. Arrependimento. Havia tal

emaranhado de sentimentos que ela não conseguia tomar consciência de todos deles. Um bebê crescia dentro dela. Ainda estava grávida. Em quatro meses ela iria segurar seu filho, que estaria chorando e se contorcendo em seus braços. Perdera um filho. Em seguida, contra qualquer expectativa, contra toda a razão, ela tinha ganhado outro.

Deus seja louvado... Deus seja louvado... Deus seja louvado... Deus seja louvado...

Começou a rir, triunfante. Lágrimas se misturaram ao riso. Pari envolveu-a em seus braços longos e o som da alegria e do choro delas encheu a sala. Quando gastou toda a sua força, Sara olhou para cima. Lisandro estava perto da porta, puxando sua orelha num estranho movimento repetitivo. Sara queria correr e agarrá-lo em um abraço fraternal de comemoração, mas duvidava que ele iria recebê-lo. Neste momento, ele parecia desesperado para sair do quarto e escapar do efervescente sentimentalismo feminino.

Sara percebeu que a pessoa que realmente queria abraçar nesse momento era seu marido. Queria compartilhar com ele esta alegria inesperada e comemorar o milagre da criança que eles tinham feito juntos. O desejo era tão forte que ela teria pulado na parte de trás de um cavalo e corrido atrás dele se não estivesse preocupada com o bem-estar de seu filho.

“Se pelo menos Dario soubesse,” ela disse, pulando em cima da cama. “Eu não disse a ele na primeira vez. Gostaria de poder lhe dizer neste mesmo instante que ele vai ser pai. Eu poderia lhe escrever uma carta, não poderia?”

O grego encolheu os ombros. “Seria muito perigoso colocar esse tipo de notícia numa mensagem escrita. Se caísse em mãos erradas, sua segurança ficaria comprometida. Supomos que a missão de Dario permanece secreta aos olhos do inimigo do rei, mas não podemos ter certeza. Se ele descobriu as verdadeiras intenções de Dario, o conhecimento de que sua esposa grávida está por perto pode se revelar muito tentador, conduzindo a uma espinhosa situação de sequestro. Melhor esperar até que ele volte.” Ele se virou para sair.

“Lisandro!” Sara gritou.

“Sim, minha senhora?”

“Você tem certeza? Positivo? Estou realmente grávida?”

Os pálidos olhos azuis ficaram enrugados nos cantos. “Eu apostaria minha vida nisso. Não precisa ter nenhuma preocupação quanto a isso.”

Deus seja louvado... Deus seja louvado... Deus seja louvado... Deus seja louvado... E, no entanto, enquanto a sua alegria crescia explosivamente, Sara sentia também uma dor mais profunda pelo bebê que tinha perdido. Ter um não significava acabar com a tristeza pelo outro.

No momento em que chegaram ao Líbano, a luta de Sara contra as náuseas foi acabando, restaurando nela uma vitalidade que não tinha há quatro meses. Eles pretendiam coletar um enorme carregamento de madeira através de Asafe, guarda das florestas do rei. Neemias veio visitar Sara na tarde em que havia marcado de se reunir com Asafe.

“Preciso de um escriba competente, Sara. Alguém tem que manter registros precisos desta madeira. Você está bem o suficiente para me acompanhar e ajudar?”

“Sinto-me em excelente saúde, primo Neemias. Obrigada.” Sara se viu num dilema. Ela queria que Dario fosse o primeiro a saber de sua gravidez. No entanto, dada à rápida expansão de sua barriga e a sua ausência prolongada, ela não conseguiria esconder esse segredo por muito tempo. Além disso, ela não podia receber uma incumbência de Neemias sem deixá-lo saber da complexidade e dos riscos adicionais devidos à sua condição. Se ele queria que ela trabalhasse com ele, precisava saber. Orou para que Dario não percebesse sua decisão como uma ofensa. Para que ele não se sentisse deixado de fora mais uma vez.

“Eu tenho uma surpresa que tenho que compartilhar com você, meu senhor. Você vai descobrir por si mesmo em breve; não haverá forma de esconder. Estou grávida.”

Os olhos castanhos se arregalaram; as sobrancelhas vermelho-escuro se levantaram tão alto que quase tocaram a linha do seu cabelo. Sara mal conseguia se segurar de rir alto de seu espanto.

“Você está grávida *de novo*?”

“*Ainda* estou grávida. Lisandro pensa que eu estava esperando gêmeos. Eu perdi um, mas o outro é saudável. Estou no quinto mês de gestação.”

“Eu... não reparei.”

“Nem eu, se isso serve de consolo para você. Apenas pensei que estava engordando.”

Neemias puxou sua barba e assentiu prudentemente. “O Senhor é misericordioso!”

“As palavras não podem expressar a minha gratidão. Ele me abençoou com a Sua bondade.”

“Seu marido sabe?”

“Não. Descobri depois que ele partiu.”

“Melhor deixá-la descansar, então. Ele nunca me perdoaria se eu a colocasse para trabalhar agora.”

“Eu posso fazer o trabalho leve de manutenção de registros. Vai ser bom para ocupar minha mente com coisas benéficas. Eu fico me preocupando com Dario quando não tenho nada para fazer.”

Neemias finalmente cedeu e atribuiu várias tarefas para Sara. Com o conhecimento de sua gravidez fazendo seu espírito reviver e ocupada com o trabalho que gosta, começou a sentir que poderia enfrentar a vida novamente. Não passava um dia em que não sentisse a falta de Dario. Sua ausência a consumia como uma ferida que sangra. Se eles não tivessem se separado em tão grave desarmonia ela teria suportado melhor a separação. Na situação atual, já se perguntava se o fato de ele saber que ela carregava um filho iria amolecer seu coração. Já teve uma vez a expectativa de que ele viria a amá-la. Agora, se perguntava se ele iria parar de odiá-la.

Ela passava longas horas em oração, como nos dias em que veio ao Senhor pela primeira vez. Ele tornou-se mais real para ela do que a própria Jerusalém.

Alegria e tristeza se estabeleceram em sua alma como companheiros de quarto inconciliáveis. A culpa a consumia quando se sentia feliz, pois parecia obscuro poder experimentar tanta alegria quando tinha perdido um filho e quando seu marido parecia tê-la abandonado.

Capítulo 15

Dario escondeu Niq e Nassir numa pousada nos arredores de Damasco, deixando Meres de olho neles. Eles receberam rigorosas instruções para se manterem fora do caminho até que fossem chamados. A última coisa de que precisavam era que o assassino reconhecesse os irmãos babilônios. Dario sabia que sua melhor arma contra o inimigo do rei era o elemento surpresa. Se o assassino descobrisse que tinham seguido o seu cheiro até Damasco ele iria se entocar tão bem que ninguém jamais conseguiria encontrá-lo.

O palácio em Damasco parecia um paraíso em miniatura. O luxo reinava na corte. Cortinas e tapetes de seda, o esplendor de centenas de lâmpadas acesas até tarde da noite, vinho sem fim servido em cálices de ouro e prata, perfumes inestimáveis. Dario pensou que o velho general Megabizus rugiria de desaprovação se visse o desperdício. Mas ele vivia seguro em algum canto da Pérsia, passando seus últimos anos no conforto. Artaxerxes queria poupá-lo das pressões do governo. Permanecia sátrapa apenas no nome, recebendo a honra e a recompensa financeira sem exercer o comando diretamente.

Dario se apresentou a Pirus, o homem nomeado por Artaxerxes para governar a província de Além do Rio na ausência permanente de Megabizus. O encontro foi outro passo na direção ao velho general, pois Pirus era sobrinho de Megabizus. Sem dúvida, algum jogo de influência foi utilizado para tornar a nomeação possível. O nepotismo havia crescido desenfreadamente entre as novas gerações da realeza persa.

“Senhor Dario, bem-vindo!” Pirus pronunciou com alto entusiasmo quando Dario se apresentou. Dario, que nunca o tinha visto até esse dia, teve de suportar um beijo molhado de vinho e um abraço íntimo do governador em exercício.

Ele fez uma reverência rígida. “Sua Majestade me envia com os seus cumprimentos.”

“Que atencioso da parte dele! Espero que nossa homenagem o tenha agradado. Eu teria ido lá em pessoa se não fosse o terrível ataque de dor de dente.” Seu sorriso era fechado o suficiente para indicar que continuava a abrigar um dente em decomposição.

“O rei expressou imensa satisfação com a sua oferta.”

“E o que traz você à nossa corte?” O rosto relaxado ganhou vida. Ocorreu a Dario que o homem poderia não ser tão fútil quanto podia parecer. Parecia perspicaz o suficiente para saber que estava sendo, de alguma maneira, avaliado.

“Eu viajo com o novo governador da província de Judá. O rei desejou que eu parasse em Damasco para verificar o seu bem-estar, bem como para informá-lo sobre os novos desenvolvimentos em Judá. O novo governador, Neemias, tem a intenção de reconstruir os muros de Jerusalém. O rei deseja que você saiba disso em caso de erupção de conflito na região.”

“Sua Majestade é famosa por sua generosa consideração.”

Seria um toque de ironia o que Dario percebeu? Ou simplesmente muito vinho? O sátrapa em exercício era jovem — não tinha mais de trinta anos. Vestido com seda bordada da cabeça aos pés, suas joias provavelmente poderiam abastecer o tesouro de todo o império durante muitos dias. Dario não estava mais surpreso com a extensão da extravagância da corte. Na verdade, ele se perguntava se já não teria sido pior.

Depois de um longo jantar com mais pratos do que num dos compromissos formais de Damaspia, um novo alto oficial que havia chegado foi apresentado a Dario como Zikir. Vestido de luto, Zikir recebeu Dario com uma reverência rígida e poucas palavras.

“Perdeu seu neto em um acidente infeliz recentemente, pobre coitado,” Pirus murmurou no ouvido de Dario. “Nunca foi um homem alegre, mas veja agora! Que o divino Ahura Mazda nos ajude. Ele aparenta um funeral ambulante. É como se ele sugasse toda a alegria quando entra numa sala.”

“Sinto muito em ouvir sobre a perda dele. Como o neto dele morreu?”

“Ninguém se preocupou em me falar sobre isso. Ele costumava trabalhar por aqui. Eu gostava dele. Tinha um agradável gosto por roupas e o tipo de estilo que não se espera encontrar em Damasco ou em Além do Rio. Muito melhor companhia do que seu avô.”

Dario vasculhou sua memória à exaustão para obter mais informações sobre Zikir, mas não conseguiu lembrar-se de nada. Observou o homem dar ordens de forma respeitável. Parecia ter muita influência na corte de Damasco. Os outros oficiais o tratavam com um solene respeito, o que lhes faltava quando se dirigiam a Pirus.

Enquanto Dario estudava os rostos ao redor da sala, um jovem chamou sua atenção. Ele parecia familiar. Tinha cabelo loiro escuro, ondulado conforme a moda persa, e sua barba e bigode eram escuros para uma pele tão clara. Sua túnica solta cobria uma estrutura corporal magra. Descansando atrás de uma mesa como estava, dificultava a avaliação de sua altura. Dario supôs que sua altura devia ser um pouco acima da média. Não importava o quanto tentasse, Dario não conseguia se lembrar onde o tinha visto antes.

Ele se inclinou em direção a Pirus. O aroma irresistível de sândalo assaltou seu nariz e ele retrocedeu. “Quem é esse jovem?” ele perguntou, apontando com um movimento sutil de seu queixo. “O de manto verde, sentado na direção da extremidade do corredor?”

“Aquele? Ele é um menino bonito, não é? Um mero comerciante, infelizmente. Pertence ao rei. Ele está aqui há algumas semanas a fim de encomendar uma coisa ou outra. Por estarmos convenientemente localizados entre o Egito e a Babilônia, somos um paraíso para comerciantes. Muitos desses homens nos visitam.”

“O nome dele?”

Pirus endireitou a grande manga de sua túnica. “Ciro, eu acredito. Não muito original.”

Dario não se lembrava de ter conhecido um mercador chamado Ciro. No entanto, algo sobre o homem o atormentava. Ele sentia uma certeza de que já o havia encontrado antes.

Com um movimento repentino, seu anfitrião se virou com entusiasmo, cuspiendo um pedaço de tâmara comida pela metade sobre a mesa em sua pressa. “Esqueci-me de mencionar isso antes, meu senhor! Você chegou em um dia propício. Organizamos uma corrida de cavalos para amanhã. Vai ser tão emocionante quanto qualquer coisa que você possa ter experimentado em Persépolis, eu lhe garanto. Gostaria de entrar na corrida?”

“Eu aprecio o seu convite. Dado o fato de que tenho estado sobre um cavalo por três meses sem interrupção devo resistir à tentação. Vou desfrutar dela como expectador, é claro.”

“Excelente. Gostaria de fazer uma aposta? Posso lhe dar algumas dicas interessantes.”

Dario enxugou de seu peito uma espuma redonda da saliva de Pirus. “Obrigado. Acredito que vou desfrutar melhor das corridas apenas

observando.”

“Ah. Isso é muito ruim. Grande parte das apostas recai sobre aquele sujeito, Ciro, sobre o qual você perguntou. Você deveria vê-lo montado em um cavalo.”

“Sério? Que interessante, considerando que ele é um mercante.”

“Sim, mas ele monta como um oficial de cavalaria.”

As corridas foram realizadas no início da manhã. Pirus chegou tarde, segurando o andamento das cerimônias com seu atraso. Sua feição estava pálida e seus olhos inchados. Ele se dirigiu a Dario.

“Hora abominável, mas é o único momento do dia em que o sol não torna o esforço físico insuportável. Não é tarefa fácil ficar parado e assistir a uma corrida esta época do ano.”

Dario deu um olhar de lado, achando graça, para o seu anfitrião. “Não é muito fácil para aqueles que competem na corrida também.”

“Oh, eles”. Pirus acenou um lenço branco imaculado no ar. “Eles estão acostumados a isso.”

Dario, que já tinha competido sua cota de corridas, não se incomodou em corrigi-lo. Em vez disso, começou a examinar os corredores. Ele encontrou Ciro, o comerciante, montado em um cavalo magnífico, posicionado na altura da parte de trás da linha. Mais uma vez, algo sobre ele perturbava a mente de Dario. A maneira como montou seu cavalo, o modo como segurava as rédeas, a forma como batia de leve no pescoço do animal com uma mão afetuosa — tudo lhe parecia familiar. Onde Dario o havia visto? Não era um mercador — disso ele estava certo.

A corrida começou e logo Ciro, o mercador, se posicionou confortavelmente no meio do pelotão. Foi uma corrida longa e ele parecia sábio o suficiente para administrar seu ritmo. Dario admirou a montaria do jovem, seu domínio sobre o cavalo e a facilidade com que navegava durante o trajeto na pista lotada. Com graça inconsciente, Ciro se inclinou para frente e sinalizou para o seu cavalo disparar. O cavalo voou.

Dario se esticou. Tinha visto aquele mesmo movimento um ano antes. Um cavalo diferente, mas o mesmo corredor. Ele apertou sua boca em um gesto inconsciente de desagrado. Ciro, de fato.

Ciro venceu a corrida. Ele mereceu; Dario tinha que admitir. Ninguém na pista era páreo para a sua técnica ou pura graça. Quando a multidão de

admiradores em torno dele diminuiu, Dario se aproximou.

“Olá, Roxana,” sussurrou no ouvido dela. “Essa barba não combina com você.”

Ela não piscou. “Coça tanto quanto mil picadas de mosquito. Mas é preciso usar essas coisas inconvenientes para um bem maior.”

Dario enrolou uma mão autoritária em torno de seu braço. “Vamos a algum lugar onde possamos conversar sem interrupção, pode ser?”

Para sua total surpresa, ela lhe deu um sorriso indiferente. “Estou a seu serviço, meu senhor.”

Ele teve que admirar sua coragem. Qualquer outra mulher de linhagem nobre capturada sob o disfarce de um homem e se passando por agente do rei estaria tremendo de medo. Roxana parecia estar se divertindo.

Não muito longe da pista, Dario avistou um jardim verdejante e começou a guiar Roxana na direção dele. Após vistoriar a área para ter certeza de que estavam sozinhos, ele se virou para ela. “O que pensa que está fazendo? O ano passado foi ruim o suficiente, mas isso é loucura.”

Roxana era filha de um aristocrata — uma dama do alto escalão. Aconteceu de ela também estar entre os melhores cavaleiros da Pérsia. No ano anterior, ela vestiu um disfarce masculino e entrou numa corrida em Ecbátana. Embora as mulheres da realeza fossem ensinadas a montar e recebessem permissão para tomar parte em caçadas com os homens, a liberdade não se estendia às corridas públicas. Nenhuma mulher de sangue aristocrático ousava participar de tal espetáculo.

Exceto Roxana. Como qualquer tolo idiota poderia ter previsto, sua artimanha terminou em desgraça.

Roxana não tinha só quebrado as regras, mas também mostrou falta de juízo ao vencer a corrida. Infelizmente para a garota, várias pessoas a tinham reconhecido, pois estava cercada pela família e por amigos em Ecbátana. A corte ficou escandalizada. Pelo que tinha ouvido da última vez, seu noivo tinha desfeito o relacionamento, alegando que não poderia se unir a uma mulher que, sem dúvida, continuaria a constrangê-lo em público.

Dario lembrou-se de que tinha uma dívida com ela. O escândalo de sua corrida tinha ofuscado as fofocas sobre o desastre de seu casamento. Na época, ele estava escondido em Ecbátana tentando esquecer o desastre de sua noiva.

O pensamento sobre sua esposa o fez soar mais duro do que pretendia. “O que diria seu pai se a visse agora?”

“Sem dúvida diria que estava feliz por ter me renegado.”

Dario engoliu as palavras que estava prestes a soltar. “Ele *renegou* você?”

Roxana deu de ombros. “Triste, não é?”

“Esqueça isso. Sabe o que o rei faria com você se descobrisse que estava se passando por um dos seus comerciantes? Você perdeu o seu juízo?”

“Artaxerxes é um homem perdoador, ao contrário do meu pai. Eu não acho que *ele* iria me renegar.”

Os olhos de Dario se arregalaram. “Grandes chamas santas! *Você* é o agente do rei. Você é o seu espião em Damasco.”

Roxana deu-lhe um tapinha nas costas. “Excelente poder de dedução. Artaxerxes deve adorar você.”

“Não entendo. Como você acabou trabalhando para ele?”

“Depois que meu pai me renegou, ele arranhou para me enviar a uma aldeia distante perto de Jônia, onde possui uma extensa propriedade. Ele esperava que eu fosse passar o resto da minha vida num exílio solitário lá. Artaxerxes ouviu falar do plano e não concordou. Enviou alguns de seus homens para me sequestrar no meu trajeto para Jônia.”

“Ele forçou você a trabalhar para ele?”

“Pelos céus, não. Não precisava disso. Ele me deu uma escolha. Jônia ou trabalhar para ele. É claro que agarrei a chance de me tornar um de seus espiões. Ele me pôs para treinar sob a tutela de um de seus mentores antes de me soltar no mundo. Faria o seu cabelo ficar em pé as coisas que posso fazer agora.”

“Seu pai sabe?”

“Claro que não. Disseram-lhe que eu fui sequestrada. Por quem, ou por que, ele não tem ideia.”

Dario começou a andar para lá e para cá. “Esse é o auge da irresponsabilidade, Roxana. Eu não sei o que Artaxerxes estava pensando. Você não tem ideia do quanto está em perigo. Este não é trabalho para uma garota nobre.”

“Essa decisão é entre mim e o rei.” Os olhos cor de mel ficaram estreitos e frios.

“Então você vai passar o resto de sua vida vestindo roupas masculinas e

uma barba falsa, fingindo ser algo que não é?”

“Não seja idiota. Há muitas situações em que uma mulher tem mais utilidade como um espião que um homem. Esse caso é uma exceção. Artaxerxes não achou que eu seria eficaz perto de Pirus como uma mulher. Agora, você quer o meu relatório?”

“Confuso isso. Sim, eu quero o seu relatório.”

“Boa decisão. Tenho seguido a pista do selo que o rei me enviou e encontrei seu criador. Como vocês supuseram, ele foi encomendado aqui em Damasco.”

“Oh, bom trabalho, Roxana”, Dario gritou, esquecendo sua desaprovação de momentos antes. “Quem o encomendou?”

“Puxa, eu não conseguir descobrir. O criador dele nunca soube. Ele descobriu uma bolsa em sua bancada de trabalho quando chegou à sua loja há alguns meses. Uma carta dentro deu-lhe instruções para a criação do selo.”

“Onde é que ele o deixou? Quem o pagou?”

“O pagamento estava incluído na carta de encomenda. Ele foi instruído a deixar a bolsa com o selo na base de uma determinada árvore na floresta. Ele obedeceu às instruções de seu empregador ausente e nunca ouviu falar sobre isso novamente.”

“Outro beco sem saída. Esse homem começa a me irritar. Pelo menos agora sabemos com certeza que o nosso assassino está em Damasco. Isso exclui o próprio general Megabizus. Que tal Pirus? Afinal, ele é sobrinho de Megabizus. Ele não poderia estar trabalhando para seu tio nos bastidores?”

“Eu ficaria surpresa se Pirus estivesse envolvido em qualquer coisa mais drástica do que aceitar alguns subornos suculentos. Ele ama sua posição e seu título, para não mencionar o luxo de que desfruta. Não iria colocar isso em risco. Não consigo vê-lo planejando uma trama de assassinato ou mesmo agindo como um laçao em nome de seu tio. Nunca soube de um momento sequer em que ele estivesse totalmente sóbrio.”

“Quem é Zikir? Ele parece ter um poder considerável.”

“Observação perspicaz. Ele tem muita influência nesta corte. Antes de Artaxerxes nomear Pirus como sátrapa em exercício, todos esperavam que Zikir ascendesse ao poder. Ele é de Damasco e tem conexões consideráveis tanto com a velha guarda de Além do Rio como com o governo persa. Sua autoridade não diminuiu, embora o rei tenha negado o título a ele. Pirus pode

ser o líder oficial aqui, mas Zikir governa pela força das velhas influências.”

“Talvez guarde rancor do rei por tê-lo negligenciado.”

Roxana moveu a mão de cima para baixo num gesto de desprezo. “Ele é famoso por ser um vassalo fiel ao Império Persa. Por que ele iria arriscar tudo tentando assassinar o rei por causa de uma promoção? Ele ainda detém a maior parte do poder efetivo em Trans-Eufrates.”

“Bem, *alguém* tentou matar o rei.”

“Não olhe para mim com essa expressão acusadora. Não foi eu.”

“Gostaria que tivesse sido. Então eu poderia torcer seu pescoço e pronto.”

“Desculpe desapontá-lo. Olha, acabei de participar de uma corrida exaustiva. Agora estou indo pegar o meu prêmio, comer um almoço saudável, tomar um banho e tirar um cochilo. Enquanto isso, vou deixá-lo descobrindo quem está por trás dessa trama retorcida.”

Dario chutou uma pedra solta e a mandou para o ar. “Maravilhoso. Tenho que salvar o Império Persa e quem eu tenho para me ajudar? Uma garota com uma barba falsa que gosta de tirar sonecas e dois irmãos que pensam que a lei é uma simples sugestão.”

Capítulo 16

A onda de calor veio na tarde em que o comboio chegou a Jerusalém. Uma garoa suave se iniciou enquanto eles atravessavam as fronteiras de Judá e se manteve até que eles chegassem ao seu destino. Depois de semanas de calor escaldante, a chuva fria veio como bálsamo sobre uma queimadura latejante.

As lágrimas se misturaram com a chuva na pele de Sara enquanto entravam na cidade. Ela não era a única que chorava; cada homem e mulher pertencente à linhagem de Abraão chorou quando começou a avistar Jerusalém. Eram lágrimas de alegria pelo regresso ao lar de seus ancestrais. Também eram lágrimas de horror ao verem o estado da cidade.

Cidade era um eufemismo. Exceto por alguns prédios extensos e seu grande território, Jerusalém tinha sido reduzida a um vilarejo — do tipo dilapidado ainda. Os muros tinham sofrido danos consideráveis; alguns lugares haviam sido arrasados por completo. Os detritos estavam espalhados numa desordem caótica. Tão longe quanto o olho podia ver, a terra queimada evidenciava a ocorrência de incêndio. O comboio passou através do que devia ter sido, alguma vez, uma porta. Algumas peças de madeira queimada eram tudo o que havia sobrado. Elas deviam ter sido magníficos na sua época a julgar pela largura e altura delas. Agora, eles eram um mísero lembrete de sonhos que foram perdidos.

“*Esta é a Cidade de Davi?*” Pari perguntou, com sua voz alta devido ao choque.

“O que sobrou dela.”

“O senhor Neemias vai precisar de um milagre para restaurar este lugar, minha senhora,” Pari sussurrou de modo que ninguém as pudesse ouvir.

Poucos no comboio vindo da Pérsia estavam a par dos planos de Neemias de restaurar Jerusalém. Aqueles que sabiam tinham sido instruídos por Neemias a manterem essas intenções em segredo, particularmente em Judá, até que ele estivesse pronto para revelar o seu propósito. A única coisa que os oficiais da cidade sabiam era que o rei havia escolhido Neemias como o novo governador da região.

“Temo que você esteja certa, minha amiga. Nem mesmo Neemias

consegue transformar esse entulho numa cidade. Não sem a intervenção de Deus.”

“Por que as pessoas que vivem aqui não retiram os detritos? Está uma bagunça.”

“É como se os habitantes tivessem entrado num desespero tão profundo que já não mais se preocupam com o estado de sua casa.”

Até chegar o momento em que Neemias pudesse construir sua própria casa, ele e sua comitiva iriam residir num antigo prédio pertencente a uma família nobre de Jerusalém. A casa permanecia inabitada por uma década e a desolação da cidade não tinha ajudado em sua conservação. Sara e Pari foram alojadas num pequeno quarto com paredes de barro descascadas. As moscas competiam com as aranhas pela residência. Sara teria preferido permanecer em seu carro e dormir ao ar livre, mas tanto Neemias quanto Lisandro consideraram a medida insegura, e a alojaram naquele quarto detestável.

Para Sara, os três primeiros dias em Judá passaram como uma névoa. Sempre que possível ela seguia Neemias, escrevendo cartas, tomando informações e coletando registros antigos enquanto seu primo se encontrava com os líderes de Jerusalém. Ele escondeu suas intenções durante essas reuniões, preferindo ouvir o relatório de cada oficial. Na maioria das vezes, os homens se queixavam sobre o quão difícil a situação deles era. Nenhum deles assumia a responsabilidade pelo estado da cidade. Eles culpavam todos menos a si mesmos. Sara notou com divertimento que seu primo ficava vermelho durante esses discursos. Ele, no entanto, conseguia controlar sua língua — um feito impressionante considerando a provocação.

Tarde da noite do terceiro dia, Sara ouviu vozes abafadas entrando pela porta. Assustada com uma intrusão tão tarde da noite, ela abriu um pouco a porta e flagrou a cauda das vestes de Neemias se arrastando enquanto ele descia as escadas acompanhado por seu irmão.

“O que houve, minha senhora?” Pari perguntou, com seu tom demasiadamente suave para ser ouvida por terceiros.

“O novo governador está tramando algo. Ele está se movendo furtivamente pela noite. Devemos descobrir suas intenções?”

Pari balançou a cabeça. “É precisamente esse tipo de atitude que põe você em apuros, percebe?”

“É? Não tinha notado,” disse Sara, enquanto cobria a cabeça com um

modesto lenço de linho.

No pátio, seu primo foi cercado por um punhado de homens, com seu irmão Hanani e Lisandro entre eles. Uma pequena tocha iluminava o caminho deles. Não havia animais de carga; obviamente, Neemias estava mais interessado em sigilo do que em conforto e o barulho dos animais teria alertado metade da cidade sobre suas atividades naquela hora tarde da noite. Neemias montava um burro dócil; o resto estava a pé.

Sara limpou a garganta. Sete cabeças viraram em sua direção.

“Que susto, garota! O que você está fazendo andando escondida esta hora da noite?” Perguntou o seu primo.

“Interessante a sua pergunta, meu senhor. Eu queria lhe perguntar a mesma coisa.”

“Alguns de nós estão indo para inspecionar a cidade secretamente, se você quer saber. E antes que me pergunte — não! Você não pode vir. É muito perigoso para uma mulher grávida. Volte para a cama, onde você deveria estar.”

“Eu não tenho nenhuma intenção de ir. No entanto, apreciaria um relatório após o seu retorno. Para os registros, é claro.”

“Claro.”

Depois que deixou a área densamente povoada da cidade, Neemias mandou acender muitas tochas. Eles seguiram pela porta do Vale, localizado a sudoeste da cidade, onde havia alguns assentamentos após o poço do Chacal. Em seguida, se encaminharam cuidadosamente até a porta do Esterco, no extremo sul da muralha oriental.

Um pouco além da porta estava o vale do Hinom, onde o povo de Jerusalém descartava seu lixo. O cheiro de lixo apodrecendo era tão intenso que quase amordaçou Neemias. Ele cobriu o rosto com um lenço e notou que até Lisandro estava fazendo o mesmo.

Sobre o seu jumento, Neemias podia observar a devastação dos muros com clareza sombria. Nenhuma parte da estrutura uma vez impenetrável estava inteira. A fundação permanecia sólida em partes; em outros lugares, a parede estava na metade. A maioria das seções, no entanto, havia sofrido destruição total. À luz branca da lua e iluminada pelo fogo das tochas que eles carregavam, a desolação de Jerusalém gritava como o uivo de mulheres em pranto. A derrota sentava-se à sua porta com uma presença viva.

Os homens de seu grupo tinham que andar com cuidado, pois o caminho estava cheio de alvenaria quebrada e entulho. Ao mesmo tempo em que isso se mostrava um inconveniente, também se mostrava promissor. Algumas das pedras espalhadas no chão estavam inteiras o suficiente para serem usadas novamente. Muitas peças grandes tinham sobrevivido à devastação. Já cortadas e tendo sofrido avaria mínima, estavam prontas para a nova construção.

Sem dizer uma palavra, o grupo percorreu todo o caminho até a porta da Fonte e de lá para o Tanque do Rei. Os detritos estavam tão desfavoráveis em um ponto que o jumento montado por Neemias não conseguia passar. Ele mudou de curso, rumando ao invés disso para o vale de Kidron para inspecionar o estado do muro lá.

Nenhuma melhoria podia ser encontrada nessa seção do muro; parecia tão arruinada quanto tudo o mais que haviam visto até então. Eles terminaram sua expedição por ali e voltaram para trás, retornando a Jerusalém pela porta do Vale. Sua inspeção só tinha coberto a parte sul da cidade. Neemias considerou que isso era mais do que o suficiente para lhe dar a informação de que precisava.

Sara acordou cedo na manhã seguinte e encontrou o governador de Judá já ocupado.

“Ah bom. Posso dispor de sua ajuda”, disse ele quando a viu. “Mande chamar os líderes judeus. Eles estão prestes a descobrir que suas vidas vão mudar.” Ele apontou para um diminuto recanto na parede localizado atrás do canto mais distante do salão. “Sente-se naquele canto, atrás da meia parede. Não diga nada nem dê uma só palavra ou opinião. Nem um pio. Duvido que os homens de Judá tratem com amabilidade uma escriba do sexo feminino. Uma escriba, mulher e *grávida*.”

Sara deu um tapinha na crescente protuberância de sua barriga e sorriu.

“Mantive minhas próprias anotações e memórias relativas a esta viagem desde que estávamos em Susã, mas ter os seus registros irá adicionar detalhes que eu poderia não ter tempo de incluir. Você trouxe seus instrumentos de escrita? Bom.”

Em breve, os sacerdotes, os nobres, os oficiais e outros importantes funcionários administrativos de Judá começarão a chegar.

O novo governador de Judá começou a reunião com uma descrição de seus

achados na noite anterior. Sara escrevia suas palavras tão rápido quanto era capaz.

“Mas eu não lhes digo nada que vocês já não soubessem”, disse ele quando terminou de contar o que tinha visto. “Vejam o problema em que estamos. Povo de Judá, a cidade de nossos pais está em ruínas. Não há uma porta sequer que tenha permanecido de pé.”

Neemias puxou uma mão elegante por seu cabelo vermelho escuro. O suave barulho de suas roupas de seda arrastando no chão parecia gritante no silêncio pesado. “O estado de nossa nação nos envergonha. Nossos inimigos se alegram pelo nosso estado atual de pequenez. O povo do Senhor sofre por causa disso. Uma vida vibrante não pode se estabelecer nesta cidade a menos que ela tenha a proteção de muros bem construídos. Tal como está, a cidade de Jerusalém não é grande o suficiente para sustentar a agricultura; não é movimentada o suficiente para o comércio; não é segura o suficiente para as multidões. Não podemos construir nossas casas em Jerusalém a menos que ela possa ser defendida contra invasores.

“Vamos acabar com essa vergonha, irmãos. Vamos reconstruir a muralha de Jerusalém. O Senhor abriu um caminho para nós. O próprio rei, que parou esse projeto por ter acreditado nas mentiras de nossos inimigos, me deu permissão para iniciar a construção mais uma vez.”

Um murmúrio baixo cresceu no recinto. Vozes masculinas ganhavam força enquanto eles questionavam as notícias do novo governador. Neemias ergueu os braços, silenciando a conversa.

“Não pensem que consegui isso porque sou amigo do rei ou porque sou um bom político. A mão graciosa do meu Deus esteve sobre mim quando estive na presença de Artaxerxes. Essa é a razão pela qual ganhei seu favor. Por causa disso, o rei me deu autoridade para inaugurar esta missão.

Ainda ganhamos madeira das florestas reais. As árvores mais altas da Pérsia e todo o ouro de sua tesouraria, porém, não podem cumprir esta tarefa a menos que vocês deem ao Senhor sua total colaboração. Eu não posso gerenciar esse trabalho sozinho. Isso exige que cada líder, cada homem e mulher de Jerusalém, aja em unidade. Venham, então: vamos nos empenhar nessa tarefa; vamos enfrentar a batalha; vamos colocar nossas costas para trabalhar — cada um em sua função, cada um em sua posição; não há uma semana, nem um dia, nem um momento a perder.”

O coração de Sara se levantou como um trovão, motivado a fazer qualquer coisa que seu primo ordenasse. Neemias poderia persuadir mortos. Ela não era a única afetada por seu discurso. Ele estimulou tal paixão na liderança de Judá que eles esqueceram seus medos e reclamações e começaram a gritar em concordância. Eles começariam o bom trabalho. Eles iriam reconstruir os muros. E nada iria detê-los.

Neemias deu um sorriso modesto e ergueu as mãos. “Precisamos organizar nosso povo se quisermos progredir. Eu fiz alguns planos.”

Quando os líderes saíram, Sara se levantou de seu esconderijo apertado. Seu corpo estava mudando rapidamente, de modo que o que poderia ter sido confortável um dia antes ficava desafiador horas mais tarde. Ela se esticou e mordeu o lábio enquanto a dor atravessava seu quadril. Um pequeno movimento dentro de sua barriga a fez parar, surpresa. Seu bebê estava se apressando.

“O que há de errado, querida?” A voz preocupada de Neemias interrompeu o momento incrível de descoberta.

“Senti o movimento do bebê em meu ventre pela primeira vez.”

“Ah. Ele deve ter gostado do meu discurso.”

Sara riu. Para um velho solteirão, seu primo lidava com sua gravidez com grande desenvoltura. “Meu filho sabe a hora de entrar em cena.” Ela bateu na parte de cima de sua barriga. “Tudo ocorreu bem. Esperava resistência deles. Mas ao contrário, você conseguiu fazê-los concordar com todas as suas sugestões.”

Neemias retornou à sua mesa, que ostentava uma pilha de pergaminhos que havia estudado anteriormente. “Não se deixe enganar. Haverá problemas. Internos e de fora. Teremos muitas batalhas difíceis à frente de nós.”

“Primo Neemias? O que o torna tão determinado? Se você sabe que o trabalho vai ser duro e cheio de fontes de desânimo, por que persiste?”

Neemias enrolou um pergaminho e bateu sua extremidade contra a palma da mão. “Porque eu acredito que fui chamado para isso. Qual você acha que seja o seu destino? Um caminho fácil onde nunca há empecilhos? Não. Quando você caminha pelo seu destino vai colidir e cair mais vezes do que consegue contar. O segredo, porém, é se agarrar à visão de Deus para a sua vida e para a vida daqueles que Ele põe sob seu comando. Não importa quantas vezes você caia, sofra acidentes ou falhe; levante-se e enfrente seus

obstáculos.”

Enquanto começava a coordenar o enorme projeto à sua frente, Neemias orientou Sara a manter um registro exato dos indivíduos que construíam o muro. Ele queria que ela registrasse o nome de cada um, bem como a localização do trabalho deles.

“Não vá atrás de cada um ao redor de Jerusalém. Fique longe dos muros, Sara. Vou destacar os homens de Lisandro para lhe trazerem relatórios duas vezes ao dia.”

Procurando em sua caixa de escrita por tinta fresca na primeira tarde em que o trabalho começou, Sara notou um pequeno rolo de pergaminho. Com um frio desagradável, ela reconheceu a cor de marfim da pele de carneiro: era a carta que tinha sido dada a Nassir pelo mentor do plano para matar o rei. Fazia alguns meses desde que ela tinha estudado o documento. Desenrolando o pergaminho, começou a ler.

Execute as instruções que eu lhe enviar. Agora você tem tudo de que precisa para as cerimônias de Ano Novo.

A informação nunca tinha sido entregue ao assassino a quem se destinava, claro. Sara leu as palavras de novo, desta vez com mais intensidade. A distância de meses deve ter varrido as teias de aranha de sua mente. Pela primeira vez, ela notou uma pista vital que tinha perdido durante a primeira rodada de suas inspeções.

Essa mensagem não foi dirigida a um estranho.

Tão rápido quanto sua crescente barriga permitiu, ela se pôs de pé e foi em busca de Lisandro. Ela o encontrou no pátio, distribuindo novas ordens para seus homens. Ele lhe deu um olhar de canto e despediu seus homens.

“Preciso falar com você. É urgente.”

Lisandro não perdeu tempo com perguntas, seguindo-a para o interior da residência em ruínas. Ela colocou o pergaminho em sua mão. “Eu descobri algo importante. Essa mensagem não é dirigida a um estranho.”

“Comece do início. Que mensagem?”

“Aquela que achamos com os babilônios.”

Lisandro desenrolou o pergaminho e, após um breve olhar, o entregou de volta para Sara. “Não sei ler aramaico. O que diz?”

Segurando sua impaciência, Sara leu para ele. “O que percebi enquanto a lia é que ela é dirigida a alguém familiar. Não é uma carta a algum

assassino desconhecido. É uma mensagem dirigida a uma pessoa que o autor conhecia. *Que você possa caminhar em segurança.* Isso é quase sentimental. Eles se conheciam. Eles podem até ter uma grande amizade um com o outro.”

“Entendo. Vou enviar um mensageiro para seu marido. É uma distinção sutil, mas talvez tenha serventia para ele.”

Sara assentiu com a cabeça e se virou para sair. Sem aviso, uma dor aguda, como uma pequena seta, perfurou seu abdômen. Ao contrário das pontadas musculares que a atormentavam quando ficava em uma mesma posição por muito tempo, essa dor veio fraca e profunda, como se fosse originada no centro do seu ventre. Seus olhos se arregalaram com o choque. O desconforto passou rapidamente, mas o medo caiu sobre ela como uma grande pedra. A memória do seu aborto permanecia demasiadamente fresca para ignorar uma sensação tão peculiar.

“Minha senhora? Você está se sentindo mal?”

“Uma dor passageira. Você acha que...?”

Lisandro franziu a testa. “Não vamos tomar conclusões prematuras. Devo examiná-la.”

A expressão de Lisandro permanecia branda enquanto secava as mãos em uma toalha limpa. “Não posso ter certeza. Este não é um ramo da medicina com o qual tenha familiaridade o suficiente. Você sangrou uma pequena quantidade. Eu acredito que isso aconteça com algumas mulheres. A dor aguda que você descreve também pode ser normal para esta fase da sua gravidez. Dado o seu aborto recente, porém, não estou preparado para me arriscar indevidamente. Você precisa de um médico especialista em mulheres e parto, e não há ninguém que possa ser encontrado nesta província em ruínas. Tudo o que encontrei até agora foram parteiras que sabem menos do que eu.”

Sara olhou para Pari; refletido no rosto de sua amiga viu o mesmo medo sombrio que tomou conta de sua própria mente. Entrelaçando os dedos, ela os apertou para esconder seu tremor selvagem. O pensamento de perder outro bebê foi demais para ela. “O que você sugere?”

“Sei de um médico em Damasco que é famoso por sua experiência nessa área. Eu mesmo me encontrei com ele anos atrás, quando estava parado por ali, e tenho um grande respeito por sua habilidade. Mas ele tem um terror de viagem e nunca viria até nós. Nós teríamos que levar você até ele.” Ele girava

as mãos e as descansava entre os joelhos.

“Levar você a Damasco seria arriscado no meio desse negócio de conspiração. Seu marido vai, sem dúvida, tirar minha pele por expor você ao perigo antes que eu tenha a oportunidade de me explicar. Não vejo outra maneira, no entanto. Não posso deixá-la aqui e apenas esperar que a natureza siga seu curso. Se viajarmos bem lentamente para garantir o seu bem-estar, devemos chegar em poucos dias. E, então, você poderá ter o melhor dos cuidados.”

Sara assentiu, se agarrando a este raio de esperança. “Dario vai entender uma vez que você explicar. Ele só quer a minha segurança. Sei disso agora. Se ir para Damasco trouxer segurança, ele vai aprovar sua decisão e, até mesmo, aplaudir sua iniciativa.”

Lisandro levantou uma sobrancelha, cético. “Aplaudindo ou não, ele vai ter que conviver com isso. Não tenho qualquer outra opção dadas as circunstâncias.” Ele se levantou. “Vou enviar-lhe uma mensagem para prepará-lo para a nossa chegada. Vamos partir na primeira luz do dia.”

“Obrigada, Lisandro. Vou deixar o governador informado da nossa partida.” Neemias iria perder os dois, ela pensou.

“Tente não se preocupar, minha senhora. O bebê repousa tranquilamente dentro de você. Essa viagem a Damasco é uma mera precaução.”

Capítulo 17

Dario foi tomado por descrença enquanto examinava a mensagem de Lisandro. Com os olhos apertados, leu as palavras de novo. Lisandro tinha sido breve, sem dúvida em decorrência da possibilidade de que a carta pudesse cair em mãos erradas. Só disse que, devido a um acontecimento urgente, ele estava escoltando Sara pessoalmente até Damasco.

Dario esmigalhou o pedaço de papiro em seu punho. O espartano tinha perdido a cabeça? O que o teria possuído para ele arrastar sua esposa para o meio do perigo quando sabia ser justamente essa a situação que Dario tinha tentado evitar?

Ele passou a mão pelo cabelo. Amanhã iria ver Sara. Nem uma hora tinha se passado desde que a tinha deixado que não tivesse pensado nela. Às vezes o desejo por ela o enchia como um maremoto. Mais frequentemente, o pensamento de seu bebê perdido arrefecida seu ardor. Tristeza e ressentimento formaram defesas poderosas contra a ternura. Ele ainda não conseguia digerir a traição dela. Como podia uma mulher que parecia tão amorosa agir com tal egoísmo manipulador?

E como podia um soldado tão experiente como Lisandro justificar o transporte da mulher de seu oficial superior a Damasco, enquanto o seu líder estava atarefado até o pescoço com uma delicada investigação? Ele considerava a ideia de dar um soco potente no queixo quadrado do homem em sua chegada, antes mesmo de fazer uma averiguação razoável dos fatos. O pensamento trouxe um sorriso amargo para o seu rosto.

Antes de perder todo o foco, ele escreveu uma nota rápida ordenando que Lisandro levasse Sara para a pousada onde ele já tinha escondido os babilônios, esperando que o local obscuro a pudesse proteger. Ele deu a carta ao mensageiro com ordens para uma entrega rápida e certificando-se de que o homem saberia onde encontrar o grupo na estrada.

Sozinho, Dario se serviu de uma taça de vinho e se inclinou sobre uma almofada, tentando tornar os acontecimentos do dia compreensíveis à sua mente. O som de passos o forçou a sair de seu devaneio. Ele tomou um choque ao ver Roxana, que entrou desfilando e se jogou sobre a cama de ferro.

“Parece que você acabou de provar da água do cocho de um camelo,” disse ela. “Más notícias?”

“Quem deixou você entrar aqui?”, disse ele indignado com sua audácia de perambular em seu quarto privativo como se não fosse uma mulher solteira da flor da sociedade persa. A barba arruinava o efeito de algum modo. Mas esse não era o ponto. Será que o mundo inteiro perdeu o juízo ao mesmo tempo? Seria ele a única pessoa sã na terra?

“Eu me permiti entrar. Temo que seu guarda esteja distraído. Não poderia espionar para Artaxerxes se pedisse permissão cada vez que tentasse entrar numa sala.”

“Da próxima vez, bata. Você não está me espionando.”

“Quem disse? O rei está muito interessado nas atividades de seus mais fiéis servidores. Só para prevenir.”

Dario jogou um travesseiro nela com a precisão de uma lança. Ele atingiu seu rosto antes que ela pudesse se esquivar, entortando sua barba. Ela se sentou, com o rosto vermelho de raiva. “Muito engraçado.”

Numa outra situação ele teria rido de sua estranha aparência torta. Naquele momento, no entanto, ele não conseguiu reunir senso de humor para isso. “É melhor consertar isso. Ninguém acreditaria que você é um homem se a visse agora.”

Roxana se acomodou em um banquinho de costas para ele e olhou dentro de um espelho de prata. “Raios. Levei uma hora para deixar isso direito.”

“Enquanto você cuida das suas bobagens, permita-me contar as novas informações importantes que acabei de receber.” Ele descreveu a carta de Lisandro.

“Uma visita conjugal no meio de investigações secretas. Que bom para você. Ouvi falar que sua esposa era descontrolada. Os detalhes de sua festa de casamento entreteram as mulheres da casa de meu pai por semanas. Estava morrendo de vontade de conhecê-la desde então. Ela é a única mulher além da rainha que soa ser remotamente divertida.”

“Você não vai chegar perto dela, Roxana. Vocês duas juntas iriam, provavelmente, acabar com o império, como bem sabemos.”

Roxana se virou para Dario, mais uma vez parecendo como um homem de forma convincente. “Não seja tão tirano, Dario. Tenho certeza de que ela iria gostar da minha companhia.”

Uma forte batida trouxe o seu discurso a um fim abrupto. Dario lançou a Roxana um olhar tenso e pôs um dedo silenciador na frente dos lábios. Sem aviso, ele abriu a porta rapidamente. O servo de Roxana esperava do outro lado. Não parecia surpreso com a violência de sua recepção. Depois de se curvar com admirável calma, ele ofereceu à sua ama uma longa encomenda.

“Isto veio para você diretamente do secretário do rei, meu senhor. De acordo com sua carta, deveria trazê-lo a você sem demora.”

Roxana pegou o pacote. “O que é isso?”

“Um presente para o sátrapa do Egito. O secretário real manda que você o entregue quando tiver terminado seu trabalho em Damasco.”

“Obrigado. Verei isso.” Ela despediu o homem com um aceno de cabeça.

Dario inclinou-se sobre uma parede curvada. “O seu servo sabe quem você é? Ele a chamou por *meu senhor*.”

“Ele sabe. É discreto demais para abaixar sua guarda quando estamos em público. Como todos os homens do rei, ele sabe bem o seu ofício.”

“Por que não pôde esperar você retornar aos seus aposentos para lhe dar o presente do sátrapa?”

“Porque,” Roxana disse enquanto começava a desembulhar as dobras do tecido, “há uma mensagem do rei escondida em algum lugar.”

Dentro da embalagem de tecido eles encontraram uma túnica de linho grosso, decorada com fios de ouro e joias de um tamanho que era mais vulgar do que elegante.

Dario acariciou o tecido. “Repugnante, mas caro.”

“Nem todo mundo tem o seu gosto superior, meu senhor.” Roxana puxou uma faca fina de um bolso interno de sua túnica solta. Ela começou a sentir em torno do presente do sátrapa egípcio. Para surpresa de Dario, ela cortou uma seção da borda do manto.

“Espero que você seja boa de costura.”

“Não consigo costurar um ponto. Felizmente, o servo do rei é habilidoso com uma agulha.” Ela procurou através da área rasgada até que um pequeno rolo de pergaminho caiu para fora da bainha no chão.

Ela levou um momento para ler a mensagem e jurou. “O rei foi atacado novamente.”

“Ele está ferido?”

“Não seriamente. Eles estavam caçando no recinto real quando alguém

atirou uma flecha contra ele. Ela passou raspando por seu braço. Sua armadura evitou a maior parte dos danos, mas foi por um triz.”

Dario afundou até a borda da sua cama. “Será que eles pegaram o culpado?”

“Receio que não. No momento em que encontraram seu esconderijo ele já estava muito longe. O rei está ficando impaciente com a demora em nossas investigações.”

“Posso imaginar o quão duro isso deva ser do seu ponto de vista. Ele se senta em seu trono, impotente, sabendo que cada vez que ele come, dorme ou passeia é uma oportunidade para um assassino esperto colocar um fim à sua vida. Não podemos mais nos dar ao luxo de perder tempo com investigações cautelosas. Nosso assassino está ficando cada vez mais ousado. Temos de tomar uma postura mais agressiva em nossa investigação.”

Dario cavalgou para a pousada, com seu estômago virando cambalhotas de tensão. Em alguns momentos, ele iria ver Sara. Havia passado metade da noite tentando descobrir o que poderia motivar Lisandro a trazê-la de Damasco. Quanto mais pensava a respeito da estranha circunstância mais ansioso ficava. Ele sabia que Lisandro não teria tomado essa decisão sem um bom motivo.

Nada poderia tê-lo preparado para o que o esperava em seu diminuto dormitório privativo. Ele notou detalhes sem importância enquanto entrava: as paredes caiadas de branco; o rosto abatido de Pari; o cabelo de Sara, que estava solto pelas costas como uma cachoeira de seda; o bordado verde em seu vestido de linho azul; a forma que os olhos dela se suavizaram quando o viu. E, então, com um choque entorpecente de roubar as palavras, o tamanho de sua barriga, que ficava pressionada contra o tecido de seu vestido solto. Sua esposa, que havia sangrado a vida do bebê deles em seus braços apenas algumas semanas atrás, estava claramente grávida.

Dario havia passado uma parte significativa de sua infância aprendendo a controlar suas emoções. Aprendendo a esconder sua expressão dos outros. Suas defesas, desenvolvidas durante tanto tempo, falharam consigo. Teve que se lembrar de fechar a boca. Virou a cabeça para o canto da sala onde Lisandro o esperava.

“Você... você errou no diagnóstico dela?”

“Não. Ela devia estar carregando gêmeos. Ela perdeu um naquela manhã.

O outro...” Fez um gesto vago para Sara. “Como você vê.”

Dario se sentia dividido entre o desejo de puxar sua esposa para os seus braços e sentir as novas curvas de seu corpo pressionando ela contra si, com o filho embalado entre eles, e a necessidade igualmente forte de manter distância. Ele se inclinou contra a parede, cruzando as pernas na altura dos tornozelos para dar a impressão de que não estava se importando. Ele preferia ter lutado contra Niq e sua equipe direto por uma semana a admitir que precisava de um muro para se apoiar.

“Entendo. Você a trouxe por todo o caminho até Damasco só para me mostrar isso?”

“Claro que não. Eu a trouxe porque há uma complicação.”

Dario se endireitou. Ele se forçou a olhar para Sara. “É melhor você se sentar.”

Ela obedeceu, com movimentos estranhos. Pela primeira vez, ele notou sua palidez e as olheiras sob seus olhos arregalados. Ela estava cansada. Enquanto Lisandro falava sobre o risco da gravidez, Dario a estudou de canto do olho. Ela estava à beira das lágrimas. O pensamento de perder essa criança pesava sobre ela.

“A vida de Sara está em perigo?” Perguntou ele a Lisandro, cuidando para manter a voz neutra.

“Acho que não. Nem mesmo sei se o bebê está em risco. Mas não poderia ignorar a situação devido ao que aconteceu antes.” Dario deu um aceno lento com a cabeça. “Você tomou a decisão certa. Obrigado por trazê-la.”

Lisandro deu um sorriso apertado. “Estou aliviado que pense assim. Temia que fosse me atacar primeiro e perguntar depois.”

“Pensei nisso.” Ele ergueu o queixo em direção a Sara. “A visão dela me fez esquecer as minhas intenções.”

“Estava contando com isso. Agora é melhor eu ir buscar o médico.”

“Leve Pari com você.”

Sozinho com Sara, Dario se viu sem palavras. “Você está com fome?” ele perguntou, tentando parecer solícito. Ele se sentiu um tolo. Aqui estava ela carregando seu bebê, a criança que ele queria desesperadamente, e tudo o que ele conseguia perguntar era se ela queria comida?

“Não, obrigada.” Sua voz estava suave. Incerta. “Você está... você está feliz a respeito do bebê?”

Seu coração se contraiu pela hesitação da voz dela. “Claro. Estou muito feliz.” *Atônito. Pasma. Mas feliz.*

“Teria sido adorável ter gêmeos.”

Dario afundou em um banquinho. “Um é bom também.”

Ela olhou para cima. Seus grandes olhos castanhos estavam envoltos em lágrimas e vulneráveis. Ele sentia seu fôlego. “Você gostaria de senti-lo? Nunca teve a chance antes.”

Ele se abaixou para ficar ajoelhado ao lado dela. Ela se sentou à beira da cama. O colchão, recheado com palha, devia ser velho, pois tinha irregularidades para fora em vários lugares. Ela se inclinou para frente e pegou a mão dele. Gentilmente, ela colocou a palma da mão dele contra sua barriga. Ela estava grande o suficiente para ser inconfundivelmente uma grávida, mas não tão grande como a de uma mulher perto do parto. Sua carne, sob o tecido macio de suas vestes, estava tensa. Ele permitiu que sua mão ficasse lá numa desejada carícia.

“Às vezes posso sentir ele se agitar dentro de mim. Duvido que você seja capaz de sentir; ele é muito pequeno ainda.”

“Ele?”

“Ou ela. Tem alguma preferência?”

Ele deu de ombros e tirou a mão. “Desde que a criança seja saudável, não me importo. Ela é bem-vinda também de uma forma ou de outra.”

“Sei que este bebê não pode magicamente desfazer o mal que eu fiz a você, Dario. Não espero que me perdoe só porque estou levando seu filho.”

Ele levantou-se e virou as costas. Para sua surpresa, sentiu algo como um alívio se derramando sobre ele. Pelo menos ela não esperava que ele agisse como se tudo estivesse bem entre eles.

Ele a ouviu se mexer na cama para vir e ficar perto dele. “Você sabe, com o drama do bebê acredito que Lisandro se esqueceu de lhe enviar uma mensagem sobre minha nova descoberta.”

Ele se virou, grato por um tópico novo, sabendo que ela tinha mudado o curso da conversa de propósito a fim de aliviar seu desconforto. Essas intuições misteriosas sempre tinham feito dela uma companheira irresistível. O que fez sua traição ainda mais difícil de suportar. Ele forçou seus pensamentos para longe dessa ferida aberta. “Qual é a nova descoberta?”

“Enquanto eu estava à procura de um pergaminho em minhas malas,

aconteceu de me deparar com a carta que o assassino deu aos irmãos babilônios. Quando a estudei de novo, tive uma percepção interessante. A nota não foi escrita para um estranho. Não era para um homem que foi simplesmente contratado. O homem que a escreveu conhecia seu destinatário. E o conhecia bem, inclusive. Talvez intimamente.”

Dario ficou imóvel. “Bem o suficiente para estar de luto com a notícia da sua morte?”

“Imagino que sim. Você conhece um homem assim?”

“Um alto oficial cujo nome é Zikir. Ele está de luto pela morte de seu neto e se encaixa em cada critério que conhecemos. Ele é de Damasco e ocupa um lugar de destaque na corte. Ele está de luto. E tem razão para guardar rancor de Artaxerxes.”

Eles foram interrompidos por uma batida na porta. “Seu médico,” disse Dario enquanto abria a porta.

Um homem gordo, com a cabeça careca e uma espessa barba preta e branca, entrou. Sua testa brilhava de suor. Dario imaginou que Lisandro tinha trazido o homem usando de uma pressão amigável e estava grato pela intervenção do amigo. Seu estômago virou uma massa azeda ao pensar em Sara enfraquecendo. Sangrando. Morrendo. Se tivesse de escolher entre sua esposa e seu bebê sabia qual seria sua decisão. A percepção disso o confundiu.

“Gostaria de esperar lá fora, meu senhor, enquanto examino sua esposa?” O tom de sua voz sugeria que era exatamente isso o que ele esperava que Dario fizesse.

“Não, eu não quero.”

O médico limpou a garganta. “Como quiser.”

O exame levou muito tempo. Ele viu que o procedimento machucou Sara e mal conseguia se conter em agarrar o médico pelo pescoço gordo e tirar os seus dedos indicadores dela. Em um determinado momento ele pegou a mão dela e a segurou, tentando lhe dar de sua própria força. Ele ficou tocado pela forma como ela o agarrou, tomada pelo medo e pela dor. Sem querer, ele tirou com cuidado o cabelo dela de seu rosto suado.

“Shhh. Vai acabar logo.”

Depois de terminar seu exame minucioso, o médico fez a Sara muitas perguntas sobre a gravidez, bem como sobre o aborto inicial. Ele tinha olhos

pequenos e espertos que pareciam não perder nenhum detalhe. Dario sentiu seus músculos tensos começarem a relaxar.

Finalmente o médico se levantou e se espreguiçou. “Bem. Seu amigo Lisandro não é tão inapto em matéria de parto como supõe. Ele estava certo em dizer que sua esposa estava grávida de gêmeos originalmente. Perdeu um. Por que, eu não poderia dizer. Ninguém entende essas coisas. A criança pode não ter se formado corretamente desde o início. De qualquer forma, esse bebê”, ele gesticulou em direção a Sara, que estava na cama, “é saudável e está em desenvolvimento. Não há nada de errado com ele ou com sua esposa. Ela deve prosseguir sem complicações. O leve sangramento e as dores de parto que experimentou não são fora do comum. Muitas mulheres os têm. Não vejo nada que seja preocupante. Nada mesmo. Aproveitem a boa sorte e não se preocupem mais.”

Dario ouviu um som abafado vindo da cama e se virou para ver Sara enterrando o rosto em um travesseiro, sacudindo os ombros. Sem planejar, ele estendeu a mão e acariciou suas costas, esfregando a nuca dela. Como se ele não pudesse resistir ao toque, sua mão permaneceu lá por um momento, absorvendo os arrepios que estavam passando por ela. Sem dizer nada, permaneceu ao lado dela até que sentiu seu corpo se acalmar.

Sentiu como se o peso de uma montanha tivesse sido tirado de seus próprios ombros. O médico partiu com uma bolsa consideravelmente mais pesada; Dario nunca tinha ficado tão feliz em repartir o seu ouro. Quando ele voltou, descobriu que Sara tinha limpado o rosto e já estava sentada, com uma feição envergonhada.

“Que tempestade que fiz em um copo d’água. Sinto-me muito tola.”

“Você fez certo em vir a Damasco. Eu mesmo se estivesse lá teria desejado que você se consultasse com um médico também.”

Ela deu um sorriso aguçado. “Estou tão aliviada de que o bebê esteja bem.”

Dario assentiu. “Por que você não descansa um pouco?”

O ruído de uma briga abafada lá fora fez os dois ficarem rígidos com o alarme. Dario puxou sua adaga e assumiu posição de ataque enquanto a porta se abria.

“Peço perdão, meu senhor. Ela não iria ceder,” Meres gritou por entre os dentes cerrados, tentando segurar as saias de seda de uma mulher alta que dançou para dentro dos aposentos com uma serenidade admirável, como se

não tivesse quebrado vinte e três regras de decoro social com seu comportamento descarado.

“Coisa escorregadia,” disse Meres, enquanto o lenço da mulher saía em suas mãos e ela continuava a avançar para o quarto.

Tinha passado um tempo desde a última vez que Dario a tinha visto em trajes de mulher. Tinha esquecido o quão exoticamente atraente ela era. Sua boca era muito larga; o nariz muito pequeno, suas narinas se alargavam fazendo uma ondulação curiosa em cada lado; seus olhos eram muito estreitos. E, ainda assim, o efeito global deixava quem a via um pouco sem fôlego. Mais problemas para ele. Ele fechou os olhos. “Roxana.”

Capítulo 18

O queixo de Sara quase veio ao chão quando a mulher arrebatadora entrou com um largo sorriso desprovido de qualquer embaraço por ter interrompido os cônjuges. Dario acenou para Meres, que deixou o quarto fechando a porta atrás de si e trazendo de volta alguma medida de privacidade. A mulher chamada Roxana veio calmamente ainda mais para dentro do quarto, com passos largos e como se estivesse a passeio. Ela se jogou no banco em mau estado que Dario tinha desocupado antes e, abrindo as pernas, colocou os cotovelos sobre os joelhos.

Dario soltou um suspiro impaciente e cutucou a perna dela com a ponta do sapato. “Você não está usando calça mais. Tente, pelo menos, dar a impressão de que você é uma mulher ou vai ser reconhecida.”

Roxana sorriu e puxou seus longos membros em um semblante de feminilidade recatada. “Você não vai me apresentar à sua esposa?”

Sara fechou sua boca formando uma linha apertada. Era evidente que essa mulher conhecia seu marido bem. “Sim, meu senhor. Você não vai nos apresentar?”

Se Dario se sentia desconfortável com essa visita incomum, seu rosto não mostrava. “Sara, este é o agente secreto do rei em Damasco. Obviamente, isso não é o tipo de informação que você possa transmitir. O nome dela é Roxana. No entanto, todos na corte de Damasco a conhecem como *Ciro*.”

O agente secreto do rei! Sara sentiu um alívio momentâneo após esse bocado de informação, até que percebeu que a função da mulher implicava que ela teria passado um tempo considerável com o seu marido ao longo das últimas semanas. Em seguida, sua mente entorpecida tomou consciência de que Dario havia lhe dado o nome de um homem. Ela ficou de pé, com seus movimentos lentos. “Que curioso.”

“Não é tão curioso quanto você poderia pensar, dado o fato de que ela tem usado uma barba falsa e um disfarce de homem até hoje. Está fingindo ser um dos mercadores de Artaxerxes enquanto ajuda a resolver o caso de tentativa de homicídio dele.”

Sara enviou a Roxana um olhar calculista. Ela era alta e atlética, com cachos loiros escuros e olhos cor de mel da primavera. Tinha também uma

beleza cativante. Difícil engolir que tal criatura poderia mudar de forma convincente seu gênero como bem quisesse. “E tem conseguido fazer as pessoas acreditarem que você é um homem por todo esse tempo? Que esperta.”

Roxana deu de ombros. “Deve-se fazer todo o possível pelo império.”

Seu sotaque era firme e aristocrático. Sara sentiu uma pontada de ciúme. Este era precisamente o tipo de mulher que Dario queria ter como esposa se a escolha tivesse sido deixada para ele. Impressionante, flexível e com a marca inerente de autoconfiança que parecia própria de sua classe. Sentiu-se pequena e gorda em relação a ela.

“Quão perto vocês estão de resolver a trama?” Sara perguntou. “Alguma descoberta?”

Por um momento, a jovem pareceu perturbada. “Ainda não, mas estamos chegando perto.”

Dario esfregou as costas de seu pescoço. “Sara trouxe novidades que podem nos dar uma nova visão.”

Para a surpresa de Sara, Roxana lhe deu um sorriso genuíno quando Dario explicou sua descoberta. “Ouvi falar que tinha uma mente brilhante. Fico feliz de ter a sua ajuda.”

Ocorreu a Sara que viver como um agente poderia não ser fácil para uma mulher. Independente de ela ser ou não, Roxana devia lutar com a solidão. Seria sempre uma forasteira, nunca pertencendo a ninguém. Sara se perguntava se a rude intrusão da garota seria mais do que uma tentativa de satisfazer sua curiosidade. Talvez ela quisesse conhecer outra mulher com quem, de alguma maneira, pudesse fazer uma conexão significativa. Por já ter servido como escriba sênior da rainha, Sara poderia ser aquela mais próxima de Roxana a ter quebrado as regras normais que regiam a vida das mulheres.

A forte muralha defensiva em torno do coração de Sara fora rompida. Sentiu-se envergonhada de sua própria atitude rancorosa para com Roxana. O ciúme não era uma emoção com a qual Sara lutava muitas vezes. Ficou chocada com a profundidade de sua própria inveja. Será que mulher era uma pessoa adorável? Será que ela teria que pagar o preço da falta de confiança de Sara?

Sara não podia reter a atenção Dario mostrando suas garras para cada mulher atraente que chegasse perto dele. Humilhar outras mulheres com

palavras agressivas não era maneira de manter seu marido. Ela teria muito mais chance de ficar com ele se provasse ela mesma ser amorosa e digna de confiança. Aumentar seu conceito ante a ele era a maneira certa de garantir sua afeição.

Houve uma respeitosa batida na porta. Parecia que o pequeno quarto deles tinha se transformado na Sala do Trono de Persépolis. Todo mundo estava na fila para entrar. Dario abriu a porta com impaciência e gritou: “O quê?” para Meres, que estava do outro lado.

“Meu Senhor. Se estiver disponível posso ter uma palavra com você?”

Dario levantou uma sobrancelha. “Os irmãos babilônios estão lhe dando problemas?”

“Não. Descobrimos algo esclarecedor no início desta manhã. Eu teria corrido para dizer, exceto por não querer deixar nossos convidados por conta própria. Não acho que eles iriam entrar em apuros intencionalmente, mas estão confinados por alguns dias e ficando inquietos. No desejo de limparem seus nomes, estão susceptíveis a provocarem estragos. Já que vocês estão aqui, talvez você e minha senhora possam querer ouvir essa notícia.”

Dario olhou por cima do ombro para Sara, com suas sobrancelhas levantadas em tom de questionamento. Outro homem não teria considerado expor sua esposa a um bando de homens selvagens. No entanto, desde o início, Sara tinha percebido seu marido excepcionalmente tolerante em tais assuntos. Contanto que ele julgasse que ela não estava em perigo, permitia seu contato com muitos de seus amigos e associados, dando valor à sua opinião em várias situações. Ele não era descuidado o suficiente para deixar que ela ficasse por conta própria, mas permitia a ela um acesso mais amplo ao mundo do que era feito normalmente na sua sociedade.

“Eu adoraria ir,” disse ela, incapaz de esconder a ansiedade em sua voz.

“Não está cansada depois da viagem?”

“Eu nunca levantaria um murmúrio de queixa contra Lisandro, mas devo confessar que, em deferência à minha condição, ele dirigiu tão lentamente o nosso carro desde Jerusalém que em um ponto eu vi um pequeno lagarto que rastejava mais rápido que nós. Qualquer descanso a mais e eu poderia ficar louca. Prefiro mesmo ir com você.”

“E você não vai me deixar para trás,” disse Roxana, ficando de pé rapidamente. “Se há notícia, eu preciso saber.”

No caminho, cruzaram com a proprietária da pousada. Ela se curvou diante de Dario e murmurou: “Meu senhor”, e, em seguida, fez uma reverência para Sara enquanto saía, embora nem de perto tão inclinada quanto a que fez para Dario. Então, ela congelou quando viu Roxana vindo atrás.

“Ouçam aqui! Não sei o que vocês todos estão fazendo lá dentro. Este é um estabelecimento de respeito.”

Roxana levantou um ombro, indiferente. Sara teve que colocar uma mão sobre a boca para segurar o riso quando Roxana disse: “Não se preocupe. Ninguém é perfeito.”

Niq e Nassir ficaram em posição de sentido enquanto Sara e o resto do grupo de Dario entravam no quarto. Dario tinha deixado Lisandro no lado de fora como guarda; os demais lotavam o aposento apertado, tentando encontrar um canto grande o suficiente para não se esmagarem uns contra os outros.

Nassir estava segurando um bloco de madeira que estava esculpindo em uma mão e uma lâmina fina na outra. Suas mãos estavam pulverizadas com aparas de madeira finas provenientes de um buraco profundo no meio do bloco. Em cima de um canto da mesa encontravam-se quatro cálices de madeira idênticos. Sara ficou impressionada. Mais uma semana e ele teria um conjunto completo.

Niq estava coberto de suor, com seu longo cabelo liso. Sara adivinhou que ele tinha se empenhado em intensa atividade física. Dando continuidade ao seu treinamento de combate estranho, sem dúvida. Depois de uma saudação curta, Dario fez sinal para todos se sentarem e acomodou-se em uma almofada magra depois de encontrar um banquinho resistente para Sara.

Roxana se encostou sobre a porta fechada. “Devo presumir que estes sejam os irmãos babilônios?”

Sara mordeu um sorriso ao ver a forma como Niq veio à frente, empurrando o peito e sugando uma respiração profunda para achatar uma barriga já musculosa. “Sou Niq, minha senhora. E este é meu irmão Nassir.”

“Esqueça isso!” Dario disse. “Contem-me as notícias. Meres disse que vocês têm algo importante para me contar.”

Niq coçou a cabeça e lançou um olhar duvidoso, primeiro na direção de Sara e, depois, na direção de Roxana.

“Você pode falar na frente da minha esposa.”

“Sim, senhor. É que a história é um pouco colorida.”

“Colorida como?”

“Envolve um bebê. Fora do casamento, pode-se assim dizer.”

“Minha esposa é uma experiente especialista em bebês. E Roxana conhece mais palavrões do que você. Continue. Você não vai corrompê-las com o seu conto.” Sara fingiu um interesse profundo na franja de seu lenço.

“Sim, meu senhor. Descobrimos uma interessante informação a partir de uma mulher idosa que trabalha aqui. Ela tem sido boa para conosco. Ela não tem filhos próprios e gosta de nos mimar de vez em quando.”

Meres revirou os olhos. “Ela gosta de mimá-lo *ele*. Esse menino consegue encantar até uma nuvem cinzenta carregada.”

Niq deu de ombros. “Eu nasci com talento natural.”

“Devo entender que você descobriu algo importante?” Dario cruzou os braços.

“Sim, meu senhor. Esta idosa me contou uma história interessante. É de anos atrás, mas acho que pode ser significativo para a sua pesquisa. Você vê, uma vez ela trabalhou na casa de um oficial sírio chamado Zikir. Ele vive em Damasco agora.”

Aquele nome de novo, Sara pensou. Notou que Dario se endireitou. “Vá em frente”, disse ele.

“Nossa história diz respeito a algo que aconteceu vinte e cinco anos atrás. E envolve não menos que um alto oficial e até o próprio pai de nosso rei. Xerxes governava a Pérsia na época. Ele estava em uma excursão pelo império quando optou por parar em Damasco para uma visita real. Ele permaneceu no palácio, é claro.

De acordo com a mulher que trabalha aqui, uma noite ele estava sem sono e saiu para um passeio nos jardins do palácio. Para o seu deleite, ele encontrou uma jovem donzela se banhando em um tanque à luz das estrelas.”

Quão conveniente para o velho rei, Sara pensou. Ela se mexeu no banco para ficar mais confortável.

Niq coçou sua barba espessa. “Essa donzela era Zenóbia, filha de Zikir. Ele trouxe sua família para o palácio durante a visita real para que pudessem desfrutar do requinte da comitiva real. Zenóbia era sua única filha e ele era louco por ela. A idosa diz que ela era um pouco feroz. Mimada, provavelmente. Não são muitas as virgens que ficam brincando na piscina do

palácio após o anoitecer. Contudo, naquela fatídica noite, Zenóbia não foi dissuadida. Ela arrastou sua serva com ela para o jardim para aquele mergulho proibido da meia noite. E, quando o rei se deparou com ela, foi atraído. Aparentemente, a filha de Zikir era famosa por sua beleza. Bem, de acordo com a idosa, ela recebeu as investidas do rei de braços abertos.”

“Se fosse minha filha, eu teria...” Nassir pôs as mãos em volta de sua garganta como que se enforcando alguém. “Nenhuma filha minha estaria autorizada a atirar-se nos braços de um homem estranho, fosse ele da realeza ou não.”

Sara arqueou uma sobrancelha e, silenciosamente, deu graças ao Senhor por não ter nascido na família de Nassir.

Meres sacudiu uma mosca bem alimentada que tinha pousado sobre sua manga. “Felizmente para a menina, seu pai não teve seus padrões rigorosos, Nassir. O ponto é que Zenóbia ficou grávida.”

“De um filho de Xerxes?” Dario perguntou.

“De acordo com a idosa, sim.”

“Por que o rei não a tomou como sua concubina?”

Niq girou uma mão no ar. “Desde quando eu entendo a forma de agir dos reis? Quando descobriram que ela estava grávida ele já estava muito longe. Antes de sair, ele deu a este Zikir um grande presente de terra e gado e lhe confiou um alto cargo. Aparentemente, Zikir era de uma família nobre da Síria, mas que tinha ficado pobre. Não teria havido nenhuma vantagem para o rei em levar a mulher para sua casa. Provavelmente pensou que tinha mais do que pago sua dívida por uma menina que veio a ele de boa vontade e sem exigir uma ligação permanente.”

“Qual era o nome do neto de Zikir, você sabe?”

Roxana girou a ponta de seu lenço no ar. “Xerxes. Como o pai do rei.”

“Isso parece dar suporte à história da idosa.” Dario se inclinou para frente. “Por que outro motivo um sírio daria a seu neto o nome de um rei persa?”

“Claro que Zenóbia se casou”, disse Roxana, girando seu lenço na direção oposta. “Esse filho que estamos atribuindo ao rei Xerxes na verdade tem um pai legal.”

“Quem?”

“A filha se casou com um oficial sírio de patente baixa. Um homem medíocre que era muito abaixo dela, certamente. A única coisa que ele

pareceu ter feito certo foi cair morto depois de estarem casados por alguns anos. O que é interessante, porém, é que o seu filho Xerxes nasceu seis meses após o casamento. E ele era uma criança forte, gorda e saudável. Nada próximo de um bebê nascido tão prematuramente.”

Sara abandonou seu banquinho desconfortável. “Então, a indiscrição de Zenóbia à meia-noite a levou a engravidar de Xerxes. Seu pai, desesperado em aliviar o escândalo, encontrou para ela um marido que estava muito grato pela associação com uma família agora rica para ficar ofendido com a falta de pureza dela.”

Roxana assentiu. “Esse seria o meu palpite. Uma noiva que está carregando o filho de outro homem não é um mau negócio se vem com um dote gordo e excelentes ligações.”

“Isso explica como a criança veio a nascer três meses mais cedo”, disse Dario. “Agora precisamos conectar essa história antiga com a nova trama. Seria o assassino que cortou a própria garganta em Susã ninguém menos que o neto de Zikir? Aquele homem alegou se chamar Aquêmenes. Um nome persa com certeza. Mas não Xerxes.”

Dario usou a ponta da adaga para suavizar uma lasca de madeira que saía do chão. “Isso é o que temos até agora: o neto de Zikir tem o sangue dos reis. Então, a princípio, Zikir ama a linha persa; ele é famoso por seu serviço ao império. Ao mesmo tempo, aqueles reis têm retido todo o direito real de seu neto. Ele nunca foi oficialmente reconhecido como filho de Xerxes. Zikir tem vivido com essa vergonha. Carregado ela. Então, Artaxerxes o insultou de forma imperdoável, mesmo que sem querer, ao não dar a Zikir a posição do sátrapa de Trans-Eufrates. Uma posição que era quase real. Uma posição que há muito merecia tanto pela virtude de seu serviço quanto por suas habilidades.

Em vez disso, Artaxerxes honrou um homem desajeitado que está bêbado mais frequentemente do que sóbrio. Por quê? Porque Pirus era o herdeiro reconhecido de uma família da aristocracia persa. Isso deve ter sido demais para Zikir aguentar. Finalmente, seu ódio deve ter ultrapassado seu amor à linhagem real.”

Nassir enfiou profundamente sua lâmina no bloco de madeira que tinha em mãos. “A vingança é um motivo comum para assassinatos.”

“Isso ainda é uma hipótese. Não temos prova”, disse Dario. “Há algumas

evidências chave que estão faltando. Roxana, já que você convenientemente se transformou em uma mulher novamente, faça uma visita a Zenóbia e consiga o que puder arrancar dela. Ouvi dizer que ela é uma reclusa que não visita o palácio. Encontre-a. Use seu charme. Minta. Finja que é uma agente funerária. Não me importa o que vai fazer. Apenas a faça falar com você. Precisamos descobrir a verdade sobre como Xerxes morreu. Ninguém na corte parece saber os detalhes, exceto que ele não estava na Síria no momento de sua morte. Temos que determinar se ele é o homem que se matou naquela taberna em Susã ou não. Se ele é o assassino, então faz sentido que o seu avô tenha sido o mentor.”

Sara estava começando a se sentir pesada e desconfortável. Decidiu tentar sentar em seu banquinho novamente. “Você não tem uma vantagem extra que o assassino não conhece?”

“Niq e Nassir. Sim. Eles podem identificar ele e seu servo. Eu os mantive fora do caminho até agora por não ter uma boa suspeita à mão que fizesse valer a pena expô-los. Agora, porém, temos informações suficientes para arriscar a exposição de vocês. Vou tirar vocês deste esconderijo e trazê-los para dentro do palácio hoje. O que eu preciso de vocês é que identifiquem Zikir. Assim que eu tiver o testemunho de vocês o caso está encerrado.

Vou tentar fazer vocês circularem em Damasco sem serem notados. No palácio, vou configurar algum tipo de armadilha para Zikir para que vocês o possam ver sem serem vistos. Roxana, traga seu relatório para mim logo após encontrar Zenóbia. Sara, você e Pari permanecerão aqui com Lisandro até que esse negócio seja desvendado.”

Sara, que estava começando a sentir-se abatida pela fadiga da gravidez, disse: “Sim, meu senhor.”

Dario se virou para ela. Ela pensou que os lábios dele haviam se suavizado por um momento. “Muito dócil, minha senhora.”

“Eu tento, meu senhor.”

Ele passou os dedos em torno de seu braço. “Isso quer dizer que está muito cansada para discutir. Venha. Vou levá-la para o seu quarto. Quero que você coma e descanse antes que eu saia.”

Capítulo 19

Os primeiros homens que se voluntariaram para trabalhar nas muralhas de Jerusalém foram os sacerdotes. Neemias esperava que fazendeiros ou trabalhadores braçais — homens acostumados a esforços físicos — dessem um passo à frente antes dos outros. Os sacerdotes, no entanto, saltaram à frente na primeira chance de restaurar Jerusalém.

Neemias entendeu que eles sabiam mais do que a maioria sobre o significado espiritual por trás dos muros destruídos da cidade. A destruição era um lembrete do pecado de seu povo, o que levou Deus a remover a Sua mão de proteção de sobre eles. Se o Senhor estava abrindo as portas para a restauração de Jerusalém como Neemias prometeu, então Ele deve ter perdoado o povo da Sua aliança. Reconstruir os muros significava que eles estavam cooperando não com o governador, mas com o próprio Deus. E eles deram o exemplo para o resto do povo.

Antes que o sumo sacerdote Eliasibe tivesse pegado uma pedra sequer, ele e seus sacerdotes dedicaram a porta das Ovelhas ao Senhor. Eles abençoaram o povo que um dia iria trazer suas ovelhas por esta porta novamente para sacrificá-las no Templo.

Após Neemias assistir Eliasibe dobrar sua longa túnica para dentro do cinto e começar a suar sob o sol quente do norte de Jerusalém, seus dignos sacerdotes pareciam um bando de trabalhadores braçais enquanto trabalhavam ao lado dele. Esta parte do muro era grande e de particular importância, pois essa parte da cidade não tinha a defesa dos morros íngremes.

Sob a condução deles, o trabalho de colocar pedra sobre pedra criava bolhas não mãos, mas se tornou um ato de adoração. Eles estavam honrando a Deus. Procuravam mostrar obediência a Ele. Começaram a porta das Ovelhas e trabalharam duro na direção oeste por horas ininterruptas, como se o próprio Deus estivesse suprindo a força para cada pequena conquista.

Neemias enviou um carpinteiro para supervisionar o trabalho quando começaram a estabelecer a estrutura da porta. Mesmo o entusiasmo religioso de um sacerdote não poderia compensar a falta de experiência em construção.

“Não queremos que as portas caiam sobre nossas cabeças na primeira vez

que as abrirmos”, Neemias disse a seu irmão. “Não me importa o quanto eles oram enquanto estão construindo. Também é preciso um pouco de experiência humana.”

Sambalate, o horonita, deu um chute feroz no banquinho ao lado de sua mesa de carvalho. O banquinho bateu contra uma parede, quebrando uma de suas pernas delicadamente esculpidas. Amaldiçoou baixinho. Tamboretas esculpidos não eram baratos.

Ele pegou a carta de Tobias e a entregou a seu filho. “Selemias, o que você acha disso? Tobias diz que Judá tem um novo governador. E o que você acha que ele está fazendo? Reconstruindo os muros daquela Jerusalém esburacada, é isso!”

Selemias agarrou o papiro delicado com dedos cuidadosos. “Deixe aquela cidade estagnada fazer o que quiser. Você é o líder das tropas de Samaria. Que mal pode um pequeno trecho de muro fazer a você?”

“Não seja míope! Por que esses israelitas estão urrando para reconstruir sua querida Jerusalém, faz ideia? Para buscar poder e lucro. E, se eles conseguirem o que querem, o governador de Judá não vai conseguir mais favor e autoridade do que o resto de nós da região? Eu pretendo me tornar governador de Samaria um dia. Como tal, não tenho a intenção de tolerar um novo poder se levantando ao meu lado e vigiando as minhas atividades.”

Selemias se apoiou sobre a borda da mesa de carvalho. “O que você pretende fazer?”

“Primeiro, temos de nos certificar de que este projeto de construção tem o selo de aprovação persa. Há não muitos anos atrás, o rei parou a mesma empreitada. Suspeito que essas pessoas estejam, provavelmente, em rebelião aberta. Nesse caso, se nós ameaçarmos denunciá-los, eles deverão colocar um fim ao seu precioso muro.

Vamos mandar chamar Tobias. A propósito, e eu vou contar com a ajuda de Gesém, o quedarita, também. Ele é outro homem poderoso em nossa região e deve estar igualmente descontente com os acontecimentos em Judá.”

Neemias leu a carta que trazia os selos de Sambalate, Tobias, e Gesém. Ela era curta, mas, em suas poucas linhas, Neemias percebeu um contundente desprezo. Ele a leu em voz alta para os líderes judeus de expressão sombria que o cercavam, com sua voz desprovida de expressão.

Povo de Judá,

O que vocês pensam que estão fazendo? O rei já não tinha proibido a reconstrução de Jerusalém uma vez? Agora vocês estão se rebelando contra o rei?

Neemias olhou para o jovem que tinha entregado a carta. “Será que o seu mestre, Sambalate, tem alguma mensagem adicional para nós?”

“Ele estava rindo demais para falar muito.”

“Diga ao seu mestre que não só temos a permissão do rei, mas também temos a ajuda do Deus do céu. Ele é Aquele que nos fará prosperar. Nós, Seus servos, nos levantaremos e reconstruiremos esta cidade.

Mas vocês, Sambalate, Tobias, e Gesém, não terão nenhuma parte ou crédito na nossa Jerusalém”. Ele entregou a carta de volta ao mensageiro. “Você vai se lembrar das minhas palavras ou devo anotá-las?”

“Não. Eu... eu... eu... vou me lembrar.”

“Excelente. Não vamos segurar você aqui.”

Antes que o jovem estivesse longe demais para lhe ouvir, Neemias se dirigiu a seus líderes. “Não foi nada além do zumbido de uma mosca. Deixem que zombem à distância. Vamos ver quem vai rir quando terminarmos a tarefa que Deus colocou diante de nós. Vamos voltar ao trabalho. Todo mundo aos seus postos.”

Neemias sabia que cada dia de construção era crucial. Não havia tempo a perder. Quanto mais rápido eles conseguissem concluir a tarefa, menor a chance que teriam de serem tirados do rumo por forças imprevisíveis. Por uma questão de eficiência, ele tinha dividido o projeto de construção em quarenta e dois setores, com vários líderes supervisionando o trabalho em cada seção.

Era um projeto difícil. Em alguns lugares, a parede original tinha sido tão grossa quanto o comprimento de cinco homens altos deitados em sequência. A enorme espessura tinha sido necessária para suportar a considerável altura do muro. Neemias havia dirigido os trabalhadores para construir diretamente em cima das antigas fundações sempre que possível, alterando a localização do muro apenas quando fosse absolutamente necessário. Algumas das antigas fundações tinham sido estabelecidas no tempo do Rei Davi. Outras, como o Muro Largo, eram do tempo do rei Ezequias, um lembrete de um tempo na história de Judá quando os seus inimigos o atormentavam, então era preciso uma defesa extraordinária. Contudo, no final, essa defesa falhou. Qual a

utilidade de um muro sem a mão de Deus por trás dele para segurá-lo? Houve momentos em que os construtores choravam enquanto trabalhavam, lembrando o que tinham perdido.

Neemias reconheceu que a estrutura que eles estavam construindo não teria o esplendor da Cidade de Davi, mas ele não se preocupava com grandeza agora. O que Jerusalém precisava era de uma proteção prática. Para que pudesse crescer e prosperar como uma verdadeira cidade, era preciso cercá-la com um escudo eficaz.

Ele caiu no hábito de visitar vários locais todos os dias. No décimo quinto dia de construção ele iniciou pela parte do muro de Eliasibe. Observou que o sumo sacerdote não era mais tão rápido quanto tinha sido no início dos trabalhos.

O governador lembrou-se de que a filha de Sambalate era casada com um dos netos de Eliasibe. Uma coisa era trabalhar para a glória de Deus, mas outra era arrumar problema com membros descontentes da família. Além disso, se o que ouviu fosse verdade, Tobias era um amigo pessoal do sumo sacerdote. Neemias franziu o lábio inferior por um momento. Não contava em ter inimigos que fossem relacionados com seus amigos.

Imediatamente a oeste de Eliasibe e seus sacerdotes, um grupo de Jericó trabalhava no muro. Eram homens simples. Neemias duvidava que eles soubessem ler e escrever. E, ainda assim, eles ficavam ao lado do sumo sacerdote da terra, ombro a ombro, reforçando sua cidade. Havia algo de sagrado na forma como o muro estava unindo pessoas de tão diversas formações. Eles estavam unidos pelo compromisso de servir a Deus em um só coração. As diferenças foram deixadas de lado pelo bem da meta.

Além deles, Zacur, filho de Inri, trabalhava com sua família e servos. O som da vibração jovial era intercalado com grunhidos e gemidos de cansaço ocasional. Trabalhar com alvenaria era pesado. Os construtores tinham de escolher entre as pedras que sobraram de antigas muralhas, depois remover o pó delas e limpá-las antes de colocá-las no lugar. Algumas peças eram pequenas o suficiente para um homem levantar. Muitas, porém, eram tão pesadas que exigiam vários homens para impulsionar uma delas por meio de uma alavanca e um ponto de apoio para que a pudessem levantar até a altura apropriada.

Neemias se abaixou para passar a mão no primeiro nível das pedras que

tinham sido posicionadas sobre a fundação. “O trabalho de vocês está progredindo bem.”

Zacur passou a mão pela testa encharcada de suor, deixando uma risca. “Obrigado, meu senhor.”

Neemias tocou-lhe o ombro. “Você tem feito um bom trabalho.” A parte deles era pequena em comparação com a dos sacerdotes, mas trabalhavam com zelo gratificante.

O governador caminhou em direção ao oeste para a porta do Peixe, onde os moradores da cidade certa vez venderam os peixes do mar da Galileia. *Um dia novamente, se Deus quiser, multidões de pescadores vão andar por estes portões!* Os filhos de Hassená — quatro homens jovens com ombros largos como uma viga persa — trabalhavam duro na porta.

“Como vão as coisas?” Neemias interrogou.

“Venha ver por si mesmo, meu senhor”, disse um irmão de cabelos encaracolados e de olhos castanhos brilhantes. Neemias não conseguia lembrar seu nome e, se fosse honesto, não poderia nem mesmo diferenciar os irmãos entre si. Todos tinham cabelos encaracolados e olhos castanhos brilhantes, bem como músculos grandes.

Eles estavam trabalhando nas portas. A rica madeira do Líbano já havia sido cortada em tábuas e colocada sobre uma grande mesa tirada de algum lugar para cumprir essa tarefa. Neemias alisou a superfície de uma prancha. Tão suave quanto uma pedra antiga, os jovens a tinham lixado até que a textura da madeira se destacasse com a beleza do padrão de um artista.

“Essa será uma porta digna da cidade a que pertence.” Quatro sorrisos largos o envolveram com apreço.

Meremote estava ocupado reparando a parte da muralha situada ao lado da porta do Peixe. Ele veio de uma família importante; tanto seu pai como o seu avô eram conhecidos como homens influentes em Judá. Mesmo assim, ele trocava brincadeiras bem-humoradas com os quatro irmãos simples como se tivessem sido amigos de infância. Como se um mundo de riqueza, educação e linhagem não estivesse entre eles.

As mãos de Meremote estavam cobertas de lama, que estava usando como argamassa entre as pedras. Seu rosto, seu cabelo, suas roupas de trabalho e até mesmo suas sobrancelhas estavam salpicadas pela lama. Estava todo bagunçado. Mas o eco de sua risada alta ecoava para além do vale. Parecia

como um homem que tinha descoberto o que mais amava no mundo.

O governador de Judá balançou a cabeça e continuou sua inspeção sistemática em direção ao oeste e, em seguida, ao sul, incentivando e fortalecendo os construtores enquanto caminhava por cada parte. Ele trocou amabilidades com Mesulã e, em seguida, com Zadoque. O povo de Tecoa eram os próximos.

Os homens de Tecoa estavam sem sapatos em seus pés e suas roupas — o que lhes restou delas — estavam esfarrapadas. Suas mulheres tinham vindo para ajudar limpando o calcário pálido e dando uma força para levantar e posicionar algumas peças menores. Era trabalho duro, com uma surpresa ocasional que surgira quando moveram as rochas. Escorpiões. Às vezes, para escapar do calor incessante do verão, as pequenas criaturas se escondiam sob as pedras caídas. Neemias tinha visto escorpiões saírem em fuga durante a movimentação das pedras e correndo com medo cego em direção às pessoas que tinham perturbado o seu descanso. O fato de ninguém ter sido picado até agora tinha mais a ver com a misericórdia de Deus do que com a engenhosidade humana.

O pequeno grupo de camponeses de Tecoa ocupava um lugar especial no coração de Neemias. Tinha sido necessária uma coragem monumental para eles virem e ajudarem no esforço da construção. Tecoa era uma cidade nas montanhas ao sul de Jerusalém. O profeta Amós, chamado por Deus para pregar a Israel, tinha sido pastor em Tecoa.

Gesém, o quedarita, governava uma vasta área perto de lá. Isso poderia explicar a visita que Neemias havia recebido dos nobres de Tecoa vários dias antes.

A delegação de oito homens parecia mais adequada para uma visita real em Persépolis do que aos lugares estagnados de Judá. Eles estavam vestidos com linho egípcio, tingido em cores finas do mar e do ar. Seria mais difícil de encontrar um grupo de pavões do que encontrá-los em toda Judá.

“Como posso ajudá-los?” Neemias perguntou educadamente.

“Podem parar de construir essa atrocidade que chamam de muro.” A pessoa que estava falando, que era o menor homem no grupo, deu um longo passo à frente como se fosse o dono do chão em que pisava. Neemias o tinha visto antes quando chamou os líderes de Judá para a primeira reunião. Quando toda a gente aplaudia com entusiasmo depois de ele ter revelado suas

intenções, esse senhor de Tecoa tinha ficado sentado com uma feição azeda e olhava através de cílios grossos que estavam ondulados como os de uma menina.

“Por que eu faria isso? Jerusalém vai cair em completa ruína se não fornecermos uma estrutura defensiva apropriada ao redor dela.”

“Você não sabe nada sobre isso. Você é recém-chegado da Pérsia e não tem uma única pista sobre como sobrevivemos aqui. Você acha que sabe o que está fazendo. Em vez disso, está ofendendo cada bom amigo que Jerusalém tem.”

“Bons amigos como Gesém, posso presumir?”

“Sim, e Sambalate e Tobias também. Eles estão relacionados com a metade da nobreza de Judá. Como se atreve a ofendê-los?”

“Você esquece que sou o novo governador.” Neemias deu o lembrete em um tom suave.

Uma mão gorda golpeou o ar. “Do que vale um governador se ninguém o seguir? Nós certamente não iremos. Nenhum de nós de Tecoa vai participar da construção de seu muro patético.”

Os outros homens concordaram com a cabeça. “Como se nós fôssemos nos rebaixar para trabalhar com os seus supervisores de construção. *Supervisores*, você os chama! Somos a nobreza e você espera que nos reportemos a um grupo de rudes camponeses?”

Neemias se viu mudando de cor. “Eles são pedreiros e carpinteiros que sabem como construir um muro seguro. Vocês podem ter as unhas limpas, mas eu duvido que vocês saibam trabalhar com uma talhadeira.”

“E você não tem a menor ideia de como gerir Judá. Não deve receber o apoio dos homens de Tecoa no cumprimento de seu projeto desastroso.”

A delegação de pavões provou estar errada. Contra as ordens expressas de seus líderes, esse grupo de camponeses tinha andado para a cidade de Davi a fim de dar uma mão em sua restauração. Sim, Neemias gostava dos homens de Tecoa. Ele cumprimentava cada um pelo nome, com sua voz tomada por um calor que ele raramente mostrava a homens de influência dez vezes maior.

Ele estava prestes a caminhar em direção à porta Jesaná quando seu irmão Hanani o encontrou. “Nós temos problemas”, disse ele sem preâmbulos.

“Nós sempre temos problemas.”

Hanani bombeava seu longo queixo para cima e para baixo. “Muitos amigos. Esse é o seu problema.”

Neemias alisou a longa manga de sua túnica. “O que foi agora?”

“Sambalate tem feito pronunciamentos públicos a seus amigos nobres, para não mencionar todo o exército de Samaria. Ele faz piada de nós com suas palavras. É claro, o conteúdo de seu discurso chegou até Judá, como ele pretendia. Por volta desta noite todo mundo vai ter ouvido falar disso. Está tentando espalhar desespero e desânimo e, irmão, ele é bom no que faz.”

“Eu não esperava mesmo que ele viesse a se tornar um fiel apoiador.”

O sorriso de Hanani era amargo. “Isso, ele não é. Ele está indignado com o fato de você ter persistido nesse projeto. Você certamente conseguiu irritá-lo.”

Neemias ergueu um ombro. “Ele vai ter que se ver com o Senhor. O que ele tem dito?”

Hanani ficou em silêncio por um momento. Neemias tinha a impressão de que ele estava planejando algo desagradável. “Ele chama o nosso povo de débil e ineficaz e diz que não sabemos o que estamos fazendo. Afirma que estes muros nunca serão concluídos e que não vamos ser capazes de oferecer sacrifícios no Templo novamente. *Será que eles vão terminar em um dia? Podem trazer as pedras daqueles montes de entulho de volta à vida — queimadas como estão?*” Hanani fez sua voz alta e tonal, adotando os sotaques de Samaria que Sambalate possuía.

“Ah. E o povo? Como está respondendo?”

“Segundo o que sei, o desânimo já está se espalhando entre as fileiras. Neemias, esse é um projeto enorme. Não é razoável pensar que podemos terminá-lo. Precisou de reis e exércitos com recursos substanciais para construir esses muros uma vez. Somos apenas um povo esfarrapado e pobre trabalhando com calcário queimado. Não temos o que é preciso para ter sucesso. Esses homens podem ser nossos inimigos, mas suas objeções são razoáveis. Acho que Tobias, o amonita, está certo.

Neemias sentiu sua garganta ficar seca. Até mesmo seu próprio irmão estava caindo sob a pressão da intimidação de Sambalate. “O problema com o desencorajamento é que ele soa sempre como verdade. Diga-me o que Tobias disse.”

Hanani abaixou a cabeça. “Ele disse que, mesmo se algo tão pequeno

como uma raposa subisse em cima do nosso muro, ele cairia sobre si. Porque o que nós temos construído é muito patético.”

Neemias se abaixou sobre um dos pedaços de pedra carbonizada sobre os quais seus inimigos tinham zombado. “Você não sabe, Hanani, que o seu adversário sempre quer que acredite que mesmo um obstáculo insignificante vai derrotá-lo? Não sabe que seu inimigo vai diminuir seus esforços de modo que você venha a desistir antes mesmo de começar? Ele quer gerar insegurança e dúvida em seu coração.”

“Bem, ele está conseguindo. Neemias, estes homens estão certos. Temo ter perdido nossas cabeças para pensar que poderíamos concluir um projeto desse tamanho.”

“É fácil acreditar nessas mentiras. Eu sei. É fácil acreditar em sua própria fraqueza. Agora mesmo, até mesmo a menor interferência parece esmagadora. Mas, se você ceder a essas mentiras, vai desistir de seu destino. Vai superestimar o poder de cada obstáculo que vem contra você e subestimar o poder de Deus para salvá-lo.

Somos fracos? Não vou negar isso. Estamos diante de um desafio que é maior do que nós? Claro! Mas, irmão, você e nosso povo devem aprender que são mais do que iguais a qualquer perito quando o Senhor está ao seu lado.”

Capítulo 20

Vestidos com as roupas distintivas da cavalaria persa, os irmãos babilônios entraram em Damasco na escuridão da noite. Dario os tinha feito cachear seus cabelos e barbas e eles pareciam homens diferentes. Ninguém os reconheceria como os ladrões de estrada que o tinha atacado na estrada para Susã. Como ele os trouxe para seus aposentos, esperava que o disfarce enganasse Zikir e quaisquer espiões que pudesse haver no palácio.

Uma vez em seu quarto, mostrou aos dois homens o canto escondido e coberto por cortinas onde eles teriam de se esconder. Esse canto escondido havia sido projetado para o armazenamento de mercadorias e oferecia pouco espaço. Os irmãos tentaram se esconder lá a fim de se certificarem de que se encaixariam quando chegasse a hora; eles eram muito largos nos ombros para ficarem confortáveis em pé e não havia espaço suficiente para sentarem. O lado da boca de Dario inclinou-se enquanto os dois homens se acotovelavam para encontrar uma posição viável que não quebrasse uma parte do corpo de um deles.

Ele enviou por Arta um convite para que Zikir viesse a seus aposentos na parte da manhã. “Diga-lhe que isso vai ser vantajoso para ele.” Sabia que apelar para a ganância de um homem era muitas vezes um forte fator motivador. Ao mesmo tempo, deixar a mensagem vaga significava que mesmo um homem honesto ainda ficaria intrigado.

“Amanhã, quero que você apareça assim que reconhecer a voz dele”, disse a Nassir. “Duvido que ele vá trazer seu servo consigo, por isso, inicialmente, Nassir, você deve ser a nossa testemunha. Depois de confirmar que ele é o nosso homem, vou procurar o servo que tatuou a cabeça de Niq e vamos prendê-lo também.”

Era quase meia-noite quando Roxana retornou. Tinha tido tempo para voltar ao seu disfarce masculino.

“Você achou Zenóbia?”

“Achei, aquela pobre criatura. Está acabada após a morte de seu único filho. Você pode imaginar perder o seu filho de vinte e cinco anos de idade?”

Dario não queria pensar sobre a tristeza da mulher. Tendo tão recentemente perdido uma criança antes de ela sequer nascer, seu coração estava por

demasiado acelerado para sentir pena. Não podia se dar ao luxo de descer aos becos emocionais com esse caso. “Descobriu alguma coisa de interesse?”

“Para começar, o nome completo de Xerxes era Xerxes Aquêmenes. Ele era conhecido pelo seu primeiro nome; poucas pessoas sabiam seu nome do meio. Tinha sido um capricho de sua mãe. Ela não poderia reivindicar a herança dele em público. Os nomes eram sua maneira secreta de confirmar a verdadeira paternidade de seu filho.”

Dario se sentou com movimentos lentos. “Finalmente, temos uma prova irrefutável. Ele era o nosso homem em Susã.”

“Temo que sim.”

“Quem o mandou lá?”

“Sua mãe não sabia. Ela ignorava a parte dele na trama ou mesmo de que havia um complô contra o rei. Duvido que ela fosse acreditar. Mas aqui tem um detalhe importante: Zikir foi quem contou a ela da morte dele. Disse que foi um acidente e que seu corpo não pôde ser recuperado. Mas ele deu a ela a data exata de sua morte.”

“Como ele poderia saber o momento de sua morte a menos que soubesse todo o resto? Não vazamos qualquer informação. Zikir deve ter tido suas próprias fontes. E essas fontes tinham que estar em Susã para saber.”

Dario ficou em pé. “Temos informação mais do que suficiente para condená-lo por conspiração para matar o rei. Amanhã, vamos encerrar o caso contra ele e vamos enviá-lo a Susã para julgamento.”

“Tenho pena de Zenóbia. Perder o filho e o pai em questão de meses por causa de um rancor antigo é um destino amargo.”

Para a surpresa de Dario, Zikir não se apressou para chegar na parte da manhã. Chegou sozinho, como Dario tinha suspeitado. Trajando luto como estava, com seu rosto branco como cal e abatido, Dario sentiu uma ambígua pontada de compaixão por ele. Não o suficiente para tirar seu foco nítido em pegá-lo numa armadilha, no entanto. Matar reis não era algo que se pudesse varrer para debaixo do tapete, não importa quão justificável fosse o seu motivo.

Ele convidou o velho homem para se acomodar em uma mesa de madeira que estava no centro da sala. Embora as almofadas fossem macias, Zikir teve dificuldade em dobrar os joelhos para se sentar no chão. Suas articulações sofriam com a rigidez e a dor que afligiam alguns idosos. Dario teve de

reprimir outra onda de simpatia. Ele ofereceu vinho, que Zikir recusou com educada dignidade, explicando que sua barriga não podia tolerar a bebida.

“Eu o chamei aqui porque quero falar com você sobre Pirus. O que acha dele?”

O rosto enrugado de Zikir se fechou. “Sua Majestade o escolheu. Isso é o que eu penso dele.”

Dario deu um sorriso tranquilizador. “Sim, mas Sua Majestade está aberta a mudar de ideia. Acontece que Pirus pode não ser o homem que o rei pensou que fosse. Seria útil para mim se você me desse sua verdadeira opinião sobre o homem. Ele parece beber demais, para início de conversa.”

Zikir olhou para baixo. “Não foi sempre assim.”

“Não?”

“Ele teve seus problemas como o resto de nós.”

Dario assentiu. Apenas metade de sua mente estava focada nas respostas de Zikir. A outra metade estava preocupada com o atraso de Nassir. Não teria ele ouvido o suficiente da voz de Zikir para ser capaz de reconhecê-lo? Ele podia ver o rosto do homem através da abertura fina das cortinas. Por que ele não saía?

“Como você disse, todos nós temos problemas. Isso não é desculpa para fazer um trabalho ruim.” Dario limpou a garganta, esperando que Nassir fosse entender a dica e se mover.

Zikir deu um sorriso apertado. “Longe de mim falar em defesa do sátrapa em exercício. Não quero dizer que aprovo suas ações.”

“Bom. Bom.”

Para sua surpresa, Zikir começou a se levantar. Levou longos momentos para organizar suas pernas e quadril até que pudesse colocar o peso de seu corpo sobre eles. “Perdoe-me, meu senhor. Devo partir.”

Dario ficou de pé num salto. “Mas nós ainda não discutimos a situação de Pirus!”

“Nem devemos. Se quiser formar uma opinião sobre o sátrapa em exercício é melhor procurar em outro lugar. Eu tenho muitas queixas pessoais contra o homem para que me seja confiada um relato preciso sobre ele. Se ele deve cair, não vai ser por minha mão.”

Dario se viu sem palavras. Não era comum um homem perder a oportunidade de esmagar um inimigo. A atitude cuidadosa de Zikir o

confundi. Seria esse o assassino que ele queria pegar?

Ele olhou ao redor da sala com vago desespero. Onde estava Nassir, aquele babilônio ignorante? Por que ele não saiu para identificar Zikir como aquele que o havia contratado?

Obrigou-se a pegar o fio da conversa, esperando fazer Zikir se abrir. “Eu entendo que Pirus tomou injustamente o trabalho que pertencia por direito a você. Você deve, naturalmente, ter ressentimento dele por causa dessa injustiça.”

O velho caminhou rigidamente em direção à porta. “Você não está entendendo nada, meu senhor.” Abrindo a porta, passou por Meres, que estava de guarda, antes que ele tivesse a chance de assumir posição de sentido.

Dario ficou em silêncio por um momento e olhou para o corredor vazio, com o som cada vez menor dos passos de Zikir ecoando ao seu redor. Controlando a vontade de chutar a porta, fechou-a com um movimento suave. Os irmãos babilônios tinham saído de seu esconderijo e estavam em posição de sentido quando ele se virou.

“Por que vocês não saíram para confrontar Zikir?” ele perguntou a Nassir, com sua voz suave. Ele tinha aprendido esse truque com seu pai. Quanto mais profunda a ira, mais intenso o controle.

O rosto de Nassir adquiriu um tom mais branco ainda. “Porque ele não era o homem que me contratou.”

Os olhos de Dario se estreitaram. Pela primeira vez ele começou a duvidar genuinamente da honestidade de Nassir. “Você mente. Você mente a fim de proteger o seu empregador.”

“Eu juro a você, meu senhor, que estou falando a verdade. Esse não é o homem que me contratou. A voz dele é diferente.”

“Ele usou um sotaque e uma voz falsa quando contratou você!”

“O tom da voz dele é o de alguém muito velho. Ele não conseguiria ter soado mais jovem, conseguiria? Ele é muito baixo. Eu digo que você tem o homem errado, meu senhor. Não pode ser ele só porque você quer que seja.”

Dario respirou profundamente. “Acontece que eu não quero que seja ele, mas tudo aponta para ele. Tudo exceto o seu dedo!”

Nassir enxugou a testa suada com uma mão trêmula. “Apesar disso, não posso apontar o dedo para um homem inocente.”

“Como você se mostra cuidadoso de repente. Estou avisando, babilônio, é melhor você começar a falar a verdade ou eu vou colocar sua cabeça em cima de uma estaca mais alta do que a de Zikir.”

O homem se contorceu sob o minucioso exame de Dario. “Eu falo a verdade, meu senhor. Não foi ele que me contratou. Talvez tenha enviado um servo para isso, mas não foi ele quem me contratou. Isso é tudo o que sei.”

Dario ignorou a pequena dúvida de que se agitava na boca de seu estômago como uma doença. A evidência da lógica tinha ficado grande o suficiente para convencer o juiz mais rigoroso. “Eu não entendo essa discrepância. Vamos prender ele de qualquer maneira. Eu não preciso de seu testemunho para levar meu caso contra ele. Já há evidência externa suficiente para condená-lo.”

O problema, no entanto, não era que precisasse do testemunho de Nassir. Era que o depoimento de Nassir apontava para longe de Zikir. Ao invés de acusar o homem, Nassir estava atestando a sua inocência.

Dario apertou os dentes e convocou Meres. Roxana veio vestida como Ciro quando estavam se preparando para sair. “Nós vamos prender Zikir?”

Ele revirou os olhos. “Posso supor que você deseja participar das festividades?”

Sua boca aberta mostrava uma linha de muitos dentes brancos alinhados. “Acredito que você está começando a me conhecer.”

“Sorte a minha. Temos uma complicação. Nassir afirma que Zikir não é o homem que o contratou.”

“Oh. Se você prender o homem errado o verdadeiro culpado pode aproveitar a confusão para fugir.”

Dario passou a mão pelo cabelo. “Você acha que não considere essa possibilidade? No entanto, como ele poderia ser o homem errado? Tudo o mais se encaixa. Se não agirmos agora, ele certamente vai atentar contra a vida do rei novamente.”

Eles partiram, em massa, para os escritórios de Zikir no palácio. Dario decidiu que preferia ter os irmãos babilônicos perto de si a deixá-los sozinhos em seu quarto, dando margem para que eles aparecessem com novas travessuras.

A prisão de Zikir se provou ser um anticlímax. O velho não parecia surpreso pelo aparecimento deles ou pelas acusações que Dario fez

contra ele. Ele ficou em pé com os movimentos lentos que Dario já reconhecia. “Você está cometendo um erro.”

Algo no tom de voz de Zikir chocou Dario. Ele parecia resignado. Parecia inocente. Irritado com suas persistentes dúvidas em face de uma montanha de evidências, Dario nada disse, apenas esperou o velho se mover. Não tirou a dignidade dele, deixando-o livre de algemas enquanto caminhavam pelos longos corredores do palácio.

Um homem caminhava para eles na direção oposta, com a cabeça baixa. Parecia perdido em seus pensamentos. Com um grito incoerente, Niq correu atrás dele, gritando: “É ele! É ele!”

Antes que Dario pudesse fazer uma única pergunta razoável, Niq tinha deixado o homem estendido no chão e estava sentado sobre ele, dobrando o braço dele atrás das costas até que o homem começou a gemer e murmurar por misericórdia.

Dario fez o seu caminho até aquela pilha tosca de homens amontoados no chão. Inclinou-se para ver se reconhecia a presa de Niq. O rosto do homem foi esmagado nos ladrilhos de mármore até seu nariz ficar achatado em um ângulo antinatural. “Amigo seu?”

“Ele é o tolo idiota que tatuou a minha cabeça.”

Nesse momento, uma multidão de homens tinha começado a se reunir em torno deles. Dario gemeu por dentro, sabendo que uma prisão rápida e limpa já não era uma opção.

Voltando-se para Zikir, ele disse: “Seu servo, acredito.”

Zikir deu um sorriso amargo. “Você descobrirá que não é bem assim.”

Um funcionário de aparência incomodada foi empurrado pela multidão. Dario o reconheceu como secretário de Pirus. “O que se passa aqui?”

“Estes homens estão sendo presos por conspirarem contra a vida do rei.”

“Lorde Dario! Deve haver algum engano. Você está prendendo um funcionário do Lorde Pirus por conspiração contra o rei?”

Dario ficou imóvel. “Funcionário do Lorde Pirus? Tem certeza disso? Não quer dizer servo do Lorde Zikir?”

O secretário sacudiu a cabeça até seu chapéu cair sobre sua testa. Ele o empurrou para trás para que ficasse num ângulo digno. “Tenho certeza. Este homem veio com o Lorde Pirus da Pérsia. Pelo que me lembro, ele o tem servido desde a infância.”

Esfregando os olhos com o polegar e o dedo indicador, Dario tentou desembaraçar o nó monstruoso que esta nova revelação apresentava. Ele lançou um olhar na direção de Zikir. “Você subornou o servo de Pirus para trabalhar para você?”

Zikir nada disse.

“Hora de visitar o sátrapa em exercício”, Dario anunciou. “Se eu tiver que colocar todo o bando de vocês na prisão, eu o farei. Vou aglomerar toda Damasco numa cela de prisão e acabar com esse caso. Vocês esgotaram minha paciência.”

Ele mudou de rumo e foi em direção aos aposentos de Pirus, caminhando com passos decididos. Roxana permaneceu perto, seguida por Meres e Arta, que andavam cada um de um lado de Zikir. Niq veio em seguida, arrastando seu prisioneiro e pronunciando advertências em alta voz: “Bem feito por tatuar minha cabeça com lixo.” Seu irmão Nassir seguiu em um ritmo mais calmo. Então veio o secretário de Pirus e o que parecia ser metade da corte Damasco atrás dele.

A cabeça de Dario estava começando a latejar. Ele desejou poder subir em Sansão e cavalgar como o vento em qualquer direção para longe desse lugar e da multidão irritante. Ele lançou um olhar na direção de Zikir. Seu rosto era desprovido de qualquer expressão que não fosse exaustão.

Dario e sua comitiva explodiram para dentro do quarto de Pirus sem se incomodarem em bater. O tempo de sutilezas havia acabado. O sátrapa em exercício largou a taça de ouro com vinho que segurava e ficou de pé com pouco equilíbrio.

“Qual é o significado desta invasão? O que todas estas pessoas estão fazendo aqui?”

Dario não se preocupou em responder. Virou-se para o servo de Pirus. “Escute. Foram cinco longos meses perseguindo você e seu mestre. Estou de mau humor e acho que plantar meu punho na sua cara pode ser exatamente o que preciso fazer para me animar. Por que você não me faz um favor e me diz quem é o seu verdadeiro mestre? Pode fazer uma diferença considerável na forma como você será tratado.”

As íris pálidas do homem nadavam no branco de seus olhos. Ele olhou para Pirus e depois para Zikir. Abriu a boca, mas não saiu nenhum som.

Pirus balançava quando se afundou atrás de sua mesa novamente. Pegando

a taça, tomou um longo gole. “Você se importaria em me dizer por que está interrogando o meu servo?”

“Não aprecio o gosto dele por tatuagens.”

“Então, com todo meu apoio, tire a cabeça dele. Não posso tolerar mau gosto.”

Dario estudou Pirus. O homem estava bêbado como sempre. Com clareza repentina, lembrou-se das palavras de Zikir pela manhã. *Não foi sempre assim*. Dario prendeu a respiração por um momento.

“Lorde Pirus, diga-me quando começou a beber tanto assim?”

Capítulo 21

Pirus tomou outro grande gole de seu vinho. Seu rosto redondo ficou vermelho. “Isso não é da sua conta.”

Dario persistiu. “As pessoas se lamentam de formas estranhas. A perda afeta cada um de forma diferente. Nosso amigo Zikir aqui, por exemplo, tem usado luto e lutado contra a melancolia desde a morte de seu neto. Outro homem pode se voltar para a bebida. Você começou a beber logo antes do Ano Novo persa?”

O assistente de Pirus, que tinha conseguido adentrar o quarto, pensando que estava ajudando seu superior, disse: “É verdade, senhor. Lorde Pirus bebia com moderação até poucos meses atrás. Ele recebeu uma má notícia. A morte de um amigo, acredito, embora não confesse. Ele tem sido um bom sátrapa em exercício. Esse é um problema passageiro.”

A pele corada de Pirus perdeu a cor. Suas mãos tremiam em torno da haste da taça à qual ele se agarrou. Para a surpresa de Dario, viu que Zikir tinha lágrimas em seus olhos. Ocorreu-lhe que alguma tragédia, que dera origem à tentativa de assassinato, afetou ambos os homens. Seja qual fosse a natureza desse mistério, isso merecia um pouco de privacidade.

“Todo mundo, exceto meus homens, para fora. Agora.” Dario sabia como impor autoridade. Sua voz, sua maneira e seu discurso eram como os de um rei, não permitindo qualquer resistência. Embora os moradores do palácio o tenham tomado por um mero visitante da parte do rei, considerando-o uma autoridade inferior ao sátrapa em exercício, obedeceram sem qualquer resistência. Dario fez sinal para Arta fechar a porta.

Antes que pudesse falar novamente, Nassir veio à frente. “Meu Senhor. Este é o homem que me encomendou. Estou certo disso.” Ele apontou o dedo para Pirus.

Dario apontou para Nassir. “Senhor Pirus, você reconhece este homem? Agora entende o que estou buscando?”

“Vá para os demônios.”

“Sinto muito que você esteja à minha frente nessa fila. Diga-me por que fez isso. Por que tentou matar o rei? Como você persuadiu o neto de Zikir a acompanhá-lo?”

“Você é o *açougueiro* que o matou?” Pirus ficou de pé, apoiando-se na mesa com as mãos espalhadas. “Ele valia dez de você.”

“Ele se matou. Cortou sua própria garganta em vez de enfrentar a possibilidade de trair você. Veja então que, se alguém causou a morte dele, foi você.”

Pirus escondeu o rosto com dedos trêmulos. “Isso não é verdade. Eu o amava.” Levantando a cabeça, olhou para Zikir. “Eu o *amava*.”

Zikir esfregou a mão contra o peito. “Você o arruinou. Xerxes era um homem bom, até que você veio. Você o corrompeu, mente e corpo, e o ensinou a se ressentir de seus superiores.”

“Eu o ensinei a ter orgulho, como é próprio à sua linhagem!” Pirus gritou. “Quem é Artaxerxes? Um ninguém. Um segundo filho. Só chegou ao trono porque o verdadeiro príncipe regente foi morto. E ainda assim ele se senta no trono como se fosse o dono o mundo. Como se fosse superior a todos.

Sou da mesma família dele, você sabe. Toda a minha vida, porém, ele me tratou como um inseto. Porque não sou um soldado nem um atirador notável, então não sou bom o suficiente para ele. Oh, não. Ele mal me tolera. Este cargo é a primeira migalha que ele jogou em meu caminho, e só fez isso por causa do meu tio. Nem sequer me contou pessoalmente. Enviou-me uma carta escrita por seu escriba.”

“Isso é lamento de criança. Você roubou meu neto de mim para isso? Por essa desculpa patética de uma injustiça?”

“Você fez de Xerxes um camponês apático. Ele era o filho de um rei! Igual a Artaxerxes em sangue e superior em capacidade. Merecia ocupar um trono.”

“Eu o ensinei a fazer o melhor com o que a vida lhe desse. Você o matou. Ao ficar choramingando acusações, você o ensinou a odiar. A assassinar. Ele está morto por causa de você.”

Pirus desabou em sua cadeira. Seus lábios ficaram brancos. “Eu o amava,” disse ele novamente.

“Eu sei,” Zikir sussurrou. “Tenho pena de você por esse amor, pois sei melhor do que ninguém o que você sofre.”

Dario sinalizou a Meres para prender Pirus e, em seguida, foi ao encontro de Zikir. “Eu o acusei falsamente. Peço o seu perdão por isso. Embora em casos como estes seja de costume a família do agressor sofrer graves

punições como um aviso para outros, vou pedir ao rei para poupar você e sua filha. Você não teve parte nisso. Não entendo o domínio de Pirus sobre seu neto. Não sei como ele exercia tanta influência sobre ele. É óbvio, todavia, que Pirus possui a maior parte da culpa. Xerxes já pagou o preço de sua indiscrição com a própria vida. A vez de Pirus virá também.”

Zikir desabou sobre um banquinho. “A morte daquele homem é só um pequeno consolo para mim. Nunca vou ter meu neto novamente. E agora seu nome será arrastado pela lama. Eu gostaria de poder tê-lo poupado disso.”

Dario pensou por um momento. “Talvez eu consiga impedir que o papel dele nessa trama se torne de conhecimento de todos. O importante é que a vida do rei está segura. Diga-me uma coisa, Zikir. Quando lhe dei a oportunidade de destruir a reputação de Pirus, por que não a aproveitou? Entendo que você desejava manter a memória de seu neto imaculada. Você poderia, porém, ter usado de muitos outros caminhos para acabar com o reinado de Pirus aqui. Certamente lhe dei muita oportunidade para isso.”

“Será que você não percebe como ele sofre? O que mais poderia fazer a ele?”

Dario se encheu de admiração pelo velho homem. Gostou da dignidade que o avô enlutado exibia. Também gostou da misericórdia que o impediu de destruir um homem arruinado como Pirus. “Devo deixar Damasco em breve”, disse ele. “Este lugar vai precisar de um governo estável após esse escândalo. Você concorda em ficar como sátrapa até que o rei decida o que fazer?”

“Estou cansado. Esta posição, o poder que ela traz — nada disso tem significado para mim agora que Xerxes está morto.”

Dario colocou a mão no ombro de Zikir. “Nunca é sem sentido servir o seu povo e lhes dar uma vida melhor. Você é honesto e sábio. Ainda pode fazer a diferença para a sua nação. Sei que está cansado. A tristeza devorou seu coração. Ainda assim, estou lhe pedindo para manter-se na corte. Pague o preço pelo bem das pessoas que pode ajudar.”

Zikir virou o rosto para a parede. Dario podia ver rios de lágrimas correndo pelo seu rosto. Lentamente, o velho assentiu.

Dario decidiu passar a noite na modesta pousada onde tinha escondido Sara. O pensamento de ficar no palácio de Damasco revirava seu estômago. Demasiada amargura permanecia nas sombras daquele lugar.

Ele tinha enviado Pirus e seu servo juntamente com um destacamento de

soldados persas lotados em Damasco à frente para Susã. O rei iria lidar com os detalhes do caso. Ele havia escrito uma longa carta explicando tudo o que descobriu e pedindo a clemência do rei para com Zikir. Parte dele queria ir direto para Susã também. Ansiava pela paz do lar. Sara, entretanto, não poderia fazer uma viagem tão longa na condição que estava e ele decidiu não deixá-la sozinha novamente. Ela teria que permanecer em Além do Rio até o nascimento do filho. Assim, era lá que pretendia ficar.

Nassir e Niq tinham ido à frente para Susã com o destacamento de Pirus para acrescentar a força de seus testemunhos ao caso e para pleitear junto ao rei a liberdade de seus irmãos. Dario tinha incluído outro apelo em favor deles na sua carta pedindo mais clemência. Além disso, tinha planos para Niq.

Sua boca se torceu em um sorriso sem graça quando se lembrou de Niq ensinando a Roxana um chute alto — por insistência dela, é claro. Ela o havia derrubado no chão nas três primeiras vezes porque ele se recusou a ferir uma mulher. Na quarta rodada, ele captou que ela não era uma mulher qualquer e deu uma queda em Roxana que a fez voar e bater com tanta força no chão que seus olhos ficaram cruzados. Dario tentou não se divertir demais com aquela memória. Aquela mulher! Ela seria a amargura da existência de algum pobre homem um dia desses. Enquanto isso, o serviço do rei era provavelmente o melhor lugar para ela.

Ela insistiu em se convidar para ficar na pousada. Dario teve a sensação desagradável de que não a estava vendo pela última vez.

“Você não tem que ir para o Egito? Para entregar esse manto grotesco que o rei mandou para o sátrapa?” Perguntou a ela enquanto cavalgavam.

Ela voltou a usar trajes de mulher no meio do caminho, alegando que não poderia entrar em um lugar público como um palácio ou uma pousada como um homem e deixar o lugar vestida como uma mulher. Isso levaria a uma conversa desagradável. Então, conseguiu encontrar uma árvore para se trocar atrás dela. Agora, com o cabelo recatadamente coberto por um lenço de linho, parecia a doce imagem da feminilidade.

“Não há pressa. Além disso, você está indo na mesma direção que eu.”

“Essa é uma ideia terrível. Todo o caminho para Jerusalém, suponho. Seria como se Artaxerxes estivesse obtendo um relatório extra de um de seus espiões.”

Na pousada, eles encontraram Sara, Lisandro, e Pari reunidos em torno de uma mesa frágil jogando dados. Estavam usando cascas de pistache para contar os pontos. Pari tinha uma sobrando. Lisandro conseguiu manter seis ou sete. Uma montanha delas estava na frente de sua esposa.

O calor indesejado que, por vezes, o enchia com a visão dela veio sobre si. “Prestem atenção. Ela trapaceia,” disse ele logo antes de entrar, tentando parecer indiferente.

“Eu não!” Sara ficou de pé num salto. Ele pensou que ela ficaria instável devido à mudança em seu corpo e colocou seu braço ao redor dela para impedi-la de balançar. Uma vez que suas mãos encontraram o caminho para suas curvas quentes, porém, elas não pareciam dispostas a sair dali. Em vez de se afastar como pretendia, ele a puxou em seus braços e a segurou ali. Ela cheirava a rosas. Perguntou-se como ela tinha conseguido isso em um lugar em mau estado como aquele e a trouxe para mais perto. Sentiu uma torrente de emoções que mal podia reconhecer passar por ele. Levou alguns momentos para se disciplinar e conseguir se afastar.

Ele estava respirando rapidamente, com o som de suas difíceis inalações estranho aos seus próprios ouvidos. Lutava com uma confusão que lhe parecia insondável. A incerteza não era uma experiência familiar para ele e descobriu que não gostava disso. Teve que admitir que havia falhado em ficar indiferente em relação a ela. Mesmo sua traição — suas mentiras e manipulações — falharam em destruir o seu apego cada vez mais profundo. Ela o atraiu de uma forma que ninguém tinha conseguido fazer desde criança. Cruzou os braços e encostou seu ombro contra a parede, tentando parecer como um homem cujo mundo não estava girando em sua cabeça.

“Você resolveu o mistério da tentativa de assassinato do rei?” Lisandro pegou suas conchas de pistache e as enfiou no bolso. “Já descobriu a identidade do culpado?”

“E quem deve ser você?” Pela primeira vez, Dario estava contente pelo jeito atirado da Roxana. Não estava com disposição para explicações longas.

Lisandro ficou de pé, com seus movimentos intencionais. “Eu estava prestes a fazer a mesma pergunta.”

Houve um momento de silêncio enquanto os dois estudavam um ao outro, com nenhum deles disposto a ceder primeiro. Sara, a pacificadora, moveu um braço em direção a Lisandro. “Perdoe-me”, disse ela. “Deveria ter pensado

em apresentá-los. Lisandro, esta é Roxana. Ela tem ajudado Dario em Damasco. Roxana, conheça Lisandro de Esparta, um amigo de Dario. Ele aceitou a missão de trabalhar com meu marido nesse caso.”

“*Esparta?*” Roxana parecia chocada. Dario sabia que, desde a batalha das Termópilas no tempo do rei Xerxes, os persas tinham adquirido um respeito relutante pela coragem dos espartanos. Eles ainda os consideravam brutos e sem cultura, raramente dignos de nota, mas a forma como aqueles homens lutaram até a morte tinha deixado a sua marca na memória persa.

“Então você é um mercenário?” Roxana disse as palavras como se estivesse acusando Lisandro de ser uma minhoca pegajosa. Isso não estava indo bem, pensou Dario.

“E o que é você? Pelo sotaque você é persa e de família nobre. Que tipo de mulher aristocrata ajuda na resolução de crimes contra a realeza? Não ficaria surpreso de descobrir que você pertence ao departamento de jogos sujos de Artaxerxes. Você é um dos seus famosos espões?”

Isso está pessoal demais para ser cortês, pensou Dario. Confie em Lisandro para dar uma olhada na garota e a analisar. “Agora, agora, crianças. Guardem suas lâminas e tentem se dar bem. Temos que estar em companhia uns dos outros por um tempo ainda. Roxana está indo para Jerusalém com a gente antes de ir para o Egito.”

Ele pediu o jantar e, durante uma leve refeição, trouxe os detalhes do caso para Lisandro e Sara.

“Pobre Zikir,” disse Sara.

“Eu concordo. Embora ele tivesse nos poupado muito problema se houvesse compartilhado suas suspeitas desde o princípio.” Dario se esticou. “Espero que esta pousada tenha quartos suficientes para acomodar todos nós. Após cinco meses perseguindo Pirus, vou dormir bem esta noite.”

Sara foi pega pelo aperto implacável de um pesadelo. Desde o aborto, eles a atormentavam frequentemente, vindo com a escuridão feroz de uma tempestade e persistindo até ela acordar tremendo. Ela nunca se lembrava do conteúdo deles. Mesmo assim, o horror se agarrava a ela por longos momentos depois de acordar.

Ela veio à consciência em um suspiro chocante. O quarto estava escuro como um breu. Podia sentir braços em torno dela. Lutou contra eles, aterrorizada com a ideia de que algum monstro de seu mundo de pesadelo

tivesse ganhado vida.

“Pare de lutar.” Ainda grogue, Sara não reconheceu a voz. Ela continuou a lutar, ofegante, tentando se libertar.

“Sou eu, Sara. Fique calma agora. Nada vai machucá-la.”

“Dario.” Sara ficou imóvel. Como ele acabou chegando aqui, perguntou-se. Seu quarto ficava ao lado. Teria ela causado uma grande perturbação? Ela achou o pensamento embaraçoso. “Peço perdão. Acordei você?”

“Não estava dormindo e as paredes são finas. Ouvi você gritar. Estava tendo um pesadelo.”

Ela se sentou e se encostou sobre um travesseiro. “Apenas um sonho ruim. Eu os tenho às vezes. Desde que perdi o bebê.” Ela o sentiu procurar a lâmpada sem o ver. Achava que não conseguiria olhar para ele olhos nos olhos agora. “Não acenda isso! Por favor.”

Ela sentiu a mão dele contra seu rosto, arrastando-se para baixo até a parte de cima do seu ombro. “Você está tremendo.”

“Não é nada. Vai passar.”

No escuro, ele procurou ao redor da parte baixa da cama e encontrou as cobertas que ela tinha empurrado para baixo em seu sono agitado. Ele as puxou e as colocou ao redor dela.

“E você estava ansioso por uma boa noite de sono. Sinto muito mas sou uma mulher problemática. Incomodo mais do que valho.” A escuridão estava soltando sua língua. Era como se pudesse falar mais livremente, sabendo que ele não poderia vê-la.

“Se está falando do pesadelo, não tem nada a ver. Você não pode escolher o que sonha.” O corpo dele se moveu e ela sentiu sua mão encontrar o aumento de sua barriga. “Eu perdi isso. Todos esses meses desperdiçados.”

Eles não disseram nada por algum tempo; apenas sentados e ligados pela mão e os indistinguíveis batimentos do bebê em seu ventre.

“Sabe, há muita coisa que se tem que aprender sobre ser uma esposa”, disse ela.

Ele se inclinou para trás, retirando sua mão. “É mesmo?”

“Sim. Sempre fui arrogante sobre a facilidade com que aprendo. Tem sido um golpe esmagador no meu orgulho perceber que, na área mais importante da minha vida, eu sou uma aprendiz idiota.”

“Posso me arrepender de perguntar isso.” Ela pensou ter percebido a ponta

de um sorriso arrastado em sua voz. “Sobre o que estamos conversando mesmo?”

“Sobre mim, é claro. O que mais há para falar?”

“Você raramente fala sobre si mesma.” Seus dedos brincavam com a coberta. “Quer discutir por que não me contou sobre a sua gravidez? Você já fez isso. É inútil, Sara. Não consigo entender seu raciocínio.”

Ela engoliu em seco. “Não quero dar desculpas, meu senhor. Pequei contra você e contra Deus, mas quero que você entenda onde a raiz desse pecado reside. O que é que me faz lutar tão duro para que as coisas sejam feitas do meu jeito às vezes.”

“Diga o que quiser.” Seu tom avisava que não iria fazer diferença.

Ela limpou a garganta. “Depois que minha mãe morreu quando eu tinha sete anos, aprendi que tinha que cuidar de mim mesma. Não quero dizer fisicamente. Devido ao meu pai e à tia Lia nunca passei frio ou fome. Nunca sofri abuso. Mas há outras coisas que garotas precisam para se desenvolverem. Amor. Companhia. O conhecimento de que ela é querida e valorizada.” Ela ajuntava o cobertor em seu punho. Sua superfície áspera riscava sua pele e ela se obrigou a afrouxar seu aperto.

“Não tive essas coisas. Se eu quisesse a companhia do meu pai, aprendi que tinha que encontrar uma maneira de fazer isso acontecer. Eu tinha que tomar conta da minha vida a fim de receber um pouco da atenção que desejava. Esses anos me ensinaram a confiar em ninguém além de mim. Eu era a única a cuidar de mim. Ninguém mais poderia fazer isso.

E esse é o tipo de mulher que eu tenho sido com você. Inapta a submeter minha vida aos seus cuidados. Levei as coisas pelas minhas próprias mãos porque acreditava que somente eu poderia prover o que preciso para o meu próprio bem-estar. Você não merecia isso, Dario. Você é um excelente marido; merece minha confiança.”

Dario virou o corpo para longe dela. “Nisso, pelo menos, podemos concordar.”

Sara obrigou-se a continuar. “Eu deveria saber que a coisa mais importante era me entregar aos seus cuidados. Mesmo que não sentisse isso como uma opção segura deveria ter feito isso. Deveria ter lhe contado sobre o bebê, apesar do meu medo de você me deixar para trás, de que eu teria que passar por essa gravidez e parto sem você. Em vez disso, eu convenci a mim mesma

de que sabia o que era melhor para mim.

Sabe a ironia? Todas essas coisas das quais estava com medo de que pudessem acontecer se eu lhe dissesse sobre a minha gravidez aconteceram de qualquer maneira. Teria sido muito melhor se eu tivesse feito a coisa certa desde o início.”

Dario se moveu na cama de modo que eles ficassem sentados lado a lado em vez de ficarem de frente um para o outro, deixando as pernas esticadas para fora, sem se tocarem. “Então, o que você está dizendo? Que, por causa de sua infância, meu casamento sempre vai ser uma cama de agitação e revolta? Devo aguardar impotente a próxima serpente envenenada que vai levantar a cabeça e me morder quando eu menos esperar?”

Sara deu um gemido sufocado. “Espero que não. Não sei quantas vezes mais posso suportar olhar para as rachaduras do meu caráter. A primeira vez que traí você foi no casamento. Nós ainda não nos conhecíamos, mas eu estava tão envolvida em minha própria tristeza que não pensei em você e lhe causei um sofrimento terrível por causa disso. O que eu aprendi, em seguida, foi a profundidade do meu egoísmo. Eu percebi o quão capaz eu era de colocar minhas próprias necessidades acima das de todos os outros.

“Desta vez, aprendi que a minha vida não é minha mais. É sua.”

“Você quer ser esse tipo de mulher para mim?” A voz de Dario ficou rouca.

“Sim.” Ela não lhe disse que tinha outro motivo para querer tanto se tornar uma esposa melhor. Durante essas últimas semanas de separação, o Senhor tinha lhe mostrado que não poderia esperar que Dario não cometesse erros. Não machucá-la, mesmo sem querer. Afinal, ele era apenas um homem. Entregar a sua vida sob sua guarda, porém, significava que ela confiava em Deus para trabalhar os detalhes. Ela confiou no Senhor do céu e da terra para cobrir as insuficiências do seu marido e prover suas necessidades. Ela confiou em *Deus* para ser seu provedor. Não em Sara. Não em Dario. Em Deus.

Não pôs em palavras esses pensamentos, assumindo que Dario iria ressentir-se da menção ao Senhor. Ela permaneceu em silêncio, orando para que o Senhor mesmo, algum dia, viesse a lhe dar um matrimônio onde pudesse compartilhar tais considerações abertamente sem levantar a ira de seu marido.

Na escuridão, ambos se moveram ao mesmo tempo e, por acidente, seus membros se tocaram. Sara ouviu a ingestão aguda da respiração de Dario. Ela estava prestes a ir para trás e pedir desculpas pelo contato não intencional quando ele a puxou para perto de si. Ele a segurou apertado contra o seu corpo por um momento e, em seguida, beijou-a, com um toque de procura como se estivesse tentando conhecê-la novamente.

“Sara.” Sua respiração estava quente contra a curva de seu pescoço antes de ele inclinar sua boca sobre a dela mais uma vez. Seu coração estava batendo tão rápido que ela pensava que seria possível ouvir a batida dele na porta ao lado. Ele não a havia tocado assim desde Susã.

Sara se viu perder-se em seu toque. Tinha passado tanto tempo! Então...

Com um movimento brusco, ele se afastou. Podia ouvir sua respiração rápida e pesada, como se os seus pulmões não conseguissem segurar ar suficiente. “Eu devo ir,” disse ele. Ele saiu da cama e de seu quarto com uma velocidade tão explosiva que uma porta mais frágil teria perdido suas dobradiças.

Parte 3
A Restauração

Capítulo 22

A viagem de regresso a Jerusalém demorou uma eternidade. Sara sabia que eles tinham que escolher um ritmo de acordo com sua necessidade. Também haviam tentado deixar o carro tão confortável quanto possível, colocando colchões espessos no chão e uma tela removível de cobertura para protegê-la do mau tempo. Apesar dos cuidados, ela sentia cada trepidação como uma pontada na parte inferior das costas. Teve que fazer paradas frequentes, fossem elas convenientes ou não, e o chacoalhar do carro não ajudou. Sua gravidez afetava seu corpo mais e mais a cada dia que passava.

Ela suportava todas as dificuldades pelo bem de seu filho. Em contrapartida, não podia deixar de desejar que fosse menos estranho. Para sua surpresa, Dario, que gostava de viajar em alta velocidade e normalmente teria se irritado com o ritmo de tartaruga de seu comboio, exibia bom ânimo, mesmo quando ela o fez parar sete vezes em um dia a fim de atender à chamada da natureza. Pegou ele rindo para si uma vez, quando voltou com o rosto vermelho e mal-humorado de trás de um arbusto franzino. Embora não procurasse tocá-la do jeito que tinha feito na pousada, ele promovia uma frágil trégua entre eles desde aquela noite.

Para a surpresa de Sara, Roxana e Lisandro ficaram discutindo a cada passo do caminho. A garota persa tinha um talento especial para dizer a coisa errada de propósito. Uma vez, Lisandro rosnou: “Eu tenho chicotes mais suaves do que a sua língua! Domine sua boca ou vou fazer isso por você.” Isso foi o mais próximo do grego perder a paciência que Sara tinha visto.

Dario teve que intervir. “Por que está tão mal-humorado com ela?”

“Por que você está negligenciando sua esposa?” Foi a réplica de Lisandro.

Os olhos de Sara se arregalaram em choque. A feição de Dario ficou fechada. “Calem-se os dois ou vou atar suas bocas com lençóis.”

Roxana iniciou uma nova provocação. “Lençóis sujos!” Dario gritou, lançando para ambos um olhar penetrante que teria derretido ferro. Ninguém falou por um longo tempo depois disso.

“Por que acha que eles se odeiam tanto?” Sara perguntou a Dario uma noite quando os outros estavam fora do alcance da sua voz. “Eles não se odeiam. Eles se gostam. Esse é o problema deles.”

“Eles têm uma maneira estranha de mostrar isso. Nunca vi duas pessoas tão espinhosas.”

“Espero que possa sobreviver às suas brigas constantes. Eles me irritam e tiram a vida dos meus ossos. Gostaria que eles ficassem juntos e dessem um fim a isso.”

“Ficassem juntos? Poderia também fazer de Atenas e Pérsia melhores amigos. É impossível, Dario. Não consigo imaginar o que faz você pensar que eles têm atração um pelo outro.”

O terceiro dia da viagem amanheceu abafado mesmo antes que o sol tivesse feito todo o seu caminho no céu. Ao meio-dia, todos estavam ofegantes pelo calor.

Lisandro olhou para os céus brilhantes e disse: “Queria que Apolo não insistisse em se exhibir. Está quente o suficiente para queimar as penas das costas de um pato molhado.”

“Apolo!” Roxana falou, com sua voz cheia de sarcasmo. “Como pode acreditar em um panteão imprevisível de deuses? Eles são piores do que você. Temperamentais, vingativos, não confiáveis.”

Lisandro golpeou um grupo de moscas que se reuniu no pescoço de seu cavalo. “Não é minha culpa que vocês persas sejam tão mesquinhos que só possam acreditar em dois deuses. Um deles, Ahura Mazda, tudo de bom; o outro, Arimã, muito ruim. Como é que um homem pode prestar adoração quando suas escolhas são tão limitadas?

Quanto a vocês, judeus,” ele acenou com a cabeça na direção de Sara: “Vocês são ainda piores. Um Deus. O que um homem pode fazer se ficar de mal com esse Deus? Não pode correr para o abraço de um deus mais simpático. Não pode receber ajuda de uma divindade rival. Está perdido.”

Sara riu. “O Senhor é misericordioso! Ele conhece as nossas fraquezas. Acho que um Deus, se Ele é o certo, é mais do que suficiente para a minha alma.”

Dario guiou seu cavalo perto de Lisandro. “Você pode muito bem desistir. Nunca vai convencer um judeu que seus deuses têm qualquer coisa de valor a oferecer. Ela os considera ídolos. Minha mãe era judia. Ela teria preferido ser decapitada a desistir de seu Senhor. Eles são profundamente ligados ao seu Deus.”

Sara esticou os pés no carro. “Você compreende, meu senhor, que, desde a

época do exílio dos judeus, nossos líderes decretaram que qualquer homem nascido de uma mãe judia é, ele próprio, judeu?”

“Quão conveniente para os seus líderes. Um pequeno pronunciamento e a nacionalidade de uma pessoa tem uma reviravolta.”

Eles chegaram a Jerusalém num fim da tarde, com o sol baixo atrás de uma formação de colinas marrons a oeste deles. Sara suspirou surpreendida quando teve seu primeiro vislumbre. “Os muros!”

“Eles devem estar na metade do trabalho, minha senhora”, disse Pari, com sua voz embargada de emoção.

O cavalo de Lisandro estava desfilando ao lado do carro. “Esse primo de vocês tem conseguido o impossível. Não achava que alguém conseguiria dar cabo do grande projeto dele. E, ainda assim, aqui estamos a menos de trinta dias desde que ele começou e olhe para o estado desse muro. É uma maravilha!”

“Vocês chamam isso de uma maravilha em Esparta?” Roxana perguntou. “São apenas muros. E nem são tão bonitos assim.”

Sara ficou de joelhos para ter uma visão melhor. “Você não entende, Roxana. Quando chegamos pela primeira vez — você lembra, Lisandro? Jerusalém estava passando por uma situação de tamanha apatia que eles não conseguiam sequer limpar a sujeira que se acumulava em seus ouvidos. Agora eles construíram um muro que se estende por toda a cidade. Pode não ser uma obra de arte. No entanto, vai servir para o propósito de trazer segurança a Jerusalém. E eles conseguiram isso sem escravos e sem exército, apenas com o povo de Judá cedendo o seu tempo de forma voluntária. Em menos de trinta dias, essas pessoas que não tinham qualquer unidade se uniram e reconstruíram sua cidade.”

O próprio Neemias veio recebê-los. Sara percebeu que seu rosto estava abatido e novas linhas haviam sido gravadas em sua testa. Ela se perguntou quando tinha sido a última vez que ele havia desfrutado de uma boa noite de sono.

“Primo Neemias, como é que você conseguiu levantar muros tão altos em tão pouco tempo?”

Ele lhe deu um sorriso caloroso. “As pessoas trabalham desde a primeira luz até as estrelas saírem. Você parece bem, minha querida. Presumo que o médico tinha boas notícias, certo?”

“Sim. Tudo está bem, graças ao Senhor.”

“Meu coração se alegra em ouvir isso. Você tem estado em minhas orações diárias. Lorde Dario, é bom ter você de volta. Conseguiu concluir seu negócio em Damasco como queria?”

“Consegui. Pretendemos ficar aqui até depois de Sara dar a luz.”

Neemias assentiu. “Vocês são muito bem-vindos. Agora estou certo que vocês estão ansiosos para se refrescarem após a jornada. Sara vai mostrar a vocês o lugar onde ficarão hospedados. É uma casa antiga e não confortável, infelizmente. Com o muro em construção, não temos nem tempo nem homens de sobra para outro projeto de construção. A nova residência do governador deve esperar.

Serviremos o jantar em uma hora. Por favor, juntem-se a nós como meus convidados.”

“Desejaria poder prover o necessário para nossas próprias refeições”, disse Sara quando Neemias saiu. “Sempre me sinto culpada quando como à mesa de Neemias.”

Dario ergueu as sobrancelhas. “Por quê? Como governador, ele tem direito a uma cota de alimentos a ser entregue pelo povo de Judá.”

“Direito ele pode ter, mas se recusa a aceitar. Ele percebeu logo quando chegamos que, devido à fome recente e à pobreza geral, as pessoas tinham pouco para sobreviver. A fim de evitar ser um fardo adicional para eles, optou por renunciar à cota de alimentos que era dele e de seus funcionários. Governadores anteriores sempre tinham insistido em receber sua parte, colocando cargas pesadas sobre as pessoas com suas demandas.

Neemias mudou essa prática. Em vez disso, ele usa suas próprias economias e seu salário a fim de fornecer alimentos para cento e cinquenta oficiais judeus, bem como para os visitantes de nações vizinhas que ele acolhe muitas vezes.”

“Ele está pagando por isso do seu próprio bolso?”

“Sim, e, permita-me dizer-lhe, meu senhor, não é uma empreitada barata. Eu costumava manter seus registros antes de ir para Damasco. Ele compra um boi, seis ovelhas ou cabras e um grande número de aves por dia. E o vinho! Seus convidados parecem ter um buraco em suas barrigas, pois bebem com a sede de um peixe e, assim, ele tem que disponibilizar grandes suprimentos de vinhos diferentes a cada dez dias.”

Dario sacudiu a cabeça. “Nunca ouvi falar de alguém abrir mão de uma renda a que tem direito.”

“Perguntei-lhe uma vez por que não cobrava das pessoas a taxa que lhe deviam como governador.

‘Porque eu temo a Deus!’ ele disse. ‘Será que eles não já carregam um fardo pesado? Não vi com meus próprios olhos que eles são pobres e lutam para colocar o pão na mesa para suas famílias da forma como está? Devo aumentar a dificuldade deles por ter a lei do meu lado?’”

“Ele é um homem incomum. Bem, hoje à noite nós vamos ser os convidados dele. Mas, a partir de amanhã, vou fornecer a alimentação da nossa companhia do meu próprio bolso.” Sara notou que Dario ficou pensativo após essa interação. Ele nunca teve a oportunidade de conhecer Neemias de forma íntima. Por evitar o primo dela o quanto possível pouco conversava com ele. Neemias permanecia um estranho do tipo em quem ele não confiava. Sara esperava que vê-lo no trabalho em Jerusalém ajudaria Dario a gostar mais dele, compreendê-lo e respeitá-lo.

Neemias chamava a maioria dos trabalhadores pelo primeiro nome, conhecendo até mesmo os seus servos e esposas. Carregava no bolso castanhas e tâmaras secas para os filhos deles e tomava seus bebês nos braços enquanto conversava com eles ao inspecionar o muro. Não passava um dia sequer sem que Neemias não visitasse uma parte do canteiro de obras.

Foram-se as vestes de seda e as joias de ouro. Foram-se os sapatos de salto e o cabelo ondulado. Ele virou uma pessoa comum. Os requisitos da corte persa já pareciam distantes e insignificantes.

Ao fazer seu circuito regular, Neemias respirava o cheiro de poeira, pedras antigas, e argamassa fresca. Cheiros de construção. Contra toda a lógica, ele tinha passado a amá-los — ele, que estava acostumado com os aromas de água de rosas, de flores da primavera e de especiarias da Arábia.

Ele chegou sem querer à Muralha Extensa, onde Uziel o ourives e Hananias, um fabricante de perfumes, estavam encarregados dos reparos. Esta era com certeza a mais larga seção do muro no entorno de Jerusalém. A original tinha sido construída nos dias do Rei Ezequias. Seu reparo apresentava muitas dificuldades devido à sua largura extra.

Neemias sacudiu a cabeça. “Vocês têm trabalhado bem. Mesmo na seção consideravelmente mais larga do que as demais, vocês conseguiram chegar

até a metade, assim como os outros. Seria preciso deitar cinco de mim, retos e com a cabeça de um nos pés do outro, a fim de coincidir com a largura desse muro.”

O ourives bateu em sua manga com uma mão suja. Uma nuvem de poeira se ergueu no ar. Seu cabelo consistia de nós emaranhados e não havia uma única peça de joia a adorná-lo. Parecia que não tomava banho há dias. Tinha estado muito ocupado trabalhando e dando exemplo para os seus servos, Neemias sabia. Os dedos delicados que uma vez purificaram prata e moldaram ouro estavam cobertos de calos agora.

“As pessoas têm trabalhado com todo o coração. E esse entusiasmo é em grande parte devido a você, meu senhor Neemias. Você tem nos inspirado a persistir e não desistir. Você aparece em pessoa todos os dias. Eu vi você pegar pedras com as suas próprias mãos e pensei que, se o governador de Judá pode fazer isso, então um ourives não tem desculpa. Então aqui estamos nós. Imundos, mas orgulhosos.”

Neemias colocou uma mão no ombro de Uziel. “Um dia, as pessoas ao redor do mundo vão se lembrar de você por esta conquista, meu amigo.”

Ele estava feliz por ter sido capaz de aproveitar esse momento de celebração, pois teria pouca paz a partir daquele instante. Sambalate, Tobias e seus amigos influentes descobriram o quão bem a reconstrução das muralhas de Jerusalém estava andando. Ficaram enfurecidos com esse sucesso. Seus inimigos estavam mais engajados do que nunca em destruir o trabalho deles antes que pudessem provar de um sucesso ainda maior.

Em seu escritório naquela noite, Neemias recebeu o relatório perturbador de que Sambalate, junto com seus amigos amonitas e asdodeus, bem como algumas outras tribos locais, pretendiam atacar Jerusalém. Este seria o pior ataque contra eles até então.

Neemias estremeceu quando ouviu a notícia. Não se sentiu inabalável e forte. Não se sentiu capaz de enfrentar um desafio tão grande. Já havia suportado acima do seu limite.

Para Neemias, esta viagem tinha começado meses antes. Tinha começado com jejum, oração e luto por seu povo. Durante meses, ele tinha cumprido as responsabilidades delicadas de seu trabalho regular como copeiro do rei, ao mesmo tempo em que carregava o peso das mazelas que acometiam Judá. Imediatamente após esses meses, ele havia assumido a tarefa de organizar

uma grande caravana e a conduzir através de uma longa, desconfortável e perigosa viagem. Tinha suportado a forte pressão de protegê-la. E, então, teve de enfrentar os problemas de Jerusalém.

Por que agora, quando estava mais fraco, Deus permite que o pior venha contra eles?

Hanani, que estava com ele quando chegou a notícia, disse: “Não teríamos esperança em caso de confronto. Se eles planejam lutar contra nós, há pouco o que podemos fazer para nos proteger. Mesmo com a sua escolta militar persa estamos limitados. Sua escolta era grande o suficiente para garantir uma passagem segura para uma caravana, mas é demasiadamente insignificante para fazer uma diferença real contra tantos inimigos determinados a nos destruir.”

Neemias não respondeu. O que ele poderia dizer? Concordava com muitas das preocupações de Hanani. Muito exausto, ele reuniu as pessoas mais próximas de si. Citando Salomão, lembrou-lhes que *“a menos que o Senhor edifique a casa, o trabalho dos construtores é desperdiçado. A menos que o Senhor proteja uma cidade, guardá-la com sentinelas não terá nenhuma eficácia*. Vamos orar e pedir a orientação de Deus. Ele vai nos mostrar o caminho, pois a sabedoria humana não deve prevalecer nessas circunstâncias.”

Eles oraram muito e com afinco. Apesar de sua fadiga, Neemias perseverava e não iria desistir. Sabia que Deus era a sua esperança. A força deles. Quando terminaram, Neemias tinha um plano.

“Vamos guardar a cidade dia e noite. Vamos proteger a nós mesmos enquanto construímos. E vamos conseguir.” Estranhamente, com essa resolução ele sentiu um novo vigor. O desânimo que o havia oprimido com a notícia inicial do ataque iminente o deixou como se nunca tivesse existido.

Antes que Neemias pudesse colocar seus planos em ação, ele recebeu a visita de um grupo de homens que representava os trabalhadores. “Meu senhor”, disseram eles. “Estamos exaustos. Durante um mês temos trabalhado quatorze horas por dia. A força dos trabalhadores está indo embora. Além do mais, as condições no local de construção estão se tornando insustentáveis. Há mais escombros do que nunca para enfrentar. O canteiro tornou-se abertamente perigoso em partes. Outro dia uma das crianças tropeçou em um pedaço de alvenaria e sua perna foi aberta do joelho ao

tornozelo. Não podemos reconstruir o muro. Não sob essas condições.”

“Entendo.”

O homem ficou vermelho sob o olhar fixo de Neemias. “Estamos cansados. E agora há rumores de que o inimigo vai nos atacar. Os judeus que vivem perto destas partes nos trazem repetidos relatos de ataque iminente de Sambalate. Se não morrermos de cansaço primeiro, vamos morrer por suas flechas.”

Neemias colocou uma mão de encorajamento no braço daquele que falava. “No meio de um projeto significativo de construção a pessoa tem de enfrentar um ponto em que parece que há mais caos do que progresso. Este é o ponto em que vocês estão. Vocês estão cansados. Sentem-se vencidos. No entanto, não concentrem suas mentes na confusão do momento, pois quando Deus está na construção, o caos irá ser substituído por Sua ordem no final de tudo. Quando as coisas parecem estar desmoronando, na verdade, Deus está colocando cada uma delas no lugar.

Não se deixem influenciar pelas ameaças de Sambalate. Ele aumentou seus ataques porque tem medo. O muro está tão alto que Sambalate e seus amigos estão perdendo a confiança. É por isso que nos pressionam tanto. A nova tática deles é nos aterrorizar. Plantar o medo em nossos corações para que venhamos a desistir. Deus, porém, é maior que Sambalate. Embora as coisas pareçam estar desmoronando, mesmo agora, no meio da nossa pior falta de ordem, o Senhor está trabalhando para fazer todos eles caírem para o bem do nosso futuro.” Ele respirou fundo e tirou sua mão do braço do homem.

“Estou fazendo planos para a defesa de Jerusalém. Vou garantir que os trabalhadores tenham um curto descanso enquanto faço os preparativos. Não percam o ânimo agora. Em sua exaustão, vocês se sentem sobrecarregados. Vocês querem desistir. O que vocês não sabem é que estão perto da vitória.”

Neemias convidou Dario e Lisandro para uma reunião privada e explicou a situação para eles. Dario considerou a notícia por um momento. “Eles querem trazer confusão para você. Até agora, seus homens têm trabalhado com todo o coração. Mas esta notícia foi feita para abalar a confiança deles. Se eles acreditam que trabalhar no muro significa que vão ser mortos por uma flecha errante, não vão se sentir tão motivados como antes a comparecerem ao trabalho.”

“Portanto, temos de lhes dar uma sensação de segurança”, disse Neemias.

“A sensação e a realidade. Não acho que seus inimigos estejam fazendo ameaças vazias. Eles têm a intenção de matar seus trabalhadores, mas só porque acreditam que eles sejam presas fáceis. Uma vez que passarmos a mensagem de que Jerusalém não pode ser vencida tão facilmente eles irão desistir da intenção de atacar vocês.”

Depois de estudar o mapa da cidade, os três homens definiram uma estratégia de defesa. Neemias manteria algumas de suas pessoas por trás dos pontos mais baixos do muro, onde a cidade estava mais exposta. Ele alocou famílias em locais estratégicos. Não estavam apenas fornecendo a defesa essencial, mas também alocaram guardas em posições onde o inimigo poderia espioná-los com facilidade. O brilho de suas armas poderia ser visto a quilômetros de distância. Com alguns guardas bem posicionados, Neemias tinha conseguido fazer Jerusalém parecer uma cidade totalmente defendida por tropas.

Aqueles que possuíam armas as trouxeram. Alguns até mesmo vestiam armaduras. Neemias munuiu os demais de espadas, lanças e arcos. Ele deu aos trabalhadores um dia de descanso enquanto esperava que o inimigo reconsiderasse seus planos.

Uma vez tendo inspecionado essas defesas e avaliado sua eficácia, convocou para uma reunião o povo e os nobres. Como sempre, ele abriu a reunião com uma oração simples pedindo proteção e orientação ao Senhor. E, então, falou aos seus compatriotas. Não tinha preparado seu discurso de antemão. Confiou em Deus para lhe dar as palavras.

“Povo de Jerusalém, vocês já ouviram os rumores de que Sambalate, Tobias e seus amigos pretendem nos atacar. Não temam! Vocês têm trabalhado mais e melhor do que eles esperavam. Realizaram uma tarefa impossível. Completaram metade do muro. Essa metade já está fornecendo uma defesa eficaz para nós. Nossos homens que estão por trás do muro, protegendo Jerusalém mesmo enquanto lhes falo; há cobertura suficiente para ficarem seguros contra um ataque de flechas.

Lembre-se do Senhor. Ele é grande e glorioso. Lembre-se também de suas famílias, pois vocês lutam por seus irmãos, filhos e filhas. Vocês lutam por suas esposas e suas casas.”

Havia lágrimas em muitos olhos. Homens enxugavam suas bochechas secretamente. Neemias respirou fundo e deixou o silêncio se estabelecer

sobre a multidão por um momento. Ele deixou suas palavras serem absorvidas antes de começar novamente.

“Não há nenhuma outra nação que possa se orgulhar da fidelidade de vocês. Vocês vieram de muitos lugares de Judá: Tecoa, Gibeão, Mispá e do interior de Jerusalém. Vocês trabalharam longas horas sem remuneração. Vocês sacrificaram seu conforto para o Senhor.

Vocês vêm de todos os contextos concebíveis. O sumo sacerdote tem trabalhado ao lado de comerciantes, oficiais, mulheres e governantes. Você, Malquias, embora seja o governador do distrito de Bete-Haquerém, está reparando a porta do Estrume. Nunca ouvi você sussurrar que trabalhar naquele pedaço de terra mal cheiroso estava abaixo de sua dignidade.”

A multidão riu. Malquias curvou-se até a testa quase tocar o solo. A multidão foi à loucura.

“E você, Salum, governador da metade do distrito de Jerusalém, embora não tenha filhos, trouxe suas filhas para ajudá-lo a reparar o muro. Eu lhe digo que se tivesse um filho com metade da força de uma de suas filhas já me sentiria abençoado.”

“E todas elas estão em idade de casar, senhor governador!” Salum gritou. “Caso haja um noivo interessado com um bom dote disponível.”

Um grito ensurdecedor vinha do povo. Neemias sorriu.

O inimigo ainda espreitava à sua porta. Os trabalhadores permaneciam cansados até a medula dos seus ossos. Os locais de trabalho continuavam a ser perigosos. A economia da Judeia ainda estava em frangalhos. Nada havia mudado nas suas circunstâncias. Neemias, por outro lado, sabia que o espírito do povo tinha saído do medo e da derrota para a esperança. E era assim que as vitórias eram construídas. Deus estava ensinando a ele — e ao Seu povo — que, quando se ia à batalha, o que acontecia na mente tinha muito mais poder do que o que acontecia no mundo.

Capítulo 23

Sara não conseguia dormir. Não sabia se era o desconforto de seu corpo ou a constante preocupação com Jerusalém que a mantinha acordada. Se os rumores eram dignos de crédito o inimigo poderia atacar a qualquer momento. Desistindo do descanso, ela abandonou sua cama e, vestindo uma túnica de linho solta o suficiente para acomodar sua crescente cintura, agarrou um lenço leve e saiu do seu quarto. Decidiu visitar o pátio, esperando que o ar fresco viesse ajudar a limpar as teias de aranha de sua mente. Uma pequena lâmpada iluminava um caminho estreito enquanto ela navegava pelas escadas irregulares. Já era tarde e ela caminhava em silêncio para não perturbar o resto dos hóspedes. Estava no antepenúltimo degrau quando uma voz a abalou. “Sara!”

Ela quase saiu de sua pele. Olhando para cima, viu Dario caminhando em sua direção. “Não queria assustá-la,” disse ele.

Atrás dele, a porta do escritório de Neemias permanecia entreaberta, vazando uma luz suave para o corredor. “Meu senhor! Você estava em reunião com o governador tão tarde?”

De perto, ela notou as cavidades sob suas bochechas e a palidez da pele geralmente sadia. Havia alguém que não estava exausto em Jerusalém? O cansaço não tinha roubado sua beleza surpreendente. Mesmo depois de estar com ele durante tantos meses, às vezes ela percebia a completa atração física daquele rosto vindo como algo esmagador. Isso a fazia ficar tão tímida e sem palavras como uma garota adolescente. Em consequência da ruptura do relacionamento deles, esses sentimentos tinham ficado ainda mais prejudiciais para a sua paz. Temia não poder escondê-los de sua penetrante observação. A inteligência implacável de Dario veio contra ela como uma arma desembainhada, não deixando espaço para orgulho ou autopreservação. Destruía a sua alma saber que ele não mais precisava de suas respostas.

Apesar da trégua inquieta na qual tinham entrado desde Damasco, ele permanecia afastado dela. Ele havia calado e trancado uma parte de si mesmo para que ela não pudesse alcançá-la. Quando ele a procurava não era mais com a simplicidade de queridos amigos. Ele se sentia desajeitado perto dela. E passava as noites sozinho. Era a mais profunda tristeza do coração dela.

Entregava sua condição ao Senhor dia e noite, mas isso sempre voltava e a trazia para baixo com o peso de uma prensa de azeitona feita de pedra.

Dario esfregou a mão contra a parte de trás do pescoço dela. “Há muitos detalhes para supervisionar. Neemias está planejando sua estratégia de defesa para os próximos dias.” Ele colocou um pé no degrau de baixo e apoiou o cotovelo no joelho dobrado. “Ele é surpreendentemente astuto, seu primo. Eu sabia que ele era um administrador talentoso, mas não esperava que ele tivesse qualquer perspicácia militar. Eu o subestimei; parece que ele se sairia bem como um general em tempo de guerra.”

“Será que vai haver uma batalha?”

Ele deu uma lenta e pensativa levantada de ombros. “Ninguém sabe ao certo. Devemos nos preparar como se fosse haver.”

Sara se sentou na escada e colocou os braços ao redor de suas próprias pernas.

“O que você está fazendo fora da cama?” Dario perguntou.

“Eu não conseguia dormir. Pensei que o ar fresco pudesse me fazer bem.”

“Venha. Vou lhe fazer companhia. Aí posso pegar um ar fresco também.”

O pátio estava empoeirado e com cheiro de esterco de cavalo. Não havia uma única flor ou erva que adornasse o lugar. Dario encontrou um banco de pedra onde poderiam se sentar lado a lado. Ele se encostou contra a parede atrás deles e olhou para as estrelas. A noite brilhava com eles.

“Sinto saudades de casa”, disse Sara. O que a fez deixar escapar isso? Será que nunca aprenderia a ter controle sobre sua boca?

Dario se voltou para a estudar. “Pensei que aqui seria uma casa para você.”

“De certa forma sim. Casa para o meu espírito. Penso no seu palácio perto de Persépolis, no entanto, como minha verdadeira casa. Se estivéssemos lá poderíamos passear nos jardins com o som dos lagos escorrendo e o aroma de madressilva e lírios adocicando o ar. Anousia iria lambe os dedos dos meus pés e pedir minha atenção. Meus amigos e família estariam reunidos perto de mim. E não haveria um exército à minha porta procurando o meu sangue.”

“Arrepende-se de ter vindo?”

“Não. Apenas cansada, eu acho. Cansada de me preocupar.”

“Recebemos um relatório de que Sambalate e seus aliados adiaram seus planos de virem contra nós. Aparentemente, testemunhar a evidência da forte defesa de Jerusalém os parou por hora. Mesmo que eles escolham vir contra

nós será sob a forma de um conflito menor dirigido a uma parte do muro. Eles não viriam contra a cidade em si. O rei, embora não preocupado com pequenas disputas, pode achar uma guerra aberta contra uma das regiões sob seu governo algo ofensivo. Algo que esses homens não arriscariam. Descanse tranquila, pequena Sara. Não vou deixar nada acontecer a você.”

Sara abriu um sorriso. “Você é habilidoso com o uso da flecha, como bem já testemunhei. Talvez devesse me ensinar.”

“Você provavelmente iria arrancar minha orelha na sua primeira tentativa de usar um arco. Meu polegar seria a vítima de sua segunda tentativa. E a ponta do meu nariz iria embora na terceira. Não. Confesso que não vejo isso com uma perspectiva atraente.”

“Você está menosprezando o meu objetivo?”

“Absolutamente. Eu vi você jogar um pedaço de pau para Anousia.”

“Você é um homem mais sábio do que eu imaginava. Então, como vamos voltar a reconstruir o muro?”

“Sem a ajuda do seu arco e flecha, você quer dizer? Tenho certeza de que vamos conseguir.”

Sara riu. “Quis dizer que Neemias teve que parar o projeto de edificação a fim de posicionar todos aqueles guardas. Se começarmos a reconstruir novamente, não ficaremos vulneráveis a ataques? Só temos homens suficientes para guardar ou construir pelo que me parece. Não podemos fazer as duas coisas.”

“Sim, podemos. O plano de Neemias é que metade dos homens faça o trabalho enquanto a outra metade, equipada com lanças, escudos e armaduras, fique de guarda atrás dos trabalhadores. Os oficiais persas vão ajudar na guarda. Sem dúvida, a visão de nossa estrutura vai repelir Sambalate. O trabalho vai continuar. Apenas será um pouco mais lento do que antes, mas vai continuar. Eu disse a você. Seu primo tem uma boa cabeça sobre seus ombros.”

“Você parece ter começado a se dar bem com ele.”

“Eu disse que ele tinha talento. Não disse que ele tenha se tornado meu amigo querido.” Ele se esticou contra a parede. “Roxana e seu servo vão para o Egito amanhã. Ela não pode atrasar mais a sua partida.”

“Você está triste em vê-la ir?” Ela perguntou, tentando manter a voz casual. Sentiria ele falta da bela Roxana?

“Triste? Aliviado, isso sim. Nunca vi ninguém como aquela garota para criar problemas. Achei que Lisandro ficava de mau humor enquanto ela estava por perto. Ele, porém, ficou pior desde que ela anunciou sua intenção de partir. Está agindo como um tigre ferido durante todo o dia. Que os céus nos ajudem quando ela realmente se for.”

Neemias tinha preparado para a construção começar de novo naquela manhã. Não havia mais tantos trabalhadores no muro. No entanto, não havia como resolver isso. Muitos dos homens mais fortes tinham sido colocados como guardas. Ele tinha passado a última hora caminhando pela construção, tentando verificar se determinadas seções precisavam de mais ajuda. Do lado dele andava um Dario em silêncio, avaliando a preparação com olhos astutos e experientes.

Do seu outro lado estava acompanhado por um trompetista que mantinha seu instrumento em prontidão. Antes de iniciar o trabalho de novo, Neemias havia dito aos trabalhadores que usaria a trombeta como um sinal. “O local de construção é grande e espalhado e, com um menor número de trabalhadores agora, os nossos homens estão largamente separados uns dos outros. Se formos atacados vou usar a trombeta como um sinal.”

A princípio o povo tinha pensado que ele queria dar-lhes um aviso para que pudessem fugir ao primeiro sinal de ataque. Neemias esclareceu o equívoco antes que ele tivesse a oportunidade de criar raízes.

“O que quero que façam é que sigam o som da trombeta, pois isso vai *levar* vocês para a luta. Nós vamos ajudar os nossos irmãos que estiverem sob ataque inimigo. Lembrem-se de que nós não estamos lutando por nossa própria força. Nosso Deus lutará por nós!”

Agora, enquanto passava o palácio superior, perto do pátio da guarda, um homem de aparência cansada puxou sua manga. Neemias se virou numa interrogação educada.

“Meu senhor, eu vivo ao norte de Judá, perto do território de Sambalate. Estou lhe implorando para parar este trabalho. Ainda ontem ouvimos a notícia de que ele tinha feito uma promessa de vir e matar todos vocês enquanto dormissem. Faça o que fizer, eles vão atacá-los. Suas reles defesas não vão valer nada! Você vai ser assassinado e, então, que bem este muro trará?”

Neemias não ouviu esse aviso uma vez, porém dez vezes. Estava ficando

como uma dor de dente irritante. Não iria ceder. De primeira, ele tinha ficado irritado. Agora, estava começando a ficar preocupado. Muitos de seus líderes já estavam caindo sob esse discurso repetitivo. Se bater numa mesma área da pele com bastante frequência você acabará formando uma delicada ferida. Toque-a de novo e sua vítima vai gritar de dor. Depois de tantos avisos de desastre iminente, os moradores de Jerusalém estavam começando a agir como um homem ferido.

Ameaça física era o maior medo da cidade. Embora a invasão da Babilônia tivesse ocorrido muito antes de qualquer um deles ter nascido, os corações das pessoas continuavam a carregar as cicatrizes daquele cativo selvagem. Mais de cem anos de medo se levantaram com a ameaça de ataque de Sambalate. Era um terror geracional. Para curar um homem do medo de invasão e da morte violenta, Deus tinha que voltar três gerações.

Relatórios repetidos de desgraça iminente foram minando a confiança dos ocupantes de Jerusalém. Os homens que insistiam em espalhar suas notícias desanimadoras tinham a melhor das intenções. Eles se consideravam judeus fiéis que estavam ajudando seus conterrâneos. Em vez disso, eles eram tão eficazes como Sambalate na proliferação do desânimo.

Ao redor dele, os homens estavam perdendo suas cabeças. Neemias pretendia manter a sua. Não que ele fosse imune à pressão. Longe disso. Só sabia que se ele se agarrasse a Deus poderia passar por este momento de dificuldade. E se ele perseverasse poderia ser capaz de inspirar outros a fazerem o mesmo.

“Veja”, Neemias disse à sua companhia não convidada e apontou. Não muito longe deles, Azarias e os seus servos foram trabalhar no muro ao lado da própria casa de Azarias. “O que você vê?”

“Eles estão construindo o muro.”

Neemias quase chamou o homem de *gênio* antes de reprimir o sarcasmo que queria transbordar. Isso poder trazer alívio por um momento, mas pode afastar a coragem do homem. E ele sabia o que tinha mais valor. “Note aqueles que estão buscando e carregando. Você vê como com uma mão eles carregam seus instrumentos de trabalho — baldes, pedras e pás — e, na outra, eles carregam espadas, adagas e lanças?”

“Sim.”

“Agora os construtores. Observe como cada um tem uma espada presa ao

seu lado.”

“Percebo.”

“Tente entender, meu amigo. Estamos prontos para o que der e vier. Pare de ficar aterrorizado por algumas palavras ameaçadoras. Ponha a sua esperança no Senhor. Em vez de trazer notícias alarmantes, seja útil e dê uma mão a Azarias.”

O homem ficou de queixo caído.

“Vá em frente”, disse Neemias. “Estamos com pouca mão de obra. Sua ajuda seria bem-vinda.”

O homem parecia atordoado com a resposta do governador. Neemias imaginou que ele esperava uma atitude de recuo, não de determinação resoluta. Parecia ter ficado impressionado, pois obedeceu ao comando de Neemias e se aproximou de Azarias.

Dario deu um sorriso. “Parece que ele não consegue entender como foi que ele deixou de ser o portador de uma notícia ruim para ser um ajudante no mesmo projeto que estava menosprezando momentos atrás.”

Neemias correu uma mão irritada sobre sua cabeça. “Com amigos como este, Jerusalém não precisa de inimigos. Parece que eles não compreendem que há momentos na vida em que você deve ser tanto um construtor quanto um guerreiro. Uma mão em um balde e a outra em uma espada.”

“Você não está preocupado em diminuir o ritmo? Com essa estratégia, você perdeu uma boa parte de sua força de trabalho.”

Neemias fez uma pausa. “Às vezes você tem que fazer menos a fim de conseguir mais. Há épocas na vida em que você tem que diminuir a sua produtividade. Devo usar parte da minha força para resistir ao inimigo e parte para a obra de Deus. Não posso enterrar a cabeça na areia e fingir que Judá não tem inimigos. Meu tempo e recursos devem refletir esse fato ou, do contrário, já me veria como um derrotado.

Deus me pediu para construir Jerusalém. Em contrapartida, também me pediu para proteger o que Ele já construiu. Com uma mão vamos segurar os instrumentos de construção e, com a outra, vamos agarrar as armas de proteção.”

Capítulo 24

Roxana partiu para o Egito na manhã seguinte. Sara foi para o pátio lhe dar seu adeus. Ela encontrou Lisandro já lá, encostado contra uma parede, com seus braços cruzados contra seu peito enorme. Seu cabelo loiro, recém-lavado, brilhava à luz do sol. Seu rosto tinha uma expressão tão ameaçadora que Sara, pretendendo aproximar-se dele com uma saudação calorosa, fez um recuo rápido.

“Queria que você não tivesse que ir”, Sara disse enquanto Roxana verificava a sela de seu cavalo. Para sua própria surpresa, Sara tinha passado a gostar da garota persa. Apesar de sua língua afiada, o interesse genuíno de Roxana naqueles em torno dela a fez uma animada companheira. Sara suspeitava que, se ela tivesse permanecido em Jerusalém, elas teriam formado o tipo de profunda amizade que seu coração ansiava ter.

Roxana brincou com a rédea de couro de seu cavalo, uma criatura enorme que se elevava sobre ela, embora ela não parecesse se importar com sua força ameaçadora ou com o perigo que representava. “Nós persas somos escravos de nosso dever.” Ela deu uma olhada rápida em direção a Lisandro antes de voltar sua atenção para Sara. “Eu também gostaria de não ter que partir.” Com abandono desconcertante, ela jogou seus braços em torno de Sara e lhe deu um abraço envolvente. “Vou sentir sua falta.”

Sara riu. “Irei sentir sua falta também. Bem, você vai andar até lá e dizer adeus a ele?”

A pele clara de Roxana estava repleta de cor. “Por que deveria? Ele pode vir e se despedir de mim como qualquer homem educado faria.”

“Oh, se era cortesia que estava esperando, então talvez não devesse ter sido tão rude com ele por dias a fio.”

Roxana endureceu. “Ele mereceu.” Ela fez sinal para o seu servo, um homem magro com pele morena, antes de saltar sobre a sela. “Fique bem, doce escriba. E proteja aquele seu marido de problemas. Ele parece ter um gosto especial por isso.”

Ela pressionou com seus pés os lados de seu cavalo gigante e ele acordou para a vida. Ele não tinha dado três passos quando Lisandro se atirou no caminho da criatura como um louco sem nenhuma preocupação com sua

segurança. Sara puxou ar e colocou a mão sobre sua boca para impedir que um grito escapasse.

No último momento, Roxana conseguiu controlar seu cavalo antes que ele esmagasse o espartano sob seus cascos saltitantes. “Você está louco?” Ela gritou a plenos pulmões, com sua voz normalmente profunda soando de forma estridente. Lisandro a puxou para fora de seu cavalo com um movimento rápido. “Você não disse adeus.”

Roxana falou de forma enérgica. “Você perdeu o pouco de juízo que tinha. Eu poderia ter matado você!”

Lisandro estudou a mulher alta com seus olhos apertados, sem se preocupar em explicar suas ações. Sara não sabia se sentia ultrajada ou encantada quando, sem aviso, Lisandro agarrou Roxana, a puxou rudemente em seus braços e lhe deu um beijo que durou demasiado acima do limite da decência. Sara observou com interesse que a garota persa não parecia exatamente estar lutando contra o abraço. Ao fim, Lisandro foi embora sem dizer uma palavra. Ele não conseguia falar; estava rindo demais. Sara se percebeu estática em seu lugar. Ela nunca o tinha ouvido rir em voz alta. Tinha um barulho agradável. Seria possível alguém se acostumar com o som. Observando a expressão de Roxana, ela se preocupou por um momento que ele pudesse encontrar um punhal enterrado nas suas costas.

“Jumento,” ela gritou para ele. “Camponês espartano!”

“Nos vemos de novo na Pérsia, víbora,” ele disse, ainda rindo.

Sara teve a sensação de que a história de Lisandro e Roxana estava longe de terminar. As palavras do grego estabeleceram uma promessa firme. Ela tinha certeza de que ele iria seguir Roxana e que mais aventuras os aguardavam. Uma sugestão de pena da garota persa causou uma onda de ansiedade que atravessou Sara. Ser perseguida por Lisandro seria um pouco como se tornar uma cidade sitiada.

Dario se viu a sós com Neemias. Ele ficou sentado durante uma reunião prolongada enquanto Neemias lidava com uma reclamação após a outra de seus líderes. Dario sabia que poderia ter saído em qualquer momento. Esses não eram problemas seus. Ele, por outro lado, achava as táticas do governador fascinantes e tinha permanecido por curiosidade.

Quando todos foram embora, ele perguntou: “Por que você acha que tem que gastar tanto do seu tempo lidando com as dificuldades que o seu próprio

povo está criando?”

Neemias esticou as pernas e deu um suspiro que parecia vir de suas profundezas. “Nossos homens cresceram acostumados à derrota. Lembre-se que, há não muito tempo, eles perderam tudo. Agora, eles medem todas as circunstâncias da vida com base nessa possibilidade. Mesmo uma pequena ameaça os faz correr para se esconder, porque esperam perder. Esperam que o pior aconteça. Quando começamos a reconstruir os muros, eles não acreditavam ter a força necessária para virarem construtores. A experiência lhes tem ensinado uma lição diferente. É hora de aprenderem que podem ser guerreiros também.”

“É como nos dias de Gideão. Sua mãe lhe contou história dele, meu senhor?”

“Não me lembro.”

“Foi durante o tempo dos juízes. Naqueles dias, Israel não tinha reis como as outras nações. O Senhor era o nosso rei.”

“Eu me lembro de minha mãe falando dessa época.”

“Foi um período incomum. Israel tinha desfrutado quarenta anos de paz. Naquela temporada de prosperidade, em vez de nos aproximarmos de Deus, nos afastamos. Nós adorávamos o Senhor, mas também adorávamos os ídolos de Canaã. Como resultado, Deus permitiu que os midianitas governassem nossa nação por sete cruéis anos. Empobrecemos e fomos reduzidos à fome por ataques constantes.

Um jovem da tribo de Manassés, chamado Gideão, cresceu durante esses tempos difíceis. Um dia, o anjo do Senhor veio visitá-lo. Gideão estava escondido na parte inferior de um tanque de prensar uvas, debulhando trigo.”

“Por que ele iria debulhar o trigo num tanque de prensar uvas? Certamente não deveria ser esse um espaço muito pequeno?”

“Sim, mas os midianitas o intimidavam. Muitas vezes eles atacavam violentamente o povo de Israel e saqueavam sua comida e gado. A experiência tinha ensinado Gideão a se intimidar. A ter medo. Então, ele se escondeu na parte inferior de um tanque de prensar uvas. E Deus foi ao seu encontro lá, no auge da sua fraqueza, da sua indignidade e da sua insegurança.

E do que você acha que o anjo do Senhor chamou Gideão lá, escondido em seu lagar e segurando seu bocado de trigo?”

Dario sacudiu a cabeça. “Idiota? Covarde?”

Neemias jogou a cabeça para trás e deu uma risada profunda. “Você pensaria assim, mas não. Ele chamou Gideão de guerreiro poderoso. Um homem de bravura.”

“Por quê? Ele parecia um fraco covarde.”

“É assim que ele tinha aprendido a viver. Suas circunstâncias o levaram a se ver naqueles termos. Ele não aceitou as palavras do anjo mais do que você, meu senhor. Ele disse, *A minha família é a mais pobre em Manassés, e eu sou o menor da minha família*. Em outras palavras, ele pensava que era um ninguém. Muito longe de ser um homem corajoso.

Entretanto, Deus via o homem real. Não a pessoa que as circunstâncias haviam produzido. Por baixo de tudo aquilo, Ele percebeu o homem que havia criado. Alguém forte e capaz. Um campeão corajoso. Ele viu um homem que poderia ser um juiz em Israel durante um árduo período. Um homem com força suficiente para libertar Israel de seus inimigos.”

Dario ergueu as sobrancelhas. “Gideão se tornou um juiz?”

“Sim. Um dos nossos maiores. E ele prosseguiu para salvar Israel do terror de Midiã.”

“Está dizendo que os homens de Judá estão repetindo a história de Gideão? Eles se percebem como menos do que são?”

“De fato, isso é o que quero dizer. Tornamo-nos tímidos e negativos. Nossos inimigos fomentam essas mentiras. E, assim como Gideão, vivemos nossas vidas na parte inferior de um lagar feito por nós mesmos.

Não acho, porém, que é assim que Deus nos vê, porque não é assim que Ele nos criou. Ele está nos chamando para fora, nos chamando para andar em nossa verdadeira natureza. Para sermos determinados. Para nos tornarmos homens e mulheres valentes como Gideão. Ele está nos chamando para rastejar para fora de nossos esconderijos e enfrentar nossos inimigos, especialmente os que atormentam nossa mente. Inimigos como o medo e a insegurança.”

Dario se abaixou para pegar uma pequena tábua de argila que tinha rolado no chão. Ele a girou no ar antes de pegá-la com facilidade. “Você mudou, copeiro.”

Neemias passava uma mão por sua barba. Ela estava suja e desalinhada. “Ouso dizer. Nem eu nem meus homens trocamos as roupas há dias. Se eu

me dirigisse à Sua Majestade nesse estado, ele iria colocar o calcanhar de seu pé calçado de couro na traseira da minha calça e me expulsaria da sua presença.”

“Não estou falando da sua aparência, embora eu mesmo nunca pensei vê-lo em tal estado.” Dario jogou a tabuleta mais alto desta vez, pegou-a novamente e a jogou de volta. “Você tem se tornado menos como um cortesão e mais como um comandante. Você governa e conduz seu povo como se tivesse nascido para isso.”

Neemias pegou o tabuleta no meio de seu giro no ar. “Espero que esteja certo, meu senhor. Na maioria dos dias sinto como se não soubesse o que estou fazendo. Se não fosse pela minha fé em Deus e por Sua orientação eu poderia ter desistido há muito tempo.”

Como comandante militar, Dario tinha visto o seu quinhão de líderes magistras que enfrentaram circunstâncias difíceis e realizaram o trabalho não importando o quão penoso fosse. Estava acostumado a esse tipo de coragem teimosa. Como um nobre, ele havia passado anos na companhia de homens e mulheres cuja confiança em sua própria liderança os levou a sair de muitos emaranhados — e às vezes a entrar neles. O que tinha começado a impressionar Dario com respeito a Neemias, porém, foi que, ao lado dessas qualidades, ele mostrava uma profunda compreensão das pessoas sob seus cuidados. Ele reconhecia a fraqueza deles e, ao invés de julgá-los, procurava maneiras para dissolver essa fraqueza.

Mais do que isso, Dario encontrou em Neemias consideração para com o sofrimento dos pobres humilhados. Na primeira vez que visitou o governador em seus aposentos ficou chocado com a diminuta simplicidade deles.

“Estes são os seus aposentos particulares?” tinha perguntado. A ele tinha sido concedido um quarto duas vezes maior.

Neemias acenou com uma mão. “Fico raramente aqui. Não há sentido em tomar o melhor quarto para mim.”

“Sara diz que você está pagando as despesas desta casa e seus ocupantes de suas próprias economias a fim de poupar o povo.”

“O que mais posso fazer? Sugá-los até secarem? Alguém tem que cuidar deles.”

O aspecto mais chocante do caráter de Neemias se mostrou ser sua franqueza. Dario quase tinha engasgado quando ouviu o governador da

Judeia admitir que não sabia o que estava fazendo. Como o herdeiro de uma das famílias mais importantes do mundo persa, Dario tinha sido criado para nunca confessar sua insegurança. Algo nele tinha se encolhido em desconforto quando Neemias disse aquelas palavras. Outra parte dele — algo mais profundo e oculto — tinha saltado como um leão faminto após essa revelação. Aquele nível de transparência tinha apelado para uma parte dele que não sabia que existia.

Ele arranhou o seu queixo, que tinha começado a coçar. Normalmente, nos meses de verão, ele adotava um visual barbeado como o dos egípcios. Trazia mais conforto no calor. Em Jerusalém, no entanto, tudo o que exigia tempo extra se tornou insustentável e tinha parado de fazer a barba.

Os últimos dias tinham sido tensos e toda a gente em Jerusalém vivia como se estivesse cercada. Na urgência do perigo constante, eles mantinham suas armas amarradas a seus lados mesmo quando iam buscar água.

Dario se ofereceu para fazer o serviço de guarda em um dos setores. Ninguém poderia ser poupado mais, nem o mais alto líder nem o menor servo. Neemias tinha até pedido às pessoas que viviam fora de Jerusalém que fossem para a cidade à noite para que pudessem com seus homens ajudar na vigilância noturna.

Dario se encaminhou para o local que Neemias lhe havia atribuído na parte oriental do muro, não muito longe das ruínas do palácio. O local abrangia uma área residencial. Sua proximidade com a parte antiga de Jerusalém, a qual os moradores se referiam como Cidade de Davi, fez desse local uma porção estratégica. Dario montou guarda de frente a um trabalhador chamado Hanun, o sexto filho de Zalafe.

“Bom dia”, ele disse enquanto tomava sua posição.

Hanun parecia ter uma idade próxima a de Dario. Suas roupas modestas e sua falta de servos explicitavam sua condição de homem pobre, mas Hanun tinha um brilho em sua maneira que parecia não ter sido ofuscado pela pobreza.

“Lorde Dario! Como sou abençoado por ter a flor da aristocracia persa me dando apoio! O Senhor de fato sorriu para mim. Duvido que até mesmo o próprio sumo sacerdote tenha sido honrado com tal grande proteção.” A boca larga se abriu em um sorriso inocente.

Dario devolveu o sorriso. “Talvez o rei tenha me enviado para ficar de

olho em você. Ouvi dizer que você é um criador de problemas.”

“Ah, você deve ter me confundido com este aqui.” Ele puxou para frente um menino que não tinha mais do que seis ou sete anos de idade. “Esse é Benjamin, meu filho. Ele é o príncipe dos causadores de problemas.”

O menino tinha braços e pernas fortes e olhos da cor da noite. Ele golpeou Hanun na coxa. “Pai!” Virando-se para Dario, ele disse: “Eu não sou um causador de problemas. O meu pai me ensinou a ser um bom construtor, porque eu sou forte. Vê?” Ele pegou uma grande peça de pedra. Seu rosto ficou vermelho com o esforço.

“Impressionante”, disse Dario. Quis dizer isso.

“Obrigado! Justo o que precisava. Melhor dar isso para mim caso eu fique sem pedras, filho.” Hanun tomou a pedra de Benjamin antes que ele pudesse se ferir e piscou para Dario.

“Eu vou ser um soldado, como você.” Benjamin se aproximou de Dario de forma confiante. Antes que Dario pudesse responder, uma mulher se aproximou. Ela tinha os mesmos olhos escuros de Benjamin. Sua figura agradavelmente arredondada estava envolta em uma túnica de lã simples presa na cintura por uma faixa de tecido listrado, que ele tinha notado ser uma preferência das mulheres da Judeia. Seu lenço combinava com a lã de seu vestido. Nenhum dos dois tinha sido tingido. Tingir demanda dinheiro.

“Meu filho está agindo como um pestinha, meu senhor?”

“Ele está bem. Estava compartilhando seus planos para o futuro.”

Hanun deixou o muro para se juntar a eles. “Tirza, meu amor.” Ele beijou sua esposa com ternura aberta. “Você veio para ajudar?”

“Vim. Minhas tarefas em casa estão feitas. Posso lhe dar uma mão no resto do dia.”

Hanun se dirigiu a Dario. “Esta é a minha esposa, Tirza, meu senhor. Você vê a minha porção do muro? Estas delicadas mãos cor de marfim ergueram metade dele.”

Tirza se apoiou no ombro do marido e estendeu as mãos. Elas estavam calejadas e ásperas pelo trabalho. Onde lama e sujeira não cobriam a pele ela estava marrom como a madeira de uma árvore de noz. “Nem delicada nem marfim, homem tolo. Agora venham e trabalhem vocês dois e deixem o senhor persa fazer o seu trabalho.”

Algo apertou o coração de Dario quando viu a pequena família trabalhar

lado a lado durante a manhã. Eles eram abertamente afetuosos uns com os outros, muitas vezes compartilhando risadas em momentos banais. Hanun ajudava o menino com uma sabedoria delicada que construía a confiança dele sem permitir que ele se esforçasse demais. A interação entre pai e filho tocou Dario de formas que não tinha experimentado antes. Perguntava-se se um dia teria o mesmo tipo relação afetuosa com a criança que sua mulher carregava. Iriam eles rir e brincar juntos com a mesma liberdade? Saberá ele utilizar com a mesma facilidade e sabedoria de Hanun os momentos diários para plantar lições duradouras no coração de seu filho?

Hanun não estava amando sua esposa Tirza menos do que seu filho. O afeto aberto movia Dario com um poder que ele percebeu ser desconcertante. Sentiu uma onda de saudade que não poderia silenciar. Irritado consigo mesmo, tentava ignorar o casal e os sentimentos que despertavam nele. Espontaneamente, se perguntou se um dia ele iria tratar Sara com a mesma estima. Será que algum dia eles seriam capazes de se aproximarem dessa forma um do outro?

Até então, ele tinha culpado Sara pela distância que havia se estabelecido entre eles. Pela primeira vez teve a desconfortável sensação de que a lacuna em seu relacionamento era tão sua culpa quanto era dela. Achava fácil culpá-la pelas falhas dela. Assistindo Hanun com sua esposa, porém, teve que confessar que nunca tinha permitido a Sara esse nível de acesso ao seu coração. Ele nunca tinha sido tão aberto quanto Hanun.

Ele ficou aliviado quando Pari, acompanhada por Meres, trouxe seu almoço. A interrupção ajudou a parar seus pensamentos intrusos.

“Minha senhora lhe envia isto, com os seus cumprimentos. Ela mesma arrumou”, disse Pari.

Ele tinha proibido Sara de chegar perto do local da construção, preocupado que ela pudesse tropeçar e cair sobre os escombros. De alguma forma, porém, ela sempre conseguia descobrir seu paradeiro e enviar alguém com alimentos e água fresca. Ele agradeceu a Pari e abriu o pacote que ela trouxe. Sara tinha enviado comida suficiente para satisfazer cinco grandes homens. Shushan não estava ali para lhes preparar banquetes de dar água na boca. A comida era simples — cozido vegetariano de lentilha, queijo, pão de cevada e tâmaras. Depois de um dia no sol quente, entretanto, ele poderia se contentar com qualquer coisa.

Ele se aproximou da pequena família que estava ocupada com o trabalho. Hanun tinha começado a trabalhar antes do amanhecer e, exceto por alguns pequenos intervalos, ele e sua família tinham trabalhado direto ao longo do dia. Já passava do meio-dia.

“Minha esposa me enviou comida suficiente para alimentar o exército egípcio. Gostaria de saber se vocês gostariam de partilhar da minha refeição.”

Hanun lhe enviou um olhar desconfortável e fez um som nervoso em sua garganta. Dario disse: “Minha esposa é judia. Ela não iria enviar alimentos que não se adequassem aos seus regulamentos. Não em Jerusalém.”

Hanun relaxou. “Ficariamos honrados em nos juntarmos a você, meu senhor.”

Eles não poderiam dar uma longa pausa no trabalho. Meres assumiu a guarda enquanto Dario e a pequena família comiam com pressa.

“Lentilhas saborosas!” Hanun dizia e molhava seu pão na tigela para outra bocado antes que tivesse engolido a primeira.

“Devagar, marido, ou o Lorde Dario vai pensar que somos uma família grosseira que não vê comida há uma semana.” Tirza colocava um pequeno pedaço na boca e gastava tempo mastigando.

“Bem, ele estaria certo em pensar isso. Não sei qual foi a última vez que comi uma refeição tão substancial assim. Estamos comendo como reis e desejo apreciar isso.”

Dario sentiu uma vermelhidão lenta subindo. Pensou em como havia criticado a refeição por ser muito simples. Para Hanun, a mesma comida constituía um banquete real. Sem dar transparecer, ele foi comendo cada vez mais devagar para deixar mais para os integrantes da família, que eram seus convidados.

Hanun colocou a mão na bochecha de Tirza. “Pode ser delicioso, mas não é nada como a sua comida, amor.” Dario não conseguia perder de vista a derretida adoração na feição do homem enquanto olhava para sua esposa.

Ela riu. “Se o nosso antepassado Jacó tivesse a metade do seu talento para bajulação as suas duas esposas teriam sido felizes.”

Dario mastigava um bocado de pão de cevada com a mente em tumulto. Quando tinha elogiado Sara pela última vez? Quando a tinha dito que apreciava sua companhia? Quando lhe tinha lançado olhares que eram quentes não apenas de desejo, mas de afeto pleno? Ele engoliu, com sua

garganta seca.

Capítulo 25

Sara não conseguia encontrar uma posição confortável. Seu bebê tinha crescido em um ritmo surpreendente em relação ao mês anterior e, com ele, o tamanho dela. Nesse ritmo, após três meses a partir de agora, quando seu tempo chegasse, ela estaria tão grande quanto a própria Jerusalém. Talvez devesse dizer ao primo Neemias para expandir o perímetro dos muros para garantir que ela viesse a caber dentro deles. Suspirando, deixou de lado o rolo de pergaminho em que estava trabalhando, no qual mantinha o controle das despesas profissionais de Neemias. Administrar Judá não era barato.

A porta do seu quarto se abriu e Dario entrou. Ele devia estar vindo direto do turno de vigia. Ela se levantou e foi cumprimentá-lo. Para sua surpresa, ele colocou seus braços em volta de sua cintura — ou onde sua cintura costumava ser — e a trouxe para si. Ele a embalava como se ela fosse algo frágil e precioso. Sara levantou o rosto para tentar ler sua expressão; ele levantou a palma da mão e a pressionou suavemente contra sua bochecha. Sua respiração ficou presa. Sua mão, quente e áspera de anos de tiro com arco, acariciava sua pele, fazendo arrepios correrem através dela. Incapaz de resistir, ela virou a cabeça e descansou os lábios contra a palma da mão dele.

Ele moveu a mão do rosto dela e a arrastou até seu ombro. Seu beijo, quando veio, era intenso em sua lenta gentileza. Ele a beijava como se todo o seu coração estivesse nisso. Como se a quisesse engolir e a trazer para dentro de si. Como se ela fosse a melhor coisa que o mundo inteiro tivesse a oferecer. Ela o beijou de volta num desespero, com os braços em volta do pescoço dele.

Amor por ele brotou de dentro dela. Pensava que poderia explodir se não colocasse seus sentimentos em palavras. Na última vez que ela havia declarado seu amor ele tinha dito que não se importava. O quer que ele estivesse sentindo por ela naquele momento, sua ira não havia desaparecido. Ela permanecia sob a superfície de sua paixão e desta nova ternura. Será que ele iria rejeitá-la novamente se ela expressasse seu amor neste frágil momento? O que ele poderia fazer a ela? Repreendê-la? Iria isso machucar mais do que essa separação?

“Eu amo você, Dario,” ela sussurrou contra sua boca. “Você é o homem do

meu coração. O único homem que eu sempre vou amar.”

Todo o corpo dele ficou imóvel. Procurou o rosto dela, com o verde de seus olhos parecendo preto e impenetrável à luz da lâmpada. Com lenta deliberação, ele inclinou a cabeça em direção a ela novamente. Sob a palma de sua mão ela podia sentir a batida forte de seu coração. Ele encostou-se à parede e a puxou consigo. Ela ficou feliz por seu apoio; suas pernas se comportavam como se cada osso delas houvesse derretido. Ele nunca falou. Nunca disse o que as palavras dela significavam ou se elas lhe agradaram. Dario, entretanto, não deixou aquele quarto até que chegasse a hora de assumir a vigilância novamente.

Neemias sabia que tinha mais problemas em suas mãos quando alguns dos homens e suas esposas se alinharam fora de seu escritório ao nascer do sol, certificando-se de que o pegariam antes que partisse para suas rondas. *O que era agora?* Perguntou-se enquanto os convidava para dentro. A substância da queixa deles, no entanto, acabou se tornando uma surpresa completa. Espantado, ele os ouvia enquanto lhe contavam sobre o estado de suas vidas.

Jedaías falou primeiro. Ele era um agricultor que ajudava na reconstrução. “Meu senhor governador, precisamos de sua ajuda. Deus tem nos abençoado com grandes famílias. Não temos, porém, comida suficiente para eles. O trabalho no muro nos impediu de trabalhar o suficiente na nossa terra. Se as coisas não mudarem, não teremos colheita para nos sustentar pelos próximos meses e nossos filhos vão morrer de fome.”

Neemias, que tinha conhecimento da pobreza galopante de Judá, fechou suas mãos em agitação. Ele não tinha percebido que alguns dos homens que trabalhavam no muro tiveram de fazer uma escolha entre a sobrevivência de suas famílias e a sobrevivência de Jerusalém. Ele estudou os rostos das pessoas para ter confirmação. Homens e mulheres murmuravam em concordância.

Outro homem disse: “Tivemos alguns anos difíceis, você sabe. Tivemos de lutar com a fome e más colheitas. Nossos depósitos ficaram vazios. Para sobreviver, nós hipotecamos nossos campos, vinhas e, até mesmo, nossas casas. Era a única maneira de passarmos por esses anos estéreis.” Ele parou e respirou de forma agitada, sem levantar os olhos do chão. Neemias podia ver a vergonha corroendo o homem. Não era fácil para ele admitir que tinha falhado. Devia estar no limite de suas forças para reconhecer suas

circunstâncias abertamente, pensou Neemias.

“Estamos próximos da ruína”, continuou o homem. “Como vamos pagar essas hipotecas? Que futuro há para nós? Você pode construir um muro em torno desta cidade, mas o que isso vai significar para um homem que não pode prover para sua família?” Algumas das mulheres secaram suas bochechas umedecidas com seus lenços.

Antes que Neemias tivesse a chance de responder, outro homem veio à frente. “É ainda pior para alguns de nós, meu senhor. Todos os anos, os oficiais têm exigido impostos de nós. Todo aquele que possui terra, rico ou pobre, tem que pagá-los. Tivemos que pedir dinheiro emprestado a nossos compatriotas mais ricos, a fim de pagar o imposto do rei sobre os nossos campos e vinhas.

Quando os empréstimos venceram, no entanto, não tínhamos como pagá-los. Para quitar nossa dívida, tivemos que dar parcelas da nossa terra aos agiotas. Nós hipotecamos o resto dos nossos campos. Quando isso deixou de ser suficiente, tivemos que permitir que nossas filhas fossem a estes nobres judeus como escravas. Logo, nossos filhos terão de se juntar a elas.

Embora tenhamos a mesma herança que esses homens ricos e nossos filhos sejam tão bons quanto os deles, eles tiveram que virar escravos a fim de que tivéssemos o suficiente para comer!”

Neemias se afundou em sua cadeira. Seu estômago deu um nó de forte tensão. A ira queimava dentro de si. O que ele tinha acabado de descobrir não apenas punha em risco a construção do muro, embora isso já fosse terrível o suficiente. Isso ameaçava o próprio tecido da sociedade de Deus em Judá. Os ricos não apenas deixaram de cuidar dos pobres, como de fato os exploravam no momento de necessidade deles, retirando-os da sua terra ancestral, de sua propriedade, de seus filhos e de sua dignidade. Chocado, ele disse: “Vou pensar sobre o que vocês disseram e decidir o que fazer. Deixem esse assunto para mim.”

Em sua indignação, o primeiro impulso de Neemias era o de compartilhar com os culpados um pouco do que estava em sua mente, derramando toda a força de sua fúria sobre eles. Mas dar vazão à sua raiva apenas causaria um racha grave. Ele precisava de resolução e cura, não de um alívio momentâneo de sentimentos que levaria a danos maiores. Os homens envolvidos na

situação vinham de algumas das famílias mais poderosas da Judeia. Se eles se voltassem contra ele poderia esquecer o término do muro. Passou algumas horas pensando sobre a questão e orando por isso.

Parecia que o inimigo não era sempre um forasteiro. Às vezes, as pessoas que ele conhecia melhor representavam a mais dura ameaça. Infligiam as feridas mais profundas. Todavia, não havia sentido em atrasar o que devia ser feito. Naquele mesmo dia, Neemias combinou de se reunir com os nobres e funcionários que tinham emprestado dinheiro para os agricultores.

“Vocês estão machucando seus próprios compatriotas ao lhes cobrar juros quando, em desespero, eles vêm até vocês atrás de empréstimos”, Neemias disse, com sua voz calma. “Vocês estão aumentando suas riquezas por meio da desgraça deles. Não é apenas uma questão de dinheiro. É uma questão de alma. Vocês não percebem que estão manchando seus corações? Vocês não podem separar a forma como lidam com suas finanças de suas posições diante do Senhor.”

Um dos oficiais veio à frente. “Não quebramos nenhuma lei, Lorde Neemias.”

“Legalmente, não, isso é verdade. O que dizer, porém, das leis espirituais? Será que Deus não exige que vocês amem o seu próximo como a si mesmos? Como que essa exploração insensível de seus irmãos e irmãs pode ser uma demonstração de amor? Eles estão perto da ruína! Vocês não se importam? Esse é um sinal da fé morna de vocês. Vocês vão ficar mornos para sempre? Vocês vão amar o conforto mais do que amam os pobres?”

O oficial não disse nada. Neemias voltou seu olhar para o grupo, dando aos outros a oportunidade de apresentarem seus comentários. Não fizeram nenhum. Ele deu um suspiro pesado. “Vocês estão transformando seus próprios irmãos e irmãs em escravos! Eu não pude acreditar no que estava ouvindo quando me disseram isso.”

Sua boca ficou tão seca como o deserto. Ele parou por um momento para tomar um pequeno gole de água. “Eles já não sofreram o suficiente? Ao longo dos anos, não foram muitos dos nossos parentes judeus vendidos para estrangeiros como escravos? Desde a minha chegada, tenho reservado um orçamento público para a recuperação desses escravos. Agora, descubro que alguns de vocês estão vendendo judeus às nossas terras vizinhas, enquanto

estou fazendo o meu melhor para libertá-los. Outros vocês escravizam por si mesmos, forçando-os a trabalhar sem pagamento. Vocês não temem a Deus?”

Ninguém disse uma palavra em sua própria defesa. O que eles poderiam dizer? Neemias tirou qualquer desculpa que eles poderiam oferecer. O que parecia aceitável na privacidade de suas mentes agora parecia imperdoável.

Neemias enfatizou seu ponto principal. “O que vocês estão fazendo é errado. Os inimigos da Judeia não vão zombar de vocês por destruírem seu próprio povo? Por que nossos inimigos se preocupariam em se levantar contra nós quando fazemos o trabalho por eles?”

Nenhum dos homens conseguia olhar nos olhos dele. Neemias abaixou sua cabeça. “Meus irmãos e eu também temos emprestado dinheiro e grãos ao povo. Agora, entretanto, vamos parar com essa cobrança excessivamente exigente. Vocês devem devolver os campos dessas pessoas. Dar de volta suas vinhas e casas. Não esperem outro dia; façam isso imediatamente. E devolvam os juros que cobraram quando lhes emprestaram dinheiro e comida.”

Um silêncio pesado se estabeleceu após seu discurso. A tensão contorcia Neemias enquanto os homens se recusavam a responder. Para seu alívio inexprimível, um influente líder deu um passo adiante. “Você me envergonhou com suas palavras, meu senhor. Quanto a mim e à minha casa, vamos restituir tudo o que tomamos.” Ele olhou em volta e levantou a sua voz. “Tenho certeza que meus colegas se juntarão a mim.”

Vários assentiram. Um disse: “E não vamos exigir nada a mais do povo quando o ajudarmos. Vamos fazer o que nos manda.” A princípio, os acordos vieram sem entusiasmo. Palavras murmuradas de resignação. Com o passar do tempo eles discutiram o resultado de uma decisão como essa — o aumento da prosperidade de sua pátria e os benefícios de viver em uma nação mais rica — e seus acordos se tornaram mais sinceros.

Fizeram uma pequena pausa para comer. Como para Neemias essa era tanto uma questão espiritual como prática, ele convocou os sacerdotes. Tinha duas razões para isso. Primeiro, ele queria que os oficiais fizessem um juramento e reconhecessem essa promessa como um ato diante de Deus. Em segundo lugar, ele tinha ficado irritado com os sacerdotes por não terem tomado a frente mais cedo para correção dos erros dos oficiais. Desta forma, ambas as partes aprenderiam a serem responsáveis uma pela outra.

Depois que os oficiais fizeram o seu juramento diante dos sacerdotes, Neemias sacudiu as dobras de seu manto e disse: “Se vocês não conseguirem manter suas promessa, que Deus expulse vocês de suas casas e propriedades!”

Toda a assembleia concordou com ele e gritou: “Amém!” Não houve murmuração naquele dia, embora os homens presentes estivessem para perder uma grande parte de suas propriedades. Ao invés disso, eles louvaram a Deus como um só homem e grande alegria os encheu, de modo que o som do riso encheu o recinto. Se sentindo mais leve do que tinha se sentido durante muito tempo, Neemias observou, com um sorriso torto, que não era comum homens perderem tanta riqueza e se alegrarem com isso.

Benjamin conversava enquanto Dario o escutava com metade de uma orelha. Ele manteve seu olho treinado no perímetro, cumprindo seu dever de guarda enquanto sua mente insistia em reviver as memórias da noite anterior. Em vez de diminuir seu desejo por Sara, as horas em que ele a tinha segurado em seus braços o fizeram queimar ainda mais intensamente. O pensamento em parte o irritava e em parte o revigorava. Sentiu como se estivesse à beira de uma descoberta monumental. O que era um pensamento ridículo. Ele estava agindo como um jovem inexperiente em torno de sua própria esposa.

Ele mudou de posição por trás da parede para ter uma melhor visão do território. Um corvo de cauda expandida sobrevoou sua cabeça. Pelo canto de seu olho, pensou ter visto um reflexo de cor à distância. Seu foco mudou, tornou-se concentrado, e convergiu para um ponto atrás de uma série de colinas logo além do muro. Pressentiu o perigo, embora não conseguisse ver nada incomum. Seu cabelo estava em pé na parte de trás do seu pescoço. Erguendo sua mão, fez sinal a Benjamin para ficar quieto enquanto caminhava alguns passos à frente. Com uma velocidade inesperada, ele viu uma figura solitária surgir. Tarde demais, Dario percebeu que ele portava uma funda. Levou menos de um momento para o homem girar seu pulso e soltar a pedra. Dario viu a trajetória do objeto arremessado rapidamente. Estava indo direto em Benjamin.

Ele se atirou contra a criança, cobrindo-a com seu próprio corpo. Não havia tempo para que os dois escapassem do ataque. A pedra girando, lisa e arredondada, encontrou a cabeça de Dario acima do seu ouvido e colidiu com

dor aguda. Ele já estava agachado em um joelho quando a pedra o atingiu; tonto com o impacto, ele caiu para trás. Um fio de sangue correu para sua bochecha e seus olhos, borrando sua visão.

Hanun e Tirza estavam correndo em direção a eles. Os pais assustados envolveram o filho em seus braços, garantindo que ele permanecera ileso. Dario respirava através de sua boca, tentando controlar o ataque de náusea. Obrigou-se a ficar de pé, não gostando de como se sentia desequilibrado. Era apenas uma pequena pedra, pensou com aborrecimento enquanto limpava o sangue de seu rosto.

“Meu senhor! Você está ferido. Venha e se sente.” Ele não tinha notado a aproximação de Hanun. Grato pelo apoio do homem, ele se permitiu ser levado a um grande pedaço de alvenaria e se sentou nele.

“Tragam outro guarda,” disse ele através dos lábios rígidos. “Digam-lhe para investigar além daquelas colinas. Estou certo de que este foi o trabalho de um homem solitário tentando fomentar o pânico. Ele estava mirando em Benjamin. Sabia que, se machucasse uma criança, os trabalhadores ficariam especialmente desanimados. Duvido que sejamos capazes de alcançá-lo agora. No entanto, devemos tentar.”

“Tirza já foi buscar um guarda. E encontrar ajuda para você.”

“Não preciso de ajuda”, disse Dario, irritado com sua própria fraqueza. “Ele usou uma funda. Um brinquedo de menino.”

A voz de Hanun escondia o traço de um sorriso. “Eu não subestimaria o poder de uma funda, meu senhor. Davi derrubou Golias com uma.”

Dario conhecia a história. “Muito reconfortante.”

Tirza ajoelhou-se a seus pés. “Você salvou o meu menino. Eu vi você. Se não fosse por suas ações rápidas, Benjamin poderia...” Ela não conseguiu terminar a frase. “Sua coragem o salvou. Não sei como lhe agradecer.” Ele ouviu a sugestão de lágrimas em sua voz.

Ele limpou as mãos em seus joelhos. “Não há necessidade disso. Qualquer um teria feito o mesmo.”

Para seu alívio, viu Meres correndo em sua direção. Assim que chegou a Dario, ele se inclinou e correu um olho experiente sobre a ferida. “Essa foi das boas, meu senhor. Você terá uma grande dor de cabeça, não há dúvida sobre isso. Ser herói não sai barato.”

Dario rosnou. Sem dúvida, Tirza o havia de alavancar ao rol dos campeões

para quem quisesse ouvir. Meres não se preocupou em esconder seu sorriso irritante. “Não é engraçado”, Dario disse, cerrando os dentes.

O sorriso de Meres cresceu ainda mais. “Não é de todo engraçado, meu senhor. Agora vamos levá-lo para o seu quarto. Vou buscar Lisandro para dar uma olhada em você.”

Outra onda de náusea convenceu Dario de que algumas horas de descanso em seu quarto poderiam não ser uma má ideia. “Arrume alguém para me substituir caso aquele verme decida voltar.”

“Já fiz isso. Agora, coloque seu braço em volta dos meus ombros.”

“Não faça estardalhaço. Eu posso andar.”

“Não tenho dúvida de que possa, meu senhor. Se preferir vou colocar meu braço em torno de *seus* ombros.”

Dario não se sentia bem o suficiente para responder à provocação. Tentou acompanhar os passos cautelosos de Meres e tropeçou.

Sem comentários, Meres colocou um braço forte em torno de sua cintura. “Vamos chegar em casa rapidamente.”

Dario esperava que ele estivesse certo. Sentia-se mais fraco a cada passo.

Capítulo 26

A teimosa vontade de Dario o manteve consciente durante a longa caminhada de volta para a residência de Neemias. A combinação de perda de sangue, calor e o golpe na sua cabeça se uniam num forte murro. Com alívio, ele se espalhou em sua cama irregular e fechou os olhos. “Apenas me deixe dormir,” ele murmurou. “Não preciso de Lisandro.” Meres não o ouviu enquanto se dirigia para fora do quarto.

Momentos depois, sentiu a cama afundar ao seu lado. “Deixe-me em paz”, disse ele, frustrado, pensando que Lisandro tinha vindo para aplicar suas artes de cura em sua ferida.

“Encantador.”

“Sara.” Dario se forçou a sentar. “Perdão. Pensei que fosse Lisandro.” Ela parecia pálida e tensa. Ela não deveria estar no quarto dele. Ele não havia mandado chamá-la. Nem estava empolgado com a ideia de ela vê-lo neste estado enfraquecido.

“Estou bem, como você vê.” Ela não entendeu a dica. Como se não tivesse ouvido nada, deslocou seu quadril de modo a ficar sentada mais perto.

“Por que você não volta aos seus aposentos e descansa? Eu vou dormir. Mando chamá-la quando estiver acordado.”

Mesmo tomado por tonturas, ele podia ver que a tinha machucado. Ela mordeu o lábio e baixou a cabeça antes de se levantar. “Como quiser, meu senhor”, disse ela. Ela não o tinha chamado de *meu senhor* ontem à noite. Tinha chamado de *Dario* apenas. Ele franziu a testa. Uma súbita onda de náusea fez seu estômago ter uma dolorosa contração involuntária. Ele se virou rapidamente, procurando por algo ao seu redor para enfiar a cabeça dentro, e lamentou o movimento abrupto.

Sara deve ter percebido sua necessidade. Em algum lugar ela encontrou um balde e o segurou à sua frente. O conteúdo do seu estômago saiu em ondas violentas. Ele continuou com o movimento de quem estava vomitando mesmo quando não havia mais nada para expelir. Notou, por entre seus acessos de tristeza, que Sara não recuava diante da bagunça que ele estava fazendo. Ela permaneceu eficiente, com seu toque cheio de compaixão. Exausto, ele encostou-se em um travesseiro. Sua cabeça latejava. Sara lhe deu

água para que pudesse enxaguar sua boca cheia de imundície e passou uma toalha úmida de linho no seu rosto enxugando o sangue e o suor. Mesmo não desejando que ela estivesse lá, estava feliz por seus cuidados. Ela lhe trouxe um copo de vinho aguado. Tomou um gole e o enjoo voltou rapidamente.

“Por que não fecha os olhos?” Ela disse com a voz tensa. Ele fez como ela sugeriu. Seus ouvidos estavam produzindo um barulho, um som incômodo em sua cabeça que não parava.

Através desse barulho ele ouviu o ranger da porta. Abriu um pouco os olhos e viu Lisandro. O espartano notou o balde sujo, a toalha com sangue e a ferida na cabeça de Dario com um olhar compreensivo.

“Eu não preciso de você,” Dario rosnou.

“Vamos nos certificar disso. Entre você e sua esposa, você com certeza sabe melhor como manter um médico ocupado.”

“Você não é um médico e, mesmo se fosse, eu não preciso de um. Saia e leve Sara com você,” disse Dario, sem paciência.

“Não estamos com um temperamento doce.” Lisandro puxou um banquinho para o lado da cama e se posicionou confortavelmente nele. “Vamos dar uma olhada em você.” Ele examinou a têmpora de Dario, sua visão e sua audição antes de puxar ervas de sua caixa e fazer uma espécie de pasta para a cabeça dele.

O barulho na orelha de Dario não parava. Ele ouviu a voz de Sara à distância. “Será que ele vai ficar bem?” Zumbido. Zumbido. Zumbido.

“Oh, eu imagino que sim. Ele tem uma cabeça dura caso não tenha notado. Eu já o vi tomar uma batida duas vezes mais dura do que esta e voltar à briga no dia seguinte. Ele tem uma impressionante capacidade de recuperação. Deve voltar à sua forma em um dia ou dois.” Misturando algumas gotas de um líquido marrom em um cálice de vinho aguado, ele o manteve nos lábios de Dario.

“Espero que eu ponha para fora em cima de seus sapatos,” Dario disse enquanto bebia. Lisandro deu um passo cauteloso para trás, mas para o alívio secreto de Dario ele não vomitou novamente.

Sara acariciava seu cabelo, com seu toque tão suave como as asas de uma borboleta. Ele decidiu que gostava da sensação de seus dedos em seu cabelo. Através de olhos meio fechados viu os lábios dela se moverem e percebeu que estava orando por ele. Seu coração amoleceu. O incômodo de momentos

antes se evaporou. Sentia uma sensação de paz na presença dela e estava feliz que tivesse ficado com ele. O sono chegou e, grato pelo alívio da dor e das náuseas, Dario se entregou a ele. O rosto branco de Sara, murmurando suas orações, foi a última coisa que viu.

Ele acordou a primeira vez nas vigílias da noite. De sua janela podia ver a lua, cheia e brilhante. Sua cabeça ainda doía, mas o barulho em seus ouvidos tinha felizmente diminuído e seu estômago se acalmou. Sara estava sentada ao pé de sua cama, com sua cabeça caída contra a parede. Ela parecia adormecer profundamente. Ele se sentou, com seus movimentos cuidadosos. Viu que um fio fino de saliva estava pendurado no canto da boca aberta dela, brilhando ao luar. Uma onda de calor o tomou com essa visão. Não podia acreditar como algo tão ridículo quanto saliva tinha um efeito tão absurdo sobre ele. Em seus momentos mais indefesos ela parecia exercer seu mais intenso poder.

Ele esticou um dedo e retirou a umidade de sua pele. Ela acordou num impulso.

“Dario?”

“Vá para a cama, querida.” Ele franziu a testa enquanto aquele carinho deslizava através de seus lábios. Havia muitos meses desde a última vez que ele a tinha chamado assim, e ele não tinha a intenção de falar assim naquele momento. Ele devia estar mais doente do que percebia. Ele limpou a garganta. “Você está sentada comigo por horas. Vá para o seu próprio quarto.”

Ela lhe deu um olhar rebelde e ele viu que ela pretendia discutir. “Pense em nosso bebê,” disse ele, endurecendo sua voz.

Ela correu a ponta da língua sobre o lábio. “Sim, meu senhor.” Levantar-se tomou algum tempo. O aborrecimento tomou conta dela quando percebeu que o seu corpo tinha enrijecido em sua vigília desconfortável.

“Não volte até que eu a mande chamar,” ele disse, soando mais duro do que desejava parecer.

Ele ficou desconcertado quando ela estreitou os olhos. “Não vou abandoná-lo enquanto você está doente, Dario. Estarei aqui para cuidar de suas necessidades.”

Ele sentiu uma vontade de sorrir e resistiu. Para uma criatura tão suave, ela tinha uma força de caráter tão dura quanto o bronze. “Volte pela manhã,

então. Em primeiro lugar, descanse algumas horas. Minha criança deve estar tão amassada como um manto de linho dentro de você pela maneira como ficou toda torta contra a parede durante a noite.”

Caminhou até a porta. Antes que a abrisse ela se virou para encará-lo. “Você me chamou de querida”, ela disse, com seus olhos grandes e luminosos.

“Isso não significa nada.” Sentiu-se sem coração quando viu o semblante dela cair antes de sair.

Lisandro examinou Dario na parte da manhã e declarou que, mesmo não podendo retornar à atribuição de guarda ainda, ele poderia sair da cama. Ele já estava de pé quando Sara lhe trouxe um café da manhã tardio. Claro, ela não tinha esperado que ele a mandasse chamar. Ele a estudou buscando sinais de esgotamento e teve que admitir que ela brilhava de saúde.

Ela lhe deu um sorriso fácil enquanto colocava a bandeja de comida numa mesa de madeira ao lado da cama. Para o seu alívio, ela não parecia ter guardado suas palavras cruéis da noite anterior para usar contra ele.

“Você parece muito melhor hoje, meu senhor”, disse ela.

De volta ao tratamento de *meu senhor* novamente, então? Ele franziu a testa. Mesmo tendo sido ele quem construiu essa distância entre eles, percebeu que se ressentia por isso.

“Eu me sinto melhor.” Seu estômago roncava num protesto barulhento. “Estou faminto. Depois de comer, gostaria de um banho. Quero que você me ajude.”

Os olhos dela se arregalaram e sua pele adquiriu um tom rosa. Ele nunca tinha lhe pedido para ajudá-lo num banho. “Você disse que queria cuidar de minhas necessidades”, ele incitou.

Ela engoliu em seco. “Claro.”

Dario mal conseguia esconder seu sorriso. Trate-me por *meu senhor* agora, esposa. Percebeu seu humor melhorando a cada pensamento, quando imaginava Sara cuidando dele em seu banho. Por que nunca pensou nisso antes? Começou a cantar um trecho de música baixinho. Se olhasse a si mesmo no espelho suspeitava que iria descobrir que tinha a aparência de um lobo rondando na certeza que conseguira uma presa: com fome e satisfeito consigo mesmo.

Alguns servos de Neemias arrastaram uma banheira de madeira com

baldes de água quente para o seu quarto e, com rápida eficiência, encheram a banheira e saíram. A banheira tinha extremidades altas e afundava no meio; vapor saía da água convidativa. Sara virou as costas, ocupando-se em preparar óleos perfumados, toalhas e uma toalhinha de rosto.

Dario não conseguia mais esconder o sorriso. Ele se concentrou em desatar seu cinto de tecido. Não se preocupou em despir-se depois do ataque, preferindo dormir em sua roupa a encarar o problema de retirá-la. Durante a noite, o nó tinha ficado mais apertado e agora ele se recusava a ceder. Seus dedos lutavam para soltar as dobras apertadas sem sucesso. Frustrado, resmungou uma palavra suja baixinho.

Ele deu um passo à frente, pretendendo pedir ajuda a Sara, com seus olhos ainda focados no nó enquanto ele tentava desfazê-lo. No mesmo momento, Sara virou-se, com as mãos estendidas e cheias de apetrechos de banho. A colisão inevitável, quando veio, não foi forte, mas encontrou Dario em um ângulo estranho, de forma que ele perdeu o equilíbrio por um momento. Ele deu um passo apressado para trás para recuperar o equilíbrio. A parte de trás de sua perna bateu na borda baixa da banheira. Seus olhos se arregalaram em descrença enquanto ele girou para trás e caiu completamente vestido na banheira. Ele tinha se preocupado em proteger a cabeça de bater em alguma coisa. Sua dignidade, no entanto, tinha ido por água abaixo.

Sara ficou paralisada, com as duas mãos espalmadas sobre a boca, enquanto as toalhas e a garrafa de óleo jaziam espalhadas ao redor de seus pés. Dario, atordoado por um momento, não pôde resistir ao humor ridículo de sua situação embaraçosa; ele jogou a cabeça para trás e riu escandalosamente.

“Oh, Dario!” Sara engasgou e correu para o seu lado. “Você está bem? Eu imploro seu perdão. Não sei como isso aconteceu.”

“Não causou nenhum dano. Você não foi culpada. Eu não estava prestando atenção.” Ele riu de novo. “Melhor me ajudar a sair dessas coisas molhadas. Podemos precisar de um punhal para o cinto; está muito apertado.” Ele se levantou, com água pingando de sua túnica curta e de suas calças em largos filetes.

“Deixe-me tentar. Eu tenho dedos menores.” Ela pôs as mãos no nó em sua cintura e encostou-se contra ele enquanto tentava tirar o cinto. O aroma dela tomou seus sentidos. De repente, ele não estava mais rindo.



No dia seguinte, Dario tinha melhorado tanto que Lisandro o declarou apto para assumir a vigilância por metade de um dia. Ele estava na expectativa de voltar à ativa novamente. Ao mesmo tempo, saber que Hanun e Tirza insistiriam em agradecer-lhe profusamente o deixou desconfortável. Ele os cumprimentou, com sua expressão fechada, esperando que a carranca em seu rosto fosse mantê-los distantes.

Eles pareciam sentir seu humor e, sem saudações eufóricas e sorrisos largos, deixaram ele fazer o seu trabalho. Com alívio, ele assumiu seu lugar, observando que Benjamin estava ausente. Ele não podia culpar os pais pela precaução em manter seu filho longe do local de construção. Benjamin, sem dúvida, tinha feito uma cara feia de desapontamento. Pobre menino! Em seu lugar, Dario teria desejado trabalhar ao lado de seu pai e de sua mãe também.

Uma brisa agradável refrigerava o ar. O zumbido de um zangão, enquanto este passava voando pelo nariz de Dario, o fez sorrir. Estava mais quieto do que o habitual e ele podia ouvir a conversa entre Tirza e Hanun com clareza embaraçosa.

“Eu temo por você, amado,” disse Tirza. “Quando não estou aqui ao seu lado, me pergunto em que tipo de problemas você pode se meter.”

Hanun deu um beijo suave na bochecha de sua esposa. “Ainda não tem fé no meu trabalho? Acha que essas pedras vão cair sobre minha cabeça se você não estiver aqui para supervisionar o meu trabalho?”

“Estou falando sério, Hanun. E se da próxima vez eles usarem flechas? E se houver uma batalha e eu perder você?”

“Não temo perder minha vida. A morte vem para todos nós, e eu posso dizer como o Rei Davi, *Certamente que a bondade e a misericórdia me seguirão todos os dias da minha vida, e habitarei na casa do Senhor para sempre.*

Mas, quando eu penso em você e Benjamin sozinhos, sem ninguém para protegê-los — para prover para vocês — sinto um arrepio nas minhas costas. Não deixei nada para vocês. Isso pesa em mim, essa falta de certeza de que vocês serão bem cuidados se algo acontecer a mim.”

Dario sentiu um arrepio de choque diante da admissão de Hanun. Ele não só admitiu ter medo, como também reconheceu que tinha falhado com a sua família. Ele falou com sua esposa como se não escondesse nada. Como se não tivesse segredos com ela. Dario nunca tinha aberto seu coração para

pessoa alguma com tamanha honestidade desde a infância.

Parte dele julgava Hanun como fraco. Nenhum homem deveria expor suas dúvidas mais sombrias à luz do dia como se não pudesse lidar com o fardo delas sozinho. Tirza não pensaria menos dele? Não iria ela, no fundo de sua mente, rejeitá-lo por sua deficiência?

Outra parte dele teve que reconhecer que, contrariamente a toda a razão, isso trouxe uma proximidade inegável entre marido e mulher. Eles eram devotos um ao outro de uma maneira tal que ele não tinha experimentado pessoalmente. A intimidade deles o intrigava. Parecia que, quanto mais revelavam seus corações um para o outro, mais profunda se tornava a ligação entre eles.

Tirza deu um tapa no braço de seu marido. “O que, e você acha que o Senhor é incapaz de cuidar de nós? Será que Ele não ama a viúva e o órfão?”

Sara teria chegado a uma conclusão semelhante, embora nunca teria dito essas palavras a ele. Pela primeira vez, Dario começou a se perguntar o quanto custava para sua esposa não poder expressar sua fé quando estavam juntos. Aquela fé que era uma parte muito genuína de quem ela era.

Lembrou-se, com clareza repentina e dolorosa, dos meses finais da vida de sua mãe. Eles passaram muitas horas conversando sobre a sua fé. Tinha percebido nessas trocas muitas vezes embaraçosas o quão solitária sua mãe devia ter se sentido em seu casamento. Ela tinha amado o Lorde Vivan com uma paixão singular e fiel. O amor dela nunca vacilou. E, no entanto, ela tinha ficado solitária no meio disso. Não lhe foi permitido compartilhar suas preocupações mais profundas com o homem a quem ela amava acima de tudo. Será que ele estava fazendo isso com Sara?

Percebeu-se em contorção sob essa reflexão. Até agora, ele se considerava um marido exemplar. Não a tinha perdoado por envergonhá-lo diante de toda a corte? Não tinha dado a ela a posição de ser a única mulher em sua vida? Não tinha voltado depois de ela o ter traído, mantendo sua gravidez em segredo? Havia sido generoso em seu tratamento dirigido a ela. Em cada quesito, havia procurado o padrão mais elevado.

No entanto, o fato é que em nenhuma vez ela tinha se dirigido a ele com a sincera liberdade de Tirza. Como poderia? Sempre que sugeria tocar no nome do Senhor, Dario a fazia calar-se. Havia deixado claro que não tinha nenhum interesse na visão de mundo dela.

Também não tinha revelado o funcionamento interno de sua mente para ela como Hanun fez para sua amada Tirza. Será que Sara desejava aquele nível ridículo de transparência da parte dele? Suas entranhas lhe disseram que ela desejava. Sentia-se certo de que ela iria responder amando-o com uma entrega que não podia sequer imaginar. O pensamento de revelar todos os seus medos e inseguranças, no entanto, virava seu estômago. Fraqueza e timidez não eram para ele.

Dario apertou os dentes. Estar em torno de Tirza e Hanun tinha um efeito desagradável sobre ele. Eles eram pobres e cercados pelo perigo. A fome se assentava à porta deles de uma estação até a seguinte. Pertenciam a uma nação devastada, a um passo da destruição total. E, ainda assim, o fizeram examinar sua vida e se perceber descontente. Tinha começado a acreditar que mesmo em toda aquela falta eles eram mais ricos do que ele jamais poderia ser. Essa conclusão o incomodava. Ele deveria trocar a localização de sua guarda e se livrar do espinho que essa família tinha se tornado.

Capítulo 27

Sara cruzou os tornozelos e, em seguida, os descruzou. Dario voltou para casa após seu meio dia de trabalho com um agir estranho. Não tinha falado mais do que cinco palavras enquanto eles almoçavam. De vez em quando ela o pegava olhando para ela, com seus olhos estreitos e pensativos. Checou seu manto verde de linho para ver se havia alguma mancha embaraçosa, ficando aliviada ao não encontrar nenhuma. Fazia semanas que tinha deixado de usar as elaboradas roupas adequadas para a corte. Agora se vestia com vestes simples de linho, as quais eram frescas e soltas o suficiente para a acomodar em sua condição. Será que Dario achava sua aparência desapontadora? Será que ele a achava gorda e pouco atraente? Passou uma mão nervosa sobre suas saias abundantes.

“Como está Benjamin?” Perguntou ela numa quinta tentativa de conversa que não parecia ir a lugar nenhum.

“Ele não estava no muro.”

Sara esperou que ele elaborasse sua resposta. No entanto, nenhuma outra revelação se seguiu. Ela suspirou e se inclinou para trás, com seu apetite já perdido. “Sou eu? Ofendi você de alguma forma?”

“O quê?”

“Você fica olhando para mim.”

“Fico?”

Sara soltou um suspiro. “Devo recolher o nosso almoço? Parece que nós dois já paramos de comer.”

Dario empurrou para longe de si uma tigela cheia de feijão e alho cozido. “Você orou por mim. Quando estava doente. Eu vi você orar antes de eu cair no sono.”

A boca de Sara secou. Tentava engolir, mas não conseguia. “Eu fiz... Peço seu perdão. Achava que você não estava acordado.”

“Eu gostei. Você pode orar por mim quando quiser.”

Com os olhos arredondados, Sara se inclinou para frente. “Verdade? Você não se importa?”

“Minha mãe costumava fazer isso. Eu esqueci. Quando era pequeno, ela costumava agradecer a Deus por mim todas as manhãs e abençoava o meu

dia. Nos meses de sua doença antes de morrer ela não deixava que um único dia passasse sem orar por mim.”

“Ela deve ter sido uma mulher excepcional. Gostaria de tê-la conhecido.”

“Também gostaria de que você a tivesse conhecido. Ela teria gostado de você. Vocês poderiam conversar sobre o Senhor o quanto desejassem.”

“Isso teria sido... uma bênção.”

“Sara... não tenho sido justo com você. Estabeleci uma regra, mesmo sem o fazê-lo abertamente, proibindo-a de falar do seu Senhor. Sem dúvida, houve muitos momentos em que você teve que engolir o que queria dizer para mim. Não estou prometendo que vou concordar com o seu ponto de vista, ou mesmo entendê-lo. Quero, contudo, que seja livre para expressar o que está em seu coração.

Lembro-me de quando estávamos tentando resolver o mistério da trama contra o rei e você tentou me confortar, salientando que foi o Senhor em primeiro lugar que nos ajudou a descobrir a trama, e que Ele se manteria fiel ao longo da investigação. Você foi muito cuidadosa com suas palavras na tentativa de evitar me ofender. Ainda assim, reagi duramente. Vou tentar não repetir esse erro.”

Sara sentou-se atordoada, com os olhos colados em seu marido, imaginando de onde essa mudança de coração havia vindo. “Eu... não sei o que dizer.”

“Finalmente a deixei sem palavras, não foi?” Seu sorriso, lento e quente, estabeleceu-se sobre ela como um cobertor aconchegante. “Quero que seja livre. Quero que seja você mesma perto de mim. Não quero que tenha que escolher cada palavra com cuidado antes de falar. Você deve ficar à vontade quando estivermos juntos.”

Sara não podia acreditar no que ouviu. Sentiu como se estivesse sonhando. Lágrimas encheram seus olhos e ela baixou as pálpebras para ocultá-las.

“Não,” ele sussurrou. Inclinando-se para frente, ele ergueu o queixo dela. “Está fazendo isso novamente. Escondendo-se de mim.”

Ela olhou para o rosto querido dele, assustada. As lágrimas continuaram brotando. Não conseguia impedi-las enquanto deslizavam por suas bochechas como gordas gotas de chuva. Dario as enxugou com a mão. Então, ele se inclinou e a beijou. “Não chore querida.”

Aquela palavra novamente. Ela não iria persegui-la como um coelho com

fome. Não iria. Engoliu em seco e disse: “Perdão. Não sei o que deu em mim. Não tenho qualquer razão para chorar.”

“Sim, você tem.” Ele a beijou gentilmente. “Mas não mais. Eu prometo.”

Sara assentiu, incapaz de confiar em sua voz. Parte dela queria saltar, dançar e abraçar Dario até que as costelas dele doessem. Outra parte dela começou a tremer de medo. Se ela se revelasse ele poderia rejeitá-la. Ele admitiu que poderia não entender nem concordar com sua forma de compreender o mundo. Se ela lhe revelasse seus sentimentos mais profundos — se ela começasse a lhe contar sobre coisas como sua luta entre encontrar seu valor em suas realizações e não em Deus, talvez com o tempo ele viesse a achá-la tão incompreensível que qualquer vislumbre de afeto que pudesse ter por ela iria esfriar e morrer. Sua fé em Deus poderia afastá-lo e destruir seu casamento.

Mais para o fim daquela tarde, Dario aceitou o convite de Neemias para acompanhá-lo em suas rondas de inspeção. “Você parece recuperado de seus ferimentos”, disse Neemias como saudação.

Dario entortou os lábios. “Um mero impacto. Dificilmente pior do que uma picada de mosquito.”

Neemias deu um leve sorriso. “Os mosquitos da Pérsia devem ter ficado mais violentos do que eu imaginava. Não tinha visto uma contusão tão impressionante nos últimos anos. Não sabia que aquele tom de roxo existia. Ele ressalta o verde de seus olhos.”

Dario enviou um olhar de repreensão ao governador. O homem se recusava a ser intimidado. “Em qualquer caso, você parece ter causado uma boa impressão nos pais de Benjamin. Eles não pararam de lhe fazer elogios desde que você protegeu o filho deles de um dano grave.”

“Eles exageraram. Não fiz nada que uma menina não pudesse fazer.”

Neemias bateu de leve em seu queixo barbudo com um polegar. “Acho que você subestima suas ações. Benjamin é um menino especial. Muitos teriam se entristecido se algo de ruim houvesse acontecido a ele.”

“Gosto da companhia dele. Teria sido um dia triste se ele tivesse sido ferido.”

“Sabe, ele me faz lembrar de você quando era um menino. Não sua aparência, mas seu espírito. Você tinha um charme semelhante.”

“Primeiro, você admira meus olhos e, agora, fala do meu charme. Cuidado,

meu senhor governador, ou eu poderia chegar a uma conclusão errada,” disse Dario.

Neemias riu. “Estou me lembrando de você quando criança. Gostava muito de você, você sabe. Lembrei-me, quando estava visitando Hanun e sua família, de que você tinha a mesma idade de Benjamin quando saiu de casa. Tão jovem!”

Perplexo com o inesperado comentário de Neemias, Dario franziu a testa. “Como?”

“Quando seu pai o enviou para o palácio para iniciar a sua formação você tinha a idade de Benjamin. Apenas um menino.”

“Suponho que fosse. Você era próximo de meus pais na época, acredito.”

“Víamos uns aos outros muitas vezes. Sua família tinha estabelecido em Susã sua residência principal, por isso tive esse contato com ela. Como um oficial da corte, eu entendia o mundo do seu pai. Como judeu, eu entendia o da sua mãe. Eles não tinham mais ninguém em suas vidas que conseguisse se relacionar com os dois. Tínhamos muito em comum, o que fez da nossa amizade um conforto e uma alegria”.

“Estranho. Não me lembro de tê-lo conhecido quando criança.”

“Não me surpreende. Você era muito jovem na época. Logo depois que se mudou para a escola do palácio, o rei enviou seu pai para um posto permanente na Babilônia. Ele ficou fora por três anos. Seus pais viajavam para visitá-lo tão frequentemente quanto podiam, mas a distância tornou as visitas frequentes impossíveis.”

“Eu tinha me esquecido desses anos.” Como um sonho nebuloso, Dario se lembrou da sua vida no palácio, privado simultaneamente da mãe e do pai por meses, vivendo num deserto emocional. Seu peito apertava só de pensar nisso. Tornou-se ciente de que Neemias os estava guiando em direção a um dos portões. Nenhuma das portas tinha sido levantada ainda e a abertura no muro parcialmente levantado parecia o dente isolado na boca de um homem velho.

“Onde estamos indo?”

“Pensei em lhe mostrar uma nova visão hoje,” disse Neemias.

As sobranceiras de Dario se uniram. “Fora dos muros?”

“Tanto quanto possível, planejamos que o muro seguisse as fundações antigas. Em alguns lugares, porém, tivemos que diminuir o perímetro dele.

Para além destes portões está um desses lugares. Pensei que pudesse achar a velha fundação interessante.”

Dario, educado demais para pontuar que não achava a visão dos velhos buracos no chão particularmente emocionante, seguiu os passos do governador sem comentários. Eles não tinham muito para caminhar. Como uma cobra gorda, a velha fundação seguia seu caminho pela borda das colinas da cidade. Neemias parou em frente a uma parte que devia ter sido escavada até algum ponto, estendendo-se para baixo da terra como um longo corte.

Dario se inclinou e olhou para baixo. Os arquitetos originais tinham feito a fundação profunda para suportar a altura e o peso do muro que tinham a intenção de construir. “É fuligem e cinzas lá em baixo, cobrindo as pedras?”

“Deveria saber que notaria isso. Sim. Cinza dos incêndios de guerra.”

“Da conquista da Babilônia, você quer dizer? Mas isso foi há quase 200 anos atrás! Não deveriam o vento e a chuva de décadas ter limpado isso?”

Neemias apoiou um joelho na borda da fundação e olhou para dentro. “A passagem do tempo por si só não pode restaurar tão vasto dano. A menos que homens desçam até lá e limpem a bagunça por si mesmos, a deterioração da guerra vai manter sua marca.” Ele tirou o olhar da paisagem devastada para encarar Dario. A intensidade presente nos olhos castanhos fez Dario se virar em desconforto.

“Eu gosto de vir aqui e me sentar perto dessas ruínas às vezes,” Neemias disse enquanto esticava seus joelhos para ficar de pé mais uma vez. “Elas são um bom lembrete.”

“Da sua história?”

“Não apenas disso. Tenho pensado muitas vezes sobre como o coração do homem é como essa fundação. Durante a guerra. Atacado por forças que se opõem a ele e o arruinam. E incapaz de reparar a si mesmo. O tempo não pode curar feridas. Muitos de nós andam por aí com cortes em nossos corações. Nada diferente dessa fundação coberta de fuligem de incêndios da vida.”

Dario deu um passo para longe e agarrou seu pulso, apertando-o por trás das costas. “Está falando de mim, não está?”

Neemias se levantou, com movimentos intencionais. “Já percebeu o quão cativante Benjamin é? Você era assim quando menino, só que mais. Cheio de

afeto e de uma inteligência aberta que encantava os adultos ao seu redor. Você amava apaixonadamente e nunca tinha medo de demonstrar como se sentia.

Seu pai o enviou para a escola do palácio porque fazia parte do projeto que tinha para você. Você não teria sido capaz de assumir sua posição como um aristocrata persa sem a formação adequada. Ele fez isso para o seu bem. Não tinha ideia de que arrancar você de sua casa quando tinha apenas sete anos teria consequências graves. Ele próprio tinha saído de casa muito mais tarde e não compreendia a importância de deixar você viver bem a sua infância.”

“Eu nunca o culpei por me enviar.”

“Você pagou um alto preço devido a essa decisão, percebendo isso ou não. Quando voltou, você estava diferente. Foi-se o rapaz carinhoso. Você era independente e distante. Havia um muro em torno de seu coração tão alto quanto a lua.”

Dario chutou uma pedra num buraco da fundação com formato de uma boca bocejando. Ela voou no ar antes de pousar num baque em algum lugar nas profundezas cobertas de fuligem. “O dever tem um preço. Todos nós temos que pagá-lo qualquer que seja a moeda na qual ele venha a ser cobrado.”

Neemias deu um passo que o trouxe para mais perto. “Você esperaria que o seu próprio filho cumprisse o dever dele da mesma forma? Seu filho vai nascer em três meses. Pode ser um menino. Você o enviaria para longe de você em sete anos? Gostaria que ele vivesse uma vida semelhante à sua nessa idade? Será que desejaria que ele ficasse separado de você e de Sara, simultaneamente, por meses? Que crescesse com professores frios e sábios distantes que nem sequer uma vez iriam abraçá-lo ou expressar qualquer amor para com ele?”

Dario empalideceu. “Não vejo como isso possa ser da sua conta.”

“Perdoe-me, meu senhor.” Neemias passou a mão por seu cabelo, pondo os fios vermelhos em pé. Nos raios pálidos do sol eles pareciam pegar fogo, cercando sua cabeça como uma auréola de chamas. “Tendo uma vez o segurado em meus braços como um bebê agitado acho difícil lembrar que você é um homem agora, e mais do que capaz de tomar suas próprias decisões. Devo esclarecer uma coisa. Quando falei do seu filho, não era porque duvidava de sua capacidade de ser um pai maravilhoso. Como Lorde

Vivan, você já tem os modos dos melhores pais.

Só quis dizer para você se lembrar de sua própria experiência — por sua causa, não por causa de seu filho. Muitas vezes, nós enterramos as feridas do nosso passado. Apenas quando refletimos sobre alguém que amamos e que está passando pela mesma dificuldade é que reconhecemos o quão profundo o dano à nossa alma realmente foi. Eu queria que você visse...” Ele apontou um dedo para o buraco coberto de fuligem antiga. “Queria que tivesse um vislumbre de dentro do seu próprio coração e das cinzas de uma guerra antiga que vieram sobre você quando era muito jovem. Talvez seja hora de você lidar com isso.”

Sem outra palavra, Neemias começou a se afastar.

Dario sentiu-se preso ao chão. Sua cabeça tinha começado a latejar e náuseas incomodavam suas entranhas. Neemias tinha se planejado para chamar o fantasma de um passado que pensou que tinha enterrado há muito tempo.

Será que ele realmente tinha um muro em torno de seu coração que era tão alto quanto a lua? Neemias o fez soar tão frio e distante. Seria ele era assim com Sara?

Pensou no seu bebê que iria nascer em questão de meses. *Será* que ele o enviaria para o palácio enquanto menino? Enviá-lo para ser intimidado e isolado, desprovido de afeto infantil? Seria o império digno de tal sacrifício?

As memórias que ele havia ignorado durante longos anos não mais se permitiam ser silenciadas. Elas vieram sobre si com tanta força que ele tropeçou, quase caindo no buraco da fundação. Como um homem que tinha bebido muito vinho, ele deu um passo instável até que seu dedo do pé encontrou um grande pedaço de alvenaria. Tremendo, ele permitiu que seu corpo afundasse até que ele meio que se sentou e meio que desabou sobre a rocha pálida. Descansou a cabeça em suas mãos, respirando profundamente várias vezes para acalmar os sentidos. As memórias não iriam diminuir. Elas o atingiam com a fúria de uma tempestade, trazendo consigo os sentimentos que ele tinha esquecido.

Capítulo 28

O Primeiro Ano do Reinado**** de Artaxerxes sobre a Pérsia (20 Anos Antes)

Muito antes de sua cuidadora vir buscá-lo, Dario se sentou em sua larga cama dourada com seu coração palpitando de excitação. Era o seu sétimo aniversário. Sabia que aniversários significavam uma semana inteira de celebrações: presentes, jogos, noites a fio com os amigos e a família e uma infindável variedade de bolos e doces. Mesmo já crescidos, os persas comemoravam seus aniversários com mais festividades do que o resto do mundo conseguia entender; mas para ele esse era um momento mágico. O sétimo aniversário de um menino marcava um importante rito de passagem. Após o fim das celebrações de aniversário, não teria mais a necessidade de uma babá. Ao invés disso, deixando para trás a infância, ele seria apresentado ao mundo dos homens. Iria começar a aprender as habilidades necessárias a um homem e adquirir conhecimentos vitais para um aristocrata.

Dario já tinha se tornado um cavaleiro talentoso, embora não conseguisse sequer se lembrar de ter aprendido a cavalgar. Seu pai tinha dito que havia posto Dario montado em um cavalo antes que ele pudesse andar. Agora, entretanto, ele também seria ensinado a manejar um arco e flecha, bem como espadas, adagas, lanças e dardos, sendo apresentado aos fascinantes segredos da arte do combate. Ele iria estudar remédios e os mistérios da floresta, assim como seria treinado para sobreviver em um deserto. Teria que aprender algumas coisas chatas também, como leitura e escrita, coisas sobre as quais sua mãe insistia, e as longas lições dos sábios sobre a verdade e a justiça. Pensou que poderia encarar tais aborrecimentos desde que pudesse trocar sua temida babá por combates de espada e brincadeiras durante todo o dia com outros meninos de sua idade.

Muito impaciente para esperar mais, Dario deixou sua cama quentinha e se vestiu rapidamente, colocando suas roupas do dia anterior. As roupas estavam amarrotadas e carregavam as manchas de um dia cheio de atividades ferozes ao ar livre, o que as tornavam ainda mais confortáveis na visão de Dario. Elas caíram tortas em sua estrutura sólida graças à velocidade com a

qual ele as colocou. Sua mãe ficaria horrorizada com o resultado. Dario, porém, estava mais interessado em começar o dia do que na opinião dela.

Saiu correndo de sua câmara espaçosa, percorreu um longo corredor e entrou no apartamento de sua mãe. O quarto dela ainda estava coberto pela escuridão, um inconveniente que superou com a simples ação oportuna de abrir as cortinas de linho azul.

A fraca luz solar do amanhecer encontrou seu vagaroso caminho para dentro do apartamento, trazendo à vida os mosaicos coloridos que decoravam as paredes. Aves exóticas pareciam voar num céu roxo. Dario tocou a imagem azul-escuro e verde de um pavão e sorriu. Ele adorava esse quarto. Virando-se, viu que sua mãe continuava a dormir.

Na ponta dos pés, com passos silenciosos, foi em direção à sua adormecida mãe, com a intenção de acordá-la com cócegas. Mal havia ele chegado ao lado dela, longas mãos graciosas o agarraram e o arrastaram para a cama. Ele soltou um grito de susto.

“Eu estava acordada o tempo todo, meu querido monstrinho.” Os dedos bem cuidados de sua mãe frustraram os planos dele, fazendo-lhe cócegas.

Dario riu até sua barriga doer. “Pare!”

Ela obedeceu ao apelo imediatamente.

“Você sabe por que hoje é especial?” Ele perguntou, com um tom sério em sua voz.

“Hoje? Não. Por quê? Já sei! É o aniversário do seu pai.”

“Não, não é”, disse Dario, indignado. “É o meu!”

“Não diga? Pensando nisso, até que você parece mais crescido. Mas que terrível! Eu tinha esquecido totalmente. O que devo lhe dar de presente de aniversário?” Sua mãe olhou para ele através de espessos cílios ondulados. “Que tal este manto?” Ela lhe estendeu sua vestimenta matutina — uma confecção simples feita de seda branca plissada com bordados dourados.

Dario fez uma cara de horror.

“Oh, bem, acho que não. Que tal meu pente? Tem que admitir que é bonito.” Ofereceu-lhe o longo pente de dentes que estava numa mesa ao lado de sua cama de luxo. Esculpido em marfim e revestido por algum tipo de joia vermelha cujo nome Dario não sabia, ele brilhava com um brilho feminino.

Ele deu à sua mãe um olhar ofendido e começou a acreditar que, no fim das contas, ela não estava brincando com ele. Um terrível medo se instalou na

boca de seu estômago: tinha sua mãe realmente se esquecido do seu aniversário?

Ela riu. “Que cara. Posso ver que não gosta do meu pente, também. Talvez possa encontrar algo mais a seu gosto em meu baú prata.”

O rosto de Dario se iluminou com uma esperança renovada. Saiu rapidamente da cama e correu para o baú. A tampa, um arranjo ornado esculpido com joias e obsidiana pesada, era bem pesada. Ele a empurrou usando toda a sua força, com seus jovens músculos se esticando sob a pressão, até que ela parou na posição vertical.

“Muito bom, homenzinho. Você vai ser muito forte quando crescer.” Sua mãe havia se enrolado em suas brancas vestes matutinas e se pôs ao seu lado. O cabelo dela descia para além de sua cintura numa grande quantidade de cachos escuros; Dario tinha ouvido mais de uma mulher na casa de seu pai suspirar de inveja da beleza dela. Neste momento, no entanto, isso era um mero aborrecimento para ele. Ele tirou os cachos do seu caminho e se concentrou em sua tarefa.

“Eu já sou forte,” disse ele enquanto fazia uma busca visual no baú de prata. Empurrado em um canto, encontrou um longo pacote envolto num pedaço de tecido amarelo.

Arrebatado pelo entusiasmo, ele se virou para sua mãe. “Isso é meu?”

“Pode ser.”

Ele sorriu enquanto colocava seu pacote em cima da cama. Dedos impacientes deixaram o embrulho de tecido de lado. Dario suspirou. Um perfeito arco com uma aljava de couro cheia de flechas apareceu para sua inspeção. A estrutura do arco era feita de madeira curvada, com sua corda presa por fora de suas extremidades. Ele a tocou com reverência e sentiu uma fina camada de cera. Mesmo sendo menino, sabia que isso era para proteger o arco da umidade. Tirou uma flecha da aljava de cor preta e examinou a ponta feita de osso com minuciosa atenção. Ela parecia bem afiada e dura — não um brinquedo de criança, mas um instrumento de caça de um adulto.

Verificou a corda, com um toque de teste. Parecia esticada de uma forma impossível. Por um momento, sua confiança vacilou; talvez não fosse forte o suficiente para usá-lo. Num determinado esforço ele deixou a dúvida de lado. Jamais *ele* seria derrotado por um arco. Determinou-se a vencer todos os seus amigos com sua mira perfeita.

“Bem,” a voz de sua mãe interrompeu suas reflexões. “O presente está aprovado, meu senhor?”

Em vez de responder, Dario jogou os braços ao redor da cintura de sua mãe com feroz entusiasmo. Ocorreu-lhe, numa fraca confusão de pensamentos desorganizados, que chegar aos sete significava, de alguma forma, não viver mais nos alojamentos femininos da casa de seu pai. E isso significava não ter acesso fácil à sua mãe na hora que quisesse.

O pensamento o perfurou com o corte de uma das flechas que ganhara há pouco. Então, lembrou-se das intermináveis brincadeiras das quais iria participar com seus companheiros e esqueceu o medo de estar separado de sua mãe.

“Raquel, devemos ir e buscar...,” disse uma voz profunda vinda da porta antes de romper em uma risada profunda e alta. “Eu deveria saber que o pequeno malandro já estaria fora da cama. Normalmente seis trombetas e um cão raivoso não poderiam fazê-lo acordar tão cedo assim pela manhã.”

“Pai!” Dario exclamou com prazer. “Olhe o que minha mãe me deu de aniversário.” Buscando seu arco e flechas, ele os trouxe ao Lorde Vivan para sua inspeção.

Seu pai começou examinando o arco e seguindo para as flechas, com um olho experiente. “Eixo reto, borda afiada, corda apertada. Uma arma admirável. Sei que meu filho vai provar ser digno dela.”

Dario sentiu seu peito expandir tanto que pensou que iria explodir de alegria. A aprovação de seu pai sempre teve esse efeito sobre si. “Eu vou, pai.”

O Lorde Vivan colocou uma mão no ombro de Dario. “Suponho que agora eu deva lhe dar um presente.”

Dario reprimiu um sorriso. “É o costume. Faço sete anos hoje, você sabe.”

“Você me impressiona. Sério? Você tem sete anos? Raquel, você sabia disso?”

“Isso veio como uma surpresa para mim também, senhor meu marido. Parece que foi ontem que ele veio ao mundo.”

O Lorde Vivan se aproximou de sua esposa e a tomou em seus braços. “Como o tempo voa com você, amor.”

Dario revirou os olhos. “É *meu* aniversário, não dela.”

“Você quer um abraço também?” Vivan perguntou e, sem esperar por uma

resposta, agarrou Dario em seu grande abraço e o jogou no alto para o céu. Antes que seu filho chegasse perigosamente perto do chão, ele o pegou em seus braços novamente e o virou de cabeça para baixo, segurando-o pelos tornozelos. Dario, meio cego com o cabelo que entrava em seus olhos, sentiu-se ofendido com uma brincadeira que sempre o havia entusiasmado antes.

“Ponha-me para baixo, por favor!” Ele exigiu. “Não sou um bebê mais.”

“Eu imploro o seu perdão. Você está certo.” Seu pai o colocou de volta no chão, com seus olhos azuis o encarando com uma expressão séria.

Dario ajeitou a roupa e tentou recuperar sua dignidade ferida. “Eu costumava gostar disso. Agora, porém, acho que preferiria outros jogos com você, pai. Ao invés disso, talvez você possa me levar para caçar.”

Seu pai mordeu o lábio. Dario fez uma careta, tentando discernir se o Lorde Vivan estava rindo dele. Seu pai, no entanto, concordou e, enfiando a mão no bolso, tirou uma caixa ornamentada. “Talvez isso vá ajudar na nossa nova brincadeira. Feliz aniversário, meu filho.”

Dario esqueceu seu orgulho ferido e agarrou a caixa. Feita de uma leve madeira de oliveira, a caixa tinha sido esculpida em um longo retângulo. Dentro, ele encontrou um punhal trabalhado em bronze, com um punho fino o suficiente para caber na mão de um menino. O punhal não ostentava qualquer ornamentação. Era a arma de um jovem, não uma peça de mostuário.

Dario sorriu, encantado. Ele apertou a caixa com o punhal, bem como seu arco e flechas, contra o peito. O novo tesouro mal cabia em seus braços. “Eu amo meu punhal. Obrigado, pai. Vamos testar tudo.”

“Sugiro tomarmos nosso café da manhã primeiro,” disse o Lorde Vivan. “Aprender a manejar armas novas é um trabalho árduo.”

Dario refreava sua impaciência enquanto comia com seus pais. Afinal de contas, tomar café da manhã com seu pai era uma oportunidade rara. Como de costume para homens da aristocracia persa, o Lorde Vivan abrigava muitos em sua casa. Com duas outras esposas além da mãe de Dario, três concubinas, dois meios-irmãos, duas meias-irmãs e um bebê a caminho, o tempo do Lorde Vivan era bem limitado. A mãe de Dario era, com certeza, a sua favorita, e a única mulher a quem ele realmente amou. No entanto, para o bem da harmonia da família não podia passar muito tempo com a senhora Raquel e Dario. Então, ao invés de reclamar do atraso no aprendizado acerca

do manejo de suas novas armas, Dario decidiu aproveitar esta preciosa visita.

O café da manhã servido ostentava uma variedade de pães quentes e queijos macios. Havia compotas de figo e — a favorita de sua mãe — geleia de tangerina, bem como ovos frescos com gemas da cor do sol poente. Dario passou um grande pedaço de pão quente num espesso creme doce, cobriu sua extremidade com geleia de uva e pôs um enorme pedaço em sua boca, notando que seu pai estava envolvido na mesma atividade exatamente ao mesmo tempo.

Sua mãe riu. “Olhem para vocês dois. Não tem como dizer que não são pai e filho. Exceto por você ser loiro e ter olhos azuis, Vivan, e por Dario ter a minha cor escura e os meus olhos verdes, vocês são praticamente idênticos. Mesmo nariz reto, mesma boca comprida, mesmos sulcos em suas bochechas enquanto sorriem. E o mesmo gosto para doce.”

“Você gosta de doces também, mamãe. Até mais do que eu e meu pai.”

“Eu não,” disse Raquel antes de esticar bem o braço e pegar um bolo de amêndoa do prato de Dario.

“Isso é meu! Devolve!”

Sua mãe enfiou o bolo redondo em sua boca até que suas bochechas incharam como as de um esquilo. “Venha pegar”, disse ela com sua boca cheia.

Dario e seu pai caíram na gargalhada. Com súbita clareza, Dario se lembrou da preocupação que lhe veio anteriormente. “Mesmo já sendo quase crescido, eu ainda posso vir e visitar minha mãe sempre que eu quiser, não posso pai? Não seria bom para ela ficar sozinha tão frequentemente.”

Percebendo o brilho de lágrimas nos olhos grandes e escuros de sua mãe antes de ela baixar os cílios, ele estendeu uma mão sentimental para dar um tapinha no braço dela.

O Lorde Vivan empurrou o prato de ouro e se sentou. “Você não pode mais viver nos alojamentos das mulheres, filho. Agora que completou sete anos, você precisa dar início à sua educação como convém a um lorde persa. E isso só pode ser feito de forma apropriada no palácio.”

“Claro. Estou ansioso por isso. Não posso esperar para me tornar um grande guerreiro como você, pai. No entanto, quando chegar em casa à noite, depois do fim de meus estudos, eu ainda posso vir visitar minha mãe?”

“Você não vai voltar para casa à noite. Você estará vivendo em Persépolis,

em um dormitório com outros rapazes da sua idade.”

Dario ficou imóvel. “Eu não vou morar com você e a mamãe mais?”

“Uma vez por mês você terá permissão para nos visitar em casa por dois dias. Também ficará conosco por um mês durante os feriados de Ano Novo. Fiz os arranjos necessários para a sua mãe e eu nos reunirmos com você em particular a cada semana. Você não deve mencionar isso para os outros meninos, no entanto. Estou quebrando as regras e eles não vão gostar disso.”

Dario engoliu em seco. Não tinha entendido completamente o que significaria ver seus pais apenas uma vez por semana — ficar longe de casa por tão longos períodos de tempo. Ele sabia, porém, que o pensamento dessa separação o enchia de um medo dolorido que o fazia querer chorar como o bebê que ele tinha reivindicado não ser mais. Engoliu as lágrimas e prometeu, no silêncio de seu coração, nunca envergonhar seus pais choramingando como um covarde.

Forçando sua cabeça a se mover para baixo em um gesto de assentimento, ele disse: “Como quiser, pai”.

**** 426 a.C.

Capítulo 29

A madrugada parecia longe do fim quando Dario acordou no susto graças ao barulho estridente de um instrumento de latão. Ele gemeu. Tinha dormido menos de seis horas, tendo ficado acordado até alta madrugada limpando e lubrificando espadas e punhais para os garotos mais velhos. Ignorando a exaustão que parecia nunca tê-lo deixado desde que tinha chegado a Persépolis há um mês, ele se obrigou a se levantar e se lavou com água fria.

Restavam escassos minutos para se vestir e ficar pronto para a corrida matinal diária, liderada por dois dos rapazes mais velhos. Eles iriam correr por cerca de uma hora, cobrindo quase dois *parasangs*^{*****}, antes de retornarem para uma extenuante rodada de aulas.

Na primeira semana, Dario tinha vomitado mais de uma vez antes de retornarem ao dormitório. Não era o único garoto assim; a maior parte de sua companhia de cinquenta novos aprendizes foi igualmente afligida. Seus comandantes lhes permitiram apenas buscar água de um córrego gelado depois, a fim de se limparem antes do retorno.

A vida no palácio acabou não sendo nada do que Dario imaginava. Seu mundo não se parecia com uma rodada interminável de jogos divertidos. O treinamento físico se revelou árduo, levando-o além de suas forças. Estava sendo ensinado a ter resistência, e a única maneira de aprender essa lição em particular era *resistir*, não importando que tipo de dificuldades viesse a enfrentar.

Os entesourados presentes de aniversário dados por seus pais tinham sido postos de lado sem serem usados; seus professores o achavam jovem demais para os jogos de espada e arco e flecha. Em vez disso, deram-lhe exercícios repetitivos que deixaram seus músculos inflamados e doloridos. Alguns dias, ele teve que levantar uma pedra por longos e silenciosos minutos durante um período até seu braço começar a queimar.

Outro exercício comum exigia que ele se agachasse até que suas coxas travassem. Várias vezes por dia estava transportando equipamentos pesados para os meninos mais velhos, que eram mais capazes de carregar seu próprio equipamento do que uma criança de sete anos de idade. No entanto, isso

também era considerado um importante meio de desenvolver sua força em preparação para o momento em que o seu treinamento de combate fosse começar para valer.

“Você não tem músculos, menino”, um de seus mestres lhe tinha dito mais de uma vez quando seus braços começaram a tremer durante o treinamento de peso. “Como você pode ser tão insignificante?” Desacostumado à crítica indiscriminada, Dario tinha travado sua boca, determinado a aguentar os grandes pesos durante o tempo que fosse necessário. Ele nunca quis ser considerado *insignificante* novamente.

Para a sua decepção, os mestres faziam cara de descontentamento diante de tentativas de amizade. Tinha notado que os rapazes que estavam no palácio há vários anos pareciam ter estabelecido conexões profundas entre eles. Mas, para os recém-chegados como ele, era esperado que se acostumassem com uma existência solitária.

Seus instrutores de combate e esportes eram duros e distantes. Os sábios — cientistas, astrônomos e líderes religiosos persas — haviam começado a ensinar à sua companhia de recrutas recém-chegados sobre virtudes como honestidade, lealdade e gratidão. Eles demonstravam bondade indiscriminada para com os meninos. Eles, porém, temperavam essa bondade com um jeito impessoal que desencorajava qualquer forma de apego ou calor. Dario não tinha ninguém para conversar.

A vida no palácio acabou por se tornar uma decepção. Era solitária, exaustiva e entediante. Dario tinha visto outros garotos chorarem lágrimas de solidão. Lágrimas de dor. Ele resolveu não ceder a tal demonstração pública de fraqueza — engoliria a tempestade de suas emoções e não mostraria nada de seus sentimentos. Tinha simplesmente de ir em frente.

Estava decidido a deixar seu pai orgulhoso, mas sentia tanta falta de casa que, às vezes, seu corpo tremia sob essa tensão. Não era o sofrimento físico, a comida sem gosto ou as tarefas infinitas que pareciam ser insuportáveis para ele. Ele poderia suportar tudo isso. Era o isolamento que o comia por dentro. Sua vida até então tinha sido cheia de amor e companheirismo. A repentina e intencional perda de qualquer forma de relacionamento significativo pesava mais do que qualquer um dos pesos que tinha de carregar para o treinamento.

À noite, quando se arrastasse até o seu colchão irregular, esfolado e gasto, puxaria o áspero cobertor sobre a cabeça e pensaria em sua casa. Sentiria o

cheiro da deliciosa comida quente servida segundo seu capricho. Sentiria a suavidade de seus lençóis de linho. Reviveria o calor de um fogo acolhedor.

Não ousava pensar na voz ou no abraço de sua mãe muito frequentemente, com medo de que pudesse perder o controle e ser enviado de volta para casa. Mas, às vezes, quando permanecia em algum estado entre o sono e a vigília, ele sentia a presença dela consigo — a presença amorosa que parecia fazer toda ferida desaparecer. E ele se agarrava a essa sensação, embora soubesse que não era real.

Dario estava vestindo as calças quando outro menino de sua companhia, chamado Cambises, passou por ele. Sem uma palavra, ele dirigiu um pontapé perverso contra as canelas de Dario. Dario perdeu o equilíbrio e caiu duro. Não gritou. Em vez disso, ele se levantou e terminou de se vestir, com os movimentos econômicos de um soldado que já havia aprendido.

“Eu vi aquilo,” disse um menino chamado Aria. Um par de outros meninos se juntou em concordância. “Ele é um cabeça-dura”, acrescentou Aria.

Dario assentiu. Cambises era filho de um sátrapa — governador de um dos maiores territórios do império — um acaso de nascimento que o enchia de presunção. Tinha adquirido uma antipatia por Dario quando ele o venceu na primeira corrida deles. Agora, Cambises o atormentava em cada chance que encontrava. Como os meninos eram encorajados a nunca inventar histórias, Dario optou por não reclamar. As crescentes táticas de intimidação de Cambises, entretanto, foram se tornando um incômodo real. Dario acrescentou isso à lista de coisas sobre as quais tinha que fazer algo a respeito.

Pelo menos esta tarde ele estaria indo para casa para uma visita de dois dias. Sua primeira em um mês. Mais algumas horas e ele estaria em casa. *Casa.*

Seu pai veio pessoalmente buscá-lo. Quando entrou na carruagem cercada, viu sua mãe esperando por ele de braços abertos. Dario hesitou por uma fração de momento antes de se catapultar de corpo e alma para o seu abraço de boas-vindas. Sua mãe chorou. Aquele passeio de carruagem foi a primeira vez em um mês que Dario sentiu algo parecido com paz.

Aquela paz o ajudou a tomar uma decisão importante. Tinha criado um plano ao longo das últimas semanas. Uma rota de fuga. Uma maneira de agradar seu pai, cumprindo suas responsabilidades como um nobre persa,

enquanto ao mesmo tempo também sobreviveria à experiência. Não tinha certeza de que iria trazer para os seus pais a sua proposta. Não queria preocupá-los relatando muita coisa da angústia da sua vida. No entanto, decidiu durante o passeio de carruagem, com o braço de seu pai em torno de seu ombro e com o sorriso de sua mãe o envolvendo tal como um cobertor quente, que iria falar com eles.

Um jantar privado foi servido nos aposentos de sua mãe. Seus pais estavam cheios de perguntas. Embora o tivessem visitado a cada semana, o tempo que eles passaram juntos tinha sido sufocado pela necessidade de sigilo e pela pressa. Agora eles derramavam sobre ele todo tipo de pergunta, especialmente sua mãe, para quem seu novo mundo era um completo mistério. Dario tentou manter suas respostas leves. Notou um abrandamento no olhar de seu pai enquanto pintava um quadro de forma despreocupada. Seu pai, imaginou, deveria saber por experiência própria que a formação de jovens rapazes persas implicava em mais do que corridas de diversão e lições hilariantes sobre o reconhecimento de plantas silvestres comestíveis.

Finalmente, sua mãe disse: “Chega. O pobre rapaz quase não teve a chance de comer. Vamos deixar de lhe perturbar para que ele possa provar sua comida. Pedi aos cozinheiros que preparassem seus pratos favoritos, querido. Prove as folhas de uva recheadas.”

Dario fechou os olhos enquanto punha a comida na boca. O recheio, enriquecido com o aroma de ervas exóticas e o sabor de carne moída de cordeiro temperada, deslizava para baixo em sua garganta numa explosão de sabores inacreditáveis. A folha da uva estava macia e surpreendentemente fresca considerando a estação. Dario soltou um suspiro de prazer ao comer.

O Lorde Vivan sorriu. “Com o que eles alimentam você? Pão, especiarias e carne grelhada?”

“Bolos de cevada também, para a sobremesa. Manhã, tarde e noite é o mesmo cardápio.”

“Os ingredientes não mudaram desde a minha infância, então. Lembro-me bem daqueles anos”.

“Você também viveu em Persépolis, pai?”

“Não até que eu fizesse dezesseis anos. Naquela época, apenas os rapazes mais velhos se mudavam para os dormitórios. Eles não tinham espaço suficiente para os mais jovens.”

Dario tinha descoberto essas informações acidentalmente, por meio de um dos meninos mais velhos. Esta era precisamente a abertura de que necessitava para apresentar o seu plano.

Tomou um gole de suco de uva para se fortalecer e, então, iniciou sua fala. “Eu estava pensando, pai, por que não posso fazer o mesmo? Eu poderia assistir às minhas aulas no palácio e, depois, voltar para casa e passar a noite aqui, como você fez quando tinha a minha idade. À noite, os meninos da minha idade não têm aulas. Em vez disso, fazemos algumas tarefas. Frequentemente, recebemos o equipamento dos meninos mais velhos para limpá-los ou lubrificá-los. Às vezes, temos de escrever ou memorizar uma lição que os sábios nos deram. Eu poderia trazer minhas tarefas para casa, finalizá-las aqui e, então, cavalgar para Persépolis de volta muito cedo, a tempo para nossos exercícios matinais.”

Seu pai ficou muito quieto. “Por quê?” ele perguntou, depois de vários momentos de silêncio tenso.

“Eu quero estar em casa, com você e a mamãe. Vou aprender tudo muito bem, eu prometo. Vou me destacar em minha formação. Só quero estar em casa.”

“Não”, disse o pai, com seu tom implacável. Não ofereceu nenhuma explicação.

Dario ficou muito surpreso. “Mas...”

“Sem mas. Não. Isso é definitivo.”

Dario se voltou para sua mãe, certo de que ela iria interceder em seu favor. Em vez disso, ela virou o rosto e ficou olhando para a parede. Por um momento, pensou ter visto um brilho de lágrimas não derramadas em seus olhos, bem como seus dedos tremendo antes que agarrasse seus punhos. Mas devia estar errado, pois ela não disse nada. Nem um único apelo em seu favor. Nem uma palavra para mostrar que ela compreendia sua necessidade de voltar para casa.

Dario tentou uma última vez. Engoliu o gosto amargo do orgulho, algo que tinha aprendido a preservar desde que se conhecia por gente. *Certamente eles não entenderam. Se eles soubessem, nunca me obrigariam a voltar.* Ele falou, com sua voz pequena e trêmula de uma infantilidade que odiava: “Sinto saudades de casa. Sinto falta de vocês.”

“Chega, filho. Eu já disse que não. E foi isso que quis dizer. Você deve

treinar como os outros rapazes da sua idade e da sua companhia. Deve cumprir o seu dever para com a sua família e para com o império. E nunca deve tentar fugir novamente desse dever.”

Dario se levantou de seu assento, com sua feição empalidecendo. Sem mais palavras, ele saiu correndo do aposento de sua mãe e voltou para a sua própria câmara. Subiu na cama completamente vestido, mal notando que grande luxo era deitar numa cama de conforto abundante depois de semanas em um colchão irregular. As palavras de seu pai queimavam em sua mente como uma marca feita a ferro quente. Sentiu-se completamente envergonhado. Tinha realmente tentado fugir do seu dever por querer ficar em casa?

Não conseguia entender o raciocínio dos seus pais. A resposta deles o chocou. Esperava que eles fossem conceder seu pedido; a recusa deles foi além de sua compreensão. Nunca duvidou de que eles o amavam. Toda a sua vida fora moldada com base nesse conhecimento. Ele, todavia, começou a perceber que ser amado não significava que fosse desejado. O amor, ao que parecia, era impotente para lhe dar o que você queria desesperadamente. Não conseguia resolver os problemas. No que dizia respeito aos seus pais, o dever ofuscava o amor.

Pensou em seu dever no palácio, na infinita rodada de lições que desafiavam sua mente e corpo, esticando-o até limites excruciantes. Na verdade, se não valorizasse tanto seus pais, até poderia tolerar sua nova vida. Não sentiria a falta deles todos os dias. Não teria saudades. Iria se ajustar à sua nova vida sem eles assim como eles se adaptaram a viver sem ele. Sentia-se esmagado ao perceber que seus pais conseguiam deixá-lo ir com tanta facilidade.

Por que razão papai e mamãe não me queriam? Não há mais ninguém por mim. Se eu não posso contar com pai e mãe, há alguém neste mundo inteiro com quem eu possa contar?

Ele passou metade da noite acordado, com seus pensamentos o torturando. De uma coisa ele sabia. A rejeição de seus pais doía mais do que qualquer implicância de colegas, socos ou ferimentos de espada.

Uma angustiosa recepção esperava Dario no palácio. A primeira pessoa que encontrou acabou sendo Cambises. Estavam sozinhos em um corredor

escuro. Cambises era um ano mais velho que Dario — tendo iniciado sua formação tarde devido a viagens de seu pai — e metade de uma cabeça mais alto. Sem uma palavra de explicação, ele enfiou o cotovelo no estômago de Dario.

A dor envolveu Dario com uma intensidade que lhe roubou o fôlego. Ele se dobrou no meio, perguntando-se se iria morrer, pois por mais que tentasse não conseguia puxar o ar para dentro de seu corpo. Quando finalmente conseguiu recuperar o fôlego, ele se endireitou, sentindo-se vacilante.

Cambises sorriu. “Olhe para essas lágrimas abundantes nadando em seus olhos. Que bonitas! Vai chorar? Você não passa de um bebê.”

Dario engoliu as lágrimas. Engoliu a ferida e a rejeição. Cerrou um punho e, colocando todo o seu peso por trás dele, bateu em Cambises a meia altura. O menino gritava e se contorcia como se fosse vomitar, tamanha era a dor.

Dario não sentiu nada. Nem alívio, nem orgulho, nem pesar. Gostava dessa separação de seus sentimentos. Deu um peteleco na orelha Cambises e, com a imparcialidade de um observador distante, observou a orelha do garoto ficando vermelha. Enquanto se afastava, sabia que tinha encontrado uma maneira de tornar seu tempo no palácio suportável. Bastava parar de dar vazão aos seus sentimentos. Todos os dias iria ficar longe de seus sentimentos até que aprendesse a dominá-los. Até que aprendesse a não ser mais um bebê.

Dario levantou a cabeça e olhou cegamente para o horizonte. Com surpresa, ele percebeu que suas bochechas estavam molhadas de lágrimas. Cerca de vinte anos se passaram desde aqueles meses angustiosos. E eles ainda tinham o poder de o assombrar. De governá-lo. Sua vida continuava a ser afetada por aquelas separações devastadoras. Mesmo seu casamento foi danificado por elas. Neemias estava certo. Um buraco tão profundo e coberto de fuligem como a fundação da muralha de Jerusalém havia se estabelecido em seu coração. E ele não tinha nenhuma maneira de repará-lo.

Sara olhava para fora através de uma janela estreita no corredor ligado ao seu quarto, com seus olhos se esforçando para enxergar na escuridão, esperando por um vislumbre de Dario. Ele estava tão atrasado! A preocupação a incomodava. Ele havia saído com Neemias horas antes e já deveria ter retornado. Ninguém sabia onde ele estava. Incapaz de permanecer do lado de dentro, ela pegou uma das tochas no corredor e saiu para o pátio.

Não se atrevia a sair para muito longe da casa sem escolta sabendo que Dario ficaria insatisfeito com o risco que correria. Em vez disso, ela permaneceu ao lado da estrada de terra perto de sua residência. Algo escuro e grande passou voando pelo seu rosto e ela engasgou, com sua mão tentando bater nele. Um morcego! Ficou arrepiada.

Dario, onde está você?

Seu braço começou a doer, e ela passou a tocha de uma mão para outra. Desejava poder encontrar um assento confortável, mas a beira da estrada estava vazia. À distância, vislumbrou uma figura solitária se movendo em direção a si. Sara deu alguns passos lentos, tentando distinguir as feições do homem. Seus passos hesitantes se transformaram em um trote, o melhor que podia fazer com seu barrigão que carregava, quando ela reconheceu a forma de Dario. Havia algo de desamparo nos passos pesados, nos ombros curvados e na cabeça abaixada.

“Dario!” ela gritou.

“Sara?” Ele parecia atordoado. “O que você está fazendo aqui?”

“Procurando por você. Você ficou fora por muito tempo. Fiquei ansiosa.” Ela o alcançou e parou. À luz das tochas ele tinha um olhar distante. Sua respiração era difícil e dura. Algo em sua expressão a fez suspirar. “O que há de errado?”

Ele abriu a boca, mas não saiu nenhum som. Sua garganta convulsionou e ele apertou os lábios em uma linha tensa e sacudiu a cabeça.

“Você está doente?”

“Não.” Sua voz estava baixa.

“Algo de ruim aconteceu? Alguém foi ferido?”

Sua risada tinha um tom frio, como o som de ferro batendo em ferro. Isso deu um frio na espinha dela. “Você não quer falar para mim?” ela perguntou, sentindo a velha ferida oprimindo-a.

Lentamente, ele levantou uma mão. Seus dedos se enredaram em seu manto e a puxaram para perto. Ele inclinou o rosto e o enterrou ao lado de seu pescoço. Com medo de que pudesse queimá-lo, ela jogou a tocha no chão e colocou os braços ao redor dele. Sentiu algo nele derreter e a rígida tensão que ele tinha em seu corpo começou a ceder. “Apenas algumas memórias ruins que pensei que tinha esquecido.” Sua voz era abafada pelo calor da pele de Sara.

Sara acariciou as costas dele suavemente. Não sabia o que dizer. Dario nunca havia revelado tal vulnerabilidade a ela. Ela o segurou com força, como se fosse um menino, e tentou consolá-lo com a sua presença.

Ele colocou uma mão possessiva sobre o seu abdômen. “O bebê pode ser um menino.” Sua voz tremia.

“Você ficaria decepcionada se fosse?”

“Claro que não. Mas... se ele fosse um menino, teria que ir para a escola do palácio quando fizesse sete anos. Como eu.”

Sara respirou chocada. “Eu tinha esquecido disso.”

“É um lugar difícil para um menino.”

“Talvez não tenhamos que enviá-lo.”

Ele se afastou dela. “Se não fizermos isso, ele não vai receber o treinamento que precisa para ter sucesso. Ele vai ter um título e riquezas, mas nenhum respeito de seus pares. Vamos poupá-lo de dificuldades em sua juventude. No entanto, você acha que ele vai nos agradecer por isso quando chegar à idade adulta e for tratado com desonra?”

“Por que ele precisa ir ao palácio para aprender o que precisa? Você e eu podemos treiná-lo. Ou contratar tutores.”

“Você não entende, Sara. A separação é parte do treinamento. Ele precisa aprender resistência. Dureza. Aqueles de nós que foram enviados para o palácio tão precocemente desenvolveram incríveis fortaleza de espírito e força. Posso sobreviver a coisas que você não consegue sequer imaginar. Contudo, há um preço a pagar. Foi como se o meu coração... tivesse se encolhido naqueles anos. Fico doente em pensar em fazer meu filho pagar tal preço.”

Sara agarrou sua mão. “Nós ainda temos alguns anos para pensar em uma solução. Não se atormente com essas questões agora.”

Ele baixou a cabeça. “Não consigo encontrar paz. Minhas memórias me atormentam.” Ele levantou a cabeça e olhou diretamente nos olhos dela. À luz da tocha que ia se apagando, o tormento em seu olhar perfurava a alma dela. “Sara, você pode orar por mim? Para o seu Deus? O Deus da minha mãe? Talvez Ele possa me ajudar.”

***** Cada *parsang* tinha aproximadamente 6 quilômetros e meio.

Capítulo 30

Enquanto Neemias dava início ao seu circuito habitual em torno do perímetro da cidade, ficou surpreso ao descobrir que não havia mais uma brecha sequer no muro. Não tinha requisitado que as portas fossem fixadas nos portões ainda. Os construtores estavam preparando andaimes especiais que possibilitassem o encaixe dessas pesadas portas. Os destroços ainda precisavam ser removidos também, mas eles tinham alcançado o impossível. Havi­am construído o muro em si. Mal teve a chance de completar esse pensamento quando um mensageiro trouxe uma carta de Sambalate e Gesém.

Quando estes homens iriam desistir? Neemias estava cansado. Cansado! Não tinha paciência para as suas tramas contínuas. Num movimento brusco, violou o selo e começou a ler.

Venha, Neemias. Vamos nos reunir em uma das aldeias da planície de Ono.

O convite parecia inofensivo, mas Neemias suspeitava que essa não era uma oferta de paz. Apesar do fato de que a carta soava como um passo à frente para chegar a um novo acordo, ele discerniu que outro esquema estava sendo armado. Até agora, eles tinham tentado causar dano ao muro. Às pessoas. A Jerusalém! Finalmente, eles tinham percebido que, se pudessem tirá-lo do caminho, derrubar os novos muros seria uma tarefa com chances muito maiores de sucesso.

Neemias caminhou para o seu escritório a fim de escrever uma resposta. Em seu caminho, percebeu o quão vazia Jerusalém permanecia, com seus habitantes se recusando a voltar à cidade enquanto ela não estivesse totalmente fortificada. A esperança vibrava em suas veias ao pensar na ocupação da cidade. Um dia, em breve, a população iria explodir; comerciantes, músicos, agricultores e pescadores com seus filhos e famílias retornariam. Toda a espécie de pessoa animaria a cidade, porque ela seria segura. A batalha por essa segurança ainda não havia acabado. Neemias suspirou enquanto abria a porta do seu pouco aparelhado escritório.

Sara estava encostada sobre a mesa dele, tomando cuidadosa nota de suas

contas.

“Estou feliz que você esteja aqui!” ele disse, sentindo-se animado com a sua presença. “Vai ocupar a posição de minha escriba e escrever uma carta para Sambalate e Gesém?”

Sara deixou de lado a tabuleta úmida de argila em que estava trabalhando. “Eles ainda não desistiram? O que querem agora?”

Neemias lhe contou sobre a mensagem deles. “Escreva-lhes a seguinte mensagem”, disse ele.

Estou em um trabalho importante e não posso descer. Por que deveria fazer com que o trabalho parasse enquanto desço para me reunir com vocês?

Ele deu um aceno de satisfação com a cabeça quando Sara a leu de volta. “Esses homens não são tão importantes quanto pensam que são”, disse ele. “Eu me recuso a ser distraído por suas interrupções constantes.”

“Não lhe preocupa a possibilidade de que os líderes de Judá se ofendam com a sua grosseria em resposta ao que parece ser um convite para restaurar a paz?” Sara soprou sobre o pergaminho para acelerar o processo de secagem. “Muitos aqui permanecem ligados a esses homens.”

Neemias deu de ombros. “Vou lidar com suas objeções se eles vierem. Não posso tomar decisões com base na opinião das outras pessoas sobre mim.”

Sambalate não iria desistir. Como uma teimosa mosca do tipo mutuca, ele continuava voltando não importando o quão duro Neemias o golpeasse. Por quatro vezes seus inimigos lhe enviaram a mesma mensagem e, a cada vez, Neemias escrevia de volta a mesma resposta.

Com sua paciência esgotada, na quinta vez Sambalate enviou seu auxiliar em vez de um simples mensageiro. O homem veio munido de uma carta sem selo. Neemias se perguntou quantas vezes ela teria sido lida ao longo do caminho, espalhando suas amargas mentiras entre amigos e inimigos. Sem dúvida, essa era a razão pela qual os remetentes tinham escolhido não a selar. Ele a leu sob o olhar frio do auxiliar samaritano.

Foi informado às nações em redor — e Gesém tem muitos amigos e parentes entre o seu povo para confirmar isso — que você e os judeus estão tramando uma revolta contra a Pérsia. Eles dizem que essa é a motivação de vocês para levantar os muros. De acordo com esses relatórios, você está prestes a se proclamar rei de Judá. Você até nomeou profetas para fazerem o anúncio de que agora existe um rei

em Judá! Esteja certo de que essa notícia vai chegar ao rei Artaxerxes. Então, venha, vamos nos reunir antes que ele envie seu exército para destruir vocês.

Neemias franziu os lábios. “Isso é o melhor que o seu comandante conseguiu tramar? Agora vá e diga a ele que eu disse que não há verdade em qualquer parte de sua história. Ele inventou um conto infantil.”

Dario, alarmado pela feição do auxiliar de Sambalate, aproximou-se e ficou por perto caso Neemias viesse a precisar de ajuda. Era típico de Dario, que tinha evitado estar com Neemias desde a conversa embaraçosa sobre sua infância, deixar de lado sua ira pessoal a fim de dar o seu apoio em questões nacionais. Neemias lhe deu um sorriso caloroso enquanto observavam o servo de Sambalate, com o rosto vermelho, fazer o seu caminho de volta em direção à porta das Ovelhas.

“Você deve dar crédito ao homem. Ele é persistente,” disse Dario.

“Eles estão tentando me intimidar.”

“Mas você não está intimidado?”

Neemias esfregou seu peito. “Claro que estou. Isso, porém, não tem a ver com meus sentimentos. Trata-se da vontade de Deus. Eles podem destruir o meu nome, mas o que eles podem fazer contra o Senhor? Eles imaginam que podem me desencorajar espalhando rumores e destruindo minha reputação. Eles querem que eu pare o trabalho a qualquer custo. E, isso, eu nunca vou fazer.”

“Só porque Deus quer que você termine o muro?”

“Exatamente!” Ele bateu com a mão no ombro de Dario. “Você está começando a entender o modo de agir dos judeus.”

“Eu duvido”, disse Dario, com sua voz pronunciando as palavras lentamente.

“Esses ataques intermináveis me deixam ainda mais decidido a prosseguir. Assim que as portas e os andaimes estiverem prontos, irei proceder à instalação.”

Quando retornou ao sossego de seu quarto, Neemias se prostrou no chão e orou. *Senhor, fortaleça as minhas mãos. Dê-me a coragem para ignorar esses rumores. Você é meu defensor. Capacite-me a fechar os ouvidos a essas acusações injustas. Ajude-me a não perder meu tempo e vigor cedendo ao desejo de me defender. Não me deixe parar antes do Seu tempo. Ajude-me*

a prosseguir. Quando eu chegar ao ponto de maior fraqueza, empreste-me a Sua força para que eu possa ir em frente.

Semaías, um autoproclamado profeta, enviou um convite para que Neemias o visitasse mais tarde naquela noite. Apesar da agenda lotada, Neemias aceitou o convite, perguntando-se por que Semaías desejava vê-lo. Não precisou esperar muito para descobrir. Ele mal tinha tido a oportunidade de cumprimentar Semaías quando o homem se lançou sobre ele, com seus dedos dobrados pressionando o braço de Neemias.

“Eu o chamei aqui a fim de salvar sua vida. Aqui está uma profecia que você faria bem em prestar atenção. Seus inimigos estão vindo para matá-lo esta noite. Vamos nos esconder dentro do Templo e manter as portas trancadas. Eles não vão se atrever a virem contra você lá.”

“Esconder-me no Templo? Você perdeu o juízo, Semaías? Um leigo como eu não tem nada que seja de sua conta lá. Além disso, o que as pessoas vão pensar se o governador se trancafiar na casa do Senhor? Você quer que eu fique desacreditado? Não vou fazer tal coisa.”

O rosto de Semaías ficou paralisado. “Se você prefere morrer pela mão dos seus inimigos, vá em frente. Você é uma mula teimosa, não há raciocínio que possa convencê-lo.”

Por um momento, o medo agarrou o coração de Neemias de modo que ele não conseguia respirar. Haveria homens prontos para matá-lo naquele exato momento? Enfrentar o medo não era um desafio novo para Neemias. Muitas foram as vezes em que teve que agir apesar do medo. No silêncio de seu coração, ele pediu inspiração a Deus e se concentrou em controlar seu enorme desejo de ceder às advertências de Semaías.

Quanto mais resistia à insistência do medo, mais ele desaparecia. Com súbita clareza, ele disse: “Não acredito que Deus o enviou até mim. Essa não é uma profecia do Senhor, é Semaías? Tobias e Sambalate contrataram você para me intimidar. Estavam esperando que eu ficasse aterrorizado com suas mentiras e violasse a casa do Senhor para que, assim, ficasse desacreditado por minhas próprias ações.” Ele balançou a cabeça. “Que Deus se lembre de como você tentou me seduzir para trair o Senhor esta noite.”

Muros que haviam permanecido em ruínas há mais de um século foram restaurados em menos de dois meses. Apesar dos incessantes ataques inimigos e da falta de harmonia interna, o ambicioso projeto de reconstrução

foi concluído em apenas cinquenta e dois dias. O olhar de Neemias se voltou para os enormes portões, que finalmente tinham sido pendurados naquele dia. Um número deles ostentava até mesmo guaritas, que forneciam abrigo para os homens que estavam de sentinela ao longo das entradas da cidade.

O calcário pálido dos muros, mantido limpo e sem machas de musgo, brilhava ao sol. Neemias notou que, a partir de certos ângulos, as pedras pareciam douradas. Além dos muros, várias fazendas eram visíveis. Eram os primeiros dias de outono, e a última das colheitas tinha começado. Os feixes de trigo e de cevada, com cor intermediária entre laranja e marrom, balançavam com a brisa como uma faixa dourada ao redor dos muros. Uma colheita de ouro — os muros e os grãos — uma trazendo segurança, a outra trazendo alimento. Deus tinha conseguido o impossível. Ele proveu o que Jerusalém precisava. Apesar de todos os medos, da falta de fé, das dúvidas e da autocomiseração deles.

Deus. Tinha. Provido.

Ter aquela visão fez Neemias querer cair com seu rosto em terra e adorar. Nunca antes tinha estado tão completamente ciente da provisão do Senhor. A força dele poderia superar qualquer inimigo. Quantas vezes Neemias tinha ouvido que perseguia um sonho impossível.

Entretanto, Deus tinha conseguido o impossível. Não Neemias. Deus.

Ao permanecer fiel a Ele, ao se recusar a desistir, ao persistir, Israel tinha colhido uma safra que mudava o seu futuro. Uma colheita de ouro.

Seu irmão Hanani estava com ele. Reverência mantinha ambos em silêncio, afundados em seus devaneios particulares. “Neemias, isso é real?” Hanani disse, com uma voz sussurrada.

Neemias riu. “Espero que sim.” Sua voz tremia de emoção.

“Isso deve silenciar nossos inimigos.”

“Você pensaria que sim. Quando se trata da obra de Deus, porém, estou aprendendo que a batalha nunca para. Tobias, que tem muitos laços com Israel, continua a me enviar cartas tentando me intimidar. Não sei o que ele espera que eu faça. Sair com um martelo e, pessoalmente, derrubar o muro porque estou com tanto medo dele?”

Hanani sorriu. “Se seus amigos são tão fiéis quanto os seus inimigos você é um homem abençoado.”

“Eu *sou* um homem abençoado. Enquanto isso, temos que voltar ao

trabalho.”

Hanani parecia desanimado. “Que trabalho? Tudo está terminado.”

“Isso é apenas o começo. Nós não podemos parar com o muro. Precisamos reconstruir casas e estradas. Se desejamos que Jerusalém cresça em população novamente, temos que edificar uma cidade bem ordenada e com habitação suficiente para atrair mais cidadãos. Além disso, Hanani, isso nunca foi sobre um simples projeto de construção. Deus quer restaurar as pessoas de volta para Si. Ele pretende atrair nossos corações a Ele.

Com tanta coisa para fazer, Jerusalém precisa de alguém que esteja no comando disso tudo. Estava pensando em você, irmãozinho.”

“Em mim!”

“Você. Junto com Ananias, o comandante da cidadela. Ele é um homem de integridade que ama a Deus acima de tudo. Eu confio em vocês dois.”

“Como você pode confiar a mim uma posição dessa significância?” Hanani baixou a cabeça, evitando o olhar de seu irmão. “Nos últimos dois meses, eu duvidei de você muitas vezes. Você deve ter me achado difícil de lidar em mais de uma ocasião.”

Neemias sacudiu a cabeça. “O pior defeito de caráter que pode atormentar um líder é a arrogância. Sabe qual é a cura para a arrogância?”

“Qual é?”

“A falha. O Senhor ama colocar aqueles que falharam em posições de poder. Eles sabem de suas limitações e passam a confiar mais no Senhor. Você tem crescido através das provas das últimas semanas. Viu como Deus pode superar nossa fraqueza. Isso o trouxe a uma posição de humildade, Hanani. Você nunca mais vai cometer o erro de ser arrogante.”

“Sinto-me honrado por você acreditar que eu seja um bom líder para Jerusalém, mesmo que pense que minha única qualificação resida no fato de que sou um fracasso.”

Neemias deu uma gargalhada. “Talvez você tenha outras qualificações valiosas também. Aqui estão as suas primeiras ordens, então. Os portões de Jerusalém não devem ser abertos até o fim da manhã, quando o sol já estiver quente. Escolha dentre os porteiros do Templo aqueles que farão o serviço de sentinela, pois não são mais necessários tão frequentemente na casa do Senhor. Certifique-se de que eles fecharam e travaram os portões à noite. Além disso, nomeie residentes de Jerusalém como guardas adicionais, alguns

em seus postos e outros perto de suas casas. Os homens têm a tendência de ficarem mais vigilantes quando suas casas estão em jogo.

Também pretendo registrar o povo de Judá por famílias. Precisamos de um registro daqueles que voltaram do cativeiro. Deve haver cerca de quarenta mil pessoas vivendo no entorno de Jerusalém.”

Hanani deu um fraco aceno com a cabeça.

De canto de olho Neemias viu um reflexo colorido. Virando-se, encontrou Dario aguardando. Ficou surpreso com a humilde paciência do jovem. Como primo do rei e um alto senhor por direito próprio, Dario estaria dentro de sua prerrogativa se fosse até eles sem se preocupar com a interrupção de uma conversa. Neemias deixou Hanani e se aproximou de Dario. Não teve a chance de abrir a boca numa saudação quando Dario falou.

“Você estava certo a meu respeito.”

Capítulo 31

Com seu braço sobre o ombro de Dario, Neemias conduziu o jovem para a privacidade de uma colina, onde se acomodaram debaixo de uma árvore de murta com o tronco torcido. O silêncio se estendia. Depois de procurá-lo e pôr para fora sua confissão inicial, Dario parecia ter perdido o poder da fala. Neemias esperou com paciente compaixão. Não seria fácil romper com a disciplina de uma vida e começar a expressar pensamentos profundamente privados.

“Lorde Neemias... você disse que minha infância era como a fundação das muralhas de Jerusalém, que trouxe um dano que o tempo não tinha apagado. Você estava certo. Eu não tenho... qualquer ideia de como... ser o homem que quero ser. Eu não... amo minha esposa da maneira que ela merece ou deseja.”

Ele exalou um suspiro atormentado. “A fim de sobreviver à dor de perder meus pais e de viver no severo isolamento da escola do palácio, aprendi a desligar meu coração. Toda vez que chego perto de dar a Sara todo o meu coração, encontro uma desculpa para... para correr. Eu a tenho culpado pela confusão em nosso casamento, mas sou tão culpado quanto ela. E não sei como mudar. Eu sou... eu estou com medo.”

Neemias podia imaginar o que tal confissão tinha custado ao jovem. “De quê?”

“De nunca ser capaz de mudar. De nunca me tornar o tipo de homem que é digno do verdadeiro respeito.”

Neemias suspirou. “Meu jovem amigo, você não vai gostar da minha solução.”

A risada de Dario não tinha qualquer humor. “Gosto muito menos do nó que se recusa a deixar o meu interior. Continue. Diga-me o que deseja. É por isso que eu vim.”

“Só conheço uma fonte de cura. Aquele que fez você pode renovar sua alma. Ele pode curar a dor do seu passado e fazer de você o marido e o pai que deseja se tornar.”

Dario assentiu. “Imaginei que iria me dizer algo do tipo. Estive pensando sobre isso desde o dia em que nos falamos.” Ele trouxe seu joelho para si e

descansou um punho sobre ele. “O coração do meu pai vai se partir se eu me voltar para o seu Deus. Meu coração, no entanto, vai ficar quebrado se eu não o fizer.”

Neemias deixou escapar uma respiração profunda. Sabia que o Lorde Vivan se sentiria traído pelo que estava prestes a fazer. A amizade deles poderia não sobreviver ao peso dessa decisão. Então, novamente, soube o que o Senhor esperava de si. Se, por um lado, perder a consideração calorosa de Vivan e deixar de ser benquisto por ele iria doer, desobedecer a Deus seria muito mais doloroso.

“Dario, o Senhor às vezes nos chama a construir algo. Algo que é importante à Sua vista. Ele me chamou a esta cidade destruída a fim de reconstruir estas ruínas. Ele o chamou para construir um casamento com Sara. Para tal, você tem que reconstruir as ruínas de seu passado.”

Dario levantou a cabeça. “Nunca pensei nisso dessa forma.”

“Assim como os meus esforços para restaurar Jerusalém encontraram oposição, seu casamento também vai sofrer oposição. Sua alma tem inimigos que são tão persistentes e desonestos quanto Sambalate.”

“Que inimigos?”

“O pecado. As ciladas do mundo. As escuras forças do mal que vêm contra nós. Dúvidas persistentes. Mentiras. Forças que já lutaram contra você em sua infância.”

“O que posso fazer contra um inimigo que não posso nem ver? Um inimigo que parece estar dentro de mim?”

“Você precisa das armas de guerra de Deus para sobreviver. Você é um guerreiro. Você sabe como funciona quando se está sob ataque. Sabe como construir muralhas defensivas, como recuar, como sair para o ataque. Você tem que ser um guerreiro pelo seu casamento, Dario.”

Dario baixou as sobrancelhas. “Sei como ser um guerreiro. Quais são essas armas das quais você está falando?”

“Este mundo oferece poderosas armas. Amargura. Distanciamento. Falta de perdão. Você pode ganhar uma discussão com essas armas. Você pode se sentir justificado. Sentir-se correto. No final, contudo, elas vão lhe roubar qualquer chance de felicidade. Como espadas, elas podem separar a melhor das uniões. Essas são as únicas armas que você soube manejar até agora.

Entretanto, o Senhor pode muni-lo de armas divinas no lugar delas. Armas

que têm poder para protegê-lo dos ataques do seu inimigo. Aprenda a orar. Lute por sua família. Estude a Lei de Moisés e viva de acordo com os seus princípios.”

Dario ficou em silêncio por longos momentos. “Meu primeiro passo é entregar minha vida ao Deus da minha mãe, não é?”

“Bem, a menos que Ele se torne o *seu* Deus você não terá acesso ao Seu poder. Ele não pode transformá-lo se você não pertencer a Ele.”

Dario cobria seu punho com a palma da mão. Seus dentes estavam tão pressionados que Neemias se preocupou de que ele pudesse quebrá-los. Com um movimento brusco, o jovem deu um aceno de afirmação. “Vou fazer como você está propondo, Lorde Neemias.”

Pela primeira vez, Neemias notou que Dario o estava chamando de *lorde*, um posto que não era estritamente verdadeiro. A percepção de valor de Dario já estava mudando à medida que ele se aproximava do Senhor. Estava elevando Neemias porque podia sentir que, pelos padrões de Deus, Neemias era um homem de autoridade.

“Acho que sempre evitei você porque sentia que poderia me aproximar de Deus”, Dario disse de repente. “Essa era a verdadeira razão pela qual não gostava de você.”

Neemias riu. “Você vai gostar de mim ainda menos quando estivermos terminados. Uma das razões é porque você terá que ser circuncidado.”

Dario ficou imóvel. Pronunciou um longo e sonoro palavrão.

“E você vai ter que deixar de fazer isso.”

Sara tentou alcançar um pequeno estojo contendo alguns de seus apetrechos de escrita, o qual Pari tinha guardado em uma prateleira alta. Muito pequena para alcançar a caixa diretamente, tentou subir na ponta dos pés. A massa desajeitada de sua figura ficou no caminho, e ela deu um gemido frustrado quando não conseguiu levantá-la. Um chiado estridente escapou de sua garganta enquanto um braço inesperadamente se esticou sobre a sua cabeça e agarrou o estojo com uma mão.

“Você deve pedir ajuda, Sara. Não há qualquer dificuldade para mim em lhe dar uma mão.” Dario colocou a caixa feita em madeira esculpida sobre a mesa.

“Não ouvi você entrar!”

“Pensei que conseguiria persuadi-la a descansar por um tempo.”

“É meio de tarde.”

“Você não tem dormido bem à noite. Uma pequena soneca iria revigorá-la.”

Sara escondeu sua surpresa. Tentou esconder suas lutas noturnas contra a insônia e o esgotamento que arrastavam seus passos durante o dia. Deveria saber que pouco escapava à percepção dele.

“Venha. Vou ficar com você.” Antes que Sara pudesse responder, Dario a tomou em seus braços e a levou para a cama.

Sara fez um som chiado em protesto. “Ponha-me no chão! Eu peso tanto quanto uma casa.”

Dario fez uma careta. “Eu tenho armaduras mais pesadas que você.”

Ele sentou na cama atrás dela, com as costas dela contra seu peito e os seus joelhos levantados em ambos os lados do corpo dela como uma cerca bronze. Para o deleite dela, ele começou a esfregar seus ombros, com seus dedos suaves. Ela deu um suspiro de prazer.

“Sabe, há muita coisa que se tem que aprender sobre ser um marido,” disse ele.

“Hmm?” Ela abriu os olhos e tentou sair da sua névoa induzida de prazer. Vagamente, lembrou-se de ter dito aquelas palavras para ele tarde da noite, enquanto estavam em Damasco. Perguntou-se o que ele tinha na manga agora. Nas últimas semanas, ele tinha conseguido deixá-la pasma de surpresa mais de uma vez. Não que estivesse reclamando. Parecia que ele tinha lido sua lista de desejos secretos e decidido torná-los realidade. Inclinando-se contra ele, ela disse: “É mesmo?”

“Sim. Sempre fui arrogante sobre a facilidade com que aprendo. Tem sido um golpe esmagador no meu orgulho perceber que, na área mais importante da minha vida, sou um aprendiz idiota.”

Sara começou a rir. “Você está zombando de mim?”

“De modo nenhum. Achei que você capturou o sentimento muito bem, e agora é a minha vez; decidi usar suas próprias palavras. Achei que fosse ganhar sua simpatia.”

Sara ficou imóvel. “Você não pode ganhar o que já possui.”

Sentiu Dario dar um suspiro profundo contra suas costas. Apoiando-se sobre seus joelhos, ela se virou para encará-lo. Uma onda de lágrimas turvava sua visão. Sua garganta estava coberta por elas enquanto sussurrava: “Dario,

por favor, você vai me perdoar por não lhe dizer que eu estava carregando um filho nosso?”

Ele ficou pálido e Sara fechou os olhos, não querendo ver a amargura que ele não seria capaz de esconder. Dedos seguraram seu queixo. “Olhe para mim,” ele ordenou.

Sara forçou seus olhos a se abrirem, tentando encobrir seu desapontamento.

“Eu perdoo você, Sara. Eu perdoo você.”

Ela engasgou. As palavras lhe falharam enquanto tentava processar sua declaração. Ele pressionou sua boca contra a dela em um beijo faminto. Contra os lábios dela, ele murmurou: “Eu perdoo você de todo o meu coração.”

Sara chorou. Alívio e esperança a percorriam por meio de ondas avassaladoras. Dario a agarrou, com seus braços acariciando suas costas e a segurando contra si. Havia algo diferente na maneira como ele a segurava. Em seu abraço ela sempre tinha detectado uma reserva impenetrável, como se ele mantivesse alguma parte de si escondida — alguma parte de sua alma da qual não permitia que ninguém se aproximasse. De uma forma inexplicável, ela sentia agora que ele tinha retirado essa barreira.

Era como se o muro entre eles tivesse sido esmagado, atraindo-os para mais perto do que nunca tinham estado. Ela nunca tinha se sentido tão perto de alguém. Sentia que pertencia inteiramente a ele e ele a ela. Sabia que ele não a amava. Pela primeira vez, ela não se importava com isso. Ele estava dando a ela tudo o que tinha para dar. Tudo, exceto o seu coração.

“Você me perdoa?” ela perguntou, tentando ter certeza de que não tinha apenas sonhado esse momento.

“Eu perdoo você, sim. Silêncio, agora, querida. Não chore tanto. Eu quero que você descanse.”

Sara limpou o nariz no lenço que ele estendeu a ela. “Você me libertou de um fardo insuportável. Obrigada.”

O peito dele se expandiu sob a bochecha dela. “Então eu devo pedir o *seu* perdão — por reter o meu perdão por tão longo tempo.”

“Eu o concedo livremente. Eu o feri com minhas ações, Dario. Não posso lhe dizer o quanto lamento.”

Ele acenou com a mão. “Sara, sei que não tenho sido o melhor marido para

você. Eu não lhe dei motivo para confiar em mim. Tenho sido um tolo cego pensando tão orgulhosamente em mim mesmo. Só tenho visto o bem que lhe fiz, ignorando minhas falhas com você. Tenho julgado você duramente.”

Sara acariciou sua bochecha. A barba dele tinha crescido em espessura e fazia cócegas na sua mão. Ela sorriu com aquela sensação, na mais pura alegria de saber que poderia tocá-lo livremente, sem se preocupar com a possibilidade de ele rejeitá-la. “Você me faz feliz só de estar comigo, Dario. Só de me querer.”

Ele a tocou debaixo do braço com o polegar, dando-lhe um calafrio. “E você *me* faz feliz. Eu tenho algumas boas notícias para você.”

“Mais boas notícias?”

“Neemias está preparando a minha circuncisão.”

Por um breve momento, a mente de Sara ficou em branco. Em seguida, o significado de suas palavras penetrou nela e ela deu um grito confuso antes de afogá-lo em beijos. “Não pode ser verdade! ... O Senhor seja louvado! ... É sério? ... Estou tão feliz!” ela exclamou, sem fôlego, entre os beijos. “Estou muito orgulhosa de você, marido.”

Dario riu silenciosamente antes de afastá-la de si. “Vocês, mulheres judias, são muito sedentas por sangue. Eu digo a você que o seu marido está prestes a ter uma parte muito preciosa dele dissecada e você grita de júbilo.”

Sara riu e o abraçou contra si com toda a sua força. Ela percebeu que suas mãos tinham se fechado em punhos duros e que sua boca estava formando uma linha tensa.

“Sara, ainda há muitas coisas não ditas entre nós.” O rosto dele ficou cor de cinzas.

“Você não tem que me dizer qualquer coisa que não queira.”

“Isso não é verdade. Eu tenho a tendência de evitar temas pessoais. Prefiro conter meus sentimentos, admito. Descobri, porém, que isso atrapalha nosso casamento.”

Sara acariciou suas mãos fechadas, tentando dar-lhe conforto. Sentiu-se esmagada pela sua confissão. Foi uma surpresa para ela que ele estivesse sequer ciente de sua tendência a manter suas emoções escondidas, quanto mais perceber que, ao fazê-lo, ele a machucava. Machucava o casamento deles.

Ele engoliu em seco. Era um som agradável vindo de um homem que

parecia infalivelmente elegante em suas maneiras. “Eu nunca lhe contei sobre a minha vida no palácio,” disse ele.

Capítulo 32

No dia em que o muro foi concluído, Neemias mandou os trabalhadores de volta para suas casas para alguns dias de descanso com instruções para que voltassem no primeiro dia do sétimo mês. Não era da natureza de Dario adiar uma tarefa desagradável. Ele pediu para Neemias providenciar sua circuncisão o mais cedo possível. Sabia que o governador tinha grandes planos para a festa do sétimo mês, e tinha a intenção de estar presente e recuperado no período das cerimônias.

No dia marcado, toda a comunidade se reuniu para louvar a Deus por Seu grande favor para com Israel. Neemias tinha ordenado que uma alta plataforma de madeira fosse construída bem dentro da Porta das Águas. A terra ainda estava envolta na escuridão da madrugada quando cada homem, mulher e criança com idade suficiente para entender se reuniu lá esperando por Esdras, o sacerdote.

Dario perguntou a Neemias porque ele se recusou a ler a lei. “Você é o governador, o escolhido do rei. Fez todo o trabalho duro. Por que não deveria desfrutar da glória agora?”

“Um bom líder sabe quando é melhor ficar na sombra”, disse Neemias com um sorriso. “Esdras é um intelectual e um sacerdote. Ele tem o conhecimento e a consagração necessária para essa tarefa. Ele vai glorificar a Deus melhor do que eu jamais conseguiria. Vai ajudar as pessoas a entenderem o que o Senhor deseja delas.

Não se preocupe. Não estou abandonando Israel. No momento certo, vou juntar forças com Esdras, e juntos vamos fortalecer o povo de Deus. Fé e diplomacia devem formar uma poderosa união.” Os cantos de sua boca caíram. “O que significa que tenho que convencer Artaxerxes a ficar sem mim por um tempo ainda. Definitivamente, preciso de diplomacia e fé para realizar essa façanha!”

Enquanto o sol enchia o céu com sua luz, Esdras chegou, seguido por treze assistentes escolhidos a dedo, alguns dos quais ajudavam a transportar um grande rolo com muito cuidado. O velho sacerdote subiu na plataforma, com um homem de cada lado para ajudar a desenrolar o rolo do livro da Lei. Quando a multidão viu Esdras abrir o livro, se pôs de pé como se fosse um só

homem.

Dario tomou o seu lugar perto de Sara. De canto de olho, teve um vislumbre de seu amigo Lisandro entre um pequeno grupo de estrangeiros que se reuniram a uma distância respeitosa. Lisandro estava parado, com os pés ligeiramente afastados, seus enormes braços cruzados e o rosto como uma máscara impenetrável. Ele não fez segredo de seu desdém a respeito da decisão de Dario de ser circuncidado.

“Essas pessoas sequestraram o seu cérebro”, ele disse, com sua boca ondulada. “Por que você quer fazer uma coisa tão estúpida quanto essa?”

Para a sua própria surpresa, Dario não sentiu qualquer irritação com o desprezo de Lisandro. Por causa de sua mãe, Dario sempre teve certo respeito pela fé judaica, mesmo quando fugia dela. Contudo, podia entender o desprezo de seu amigo. Lisandro não teria se importado se Dario tivesse oferecido um ou dois sacrifícios para o Deus dos judeus. Não podia, no entanto, aceitar com tranquilidade um compromisso que, de tão abrangente que era, marcava até mesmo o corpo do seu amigo. Dario tinha passado tempo o suficiente evitando o Senhor para agora sentir qualquer compaixão pelo sentimento de escárnio de seu amigo.

Dario percebeu que Pari estava ao lado de Lisandro, com sua cabeça inclinada e suas mãos cruzadas à sua frente. O comportamento de Pari, em contraste com o do espartano, mostrava respeito.

Ela tinha passado muitas horas na companhia de Sara e fazia perguntas sobre o Senhor. Sara disse a ele que até já havia orado com ela.

Dario voltou sua atenção para Esdras. O velho sacerdote começou o dia louvando ao Senhor. Todos levantavam as mãos e gritaram: “Amém!”

Em seguida, Esdras começou a ler o antigo livro à sua frente. A lei foi escrita em hebraico e, ao contrário de sua esposa, Dario entendia pouco do que estava sendo lido. Ele não era o único afligido pela incompreensão. Sabendo dos tantos israelitas que tinham perdido a capacidade de entender o hebraico desde os anos do cativeiro na Babilônia, Neemias tinha combinado que Esdras leria uma seção da lei e depois pararia. Um número de levitas tinha sido espalhado entre o povo, designados para traduzir as palavras de Esdras para o aramaico. Eles se certificavam de que as pessoas entendiam o significado de cada passagem e ganhavam uma visão mais profunda sobre as intenções de Deus.

Dario sentiu todo o seu corpo formigar com uma empolgação incomum. As palavras fluíam através dele com poder e ele percebeu que estava avaliando sua vida com base nelas.

O Senhor é Deus e não há outro... O Senhor é o nosso Deus, apenas o Senhor. Vocês devem amar o Senhor seu Deus com todo o seu coração, com toda a sua alma e com todas as suas forças. Não adore qualquer um dos deuses das nações vizinhas, pois o Senhor seu Deus, que vive no meio de vocês, é um Deus ciumento.

Ocorreu a Dario que Deus exigia mais do que dever ou lealdade, embora quisesse essas coisas. Ele queria o coração de Dario. Ele queria um amor absoluto.

Dario percebeu um estranho silêncio. O mundo inteiro em torno dele parecia ter desaparecido. Sara, Esdras, os levitas, as multidões. Eles desapareceram de sua consciência. Era como se estivesse em pé sozinho diante do Senhor, com sua alma nua. Não conseguia suportar tal escrutínio. Sentia suas próprias falhas, descobertas, dominando-o, e caiu de joelhos.

Não sei como Te amar! Não sei como amar. Não do jeito que Tu exigis.

Com uma sacudida desconcertante, tornou-se novamente consciente daqueles em torno dele. A voz do levita perto de si penetrava sua mente.

O Senhor não se afeioou a vocês nem os escolheu porque eram mais numerosos do que as outras nações, pois vocês eram a menor de todas as nações! Pelo contrário, foi simplesmente porque o Senhor os ama... Ele é o Deus fiel, que guarda a sua aliança por mil gerações e esbanja seu amor perfeito sobre aqueles que O amam e obedecem aos Seus mandamentos...

Dario sentiu que Deus queria que ele entendesse o significado desses versos não só para Israel, mas também para si próprio. Como homem. Abrindo e fechando seus dedos em espasmos, eles foram afundando na terra onde ele se ajoelhou. O Senhor cuidava dele individualmente. Esse conhecimento começou a permear sua mente de forma cada vez mais profunda. Passando as suas emoções, indo além de seus pensamentos; isso penetrou no íntimo do seu ser. Ele não tinha escolhido Deus; Deus havia escolhido *ele*!

Não havia sido escolhido porque era o mais forte ou o melhor. Deus não tinha escolhido Dario por causa de sua mãe ou de seus familiares. Deus o

havia escolhido simplesmente porque o Senhor do universo o *amava*. Ele amava Dario com um amor *inabalável*. A força de Dario o abandonou. Seus músculos, sempre fortes e no controle, tornaram-se como uma massa de seda molhada, incapaz de apoiá-lo.

Dario caiu para frente, com o rosto no chão.

Senhor, eu falhei contigo! Eu falhei contigo durante toda a minha vida. E não posso nem prometer que vou parar. Teu amor, porém, nunca falhou comigo e nunca irá falhar. Tua fidelidade está além da minha compreensão.

Ele sentiu como se esse amor o cobrisse como um manto. O peso disso era tão grande que Dario não conseguia se mover.

A reverência era bombeada através de suas veias de modo que mal conseguia respirar. Sabia que a mão do Senhor se dignara a tocá-lo. Apesar de seus anos rebeldes fugindo de Deus, correndo de Seu governo e de Sua misericórdia, Deus havia decidido lhe conceder seu perdão e sua aceitação.

Dario chorava como um menino pequeno e não sentia qualquer vergonha disso. Seu rosto estava encharcado de lágrimas, e ele não se importava. Sua mente entorpecida compreendeu que o Senhor estava com ele em meio a cada momento das desolações de sua infância. Quando pensava estar sozinho, o Senhor estava com ele, amando-o e guiando-o. O Senhor conhecia cada tristeza, cada trauma da sua infância e nunca — *nunca* — o tinha abandonado.

Lentamente, Dario sentiu algo rachar em seu coração, algo como uma velha crosta tão dura e fria quanto o mármore. O amor de Deus superou o antigo escudo que tinha sido sua proteção desde a infância. Agora, o próprio Deus seria sua proteção.

O Senhor seu Deus vai mudar o seu coração e os corações de todos os seus descendentes, de modo que você vai amar o Senhor com todo o seu coração e sua alma, e assim possa viver!

O Senhor estava mudando o coração de Dario, restaurando-o e ensinando-o amar novamente. Sentiu o pesado fardo sendo aliviado e foi capaz de mover a cabeça. A primeira coisa que viu foi Sara ajoelhada ao lado dele, com seus olhos fechados e seu rosto brilhando, apesar das lágrimas que corriam copiosamente.

Ele foi atingido por uma onda de amor por ela que sua respiração ficou presa. Olhou para ela como um jovem inexperiente, com sua boca

entreaberta, tomado por um carinho tão profundo que perdeu o poder da fala. Estava aqui o tempo todo, esse amor, desde os primeiros dias de sua união. Só que ele tinha sido incapaz de entregar o controle.

Com clareza afiada, lembrou-se da primeira vez que tinha visto Sara na colina fora do palácio de Persépolis. Estava perseguindo um leão que havia escapado das áreas de caça quando encontrou com ela em meio a sua busca. Ela o encarou, com suas bochechas rosadas após um cochilo recente, sua túnica torta e disforme, seus grandes olhos cheios de humor e sua inteligência destemida. Seis gerações ininterruptas de aristocracia persa correndo em suas veias se alarmaram com a atenção abrupta quando ela o confrontou com o fogo do desafio em vez de uma risadinha boba. Ela estava longe de aparentar bonita naquela manhã, com seus trajes de escriba amarrotados e seu cabelo despenteado, mas ela o havia encantado dentro de momentos após o primeiro encontro como poucas mulheres fizeram.

Ele teve que apontar sua flecha para passar perto dela, mirando o leão que estava agachado atrás dela, e ela ficou parada como um soldado experiente, tolerando o perigo que a ameaçava nas duas direções. Ele não se apaixonou por ela ali, mas tinha sido cativado o suficiente para se sentir ameaçado. Foi por isso, sem dúvida, que ele tinha escolhido acreditar que ela era apenas mais uma adúltera, procurando se promover por meio de bajulação. Ele a afastou tão rápido quanto pôde ao surgir com uma falha provável para lhe atribuir, então ele havia visto a culpa, e não a doçura da mulher que o atraía com poder irracional.

Ele não tinha se permitido sentir suas verdadeiras emoções. Sua infância austera tinha deixado nele uma marca, tornando-o incapaz de exibir esse nível de vulnerabilidade. O amor já o tinha decepcionado uma vez. Tinha aprendido a não se dar essa oportunidade novamente. Mesmo depois de estar casado por tempo suficiente para conhecer Sara, para saber que ela era atenciosa, leal e generosa, ele não conseguia lhe entregar seu coração. Ele festejava o amor dela como um bebê faminto, mas não conseguia oferecer o seu próprio.

Agora que o Senhor tinha derrubado os frios muros com os quais ele tinha se cercado desde a infância, já não podia se desligar dela. Nem queria isso.

Ele amava Sara. Essa compreensão o encheu de alegria.

Dario cambaleava, com seus movimentos estranhos. De canto do olho, viu

Lisandro. O espartano estava de joelhos, com seu rosto coberto de suor. Os olhos azuis estavam arregalados e chocados. Dario teve uma suspeita de que o Senhor tinha feito Sua presença conhecida ao seu amigo de uma maneira que demoraria a sair de sua memória. Pari estava caída no chão com o rosto em terra, numa situação bem parecida com a dele próprio, momentos antes.

Dario deu uma olhada mais abrangente e percebeu que a maioria das pessoas estava chorando, alguns em silêncio, como Sara, outros berrando como crianças inconsoláveis. A presença do Senhor pairava sobre a multidão como uma névoa invisível.

Dario tinha andando pelos palácios mais ricos do mundo. Esteve em contato com as riquezas mais exuberantes que a imaginação humana poderia conceber. Nada se comparava com a majestade da grandeza da presença de Deus nesta pequena e estéril cidade. Percebeu que o âmbito da presença do Senhor naquele dia era tão amplo e abrangente que todo homem, mulher e criança lá foram levados a experimentar uma mudança inesquecível em suas almas. Ninguém seria mais o mesmo depois desse dia. O Senhor tinha reavivado o zelo do Seu povo. Eles tinham fome e sede de uma justiça que sabiam não possuir em si mesmos.

Neemias se juntou a Esdras na plataforma. Uma nova gentileza coloria sua voz quando disse: “Este dia é sagrado. Não se lamentem. O Senhor é santo, mas a Sua misericórdia se eleva ainda mais alto que a nossa vergonha. Parem o lamento agora.”

Os levitas se juntaram a Neemias, acalmando as pessoas com palavras de consolo. O governador mandou a multidão ali reunida descansar. “Celebrem a bondade do Senhor com alimentos ricos e bebidas doces. Ofereçam vossa generosidade àqueles que não têm nada, para que não passem fome.

Enxuguem suas lágrimas. A alegria do Senhor é a nossa força! Deixem que o Seu amor encha vocês de alegria e irão vencer.”

No caminho para os seus aposentos, Dario correu até Neemias. Sem uma palavra sequer, o homem mais velho o puxou para um abraço paternal. Dario podia sentir as lágrimas brotando em seus olhos novamente. “Lorde Neemias, eu nunca imaginei que poderia ser assim.”

“Nem eu, meu filho. Nem eu.”

Dario sentia como se houvesse uma colônia de formigas alojada dentro de si. Ele tanto desejava estar a sós com sua esposa como, ao mesmo tempo,

temia isso. Havia enfrentado inimigos ferozes em inúmeros campos de batalha. No entanto, nunca tinha tido tanto medo. E tudo porque queria expressar à sua própria mulher o quanto a queria. Poderia ter chutado a si mesmo ter sido tão idiota. Mas ele não conseguiu superar a fraqueza que fez com que um véu de transpiração cobrisse sua testa.

No quarto dele, Pari servia um pequeno banquete. Dario a despediu com um aceno áspero antes que tivesse acabado de colocar a comida. Sua garganta estava seca e ele tomou um grande gole de vinho doce.

A voz de Sara estava abafada quando ela disse: “Nunca serei a mesma depois deste dia. Eu me sinto como Jó: *meus ouvidos tinham ouvido falar de Ti, mas agora os meus olhos Te veem*”.

“Sinto o mesmo. Imagino que a maioria de Israel tenha experimentado algo semelhante hoje.”

Sara estava ocupada desembrulhando o guardanapo que envolvia um pão quente. Ele tomou o pão dela e distraidamente o colocou sobre uma tigela. O pão se afundou no recipiente. Sara fez um pequeno som de protesto e tentou resgatar o pão.

“Deixe-o!”

Ela se virou para ele com uma careta. Ele forçou um longo suspiro e umedeceu seus lábios secos. As mãos dela foram presas no meio do caminho até a tigela. Ele as capturou com as suas mãos. Seus dedos tremiam e ele não conseguia fazê-los parar.

“Sara. Sara... eu amo você.”

“O que disse?”

“Eu amo você, querida.”

Um silêncio pesado se seguiu à declaração que envolveu muito esforço para ser feita. Por um momento, seu coração afundou. Será que ela iria rejeitá-lo? Será que ela iria embora, agora que ele tinha desnudado sua alma?

Sua voz soava frágil quando finalmente ela falou. “Diga isso novamente.”

Numa percepção súbita, reconheceu que ela não fora motivada por frieza, mas por dúvida. Depois de martelá-la mês após mês com sua garantia desapaixonada de que nunca iria amá-la, ela não conseguia entender sua declaração. Não era um homem poético, mas, por causa dela, ele tentou.

“Quero envelhecer com você. Quero que o seu rosto seja a primeira coisa que eu venha a ver pela manhã e a última coisa que eu venha a ver à noite.

Quero sentir os meus filhos crescendo dentro de você. Sara, meu amor. Quero adorar o Senhor com você e ouvir sua risada até o dia em que eu morrer.”

“O que mudou?” perguntou ela, com sua voz trêmula. “Você mesmo disse que não conseguiria se sentir assim em relação a mim. Você está sendo motivado pela obrigação de dizer essas coisas agora? Você me chamou de querida antes, mas não teve a intenção. A sua nova fé é a fonte desse lindo discurso?”

“Claro que não! Será que eu conseguiria agradar ao Senhor com uma mentira? Você deve ignorar tudo o que eu disse antes. Eu era um idiota. Eu quis dizer exatamente isso quando chamei você de querida antes. Eu quis dizer isso e muito mais.”

Seu sorriso era triste. “Sei que não sou bonita o suficiente para você. Você teria escolhido alguém como Roxana para ser sua esposa se estivesse livre para tomar sua própria decisão. Uma mulher atlética e deslumbrante. Alguém nobre como você.”

Dario pôs sua mão ao redor do antebraço dela e a puxou para si. Seu rosto estava contorcido de frustração. “Eu poderia ter casado com Roxana anos atrás se quisesse. Mas eu não fiz.”

“Mas você também não me queria.”

“Eu queria você quase desde o início. Acho que me apaixonei por você antes de chegarmos a Ecbátana. Eu fui tão idiota que não admiti nem para mim mesmo. Sara, minha querida, eu não tenho desejado outra mulher a não ser você desde aquele momento.”

Ele percebeu a dúvida nos olhos dela e, além disso, viu a falta de confiança por trás da dúvida. Ele tinha causado parte dessa insegurança. Doeu nele quando pensou que seu próprio comportamento tinha diminuído a capacidade dela de receber seu amor. De confiar nesse amor.

Ele a puxou contra seu peito, com seus movimentos cheios de ternura. Beijou sua testa, seu queixo, seu pescoço, suas bochechas. O desejo tomou conta dele por meio de ondas poderosas. Ele sempre a tinha desejado com uma intensidade que parecia crescer independentemente das circunstâncias entre eles. Agora, porém, ele tentava incutir nela a realidade de seus sentimentos. Não era apenas o corpo dela que queria. Queria ela por inteiro.

“Deus me concedeu o desejo do meu coração quando casei com você, Sara, e eu não sabia. Ele me deu um casamento de amor. O Senhor fez o meu

sonho mais desejado tornar-se real, e eu era muito teimoso para admitir. Não mereço essa misericórdia do Senhor. Você é o presente que Ele me deu. E pretendo cuidar desse presente, minha querida. E estimar você até que acredite em mim.”

Ele se afastou dela e examinou sua expressão. Ela estava sorrindo, com o rosto iluminado por uma luz interior que fez o coração dele bater. “Você realmente me ama, não é?” ela sussurrou.

“Com toda a minha alma.” Ele a beijou até se sentir atordoado de desejo.

“Eu amo você, Dario.”

Quando ele a puxou com força contra si, seu filho o cutucou com um impulso tão firme de um pequeno membro que ele o sentiu através de sua roupa. Sara fez um curto som de protesto.

“Você está bem? Isso deve ter doído.”

“Ele estava apenas mostrando sua aprovação.” Ela deitou a cabeça contra o peito dele. E, então, ela o chamou de *querido*, o que nunca tinha feito antes. Dario decidiu que não iria se cansar de ouvir esse nome carinhoso até o dia em que morresse.

Capítulo 33

Como poderia uma mulher pequena suportar tanta dor? Dario se perguntava. Se ele a visse engolir mais um grito, ficaria perturbado. Tinha sofrido numerosas lesões em batalhas — golpes de faca, ombros deslocados, ferimentos na cabeça, costelas quebradas. Resistir a elas tinha sido fácil. No entanto, achava o sofrimento de Sara insuportável. Ela tinha estado em trabalho de parto ao longo de todo um dia e noite. E ela ainda empurrava e soltava. E a criança ainda não vinha.

Entre os acessos de dor, às vezes ela perdia a consciência, uma misericórdia pela qual ele era grato. Em outras ocasiões, ela vomitava com uma violência que o fazia estremecer.

Lisandro tinha encontrado uma parteira experiente, que veio com recomendações brilhantes dos senhores de Judá, e ambos atenderam Sara. Nenhum deles parecia particularmente preocupado. A julgar pelas expressões deles, observar uma mulher sendo dilacerada pelas contrações era a coisa mais banal que o mundo tinha a oferecer. Dario tinha aprendido a manter a boca fechada nas fases iniciais do processo de parto. Lisandro ameaçou expulsá-lo do quarto se não parasse de fazer comentários irritantes. Como não poderia ser diferente, ele teve que brigar para ser autorizado a ficar na sala do parto.

Seus dedos há muito haviam perdido o tato porque Sara os pressionava quando as dores lhe sobrevinham, o que ocorria em intervalos de tempo cada vez menores.

“Boa, Sara”, a parteira exclamou. “Mais uma assim e a cabeça dele estará fora.”

Dario voltou ao foco num estalo. Não mais se importava com o nascimento da criança. Só queria que Sara ficasse livre dessa angústia infernal. Sara gritava. Não era um som humano. Dario sentia todo o seu corpo ficar rígido. A transpiração encharcava todos os orifícios. Percebeu que estava orando com o desespero de um homem petrificado. Dario Pasárgada, descendente do grande rei Ciro, tremia de medo.

“A cabeça dele está fora!” Lisandro gritou. “A parte mais difícil já passou. Mais um empurrão agora, Sara.”

Sara gemia, com sua voz rouca. Ela estava ajoelhada sobre o colchão, com Pari atrás dela para apoiar suas costas. Seu corpo se curvava e ela empurrava. A parteira estava com as mãos na barriga dela, ajudando as contrações naturais do corpo. Os olhos de Dario se arregalaram quando ele viu uma criatura cinza azulada emergir do corpo de sua esposa. Metade de sua mente foi capturada pela imagem da criança, que jazia imóvel como uma estátua de madeira nas grandes mãos de Lisandro, e a outra metade lutava horrorizada com o grande jorro de sangue fresco que de repente passou a embeber os lençóis debaixo de Sara. Ela caiu para trás nos braços de Pari. Com extremo cuidado, a serva colocou sua senhora sobre os travesseiros atrás dela.

Os lábios de Sara tinham adquirido uma tonalidade arroxeada. Ela estava tão imóvel quanto a criança que tinha dado à luz. “Sara!” Dario gritava e colocava uma mão desesperada contra o lado de seu pescoço para garantir que ela vivia. Sentiu o baque em sua pulsação. Estava mais fraca do que deveria estar.

Ele poderia dizer que foi necessária toda a força dela para abrir os olhos. “Meu bebê”, ela sussurrou. “Por que ele não está chorando?”

Dario olhou para onde Lisandro segurava a criança pelos tornozelos, de cabeça para baixo. Ele bateu nas costas dela uma vez. Então, de novo. Nada. O coração de Dario se encolheu. A criança estava morta. Que o Senhor tenha piedade! Depois de tudo isso, a criança estava morta.

Então, de repente, inesperadamente, o bebê deu uma respirada — sua primeira no mundo.

“Está tudo bem, Sara. Ele está respirando. Ele está vivo! Temos um menino. Um filho!”

Logo após ter tomado esse ar inicial, o filho deles começou a chorar, fazendo seu descontentamento conhecido por todos na sala. Dario não invejou as objeções vociferadas por ele. Não teria curtido a indignidade de ser pendurado de cabeça para baixo, e o insulto adicional de um tapa não muito gentil, também.

Dario passou um curto momento agradecendo a Deus por esse milagre antes de voltar o olhar para a parteira que tinha cuidado de Sara. Uma vez que toda a placenta tinha sido empurrada para fora, a parteira fez o que pôde para parar o fluxo anormal de sangue. Ela percebeu o olhar perturbado dele e lhe deu um sorriso tranquilizador.

“Ela está bem agora. O sangramento diminuiu. Vamos ter que vigiá-la nos próximos dias. Ela deve ficar frágil inicialmente. O perigo imediato, porém, já passou, e com o cuidado apropriado sua esposa deve se recuperar e lhe dar muito mais crianças.”

Dario se inclinou contra a parede, fraco demais para ficar de pé sem ajuda.

“Você quer segurar o seu filho? Ele é um persa pequeno e barulhento”, disse Lisandro.

Dario viu o olhar de ansiedade nos olhos de Sara. “Dê o bebê primeiramente à sua mãe.”

Lisandro tinha lavado o bebê com água morna e sal, esfregando azeite de oliva em sua pele após cortar e atar o cordão umbilical. Ele colocou o pacotinho que se contorcia, agora limpo e rosado, coberto por panos de algodão macio, no peito de Sara. Os braços dela o abraçaram frouxamente. Lágrimas escorriam pelo seu rosto enquanto ela o contemplava. “Ele é a sua própria imagem, Dario,” ela murmurava.

Dario estudou o rosto enrugado cercado por um aglomerado espesso de cabelo escuro e manteve suas observações para si mesmo. O bebê parou de chorar assim que os braços de sua mãe o envolveram. Seu filho tinha bom gosto.

Pari, que estava discretamente recolhendo os lençóis manchados de sangue, sussurrou: “O Senhor seja louvado!” Ela veio a crer no Senhor como o verdadeiro Deus vivo no dia em que Esdras tinha lido a Lei. Dario sorriu para ela e concordou com a cabeça.

Ele passou um dedo suave na lateral do rosto do seu filho. Os lábios de sua pequena boca se uniram e ele fez um movimento de sucção. Ele sentiu um forte aperto em seu coração. Sua alma se ergueu com o desejo de proteger esta criatura indefesa de todos os perigos.

“Seu filho está com fome”, disse a parteira. Ela o posicionou contra o peito de Sara. Dario olhava para essa cena não familiar, fascinado. Sua esposa segurava o bebê com uma força emocional que superava a sua fraqueza física. Dario ficou cheio de orgulho. Orgulho por essa mulher e essa criança pertencerem a ele. E, então, passou por ele o pensamento de que Deus tinha escolhido presenteá-lo com os dois.

Ele se inclinou e beijou Sara na coroa da cabeça. “Eu amo você”, ele sussurrou. “Amo mais do que posso expressar.” Pela primeira vez desde que

era uma criança, uma sensação de completude o encheu. Sentia-se completamente em paz. Apesar de não saber como enfrentar os desafios que o futuro iria trazer a ele e à sua família, sentia-se seguro na firmeza do Senhor.

Pensou nas muralhas de Jerusalém e como elas tinham sido reconstruídas apesar do perigo e da ameaça incessante. Como os estragos do passado tinham sido superados pela fidelidade persistente de um homem. Ocorreu-lhe nesse momento, quando a exaustão ainda se apoderava dele, que Deus tinha restaurado sua própria vida não menos do que Ele tinha restaurado Jerusalém. Certa vez, Neemias chamou os muros ao redor de Jerusalém de uma colheita de ouro.

Dario olhou para o seu filho pequeno, saciando sua fome no seio de sua esposa, e reconheceu que Deus também tinha lhe dado uma colheita.

Notas da Autora

De acordo com alguns arqueólogos, durante o tempo de Neemias, a população de Jerusalém devia não ter mais do que algumas centenas de habitantes. Outros estudiosos estimam que o número era de três ou quatro mil. Certamente, a cidade tinha encolhido substancialmente desde os dias de Salomão e eu tento capturar essa trágica perda no enredo.

Somos incapazes de reconstruir totalmente a localização dos muros nos dias de Neemias ou mesmo de saber a forma que eles tinham. Muitos dos pontos de referência mencionados na carta de Neemias foram destruídos durante as reformas de Herodes, o Grande, quatrocentos anos mais tarde. A minha descrição dos muros é baseada em uma combinação de descobertas arqueológicas da época, da narrativa bíblica, e, claro, de licença literária.

De acordo com o calendário lunar, no ano 445 a.C. o mês de Nisã ocorreu entre abril e maio, o que foi excepcionalmente tardio. Isso significa que Neemias deve ter finalizado os arranjos para sair de Susã de uma maneira assombrosamente rápida e chegou a Jerusalém mais cedo do que uma caravana média teria conseguido.

Como sempre, quando possível, tentei permanecer fiel à história. O enredo sobre a trama do assassinato de Artaxerxes é inspirado por duas histórias não relacionadas do período Aquemênida, como relatado por historiadores gregos. Em um caso, Histieus, planejando uma insurreição contra os persas, envia uma mensagem secreta a seu sobrinho, tatuando as palavras na cabeça raspada de seu escravo para evitar que ela fosse descoberta. Em outra, o plano para matar o rei envolve uma faca que está envenenada apenas de um lado. Combinei as duas histórias, a fim de criar a trama imaginária contra Artaxerxes. Pirus também é uma invenção da minha imaginação.

A descrição da rebelião de Megabizus contra Artaxerxes e a benevolente resposta do rei são históricas e baseadas frouxamente na narrativa de Ctésias. Parece provável que Megabizus fosse realmente o sátrapa de Trans-Eufrates na época deste romance.

A educação dos meninos persas da aristocracia, bem como o papel dos sábios na instrução deles, foi construída a partir de uma série de escritores antigos. De acordo com um historiador grego, os meninos não viviam em dormitórios do palácio até a idade de dezesseis ou dezessete anos. Outros não distinguem a idade em que meninos eram enviados para viver no palácio,

apenas o fato de que a educação deles começava entre as idades de cinco e sete anos, e que eles viviam no palácio enquanto estavam sendo educados. O enredo faz uso de ambos os detalhes. Achei fascinante o fato de que os sábios não eram apenas os astrólogos, filósofos, professores e cientistas daquele tempo, mas também os buscadores da verdade mais elevada. Para vários desses homens, a Verdade que buscavam com tanta paixão um dia seria revelada em uma simples manjedoura.

Um grande número de estudiosos rabínicos da antiguidade afirma que Neemias era um eunuco. A maioria dos historiadores não encontra qualquer evidência que suporte essa afirmação. Retratei-o como um homem solteiro porque a Bíblia não faz menções a nenhuma esposa. Que ele era um homem extraordinário — ao mesmo tempo foi cortesão, gerente de projeto, político e líder militar — não se pode duvidar. Poucos na história o igualam em sua perseverança e fé. Optei por basear vagamente uma de suas proclamações em um discurso proferido por Winston Churchill nos primeiros dias da Segunda Guerra Mundial, pois acho que os dois homens teriam entendido o conceito de trabalhar contra grandes adversidades e ao mesmo tempo manter a esperança da vitória.

Colheita de Ouro é uma história de amor. No entanto, em sua essência, é também um romance sobre a superação no meio da batalha. Jerusalém está sob ataque. A vida do rei está ameaçada. O casamento de Dario e Sara está lentamente se desfazendo. Como responder às forças interiores e exteriores que ameaçam destruir você? *Colheita de Ouro* tenta responder essa pergunta com base nos princípios atemporais que são encontrados no livro de Neemias.

Como sempre, a melhor maneira de estudar a Bíblia não é através de um romance, mas simplesmente lendo o original. Essa história não pode de forma alguma substituir o poder transformador que o leitor vai encontrar nas Escrituras. Para o relato bíblico da reconstrução de Jerusalém, leia por favor os livros de Esdras e de Neemias.

Espero que tenham gostado das aventuras de Sara e de Dario, que começaram em *Colheita de Rubis*. Depois de tantos anos trabalhando com eles, sinto como se fossem velhos amigos meus.

Questões para Discussão

Colheita de Ouro

1. Nos dois primeiros capítulos do romance, vislumbramos alguns pontos fortes no relacionamento de Sara e Dario. Contudo, também tomamos ciência de que esse casamento já está em apuros. Identifique alguns dos pontos fortes e fracos que você vê no relacionamento de Sara e Dario.
2. A maioria dos personagens em *Colheita de Ouro* parece estar envolvido numa batalha. O rei está lutando para salvar sua vida. Os irmãos babilônios estão tentando preservar sua liberdade. Neemias está se esforçando para salvar Jerusalém. Sara e Dario estão desesperados para manter seu casamento intacto. Quais são os lugares em que você vê uma batalha sendo travada em sua vida?
3. Ao observar a sua vida, você vê algo pelo qual vale a pena lutar? Você já desistiu de lutar por algo?
4. Quais são algumas das lições que podemos aprender com Neemias para nos ajudar a vencer as batalhas da vida?
5. No Capítulo 12 Sara tem um aborto espontâneo e Neemias ora por ela. Como você pode ajudar e confortar outros em suas lamúrias? Como você lida com a perda em sua vida particular?
6. No Capítulo 24, Neemias fala sobre Gideão. Existe alguma área em sua vida onde, metaforicamente, você está se escondendo num lugar? Do que você tem medo? (Exemplos: fracasso, decepção, sofrimento, acabar na solidão...)
7. A percepção que Gideão tinha de si mesmo diferia da maneira como Deus o via. Você se acha parecido com Gideão nesse aspecto? Como acha que Deus o vê? E como você se vê?
8. Descreva Dario. Como você acha que a distância emocional de Dario afetava seu casamento? Você se identifica com ele?

9. O que impede Dario de colocar sua confiança no Senhor? No final, o que faz com que ele mude?
10. Por vezes, construímos muros em torno de nossos corações que precisam vir abaixo: muros de medo, autoproteção, orgulho, distância emocional. Por outro lado, também há muralhas santas que devemos estabelecer em torno de nossas vidas: muros que protejam nossa relação com Deus e com os outros, muros que protejam nosso destino e nossa alma. Mas, como Jerusalém, muitos de nós têm permitido que esses muros sejam derrubados. Fale sobre áreas de sua vida em que os muros errados têm que cair e áreas onde novas estruturas de proteção têm que ser levantadas.
11. Neemias tem um papel especial na vida de Sara e Dario. Em suas próprias palavras, descreva o relacionamento deles. Você tem um Neemias em sua vida? Você é um Neemias na vida de outra pessoa?
12. O que levou Neemias a superar todos os revezes que enfrentou?
13. Quem é o seu personagem favorito nesse livro? Por quê?
14. Com qual personagem você mais se identifica? Por quê?
15. Quais são as cenas desta história que tocaram seu coração? Por quê?

O Agradecimentos gracioso conhecimento e ajuda de muitas pessoas fizeram este romance possível. Gostaria de agradecer ao meu agente, Wendy Lawton, cujos esforços em meu favor continuarão a abrir o meu caminho como escritora. Fui abençoada no dia em que nos conhecemos. A Deb Keiser, da River North, cujo apoio a este projeto permaneceu incansável desde sua concepção, e a Pam Pugh, meu editor: simplesmente obrigada.

Agradeço à minha amiga mais querida, Rebecca Rhee, que, apesar de estar em fase avançada de gravidez de seu primeiro filho, aplicou seu vasto conhecimento da Bíblia hebraica e amor pela literatura em *Colheita de Ouro* e fez dele um livro muito melhor com suas ideias. Não sei quantas horas gastei chateando a Rebecca com meus medos e problemas de enredo neste livro. No entanto, ela sempre esteve lá para segurar minha mão. Sou profundamente grata a meus amigos Beth e Rob Bull, que não cessam de me incentivar e apoiar ao longo desta caminhada. Obrigada por acreditarem em mim, pessoal! É o melhor presente que poderiam me dar. Como sempre, a imerecida fé de minha irmã Emi Trow bridge em mim me sustenta a cada dia.

Um agradecimento especial eu devo a Tegan Willard pelas sugestões inteligentes e edição incrível. Aos meus fiéis e encorajadores parceiros de crítica, Cindy McDowell e Lauren Yarger, que possuem um papel especial na conclusão deste livro. A sugestão de Cindy de usar um casal pobre como inspiração para a mudança de Dario acrescentou uma nova dimensão à história. Deryk e Christy Richenburg forneceram apoio incondicional e dicas incrivelmente úteis sobre psicologia masculina. Aprecio profundamente a constante ajuda deles. Entre os demais dignos de menção incluem-se o autor Karl A. Bacon por suas sugestões editoriais.

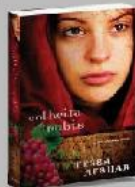
Professor Glenn Sunshine, um gênio em matéria de história e na maioria das coisas teológicas, acabou por ser uma rica fonte de informações sobre artes marciais chinesas. O brilhante rabino Paul Saul, que passou uma tarde inteira tentando explicar o livro de Neemias a partir de uma perspectiva judaica. Sou grata às sugestões do Reverendo Halvor Ronning com respeito

ao muro de Neemias. Quaisquer desvios ou erros do manuscrito devem ser atribuídos a mim, e não a esses importantes estudiosos.

A vida de um livro é complicada e há muitas pessoas que são essenciais no processo. Meus profundos agradecimentos a Michele For rider, Jeane Wynne, e Janis Backing por ajudarem a fazer meus romances chegarem a muitas mãos. Uma nota especial de agradecimento à logística de vendas, que consegue levar esses livros aos locais mais surpreendentes. Vocês são impressionantes.

E aos meus fãs, que escrevem mensagens no Facebook, e-mails, e, o melhor de tudo, leem meus livros, vocês são uma verdadeira alegria para mim — meus amados companheiros nessa aventura.

TESSA AFSHAR



colheita de rubis

Envolvente. Inspirador. Emocionante e perturbador. Colheita de Ouro leva o leitor a uma jornada desde a Pérsia antiga até os muros destruídos de Jerusalém, reconstruindo nossa esperança à medida que a história de Neemias é tecida por meio de uma trama complexa, com personagens também complexos que amamos, odiamos e, depois, amamos ainda mais. Um romance histórico fabuloso que me conduziu de volta à Palavra de Deus!

Mesu Andrews, autora premiada (vencedora da edição 2012 do prêmio ECPA para livros cristãos na categoria autor estreante do ano).

"Uma história maravilhosa com uma protagonista totalmente cativante. Os leitores não conseguirão se desprender da leitura."

— *Joan Wolf, autora*

"Uma escriba na corte persa. Sara enfrenta o conflito de colocar o seu valor no que ela faz, em vez de em quem ela é em Deus. Sua jornada de fé fortaleceu a minha e inspirará a sua."

— *Lauren Yarger, National Book Critics Circle*



bvbooks
www.bvbooks.com.br

TESSA AFSHAR



pérola na areia

Pérola na Areia é um romance sobre Raabe, personagem bíblica cuja história recebe um novo sentido através das palavras da aclamada autora e teóloga Tessa Afshar.

Aos 15 anos de idade, Raabe vê-se desamparada ao ser conduzida ao mundo da prostituição pelo próprio pai, o homem a quem mais admirava e tinha respeito. O sacrifício da essência da juventude era a única forma de salvação e sustento de sua família que enfrentava difíceis momentos no trabalho e na colheita.

Os anos se passaram e a esperança pelo amor verdadeiro é trocada pelo ressentimento fazendo Raabe buscar a independência e afirmar que jamais confiaria em outro homem novamente. Contudo, o que a moça não imaginava era que Deus tinha outros planos para sua vida... A chegada de Salomom, homem honrado e estimado pela nação de Israel, dá início a uma verdadeira batalha de sentimentos no então magoado coração de Raabe.

A deslumbrante e singela beleza de Raabe contrasta com a intensa trajetória de sua vida. O sofrimento do passado a modificou de menina a uma mulher de fé, que transformou mágoa em coragem ao ajudar espiões na conquista da Terra Prometida.

Conheça essa história emocionante de uma gentia poupada da morte por possuir uma fé verdadeira e leal!



bvbooks
www.bvbooks.com.br



Uma Rainha relutante A História de Amor de Ester

Se você leu essa história
como um relato bíblico sobre coragem,
Experimente lê-la novamente como
uma história de amor
comovento.

Ha era uma menina simples que se deparou com uma escolha impossível.

Ele era um rei magnífico com um coração solitário.

O amor deles foi uma surpresa divina que mudou o curso da história.

A comovente história de Ester é revivida nesse livro inspirado que vibra com mistério, intriga e romance.



bvbooks
www.bvbooks.com.br



PLANO DE BATALHA – DIÁRIO DE ORAÇÃO

Esta é uma ferramenta valiosa para auxiliar você a ser mais organizado e disciplinado, em sua vida de oração, de forma mais fervente.

Registre as Verdades de Deus no momento em que Ele falar com você e as suas buscas pelas respostas das orações feitas para você mesmo ou para outras pessoas.

Falar com Deus na oração é um dos maiores privilégios na vida!

Este diário ainda mostra as possibilidades de inserir quando orar:

- Os propósitos da oração feita;
- As escritas diárias;
- Os pedidos (com lugar para preencher a data da oração, o pedido e a data da resposta);

Além de algumas orações específicas para cada momento, espaços para reflexão, e muito mais.



bvbooks
www.bvbooks.com.br